

Pe. Leão Dehon

Memórias

(Notes sur l'histoire de ma vie)

Vol - I

Março 1843 - Maio 1864

Edições Noviciado

Aveiro 2008

Introdução e notas
de
Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa
de
Pe. Ângelo Caminati, scj

Apresentação à edição portuguesa

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ

Mestre de Noviços

Apresentação

O “Centro dos Estudos” pede-me uma palavra de apresentação para este 1º volume dos “escritos autobiográficos” do Pe. Dehon. Não preciso certamente de um longo raciocínio, para me decidir a isso... sinceramente, eu sinto uma verdadeira alegria ao ver sair este 1º volume, o 1º de uma longa série de textos, cuja riqueza e cujo interesse eu conheço pessoalmente.

Deixo às introduções gerais ou particulares que serão acrescentadas aos volumes seguintes, o cuidado de explorar e de apresentar o próprio conteúdo destes “escritos”; e contento-me em saudar o mais calorosamente possível o empreendimento em si mesmo e este começo de execução.

Em primeiro lugar, é um velho e profundo desejo pessoal que eu vejo realizar-se. A leitura dos extractos já publicados, e especialmente a dos próprios manuscritos tinha despertado há muito tempo este desejo e tinha-o inflamado. Estou convencido de que com esta publicação se presta um serviço à Congregação, e aos confrades para quem a personalidade do Pe. Dehon permanece uma referência e uma nascente vivas.

Redigindo as suas “*Notas quotidianas*” ou as suas “*Notas sobre a História da minha Vida*” o Pe. Dehon pensava primeiramente e sobretudo, segundo a sua expressão, “*nos nossos*”, isto é, em nós mesmos, os membros da Congregação. Era a nós que ele as destinava. Nós encontramos nelas, como ele o desejava, “*informações sobre a história da Congregação, a sua preparação, as suas provas, os seus desenvolvimentos*”. Encontramos nelas sobretudo o próprio Pe. Dehon, a sua vida quase dia a dia, as suas reflexões sobre a acção de Deus, as moções da sua alma, as suas intenções de fundador, as suas actividades de sacerdote e de religioso. No seu estilo e nas suas próprias palavras, encontra-se toda a sua personalidade, o seu espírito e o seu coração, numa palavra: a sua presença. E não é como simples curiosos, mas com o devido recolhimento que somos convidados a percorrer estas “*notas*”.

A edição já em si mesma é evidentemente, mesmo do simples ponto de vista material, uma tarefa bastante pesada e difícil. A solução adoptada permanece modesta: uma edição destinada, antes de mais nada, aos “*nossos*”. Tecnicamente quer-se que ela seja séria, autêntica e, quanto possível, crítica para a fixação do próprio texto.

Em todo o caso é este o primeiro objectivo que a equipa encarregada da edição determinou para si mesma e se esforça por realizar. Trabalho minucioso e muitas vezes ingrato de controlo e de comparação. Mas descobre-se também imediatamente a necessidade e o interesse desse trabalho, para a interpretação e a utilização em vista de ulteriores estudos.

O próprio Centro de Estudos apresentará e explicará os critérios seguidos para a anotação da edição e para a sua programação. O último Capítulo Geral, chamado a exprimir uma opinião sobre a oportunidade desta publicação, recomendou que fosse levada a efeito. Este ano do quinquagésimo aniversário da morte do Pe. Dehon marca o começo da edição. É impossível, naturalmente, prever desde já a sua conclusão. Mas vemos nela um contributo sério e efectivo para a preparação e a celebração, em 1978, do centenário da fundação da própria Congregação. E faço votos evidentemente que, nas diversas províncias, se possa e saiba aproveitar o melhor possível desta publicação.

Devemos, com certeza, um grande e fraterno obrigado à equipa que trabalha nesta publicação. Na verdade, esta espécie de trabalho tem a sua alegria e satisfação íntima, para aqueles que contactam assim, cada dia, o Pe. Dehon. Mas tem também as suas exigências e a sua austeridade, talvez mais do que se imagina. Pessoalmente e em nome da Congregação, agradeço à equipa actual. Esta, com toda a sua boa vontade, tem também consciência dos seus limites. Ela está portanto aberta às sugestões e colaboração, pelas quais a empresa poderá ser levada a bom fim e nas melhores condições.

Roma, 30 de Março 1975

A. Bourgeois scj

Sup. Geral

Introdução

Os manuscritos principais do Pe. Dehon são:

- as suas Memórias (“Notas sobre a História da minha vida” - N. H. V.),
- o seu Diário (“Notas Quotidianas” - N. Q.),
- as suas Cartas (“Correspondência” - C.).

O Centro Geral de Estudos scj de Roma publica a edição crítica do 1º volume das memórias do Pe. Dehon (“Notas sobre a História da minha Vida - N. H. V.). Este primeiro volume reproduz o primeiro caderno das N. H. V. (94 folhas, 188 páginas) e uma parte do segundo caderno (70 folhas - 140 páginas). Isso representa os primeiros vinte e um anos da vida de Leão Dehon, ou seja desde o nascimento (14 de Março de 1843) até à sua partida para a viagem do Oriente (23 de Agosto de 1864). O nosso jovem entrou no seu 22º ano de idade; completou os seus estudos profanos e é Doutor em Direito, advogado inscrito no foro de Paris. Mas ele está bem decidido, contra toda a resistência paterna, a seguir a sua vocação sacerdotal.

O Pe. Dehon começa a escrever as suas Memórias no dia 3 de Março de 1886, tal como o afirma no seu Diário: *“Começo a escrever as notas sobre a história de minha vida, para excitar-me à gratidão para com Nosso Senhor e ao arrependimento das minhas faltas”*.

Nesta data o Pe. Dehon está para completar 43 anos¹. É sacerdote desde há 18 anos, tendo sido ordenado a 19 de Dezembro de 1868. Fundou a Congregação há cerca de 9 anos.

Na capa do primeiro caderno das suas N. H. V., o Pe. Dehon colou uma tirinha de papel em que escreveu, com uma caligrafia que parece ser posterior a 1920, esta frase:

“Estas notas sobre a minha vida não são destinadas a ser publicadas depois da minha morte, mas os nossos encontrarão nelas muitas informações sobre a história da Congregação, a sua preparação, as suas provações, o seu desenvolvimento”. Parece concluir-se desta nota que o Pe. Dehon desejava que estas páginas, sobre a história da

¹ Nasceu a 14 Março (1843).

sua vida, fossem conhecidas pelos seus religiosos, mas ficando só para uso interno da Congregação.

Tendo presente quanto foi dito mais acima sobre a idade, o passado do Pe. Fundador, a data em que ele começa a escrever as suas Memórias, compreender-se-ão melhor as opiniões que ele emite, as impressões que ele profere, as suas reacções frente aos acontecimentos, às pessoas, às circunstâncias, etc... dos primeiros 21 anos da sua vida.

O Pe. Dehon recordando o seu baptismo ocorrido a 24 de Março 1843, gosta de fazer notar que era a véspera da Anunciação. Ele manifesta a sua alegria em poder unir, no seu pensamento, o seu baptismo ao Ecce Venio do Salvador, vendo nisso uma espécie de predestinação para a sua missão de Sacerdote - Vítima do Coração de Jesus (I, 1r^o - Iv^o)²

As N. H. V. dão-nos uma ideia muito positiva sobre o ambiente familiar que foi o seu (I, 3r^o - 8r^o). Os seus pais são muito unidos no aspecto humano e afectivo. O meio familiar é solidamente honesto e recto. O pai tem um fundo religioso, mas não é nada praticante, enquanto sua mãe é uma cristã fervorosa, cuja formação religiosa foi muito cuidada. Leão Dehon, tanto por inclinação como por ser o mais novo, gosta de ficar junto de sua mãe, vivendo na sua intimidade” (I, 6r^o).

Desde a sua infância toma gosto pelas leituras bíblicas (I, 8r^o), e isso continuará a acentuar-se, no tempo de sua vida de estudante em Paris (II, 2v^o) e especialmente durante a sua formação sacerdotal no Seminário de Santa Chiara³, em Roma (cf. 1^o e 2^o caderno das “*Notes quotidiennes*”, que trazem resumos das suas meditações).

Ainda criança podemos vê-lo extasiado perante o espectáculo da natureza (I, 6v^o 11r^o) e isso durará toda a adolescência, especialmente por ocasião das suas numerosas viagens.

² Nt I, 1 recto - folha 1 verso; r^o= recto (frente), v^o= verso (atrás)

³ Nt Está escrito assim no original francês

O seu carácter define-se; as primeiras crises manifestam-se (I, 10r^o. 12v^o. 26v^o), como também as primeiras graças (I, 3r^o, 6r^o, 7v^o- 8r^o, 12v^o, 13v^o, etc.). Há também fortes sensações de graças (I, 9v^o - 10r^o). Ele afirma-se possuído pela graça e cumulado de graças pouco comuns (I, 24r^o-24v^o), de graças especiais (I, 25v^o-26r^o): “*É Ele que fez tudo. A sua graça me levava e me impelia*” (I, 24v^o).

Tanto em família como na escola, Leão aparece-nos como uma criança muito sensível, de uma inteligência viva. É intuitivo, aprende facilmente; revela-se levado à amizade, à bondade, à generosidade e à emulação. Mas também se descobre inclinado à vaidade, à leviandade, ao desânimo. Não suporta as humilhações. Experimenta a solicitação das paixões e a rebeldia dos sentidos.

Segundo a caracteriologia moderna (por ex. a de R. De Senne) poder-se-ia classificar entre os “nervosos”, não no sentido de irritável, mas de emotivo, não-activo, primário.

Leão Dehon, com a graça do Senhor, reagirá contra os seus defeitos, mas para isso terá a grande ajuda das suas estadias em Hazebrouck, em Paris, onde poderá frequentar os sacramentos. Ele entrega-se à oração; tem confiança na direcção espiritual (I, 14v^o, 33r^o, 34r^o, 59v^o, 60r^o). Ocupa-se em obras de caridade e de apostolado (I, 25r^o, 33r^o, 34r^o-36v^o).

É preciso notar também quanto ele é sociável, quanto é fiel aos seus amigos.

Acerca desta faceta do Pe. Dehon, convém ainda salientar, como ele próprio reconhece a influência, tanto espiritual como intelectual, que ficou a dever ao Pe. Dehaene, director do colégio de Hazebrouck (I, 14r^o- 17r^o), ao Pe. Boute (I, 17r^o-23r^o), ao Pe. Prével, sulpiciano (I, 34r^o-35r^o) e a Leão Palustre, condiscípulo em Paris (I^o, 54r^o-64v^o; II^o, 1v^o-2v^o).

Leão Dehon reconhece todo o valor da amizade, valor, diz ele, que não reconheceremos senão no céu e aprecia especialmente a sua ajuda para resistir às paixões (I, 25r^o). Leão teve muitos amigos e a eles permanecerá fiel durante toda a vida.

Ele é um moço distinto, muito dotado, brilhante, mas todavia admira-se nele uma grande simplicidade. Assim, Pe. Boute, seu professor do segundo ano em Hazebrouck, escreve-lhe um dia na época do Concílio Vaticano I: “*Meu querido Leão, siga o seu caminho, é o caminho de Deus. Siga-o sempre com essa simplicidade tão bela que se gosta de ver na sua pessoa. Oh! É uma coisa bem bonita possuir a ciência e o talento, e*

ignorar diante dos homens que Deus no-los deu” (carta de 20 Janeiro 1870 - arq. D., B21, lote7, reproduzida em I, 21v^o-22r^o).

Esta simplicidade é acompanhada no jovem Dehon por uma sincera humildade e desconfiança de si mesmo, pois o vemos em Hazebrouck assíduo à direcção espiritual e muito mortificado: faz a disciplina até ao sangue, dorme sobre uma tábua, mortifica a gula... É espantoso para um rapaz de 14 anos! (I, 12v^o, 26v^o, 28v^o). Para dizer a verdade ele cansa-nos frequentemente, quando escreve as Memórias, por causa daquilo a que hoje chamaríamos sentimento exagerado de culpa. É difícil saber se este sentimento existiria já no tempo da sua juventude, por falta de documentos contemporâneos.

Devemos notar também, como expressão do seu sentido social, a sua abertura à colaboração, à associação. Em Hazebrouck, entra na Congregação da Santíssima Virgem assumindo as funções de secretário e pouco depois de vice-presidente (I, 25r^o-25v^o). Inscrever-se-á também na Confraria do S. Coração (I, 30v^o). Faz parte da Conferência de S. Vicente de Paulo, tanto em Hazebrouck como em Paris, comprometendo-se efectivamente no serviço dos humildes, dos pobres, sentindo-se levado naturalmente, como ele próprio diz, à compaixão (I, 25v^o: 33r^o, 34r^o, 36r^o. 36v^o). Assegura com outros a catequese aos pobres, sob a direcção do Pe. Prével, em Paris.

Em Paris, ele faz-se terceiro franciscano (I, 34v^o). Entra no Círculo católico (I, 35r^o-36r^o, etc...). Organiza com outros estudantes a conferência Rossi (I, 26v^o). Torna-se membro da Sociedade francesa de arqueologia (II, 1r^o).

Daqui nota-se desde já a sensibilidade de Leão Dehon para os assuntos sociais que o levará mais tarde a um intenso apostolado em favor das classes mais desfavorecidas, sobretudo as do mundo operário, em conformidade com as exigências do Evangelho e as Directivas Sociais de Leão XIII.

A bondade natural de Leão, a sua simplicidade, não o impedem de ser também um forte, um fiel, que não receará enfrentar os seus pais para seguir o que ele julga ser o chamamento de Deus.

Leão Dehon nota já o chamamento de Deus na piedade da sua infância inclinada às coisas de culto (I, 6v^o). Ele reconhecerá o quanto é devedor ao ambiente do colégio Hazebrouck (I, 23r^o. 25v^o-26r^o-29r^o). É preciso dizer que uma boa parte dos alunos do colégio pensavam no sacerdócio e P. Dehaene ajudava-os com a sua direcção. Leão Dehon refere que pensava às vezes em tornar-se padre já durante o 1^o ano. A decisão foi

tomada durante o retiro feito no começo do segundo ano do colégio, mas especialmente no inesquecível fervor da noite de Natal de 1856: *“Eu recebi aí uma das mais fortes impressões da minha vida. Nosso Senhor pressionou-me fortemente para que me entregasse a Ele”* (I, 26r^o). Reconhece que desde essa data, a sua decisão nunca mais foi seriamente abalada (I, 28v^o-29r^o).

Leão Dehon tinha acabado com sucesso o curso de humanidades⁴ aos 16 anos, obtendo o bacharelato em Letras (19 Agosto 1859). Seu pai estava orgulhoso com ele e pensava no Politécnico, numa carreira de magistratura, ou na diplomacia (I, 31r^o). Seu filho revela-lhe a intenção de se tornar padre. Semelhante decisão vai provocar no pai uma tal tristeza que o acompanhará até à morte. (I, 31r^o) *Terá de suportar um longo duelo com o pai durante vários anos”. (I, 5v^o, 18v^o, 20r^o, 31r^o). Há qualquer coisa de admirável neste moço tão terno para com os seus pais, tão naturalmente bom, nesta oposição a um pai que tanto amava, e mesmo à sua mãe querida qual sentia dolorosamente que o sacerdócio do filho iria afastá-lo forçosamente da família⁵. Ficou guardada nos arquivos do Seminário Santa Chiara em Roma uma carta em que o Sr. Dehon pai comunica ao P. Freyd a sua grande dor ao ter conhecimento da opção do seu filho a receber as ordens maiores. Ele pede para suspender esse pedido, enquanto não fosse tomada uma decisão em família (arq. D., B36, 2 - cópia).*

A firmeza do jovem aparece ainda no facto de que a longa viagem ao Oriente, bem longe de o afastar da sua decisão, servirá antes para confirmá-la, visto que esta viagem termina justamente em Roma, onde Leão Dehon toma contacto com o Pe. Freyd e pede uma audiência ao Santo Padre, durante a qual este o compromete a entrar em Santa Chiara sob a direcção do seu “santo” Superior. Ele faz mesmo uma breve visita no colégio romano, para se pôr ao corrente dos métodos de ensino. A sua decisão está tomada (cf. N. H. V., IV, pp. 98-99). No dia 25 de Junho de 1865 Leão regressa a La Capelle, onde o esperam três meses de sofrimento: tensão, discussões, crises de lágrimas... Até a sua boa mãe o abandona; há somente a sua avó paterna que afirma que Leão encontrará a sua felicidade *“se for a sua vocação”*. Leão deixa claramente entender, para acabar com o assunto, que está mesmo pronto a valer-se da sua “maioridade”. Finalmente os pais desfeitos em lágrimas, acompanham-no na sua viagem para além-dos-Alpes, durante

⁴ Nt Querendo traduzir em português, seria o 12^o ano, ou o “Curso Complementar”, que dá acesso à Universidade.

⁵ Cf. H. Dorresteyjn, “Vie et personnalité do P. Dehon”, pp. 27-28.

algumas etapas. A 25 de Outubro 1865, Leão Dehon entrava no Seminário francês de Santa Chiara em Roma (2)⁶.

Aquele que ia tornar um seminarista dócil e estudioso, já não era uma criança. Era um jovem doutor em Direito, profundamente cristão, já maduro apesar dos seus 22 anos.

Há em Leão Dehon, nesta etapa da sua vida, uma harmoniosa síntese de natureza e de graça. Este jovem leigo desenvolveu a sua vida espiritual e assumiu todas as práticas cristãs, inserindo-se na actividade paroquial de S. Sulpício, centro animador da espiritualidade da Escola francesa, que terá sobre ele, assim como Paray, uma influência notável. De facto, desde as primeiras páginas das suas Memórias, ele escreve: *“O Ecce Venio do Coração de Jesus protegeu e abençoou a minha entrada na vida cristã... em vista da minha vocação actual de Sacerdote-Hóstia do Coração de Jesus”* (I, 1r^o - 1v^o). Foi por incitamento do Pe. Prével, vigário de S. Sulpício, que Leão Dehon entrou no Círculo Católico, que foi para ele, segundo as suas próprias palavras, *“um grande meio de educação e de cultura intelectual”* (I, 35r^o). Foi ainda o Pe. Prével que lhe propôs continuar a ser sócio de S. Vicente de Paulo, e que Leão entrou na conferência de St. Nicolas-du-Chardounet.

O jovem estudante sente-se realizado, feliz e orgulhoso na sua fé cristã (I, 33v^o - 34r^o), numa sociedade em que a burguesia, especialmente no mundo dos jovens, era fortemente voltairiana (por ex. a Instituição Barbet - I, 31v^o-32v^o) e onde se perdia facilmente a fé.

Repassando no seu espírito os anos de Paris, o Pe. Dehon, sacerdote maduro e religioso, escreve: *“Recebi aí muitas graças. Aí encontrei um grande desenvolvimento intelectual. Aprendi a conhecer o Mundo sem me sujar nele... Estava isso nos planos de Deus a meu respeito e estou muito agradecido Aliás, Nosso Senhor devia aí assistir-me e amparar-me constantemente com a sua graça e por meio dos meus piedosos directores”* (I, 31r^o-31v^o).

O Pe. Dehon nunca foi homem terra a terra, nem um espiritualista desligado da terra. Para ele, o mundo da graça eleva e valoriza o da natureza. O espectáculo do belo

⁶ Cf. H. Dorresteijn, ob. Cit, pp. 27-28.

enriquece a alma (I, 37v^o); a beleza da criação eleva até Deus (I, 65r^o; II, 33v^o-34r^o, 52r^o). Toda a juventude de Leão Dehon é caracterizada por uma constante procura dos valores naturais harmoniosamente conciliados com os valores da fé e da graça.

O estudo de Direito foi feito mais por obediência a seu pai do que por gosto natural (I, 31r^o). Mas ele reconhece a feliz influência desse estudo na sua formação pessoal (I, 31v^o, 39r^o 41v^o; II, 18v^o-19r^o). Para ele, era só uma passagem: “*os meus affectos estavam noutra lado*” (I, 39v^o). Por outro lado o Direito em si mesmo, não o desgostava; foi somente no quinto ano que ele experimentou uma certa náusea: “*quando eu me sentia já pertinho de alcançar o fim tão longamente desejado*” (II, 18r^o). Apressou-se então a escrever a sua tese de Direito, sem provar já nenhum gosto por este género de estudos (II, 62r^o). Os seus estudos de Direito permitiram-lhe observar, durante o Concílio Vaticano I, quando era desejável codificar o Direito Canónico à imagem do Direito Civil francês (Código Napoleão) (II, 28v^o). Muito bispos sentiam a mesma necessidade urgente, e o Papa Pio X, em particular pôs a Comissão de revisão do Direito Canónico em andamento, que concluiu o seu trabalho sob Bento XV.

Devemos fazer aqui uma observação: as Memórias do Pe. Dehon, atravancadas, com ele próprio diz, de narrações de viagens, de visitas artísticas em que os nomes se sucedem aos nomes, não correrão o risco de gerar um certo cansaço no leitor pouco interessado pela arte, e que tem ânsia de encontrar um alimento para a sua curiosidade sobre a personalidade do próprio Fundador? Na realidade, as observações, as apreciações estéticas, os juízos “sociológicos” do Pe. Dehon revelam o próprio Pe. Dehon, e vale a pena deter-se nelas para o conhecer mais intimamente. Vemos assim um Leão Dehon que não anda ocupado somente no Direito, mas que se interessa de tudo; da arte, das diversas manifestações culturais dos povos, das belezas naturais, e das simples relações humanas. Efectivamente, o Pe. Dehon continuou a ser, durante toda a vida, um grande viajante. Desde a juventude visita a toda a Europa ocidental, incluindo as regiões nórdicas e aventura-se numa grande viagem de vários meses ao Oriente. Viajar é para o Pe. Dehon o meio para entrar em contacto com as obras maravilhosas do Criador e dos homens. Não é só um meio para enriquecer a sua cultura, mas é também um meio para rezar e para contemplar.

As opiniões que o Pe. Dehon formula sobre os factos da história, as personagens ou as manifestações culturais (exposições) são dadas com franqueza, com lealdade (cf. por ex. II, 60 V^o: juízo sobre Napoleão). Fica reservado a nós, aceitá-las ou criticá-las,

pois é evidente que Leão Dehon é homem do seu tempo, do seu ambiente com a sua apologética fácil, clericalismo um pouco apertado e o seu ingénuo triunfalismo. É verdade, mas nisso ele continua a ser-nos simpático pela sua sinceridade, pelo seu entusiasmo juvenil, seja para deplorar como para admirar. É tudo isso que no-lo dá como cristão, como sacerdote, como religioso, e merece a nossa atenção.

O Pe. Dehon esforça-se geralmente por descobrir as relações entre a história, a dos indivíduos e das sociedades, e a conduta providencial da obra da Salvação. Ele lê a história como teólogo, e é deste ponto de vista que julga os acontecimentos.

Percorrendo Paris com o seu amigo Palustre, que estava para se tornar um perito em assuntos de arqueologia, Leão Dehon entusiasma-se pela Idade Média, pela sua arte, a sua sociedade. A cristandade medieval permanecerá para ele um ideal. A sua óptica social será influenciada por esta admiração pela idade de ouro da cristandade medieval, o século XIII. Resultará daí uma exigência de comportamento social, de culto público que os homens devem a Deus (uma manifestação disso será o recomeço das peregrinações a Paray, depois de 1870). O Evangelho deve animar, unificar os conhecimentos humanos e ser o princípio da actividade escolar e universitária. Leão Dehon manifesta a sua admiração pela organização democrática das comunas medievais, as suas corporações, a sua gestão da coisa pública, como também pela sua franca colaboração com a igreja que exerce uma notável influencia socio-política (I 41r^o. 48v^o). Ele gosta de realçar as obras caritativas de assistência da sociedade medieval. Tudo isto, na sua opinião, manifesta a fecundidade da mensagem evangélica da caridade, que é o próprio reinado social do Sagrado Coração. Todavia, na época do seu categórico empenhamento social (depois de 1890), o Pe. Dehon saberá matizar as suas opiniões segundo as exigências mais realistas da democracia cristã de então, a dos padres democráticos. Contudo, ele continuará por toda a vida um grande admirador da época comunal da Idade Média. “*Ela permanecerá como um dos mais ardentes entusiasmos da minha vida*”, escreverá ele (II, 4v^o).

Um cristão cavalheiro como Leão Dehon encontrar-se-ia à vontade na companhia dos cavaleiros e dos monges da Idade Média (II, 63v^o, 64r^o). No momento em que ele escreve as suas Memórias, é com um sentido muito humano e cristão que recorda as impressões que sentiu quando visitou as cidades de Inglaterra; os seus vestígios medievais (Londres, Canterbury, York), as antigas abadias em ruína na Escócia, das Hébridas da Irlanda. A Irlanda, especialmente, é visitada com um grande espírito de fé e

com profunda tristeza diante das ruínas acumuladas pela Reforma, tristeza que se exprime em juízos severos contra o poder opressor de então (I, 64 r^o-94 r^o). Trata-se de uma atitude tipicamente cristã e que não é simplesmente “romântica” (no verdadeiro sentido da palavra). Ela era partilhada por muitos contemporâneos de Leão Dehon, não somente franceses mas também europeus!)

O juízo de conjunto dado sobre a Renascença é bastante negativo. Para o Pe. Dehon é uma época complexa tanto no plano sócio-religioso como cultural e artístico. É uma época pagã, “*para a Igreja e a França são séculos de sofrimentos*” (II, 4 v^o cf. I, 53 r^o; II, 5 r^o-7v^o. 13v^o. 13v^o. 15v^o. 17r^o. 64r^o-64v^o). Quanto à revolução Francesa o seu juízo é ainda mais radical, e apresenta as suas razões (I, 92 r^o; II, 11v^o-12r^o, 62v^o-63v^o). O que ela denuncia são as depravações dum certo iluminismo deísta, é o deísmo trocista à moda de Voltaire ou mesmo um ateísmo e materialismo abertos. Não é possível justificar os excessos, os erros da Revolução. É natural que Leão Dehon, como homem e como cristão, participe na cruzada anti-revolucionária, anti-voltairiana, anti-iluminista do seu tempo, no meio que era o seu (I, 41v^o-42v^o). Basta recordar as pessoas que frequentavam o Círculo católico de Paris: “*todas as elites, todas as esperanças e como que todas as flores, as da juventude, as da fé, as da nobreza, as da inteligência... Eu vejo aí o gérmen e a semente da França regenerada, tal como o gérmen da regeneração dos judeus era conservada nos macabeus* (I 42r^o). Não se podia esperar um juízo menos negativo sobre a revolução, e onde seria preciso mostrar o aspecto positivo e a influência da Revolução inspirada pelo filosofismo do séc XVIII: destruição de privilégios abusivos, advento da democracia, melhoramento progressivo do nível de vida, queda do absolutismo, afirmação do princípio das nacionalidades, etc...

O seu juízo sobre a Restauração⁷ é bastante positivo, mesmo entusiasta, quando acentua o renascer da fé, a renovação do espírito nacional, sem contudo denunciar os defeitos dum anacronismo real (II, 12v^o- 13v^o).

O juízo sobre a reforma é particularmente severo, marcado por uma mentalidade prevalentemente apologética, correcta sobre múltiplos aspectos (I, 52v^o. 53v^o. 54r^o. 85r^o. 85v^o; II, 28v^o. 30v^o. 35v^o. 36r^o), fazendo notar todos os monumentos, todas as nobres recordações deixadas pelo catolicismo nos países protestantes (I, 46r^o-46v^o. 66v^o-67v^o; II, 42r^o-42v^o. 44r^o-44v^o, 47r^o-48r^o). Mas, na nossa opinião, podemos lamentar hoje, que não

⁷ Nt A " Restauração" é o período que se segue ao furacão de Napoleão, em que é "restaurada" a Monarquia, de 1815 em diante.

manifeste uma mentalidade mais ecuménica, mantendo-se fixo no regresso puro e simples dos protestantes à igreja católica Romana (I, 59 r^o-65 r^o-69v^o-69v^o-84v^o;II 34r^o).

É sobretudo durante a sua estadia em Paris que Leão Dehon se abre a um múltiplo interesse pelas realidades culturais tanto religiosas como profanas, especialmente de ordem artística. Por outro lado mergulha na realidade social do seu tempo.

Já apresentámos a sua preferência pela arte medieval. Achamos também bastante acertada a crítica que fez à arte da sua época, arte do séc. XIX, à arte oficial do seu tempo: uma arte eclética que convém bem a um povo que já não é jovem, uma arte proveniente de influências diversas (II, 13r^o). Quanto à arquitectura ele afirma que “*o futuro nos atribuirá um estilo bem caracterizado*”, cuja originalidade será, na sua opinião, a riqueza, a profusão dos mármore, dos estuques, dos mosaicos, das cerâmicas, dos frescos, dos ouros, etc. Riqueza que muitas vezes é acompanhada de mau gosto, como é quase natural em qualquer ecletismo em que os acordos de estrutura são laboriosos, e tornam impossível uma síntese artística nova e original (II, 13r^o-14r^o).

Achamos demasiado favorável o juízo do Pe. Dehon sobre o séc. XIX francês por ele conhecido. A arquitectura, especialmente na primeira metade do século, é decididamente monótona, sem originalidade, feita especialmente de imitação. Só variam os modelos. Até 1825, prevalece o clássico Greco-Romano. Depois de 1825 é o encantamento pelo gótico, aqui e além com obras em estilo românico ou neo-bizantino. Só na segunda metade do século se verá uma orientação nova, e exigências novas...

Podemos também achar que o Pe. Dehon é demasiado optimista em relação às obras plásticas da época, as pinturas, as esculturas. Como é sabido, no começo do século domina o género neo-clássico que toma os seus argumentos na antiguidade ou no mundo moderno. Nessa época é David (1748-1825) que faz lei. Ingres é seu aluno, mas em certos temas relaciona-se já com o romantismo. Será João António Gros que fará triunfar o romantismo pelo vigor das suas composições, pela liberdade no desenho e no colorido. No salão de 1819, com a *Radeau de la Méduse*, Teodoro Gericault afirma-se em contra-corrente do gosto do grande público, e deu-se então o divórcio entre este e a arte da vanguarda. O conflito explodirá com o grande escândalo do Impressionismo. Pode-se dizer que o Pe. Dehon seguia o gosto circundante (II, 13v^o-15r^o). Deve-se afirmar a seu favor que ele soube apreciar o grande E. Delacroix. O realismo de Corot, Daumier, Millet Courbet, devia preparar o advento, e depois o triunfo tardio dos impressionistas que

como Cézanne, Gauguin e Van Gogh, ficaram uns isolados no séc. XIX francês. Nem é preciso dizer que o Pe. Dehon nem sequer os descobriu.

Nos seus anos de Paris, Leão Dehon faz a experiência da sociedade humana com os seus mistérios, as suas efervescências. ” *Comecei a ganhar interesse pelo movimento político, literário e religioso*”, escreve ele. *Gostei de Veuillot. A grande questão do liberalismo católico começou a tornar-se para mim um problema cuja solução completa eu não encontraria senão em Roma. Todavia inclinei-me mais tarde para a verdade total, para o reconhecimento completo dos direitos de Deus*” (I, 41v⁰). Estamos em 1861. O seu gosto por Luís Veuillot (1813-1883) revela a mentalidade político-social e religiosa do Pe. Dehon nessa época. Luís Veuillot foi um vigoroso defensor do catolicismo romano (ultramontanismo) contra o galicanismo e um fogaoso jornalista. Tornou-se redactor de l’Univers em 1843 e tinha conduzido uma vigorosa campanha em favor da liberdade de ensino com os católicos liberais dos quais devia separar-se clamorosamente mais tarde. Veuillot fez-se o defensor dos jesuítas contra a imprensa anticlerical e contra a prepotência da Universidade. Em 1848 ele colocara as suas esperanças na democracia popular, mas, desiludido, alinhara depois na política de Napoleão III. Afastar-se-à cada vez mais dos católicos liberais (Falloux, Mantalembert, Dupanloup, Mons. Sibour) até tornar-se violento. Pio IX que o apoiava teve que recomendar uma certa moderação. Foi neste contexto social que Leão Dehon entrou em contacto com o jornal de Luís Veuillot. Deve-se acrescentar que, mais tarde, quando Napoleão III retirou as suas tropas dos Estados pontifícios, Veuillot rompeu com ele.

O ultramontanismo de Veuillot brilhou em toda a sua luz na época do Vaticano I. A actividade do jornalista acabaria mais ou menos com o pontificado de Pio IX (1878).

É neste contexto cultural, depois de ter trocado impressões com Mons.⁸ Dupanloup e com Gratry (I, 60r⁰-61r⁰), dos quais Roma desconfiava um pouco, mas que aprovavam um apostolado intelectual universitário, que o jovem Leão Dehon chegou a pensar colaborar na criação de faculdades universitárias para o clero francês. Ele acariciou durante dez anos este projecto, mas depois afastou-se, diante de indicações providenciais que lhe pareceram contrárias (I, 60r⁰-61v⁰). O seu ponto de partida era que o evangelho nos compromete não somente na vida privada, mas também na esfera social onde

⁸ Nt Mgr=Monseigneur, titulo dos Bispos.

devemos lutar pelo reino de Deus, para a reconquista do mundo intelectual e científico que, na França desse tempo, era muitas vezes materialista, voltairiano, agnóstico.

Mais adiante encontraremos mais explicitamente o problema do liberalismo, da democracia nas suas relações com o catolicismo. Foi só mais tarde que Leão Dehon resolveu estes problemas, como ele mesmo diz. De momento é preciso frisar o seu interesse pelos assuntos sociais, o seu conseqüente confronto com o Evangelho. Condena duramente a tendência para a autonomia das diversas formas da actividade humana: política, sociologia, cultura em geral.

O P. Dehon faz a aplicação das suas convicções no domínio da vida civil e também no da vida política. Pelo que se refere ao problema social em particular, o P. Dehon diz que o povo inglês *“não teve revolução social; só teve uma revolução religiosa. Ele parece estar orgulhoso com isso, mas acho-o mais digno de compaixão do que nós”* (I, 46vº). É claro que o P. Dehon quer dizer simplesmente que na Inglaterra não houve revolução do género da revolução francesa de 1789, e que não se viu na Inglaterra o espírito revolucionário, a desordem socio-política que reinou na França durante vários anos.

Compreender-se-ão então das afirmações do P. Dehon, afirmações que à primeira vista parecem demasiado optimistas: *“Eles mantiveram a observância bastante completa do decálogo... na vida social”* (I, 50rº). Noutra lugar ele observa como a religião impregna a vida social (, 58rº). Leão Dehon ficou-se, portanto, ao escrever as suas Memórias, com a impressão recebida do comportamento típico da Era vitoriana que todavia bem podia ser rotulada de puritanismo, e até de farisaísmo. É por isso que ele escreveu: *“Se um habitante de Londres se divertisse tocando piano ao Domingo, seria avisado pela polícia; isso é puritanismo. Por outro lado, muitos ingleses escapam aos rigores da rotina indo para o campo, onde os lugares de divertimento estão cheios de gente e onde a água ardente e a cerveja correm a rodos”* (I, 49vº). Trata-se das impressões da primeira viagem (Abril - Junho de 1861). Durante a segunda viagem (Abril - Julho 1862), ele notou em Oxford *“uma observância ainda mais farisaica do que no resto da Inglaterra, quanto ao descanso do Domingo”* (I, 67rº).

O que sobretudo o impressionou foi o pauperismo da classe operária: *“Este povo é abençoado no seu trabalho e no seu comércio; isso é porque observa bem alguns preceitos do decálogo, o segundo e o terceiro em particular. Todavia a sua prosperidade está longe de ser completa, e há muitos pobres; gasta anualmente meio bilião para*

custear em cada paróquia o serviço da caridade, o “Workhouse”, casa onde a miséria aparece em toda a sua indignidade” (I, 49rº).

Nas grandes cidades industriais, Birmingham, Leeds, Wolverhampton, Manchester, Liverpool, Leão Dehon fica vivamente impressionado pelo contraste entre a grande riqueza e a miséria da classe operária. As grandes cidades industriais manifestam, escreve ele, *“grandes fortunas, mas também grandes misérias. Se estas massas populares já não tivessem a religião tradicional dos protestantes ingleses e a fé profunda dos católicos irlandeses, tais cidades rapidamente tornar-se-iam infernos” (I, 68vº).*

Foi só em 1850 que as massas operárias, desesperadas e revoltadas, obtiveram o dia de trabalho de dez horas. Uma certa organização sindical começava a aparecer, mas foi só em 1871 que os sindicatos foram legalmente reconhecidos. A história económica da Inglaterra é salpicada de crises com falências, desemprego, etc... (1825-1826; 1836-1837; 1846-1847; 1857; 1866). Nos anos prósperos, os salários continuavam insuficientes e as condições de trabalho, desumanas. É preciso porém dizer-se, em honra da Inglaterra, que a avidez dos patrões era travada por inspectores oficiais nas fábricas, pessoas competentes e imparciais que contribuíram para o melhoramento das condições de trabalho dos operários, e que punham um travão ao apetite insaciável da classe dos industriais, novos ricos que detinham um poder terrível. A velha burguesia era pelo menos paternalista.

Em S. Quintino o P. Dehon tinha-se interessado pelos problemas sociais e pela assistência aos operários desde o fim de 1872⁹. Encontrava uma possível solução, na colaboração das classes sociais para poder ajudar a melhorar as condições dos operários. Foi a razão de ser do patronato de S. José, do Circulo operário, de uma Conferência social, de uma Reunião de Patrões, do Jornal e do colégio S. João. Sem contar as reuniões de Verão na forma da semana de estudos sociais. Eram as obras que os católicos franceses tinham organizado no séc. XIX para ajudar as classes desfavorecidas e abandonadas. Pensamos aqui especialmente nas conferências de S. Vicente de Paulo, na Obra dos círculos católicos fundada em 1871 por Alberto de Mun, Renat de La Tour du Pin, Maignen...

⁹ Cf. H. Dorresteyjn,, ob. Cit. , pp 53ss.

O patronato de S. José estava filiado na obra dos Círculos de Paris que procurava fazer reviver o corporativismo cristão e desenvolver as relações entre os patrões e operários

Devemos reconhecer a generosidade e a dedicação pessoal destes católicos e do Padre Dehon em particular. A sua acção é audaciosa, na sua novidade, pelo facto de que as responsabilidades cabem todas aos leigos, sem sombra de clericalismo. Com a eleição de Leão XIII e com a publicação dos seus documentos sociais, o P. Dehon estará sem hesitação na linha de um catolicismo democrático social, isto é, da democracia cristã, cujo programa social era já defendido, desde 1848, pela equipa de *l'Ere Nouvelle*, composta por católicos de vanguarda como Lacordaire, Maret, Ozanam (além de Lamennais e Buchez). Esta democracia cristã era um movimento essencialmente operário no sentido em que se queria que o operário tomasse nas suas mãos os seus destinos; movimento, como dizia o P. Dehon, que será realizado ou conosco ou contra nós¹⁰.

É sabido que os últimos anos do século XIX são os anos dos Congressos sociais (1893-1900). Nos Conselhos nacionais, ao lado dos operários, tomaram assento homens experimentados no domínio da indústria, como Leão Harmel, e, a partir de 1897, quatro “*padres democráticos*”, entre os quais o Pe. Dehon fazia o papel de sábio pelo seu equilíbrio.

Devemos portanto admirar a evolução progressiva e cada vez mais firme de Leão Dehon no campo social. Ele vê claramente o seu objectivo, e renúncia com coragem aos seus antigos ideais aristocráticos e monárquicos aderindo incondicionalmente às directrizes sociais de Leão XIII¹¹.

O Pe. Dehon no seu pensamento, na sua actividade social, seja como jovem coadjutor de S. Quintino, seja aos sessenta anos, foi sempre um promotor da colaboração, tanto para resolver os conflitos sociais e promover as reformas, como para entrar em diálogo com os patrões, sobretudo aqueles que tinham, como Leão Harmel, alguma sensibilidade social, salvo a abandoná-los quando os encontrava fechados a tudo o que não fossem os seus interesses e ganhos. O Pe. Dehon sabia propor meios arrojados em favor da justiça social como a co-gestão, a participação, e tudo isso por meio de leis e não por meios revolucionários que acabam sempre por cair em situações nas quais o operário se encontra mais infeliz do que antes.

¹⁰ La renovation sociale " Chretienne" Paris, Bloud et Barral, 1900, P. 52.

O leitor terá assim, neste primeiro volume das Memórias do Pe Dehon, a ocasião de dar-se conta dos numerosos problemas que ele terá de enfrentar na sua longa vida sacerdotal e religiosa.

A personalidade do Pe. Dehon aparece tal como ela de facto é: simples, recta, psicologicamente sadia. Mais tarde ser-lhe-à necessário render-se aos acontecimentos, às contradições e procurar o seu caminho, no meio delas, com desenvoltura, coragem e abnegação. E é tudo isso que nos torna o Pe. Dehon simpático.

P. Giuseppe Manzoni scj

ROMA, 14 MARÇO 1975

O NOSSO MÉTODO DE EDIÇÃO CRÍTICA

Os manuscritos do P. Fundador não nos colocam dificuldades especiais. Todavia, gostaríamos de dizer uma palavra de explicação sobre o método que vamos seguir para esta edição das N. H. V.

- Os algarismos indicados à margem referem-se à paginação do manuscrito original.

Para os cadernos I e II, o P. Fundador numera por folhas e não por páginas. Daí a necessidade de dar as referências em recto e verso: portanto 1^{or} e 1^{ov} são as páginas 1 e 2 da folha 1 do manuscrito original e assim por diante.

- O sinal / indica o fim de uma página do manuscrito.

- O segundo caderno é indicado pelo número romano II, no alto das páginas.

- O Pe. Dehon é bastante irregular no uso das maiúsculas e minúsculas. (p. ex. S. Leão Magno, ou S. Leão magno; Renascença ou renascença...). Na nossa edição conformar-nos-emos com as regras correntes.

¹¹ Cf. Y. Ledure, "L'action sociale du P. Dehon" Vinculum, 1966, pp. 139-145

- Acontece que, por discricção, P. Dehon escreve só a primeira letra de certos nomes. Nós completaremos cada vez que for possível. Por ex. Sr. M (éret).

- O P. Dehon preocupa-se muito pouco com certos sinais como os hífenes, os acentos (sobretudo circunflexos). Aqui também seguiremos as regras comuns da boa ortografia.

- Os nomes próprios estrangeiros, quando têm uma forma francesa são conservados idênticos. Por ex. Edinbourg por Edinburg. Todavia usamos a grafia original para os nomes compostos. Por isso o Hyde-parc, o Regents-parc do manuscrito original tornou-se Hyde Park, Regents Park. Para os nomes próprios que não têm grafia francesa reproduzimos as formas do manuscrito, salvo corrigi-las entre parêntesis, quando há erro manifesto.

- O P. Dehon escreve s^t, m^r, m^{me}... Nós escreveremos: St, Mr, Mme. (=Saint, Monsieur, Madame)

- As notas de rodapé não querem ter senão um valor explicativo, para a boa compreensão do texto.

- Para as duas viagens mais importantes, a da Grã -Bretanha e a da Alemanha, devemos fazer notar que a primeira é relatada de preferência por assuntos (cidades antigas, cidades industriais, abadias...). Uma reconstrução geográfica é apenas provável. Para a viagem à Alemanha temos a boa sorte de possuímos os cadernos de notas de Palustre (o companheiro de viagem de Leão Dehon) com indicações cronológicas, o que nos permite reconstruir com exactidão o itinerário seguido.

Estes cadernos de Palustre formam o seu diário de viagem e foram guardados com religioso respeito pelo Pe. Fundador. São dois cadernos de 464 páginas (Arq. D., B 13, 1a, 1b).

É preciso lembrarmo-nos que a narração do Pe. Dehon, em que os juízos abundam, foi escrita mais de vinte anos depois, enquanto que as notas de Palustre são do mesmo tempo da viagem. Este cita cidades, castelos, museus, igrejas, abadias... com o interesse do arqueólogo minucioso que não deixa escapar nenhum pormenor. Do mesmo modo, a visita dos museus é carregada de notas, de observações que frisam os aspectos interessantes das obras, pinturas, como só o poderia fazer um artista num trabalho de cópia. O Pe. Dehon tirou dela quase textualmente as descrições dos argumentos religiosos.

A narração contém também numerosas descrições das belezas naturais encontradas, por exemplo, o vale da Mosela, do Reno, os fiordes e os planaltos da Noruega, as florestas virgens da Suécia saxónica, os arredores de Praga e de Viena.

A importância para nós do diário de viagem de Palustre é imensa, porque nos dá documentos que reflectem não só a personalidade do autor, mas nos informam sobre as reacções do momento, partilhadas pelos dois amigos, sem arranjos devidos à idade, à experiência.

- Para não tornar pesados os volumes da nossa edição guardamos para mais tarde as notas críticas extensas, os índices dos livros, pessoas, etc. ...

- Sentimos o dever duma palavra de agradecimento a todos os nossos colaboradores.

CRONOLOGIA DA VIDA DO PE. DEHON

Nascimento: 14 de Março de 1843 em La Capelle (Aisne)

Baptismo: 24 de Março

Primeira comunhão: 4 de Junho em La Capelle. Pentecostes.

No colégio comunal de Hazebrouk (departamento do Nord=Norte): de 1 de Outubro de 1855 a 16 de Outubro de 1859.

Confirmação: No colégio de Poperinghe (Bélgica), a 1 de Junho de 1857.

Bacharelato em letras: A 16 de Agosto de 1859, em Douai.

Bacharelato em ciências: a 12 de Julho de 1860, em Paris.

Curso de direito na faculdade de Paris: Dezembro de 1859 a Abril de 1864.

Viagem a Inglaterra: Abril – Junho 1861.

Bacharelato em Direito: 26 de Julho de 1861.

Segunda viagem a Inglaterra: Abril – Julho de 1862.

Tese de licenciatura em Direito: 18 de Agosto de 1862.

Membro da sociedade Francesa de arqueologia: 12 de Setembro de 1862.

Inscrição no foro (Advogados): 22 de Novembro de 1862,

Viagem à Alemanha, Dinamarca, Noruega, Áustria, Baviera: 12 de Agosto - 11 Novembro 1863.

Defesa da tese de doutoramento em direito: 2 de Abril de 1864.

Abreviaturas

B= Bem-aventurado/a, Beato

M, M, Mr= Monsieur

Mme= Madame

Melles= Mesdemoiselles

N. S. = Notre Seigneur

N. D. = Notre Dame

St= Saint

Ste= Sainte

S. = Sacré

Mapa I

Departamento do AISNE, onde P. Dehon nasceu e fundou a congregação em S. Quintino.

NB - Os mapas indicam as fronteiras actuais entre os diversos estados, para tornar a leitura mais fácil aos leitores de hoje (1975).

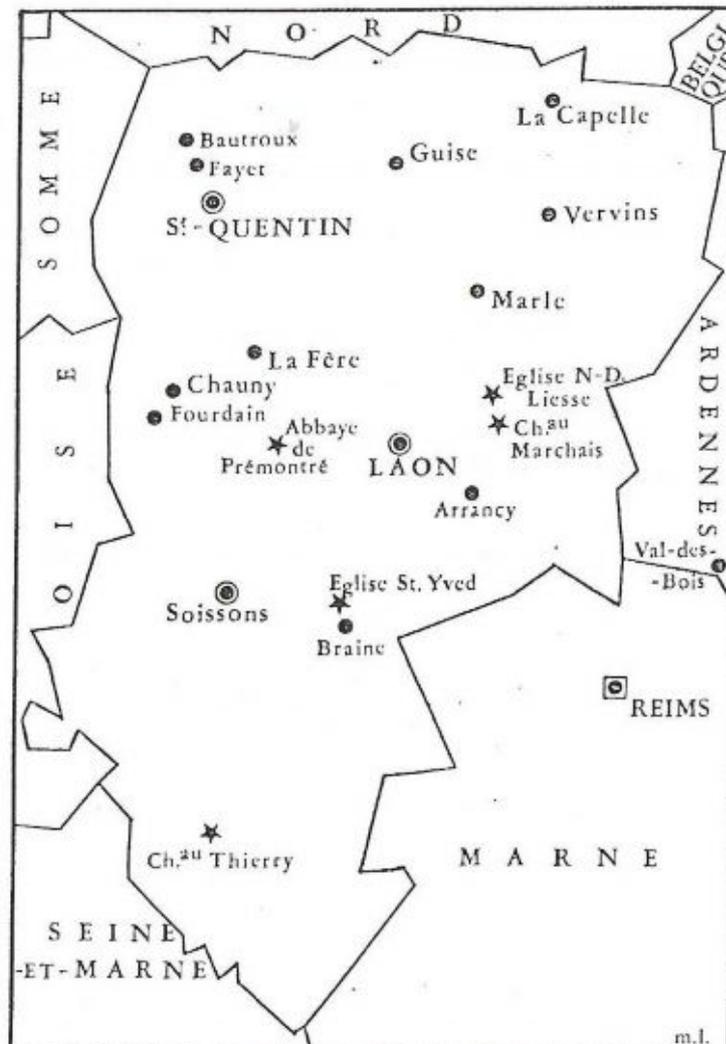


FRANCE:
1: Département de l' AISNE.
2: Département du NORD.

Carte I

Le département de l' AISNE, où naquit le P. Dehon et où il fonda la Congrégation à Saint-Quentin.

N.B. Les cartes géographiques suivent les frontières actuelles entre les divers Etats en vue d'une lecture plus facile au lecteur d'aujourd'hui.



Mapa II

O departamento do NORD (norte) onde Leão Dehon estudou no colégio comunal de Hazebrouck, de 1855 a 1859 (cf. Etc.).



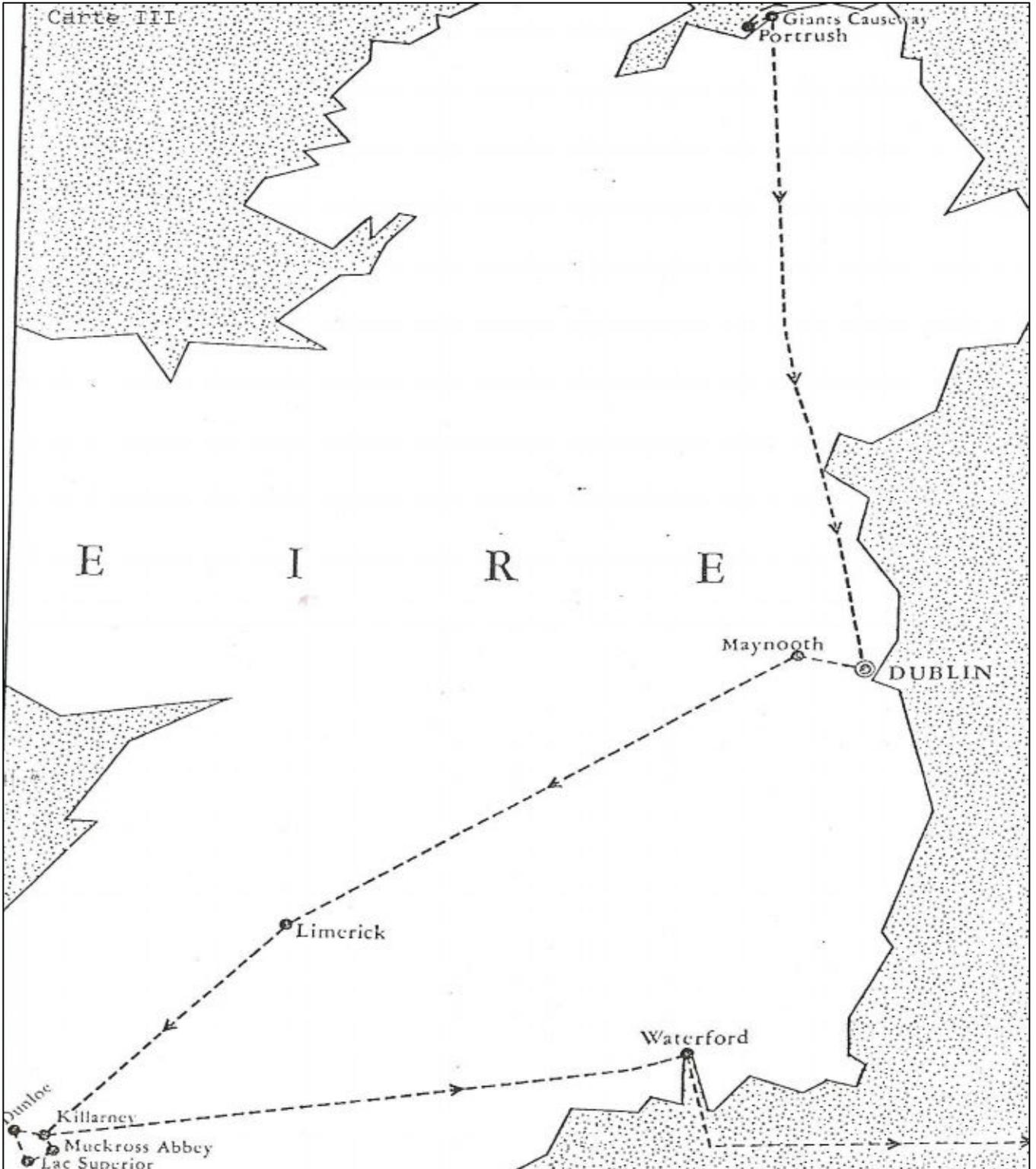
Carte II - Le département du NORD, où Léon Dehon étudia au collège communal de Hazebrouck de 1855 à 1859 (cf. N.H.V., I, pp. 13^r - 30^v°).

Mapa III

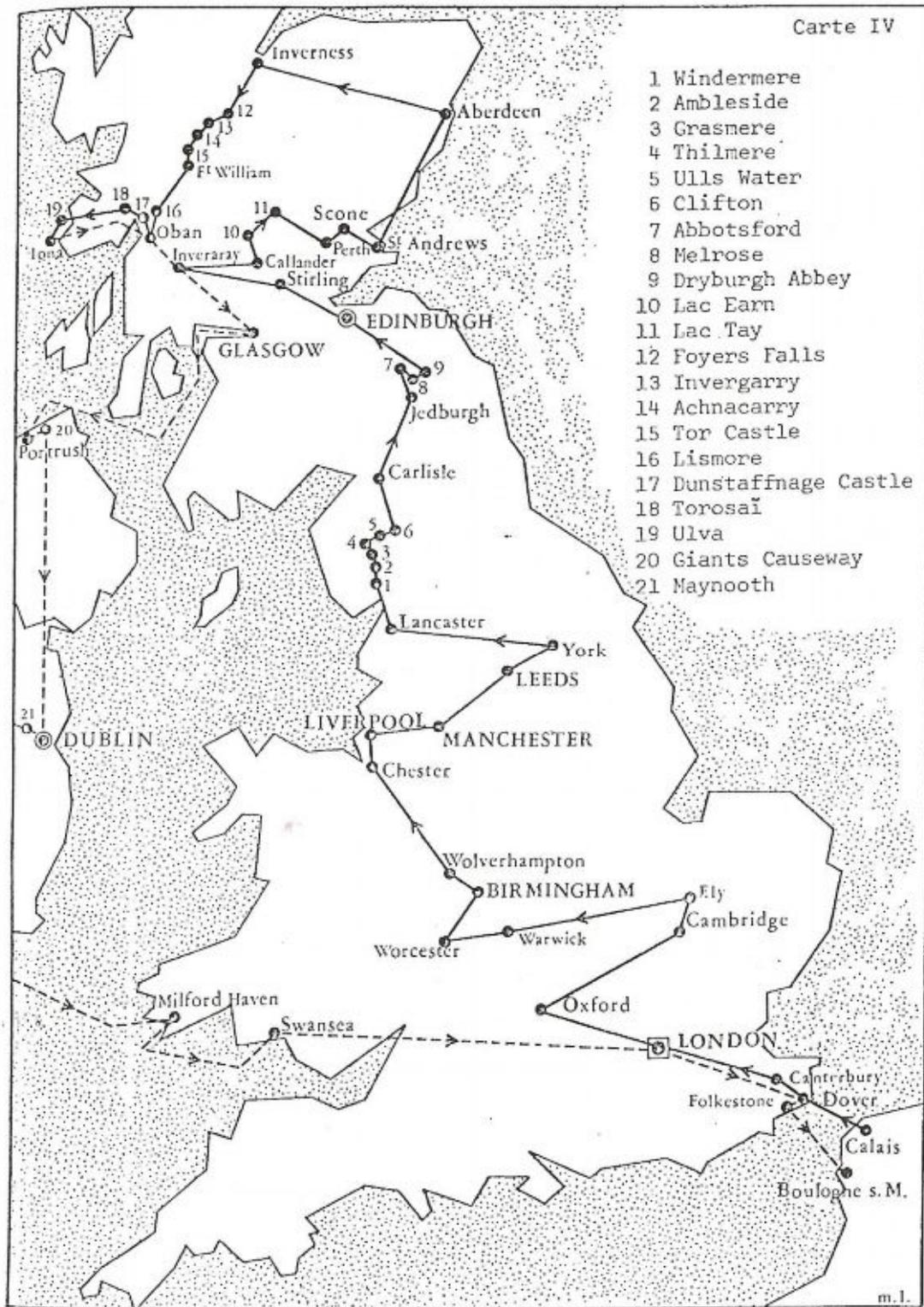
A viagem à Inglaterra, Escócia e Irlanda: Abril - Julho 1862 (cf. N. H. V.; I, pp. 63v°-93r°)

Viagem de ida —————

Viagem de volta.



Mapa IV¹²



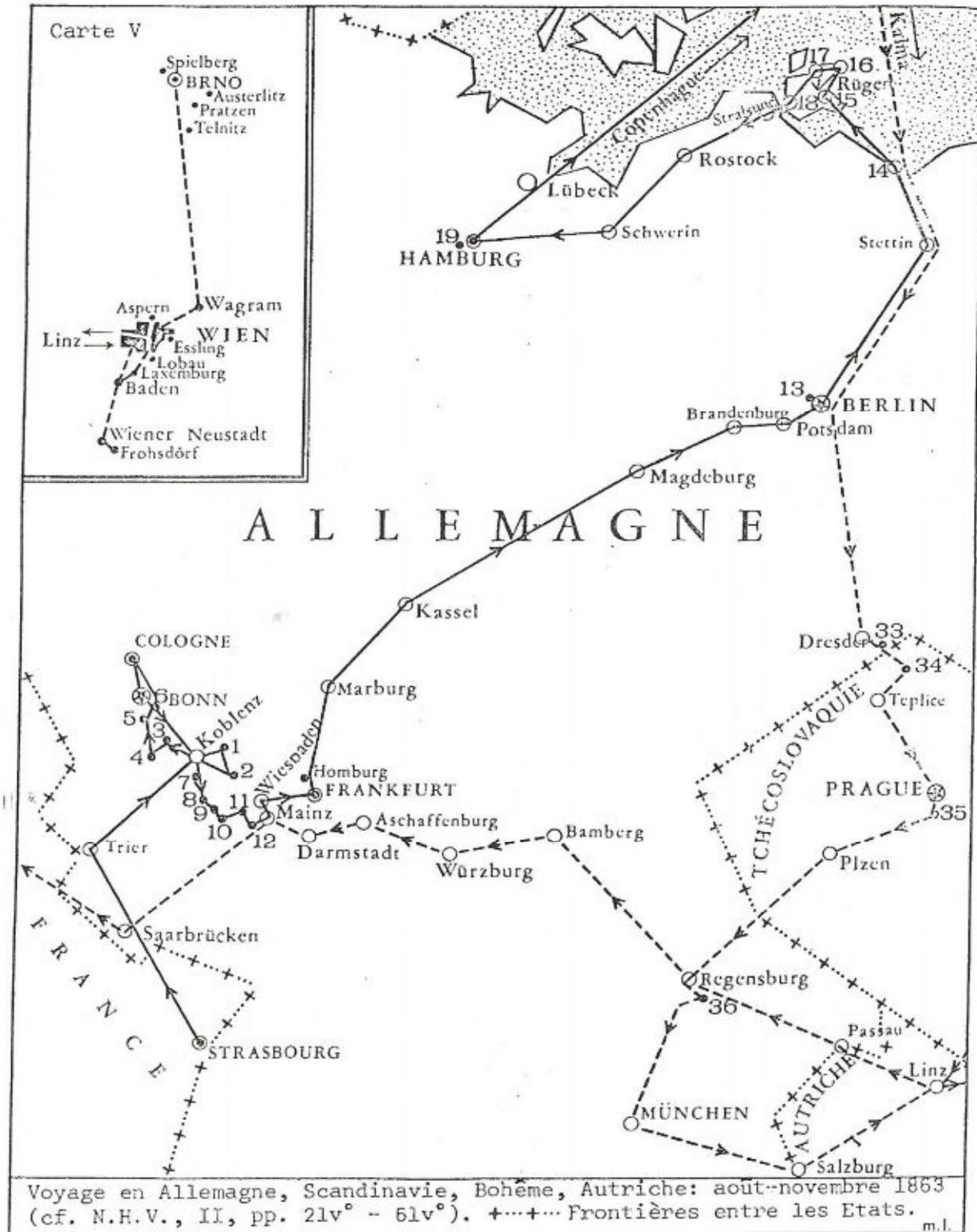
¹² NT - Na costa francesa há uma cidade que é Boulogne-sur-Mer; é uma cidade que deu o apelido de Bolonhês ao 5º rei de Portugal, D. Afonso III. Este partiu para França (cujá rainha era irmã da mãe dele, rainha de Portugal (casada com Afonso II de Portugal), por ser 2º filho, deixando o reino ao irmão mais velho Sancho II).

Na França portou-se valentemente, casou com D. Matilde condessa de Bolonha (Boulogne-sur-Mer). Em Portugal, D. Sancho fez tantas extravagâncias que foi privado do reino, sendo chamado então o “Bolonhês” para suceder-lhe. Foi assim que D. Afonso III veio a ser o 5º Rei de Portugal.

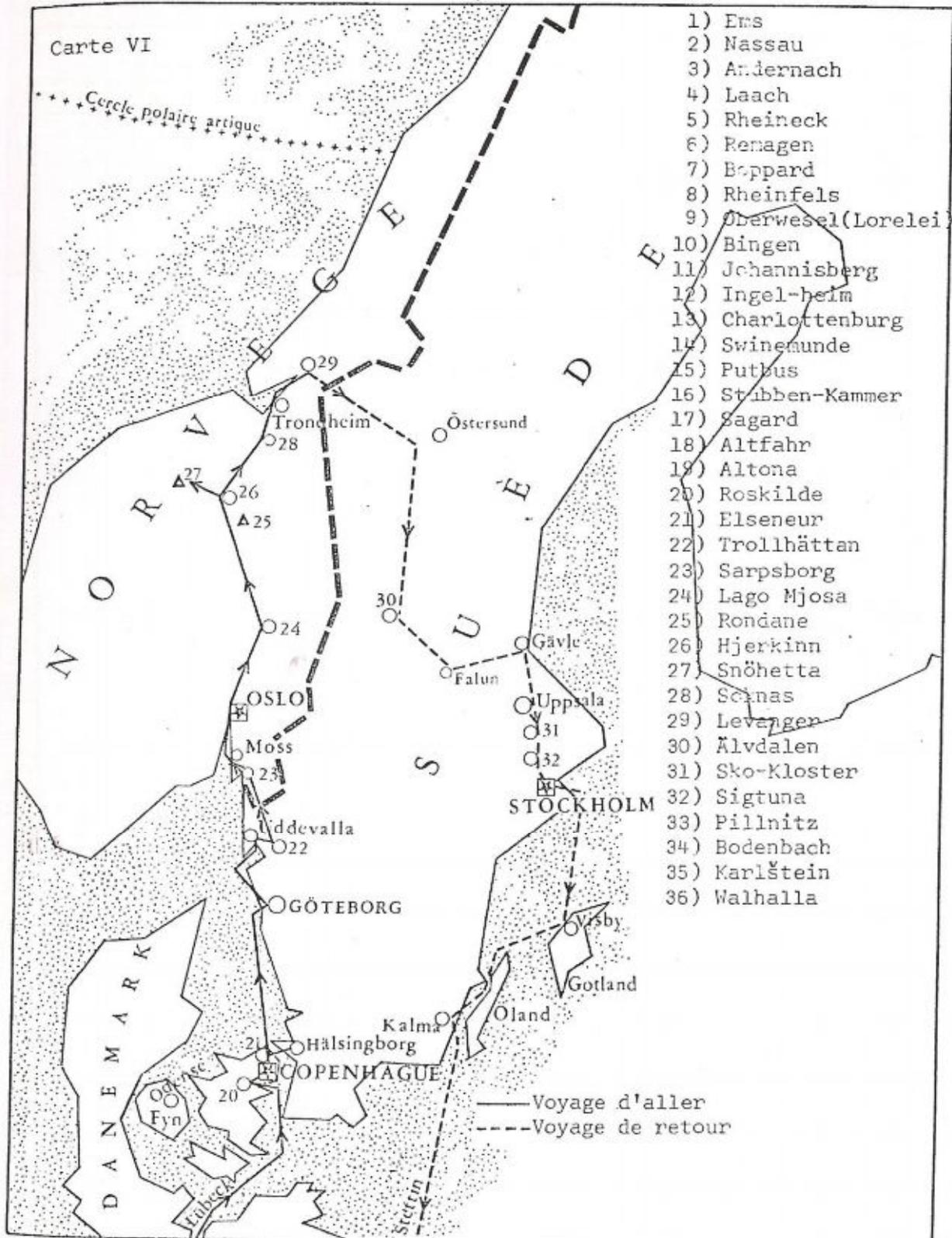
Mapa V

Viagem à Alemanha, à Escandinávia, à Boémia e à Áustria: Agosto a Novembro de 1863

+... +... +... Fronteiras entre os estados

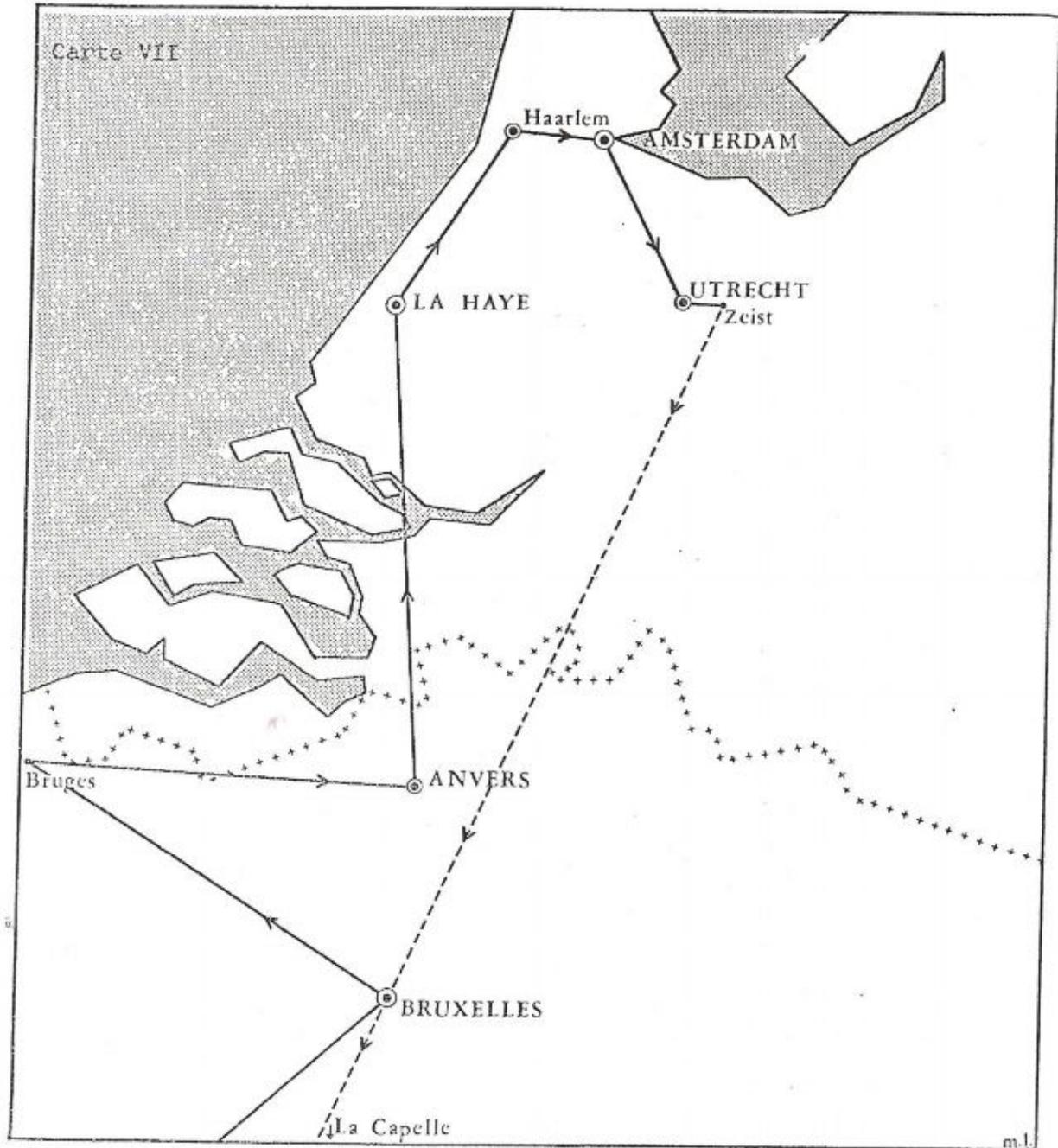


Mapa VI



Mapa VII

Viagem à Bélgica¹³, Holanda: Primavera de 1864 (cf. Etc)



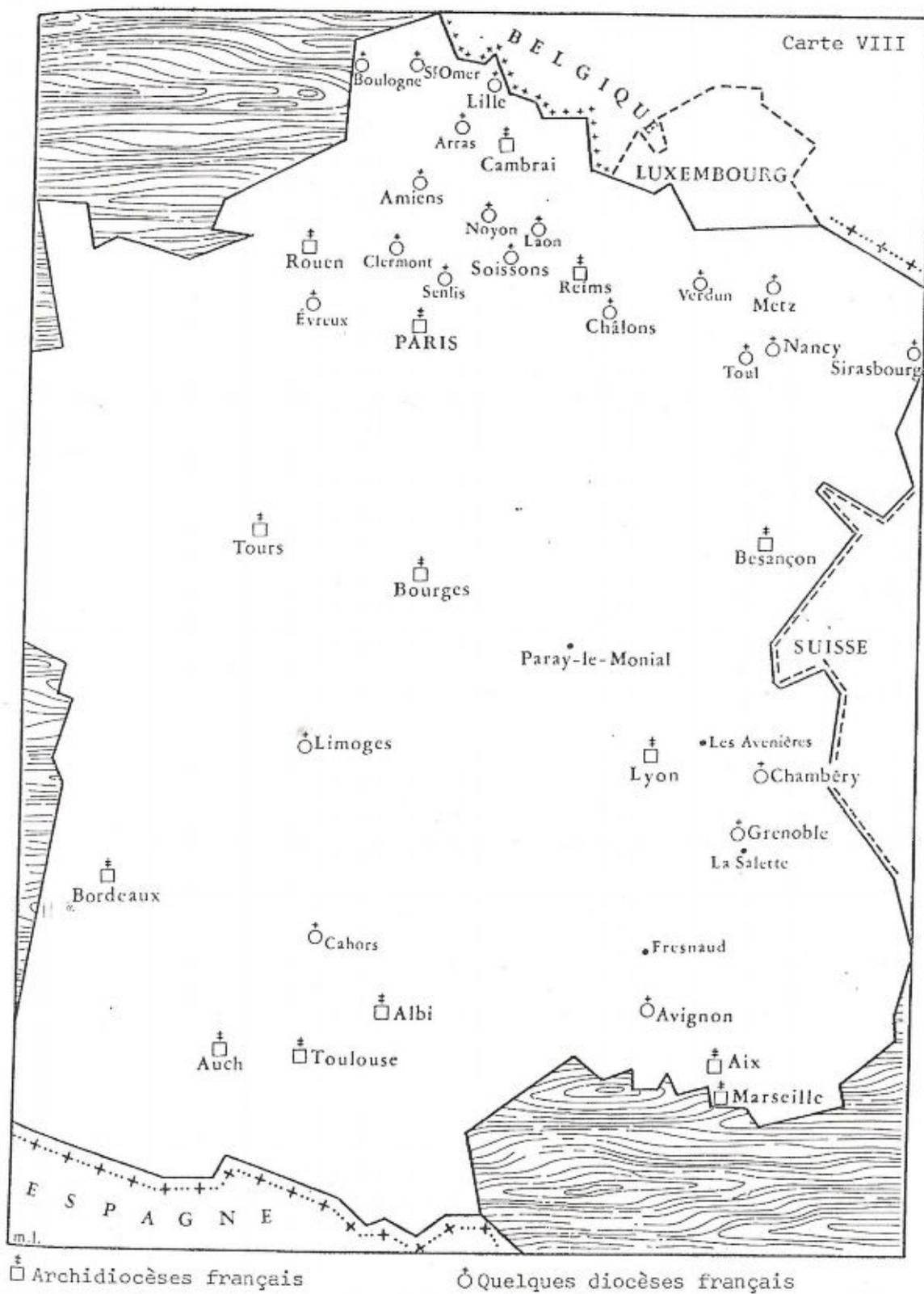
Voyage en Belgique, Hollande: printemps 1864 (cf. N.H.V., II, pp. 66v^o-70r^o).

———Voyage d'aller

-----Voyage de retour

¹³ NT - Actualmente usa-se quase exclusivamente *Antwerpen* porque a cidade encontra-se totalmente na zona flamenga. Há carteiros que não entregam as cartas se no endereço estiver escrito *Anvers* em vez de *Antwerpen*.

Mapa VIII¹⁴



¹⁴ Note-se que Sirasbourg à direita é Strasbourg;

Estas notas sobre a minha vida não se destinam a ser publicadas depois da minha morte, mas os nossos encontrarão nelas muitas informações sobre a história da congregação, a sua preparação, as suas provações, os seus desenvolvimentos.

Notas sobre a história da minha vida escritas para estimular-me à gratidão para com Deus e ao arrependimento das minhas faltas.

NASCIMENTO: 14 DE MARÇO DE 1843

Nasci no dia 14 de Março de 1843. Era a terça-feira da segunda semana da Quaresma, pois a Páscoa caía nesse ano a 14 de Abril. O dia 14 de Março é a festa de S. Matilde, rainha da Alemanha.

BAPTISMO: 24 DE MARÇO 1843

Fui baptizado a 24 de Março, na pobre igreja de La Capelle, pelo digno e venerável P. Hécart, que devia continuar ainda a ser seu pároco por mais doze anos e que me preparou à primeira comunhão.

O dia 24 de Março era a festa do menino mártir, S. Simeão. Mas eram sobretudo as primeiras vésperas da festa da Anunciação. Senti-me feliz, mais tarde, em unir a recordação do meu baptismo com a do Ecce Venio de Nosso Senhor.

Ganhei uma grande confiança com esta aproximação. O Ecce Venio do Coração de Jesus protegeu e abençoou a minha entrada / (1^o) na vida cristã. O Senhor não ficará ofendido por eu ver nisso uma atenção da sua Providência em vista da minha vocação actual de Sacerdote-Hóstia do Coração de Jesus.

Eu tive sempre veneração pela lembrança do meu Baptismo. No colégio gostava de renovar as promessas baptismas. Em Roma caiu-me nas mãos o belo livro de Exercícios de Santa Gertrudes e fez-me um grande bem. Gostava de me servir dele para renovar em mim as graças do meu baptismo. Em cada uma das minhas férias, ia fazer uma devota peregrinação às fontes sagradas do meu baptismo, e senti um aperto de

coração quando a velha pia foi enterrada num altar, e depois desapareceu completamente¹⁵

NOMES - PADROEIROS

Deram-me os nomes de Leão Gustavo. Amei sempre os meus santos padroeiros e desde há trinta anos invoco-os todos os dias.

Adoptei por padroeiros S. Leão Magno, que eu suponho ser o mais poderoso Santo entre os Santos desse nome e S. Agostinho, pois o nome de Gustavo não é nome de Santo ou é simplesmente uma derivação de Agostinho. Como estou feliz por ter tão nobres e tão / (1vº) grandes padroeiros, dois dos maiores doutores da Igreja! Espero que mais tarde eles me acolham como um amigo, pois tantas vezes lhes testemunhei amizade e confiança. Parece-me ter recebido deles muitas graças. Li as suas vidas com a alegria e com profunda edificação, especialmente a de S. Agostinho, completada pela de S. Mónica. De S. Leão gosto sobretudo da grande doutrina teológica, do seu estilo bonito, da sua doçura, da sua dignidade; De S. Agostinho amo a sua penitência e as suas lágrimas que queria fazer minhas, o seu grande coração, o seu amor ardente para com Nosso Senhor.

Fui muitas vezes a S. Pedro de Roma venerar o túmulo de S. Leão Magno. Ao mesmo tempo honrava os outros santos pontífices do mesmo nome que repousam lá junto dele. Celebrei lá várias vezes a Santa Missa. Uma das grandes graças da minha vida foi a santa missa celebrada lá, no altar de S. Leão, no dia 11 de Abril¹⁶ de 1869 na mesma hora em que o pontífice Pio IX, muito devoto de S. Leão, celebrava a alguns passos dali, no meio de uma multidão imensa e profundamente impressionada, a missa das suas Bodas de ouro. / (2rº)

Procurei a lembrança de santo Agostinho em Óstia¹⁷; aí voltei a ler a bela página em que narra o seu último encontro com sua mãe. Em Pavia visitei o seu túmulo tão majestoso e artístico quanto venerável, e aí celebrei o Santo Sacrifício.

¹⁵ A velha igreja de LA Capelle foi destruída no século passado, para dar lugar, nos anos 1884-86, a uma construção de estilo compósito.

¹⁶ Nt 11 de Abril era o dia da festa de S. Leão Magno antes da reforma litúrgica do Vaticano II; agora é a 10 de Outubro.

¹⁷ Nt Ostia (sem h) é a cidade que fica na foz do rio Tibre, e era o porto de Roma. A palavra é o neutro do plural de *ostium*, *ii*, que significa porta (donde o ostiário, ou porteiro). Não se confunda com o feminino singular hóstia, que significa hóstia da comunhão.

Minha mãe gostava do nome (de) Leão. Ela deu-mo em recordação de um anjinho, meu irmão mais velho, morto aos 4 anos, alguns meses antes do meu nascimento. Este anjinho tinha sido muito amado. Parece que era encantador de precocidade, inteligência, e bondade. Minha mãe levou-me muitas vezes ao seu pequeno túmulo de mármore, no velho cemitério. Nunca vi minha mãe falar dele sem chorar. Eu considerei sempre este anjinho como um dos meus padroeiros, e quantas vezes o invoquei. Minha mãe também gostava do nome Leão por causa do santo Papa Leão XII¹⁸, o pontífice da sua infância. Ela guardou durante toda a sua vida um terço benzido por ele e que lhe fora oferecido no pensionato.

O nome Gustavo era o do meu padrinho, irmão do meu pai. / (2v^o)

Minha madrinha foi a irmã mais nova da minha mãe. Estou-lhe muito reconhecido. Ela teve na família uma feliz influência, pela fé sólida e pela devoção ardente que tinha recebido durante a sua educação com as Damas do Sagrado Coração em Charleville.

A MÃE

A minha mãe¹⁹ foi para mim um dos maiores dons de Deus e o instrumento de mil graças. Que dignidade, que fé, que virtude, que coração ela tinha. Nosso Senhor amou-a muito, pois concedeu-lhe muitas graças. O seu pai tinha pouca fé, como os homens do seu tempo, mas como era recto e bom! A sua mãe era piedosa e simples; foi provada e amadurecida pelo trabalho e pelo sofrimento, e foi-nos levada cedo. A grande graça de minha mãe foi a de ser educada no pensionato de Charleville. Este pensionato era dirigido pelas Damas da Providência, mas na realidade era quase uma casa do Sagrado Coração.

As Damas da Providência viviam do espírito do S. Coração. Elas preparavam a sua fusão com o Sagrado Coração. Lá pelo fim dos estudos da minha mãe, a Sr^a. Barat / (3r^o) foi visitar a casa da Providência e a fusão fez-se pouco depois. Várias das professoras pertenciam à aristocracia belga. Eram almas grandes, corações nobres, dignas de entrar nessa sociedade de escol que se agrupou em breve tempo à volta da Sr^a Barat.

Minha mãe imitou-as o melhor que pôde. Ela amava-as e por elas era amada. Ficou sempre fiel à sua memória. Falava-me de várias delas especialmente da Sr^a.

¹⁸ Nt Leão XII foi papa de 1823 a 29, portanto foi o papa de infância de mãe do P. Dehon. Unia a uma grande austeridade de costumes uma inesgotável caridade.

¹⁹ Estefânia Adele Benzamina Vandelet, chamada familiarmente Fanny.

Gerlache. Escreveu-lhes durante muito tempo e voltou e vê-las algumas vezes mais tarde até à sua velhice. Várias sobreviveram-lhe.

O espírito desta casa era realmente o espírito cristão, o espírito de Deus.

A minha mãe, ao deixar esta casa, tinha uma piedade esclarecida e forte. Tinha adquirido uns santos hábitos que conservará durante toda a sua vida. Tinha tomado gosto pela santa liturgia e seguia o espírito da Igreja. Fazia leituras próprias no tempo do Advento e da Quaresma. Usava o santo escapulário e rezava o seu terço. Pertencia à Congregação da SS. Virgem e à confraria do S. Coração. / (3v^o) Amava os santos padroeiros da juventude, S. Luís Gonzaga, S. Estanislau Kostka. O seu espírito recto e a sua fé simples deviam levá-la mais tarde a seguir todas as devoções que iam desabrochando na Igreja. Eu via-a fazer com fervor os meses de Maria, do S. Coração, de S. José.

Aluna distinta da casa pelos seus êxitos e pela sua piedade, ela era assistente das Filhas de Maria. Pensou na vocação religiosa, mas cedo a doença e a morte da mãe impuseram-lhe outras obrigações. A sua irmã mais velha estava casada; ela viu-se à cabeça da casa paterna. E esteve à altura dessa tarefa. Casou-se em 1836, aos 23 anos. A educação da sua irmã mais nova prosseguia no S. Coração de Charleville. Isso permitiu-lhe continuar a ter contactos frequentes com essa casa, tirando disso um grande proveito espiritual. A sua irmã, que perseverou fervorosa na oração e que tinha muitas iniciativas, foi-lhe sempre útil. Ela devia mais tarde fornecer-lhe sempre o / (4r^o) livro ou a revista que pudesse ser-lhe útil, e iniciá-la às obras do momento. Não me alongarei mais aqui sobre a minha mãe. A sua lembrança voltará frequentemente nestas notas. Quero somente agradecer aqui ao Senhor por me ter dado uma tal mãe, por me ter iniciado por meio dela ao amor do seu divino Coração, e por me ter feito assim, posso dizê-lo, o filho espiritual da Sr^a. Barat, cujo santo ideal vou tentando realizar, a obra dos Padres do S. Coração.

O PAI

Meu pai²⁰ não teve o benefício de uma educação integralmente cristã. Depois dos primeiros anos passados nos internatos de La Capelle e de Mondrepuis, foi aluno no colégio de S. Quintino e numa instituição de Paris. Da educação familiar ele conservou o

²⁰ Alexandre Júlio Dehon

espírito de equidade e de bondade que caracterizaram toda a sua vida. No colégio perdeu a prática da vida cristã, mas manteve com ela respeito e estima. Aquele pouco de fé que lhe tinha ficado devia aumentar sempre mais, graças especialmente à influência constante / (4v^o) de minha mãe, às suas orações e sacrifícios. Rezei por ele desde que tive a compreensão das coisas da fé. Quantas vezes desde o tempo do colégio, e especialmente em Roma, surpreendi-me a verter lágrimas pela sua salvação.

Desde o tempo do colégio falava-lhe da fé e das práticas religiosas. Ele voltou a Deus uma primeira vez numa piedosa peregrinação a nossa Senhora de Liesse, depois deixou-se novamente ficar para trás. A estadia em Roma, a bênção de Pio IX e as emoções da minha primeira missa deviam completar a obra da graça nessa alma que o Senhor muito amou. Os seus três meses em Roma foram a grande graça da sua vida. Ele reconstituiu lá toda a sua educação cristã. A sua fé, lá encontrou progressos em cada dia. Uma peregrinação a Lourdes deixou-lhe também uma impressão que nunca mais se apagou. Na sua última doença o Senhor, que o amava, cumulou-o visivelmente das suas graças. Foi admirável em paciência, doçura, discrição, delicadeza, caridade. Apagou-se / (5r^o) num acto de puro amor a Deus.

Encontraria na ternura da sua afeição paternal para comigo, uma grandíssima ajuda para todo o desenvolvimento da minha educação e mesmo para a vida cristã. Só tive de me chocar com ele por causa da minha vocação. Ele colocou-a à prova. O Senhor assim o permitiu, mas Ele amparou-me e levou-me a bom porto. - Eu vos agradeço, ó meu Deus, por me terdes dado esse pai. Sinto-me mais do que nunca unido a ele. A sua lembrança é-me doce, ajuda-me, reconforta-me.

A CRIADA²¹

A criada que me criou foi um instrumento da Providência. Deus serviu-se dela para preparar as maiores graças da minha vida. Devo-lhe uma grata recordação. Rapariga simples e de uma fé pouco esclarecida, ela não teve pessoalmente nenhuma séria influencia na minha educação. Lamento a sua acção sobre o meu carácter. Mas ela pôs os meus pais em relação com o pároco da sua freguesia, o P. Boute. Este, feito professor em Hazebrouck, atraiu para lá, a mim e ao meu irmão, / (5v^o) na altura em que meu pai procurava para nós alguma instituição em Paris. Esta doméstica foi, portanto, a ocasião

²¹ NT - Acho melhor manter esta palavra “criada” que era normal no tempo em que o P. Dehon escrevia.

de todas as graças que eu recebi em Hazebrouck e da graça insigne da minha vocação. Estou-lhe piedosamente reconhecido e fiquei feliz ultimamente em abrigar a sua velhice no humilde asilo das Irmãzinhas dos pobres, onde vou visitá-la algumas vezes. Os seus sentimentos cristãos são para mim alegria e consolação.

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS - NA FAMÍLIA.

É a minha mãe que domina nas minhas mais remotas recordações. Eu nunca a deixava, na minha infância. Enquanto que meu irmão²² ia e vinha com meu pai e partilhava os seus gostos para com a agricultura e os cavalos, eu ficava em casa e seguia a minha mãe passo a passo. Era uma graça para mim.

Eu recebia a influência constante de minha mãe e, apesar do meu estouvamento, pouco a pouco tomei gosto pela oração e pelas coisas religiosas. Cedo tive uma viva atracção, que durou toda a minha infância, para construir capelas. Minha mãe tinha estatuetas, / (6rº) imagens piedosas, e até alguns relicários que tinha arranjado no pensionato de Charleville. Tudo isso tornou-se imediatamente o ornamento da minha capela. Eram conhecidos em família esses meus gostos, e frequentemente recebi de presente objectos religiosos.

No Verão, as flores eram ornamento da minha capela. Cedo tomei também o gosto pela jardinagem e tive sempre o meu jardimzinho.

A atracção pelos objectos piedosos é considerada muitas vezes como o primeiro germen duma vocação. Disseram-me isso às vezes na minha infância. Nessa altura eu não pensava que isso viesse a realizar-se.

Minha mãe ensinou-me logo a rezar. As lembranças das minhas orações de infância, tenho-as muito presentes. A minha boa mãe nunca faltaria para me fazer rezar de manhã e à noite, mais tempo à noite. Depois das orações normais a Nosso Senhor e à SS. Virgem, havia sempre uma pequena oração ao Anjo da Guarda, a S. Luís Gonzaga e a S. Estanislau. Estas devoções nasceram portanto em mim com o próprio uso da razão. A bela / (6vº) alma de minha mãe passava assim um pouco para a minha, embora não completamente por causa da minha leviandade.

²² Henrique Dehon, irmão mais velho de Leão

A Providência quis que, ainda há bem pouco tempo, a alma da minha mãe me fosse como que aberta, pela descoberta que fiz em La Capelle dum caderno de apontamentos e de propósitos que ela tinha escrito por volta dos dezoito anos.

Encontrei nele como que a fonte de tudo o que ela me inculcou na minha infância, a devoção ao Sagrado Coração, ao menino Jesus, à Virgem Maria, a S. José, aos santos Anjos, aos santos patronos da infância. Essas notas contêm uma consagração total e uma oferta de si mesma à virgem Maria, um acto de veneração ao Santo Anjo da Guarda, práticas de piedade para cada hora do dia com o fim de se unir sucessivamente à SS. Trindade, ao SS. Sacramento, ao Espírito Santo, ao S. Coração, à Virgem Maria, A S. José, ao bom Anjo, e a alguns santos predilectos, os apóstolos, os mártires, as virgens, S. Francisco Xavier, S. Luís Gonzaga, S. Teresa, S. Francisco de Sales.

Encontro aí o propósito de pensar várias vezes por dia na / (7r^o) SS. Virgem, no S. Anjo da Guarda, em S. Luís Gonzaga e de fazer alguns actos de virtude em sua honra. Saboreei muitas vezes o fruto desses piedosos propósitos; a minha mãe comunicava-me os seus santos pensamentos e fazia-me rezar com ela.

NA IGREJA

A igreja, a que me ligam as minhas primeiras lembranças, não tinha nenhum atractivo para mim, nada que falasse aos sentidos, à imaginação. Era quase um pardiheiro, era triste e sem ornamentos. O venerável prior da paróquia era um ancião. Primeiramente, eu ia para o banco da minha Mãe. Rezava com ela, ou melhor, ela rezava por mim. Eu não sabia bem o que era rezar. Ela levava-me às funções do Domingo e às vezes à bênção eucarística da semana. Eu tinha cerca de sete anos quando o bispo de Garsignies veio administrar o crisma. Ele atravessava a igreja abençoando as crianças; deu-me a cruz a beijar dizendo-me: “*é a cruz do meu santo precessor monsenhor de Simony*”. Esta lembrança ficou-me gravada. Minha Mãe lembrava-me / (7v^o) às vezes. Ela tinha visto nisso uma graça especial.

Mais tarde, eu ia para a tribuna do pensionato. Um condiscípulo ensinava-me a seguir as funções pelo meu missal. Estou-lhe grato por isso. Eu gostava de ler as epístolas e os Evangelhos do Domingo. Os conselhos das epístolas, as parábolas e os ditos dos Evangelhos impressionavam-me. Isso fazia-me bem. O Senhor abençoava claramente essa leitura.

NO PENSIONATO

O pensionato em que passei a minha primeira infância deixou-me poucas boas recordações. Quão pouca fé e quão poucas virtudes havia nesse ambiente! Os meus defeitos naturais desenvolveram-se aí livremente. Aí fui vaidoso, colérico, mole, preguiçoso.

Tive maus companheiros.

Todavia, fiz nele uma bem dura, mas frutuosa, aprendizagem da vida e ia avançando nos estudos. Chegava lá de manhã cedo, às 6 horas, mesmo no Inverno. Eu era semi-interno. Voltava tarde à noite.

Rezava-se lá geralmente mal.

Pelo menos alguns condiscípulos deram-me / (8r^o) o exemplo de trabalho. Um deles entrou mais tarde no Politécnico, outros dois na escola central. Facilmente e habitualmente eu era o primeiro da turma. O último ano foi particularmente mau. As minhas pequenas paixões tornavam-se muito vivas. Não era capaz de suportar as humilhações. Passei por algumas crises agudas de desânimo. Devo fazer justiça ao director do pensionato; era recto, sábio e tinha alguns sentimentos cristãos. Mas quanto tudo isso era insuficiente para a minha natureza apaixonada e viva.

ALGUMAS PROVAS

Tinha tido uma febre cerebral aos 4 anos de idade. A minha Mãe julgou que ia perder-me, como tinha perdido o seu primeiro filho. Daí por diante apegou-se ainda mais a mim. Ficou-me uma certa tendência às dores de cabeça e ao cansaço cerebral. Tenho a recordação mais clara duma leve doença que me veio alguns anos depois, uma urticária. Sofri muito. Eu implorava a ajuda da minha boa mãe que sofria comigo, rezava e me encorajava. Voltaram-me / (8v^o) alguns ataques mais tarde, mesmo em Roma e em S. Quintino. Tive um acidente estranho, no qual atribuo a minha salvação ao meu bom Anjo. Voltava do pensionato numa noite de Inverno, com um tempo horrível, no meio de turbilhões de neve. Choquei com um cavalo, fui deitado ao chão, o cavalo avançava sempre, um condiscípulo tirou-me da frente da roda quando eu estava para ser esmagado. Com certeza devo ter recebido um coice do cavalo na cabeça porque, durante vários dias, tive zumbidos nos ouvidos e do acidente ficou-me uma leve surdez.

PRIMEIRA COMUNHÃO: 4 JUNHO, 1854

Segui durante três anos o catecismo da paróquia. Eu sabia a letra, eu percebia. A lição de catequese era bem pouco edificante. O venerável prior era demasiado bonacheirão. Em 1853 o bom prior queria admitir-me à primeira comunhão, mas eu só tinha dez anos; ele não tinha pensado nisso e foi preciso adiar. Fiz, então, a primeira comunhão a 4 de Junho 1854, dia do Pentecostes. Esse belo dia não deixa nenhuma sombra / (9rº) na minha lembrança. Eu tinha boa vontade, fiz o que pude. A minha boa Mãe ajudou-me. Além do texto do catecismo, havia um caderno complementar de questões a aprender. Minha mãe fez-me ela mesma uma cópia e ajudou-me a aprendê-la. Comoviam-me os seus piedosos conselhos de cada dia.

Compreendi que se tratava dum grande acto. Preparei-me bem e recebi fortes sensações de graça.

As cerimónias de renovação das promessas do baptismo e da consagração à Santíssima Virgem estão ainda presentes na minha imaginação.

Eu mesmo recitei a renovação das promessas do baptismo. Lembro-me dum pequeno pormenor desse dia. O bom doutor F., amigo da família, veio a nossa casa. Dizia-se diante dele e de mim que eu tinha declamado bem. Reparei no seu olhar perscrutador; ele receava que eu sujasse a pureza dum tão belo dia com acto de amor-próprio; por isso replicou que eu poderia ter dito melhor e que da tribuna (onde ele estava) não me tinha ouvido. Mas nesse dia eu estava acima dessa tentação de amor-próprio. Não estava sensível aos louvores. Estava sob uma fortíssima / (9vº) sensação de graça.

A PRIMEIRA CRISE

Fiquei mais um ano em La Capelle; era demais. Eu tinha crescido. Começava para mim a idade crítica. Estava demasiado entregue a mim próprio. O costume da terra exigia que eu comungasse raramente nesse ano e eu teria precisado da comunhão frequente. O ano foi mau. Fui preguiçoso e tudo o mais. Minha mãe sofria ao ver-me nesse caminho. Meu pai também estava pesaroso. Eu dissimulava os meus defeitos o mais possível. Tinha uma curiosidade febril de conhecer o mal.

Senti a atracção para a dança e para as reuniões mundanas. Fizeram-me representar, na distribuição dos prémios, o papel de Cléante no Avarento de Molière.

Ostentei nisso não pouca vaidade. Já não tinha confiança com minha mãe e frequentemente era repreendido em família.

VIAGEM A PARIS: AGOSTO DE 1855

Apesar dos maus resultados desse ano, meu pai levou-me no mês de Agosto à Exposição Universal de Paris. Esta viagem deixou-me poucas lembranças. Trouxe poucos frutos para a minha alma. Todavia alargou um pouco o horizonte dos meus pequenos / (10^o) conhecimentos. Era eu demasiado jovem para me meter em estudos literários. Esta viagem era como uma grande “*lição das Coisas*”. Eu podia aproveitar dela para ter uma ideia maior e mais verdadeira do próprio Deus, do homem e da natureza.

Criança, eu vi as coisas como criança. A “*diligência*” levou-nos a S. Quintino e o caminho-de-ferro de S. Quintino a Paris, por Pontoise.

Fiquei em casa do meu tio no Cais dos Ourives²³ (Quai des Orfèvres). Dessa viagem conservei a lembrança de alguns monumentos, Notre-Dame, o Louvre, os Inválidos, o Arco de triunfo de l'Étoile. A exposição encantou-me pelas suas riquezas. Fizeram-me ver as grandes águas de Versailles, a passagem da rainha da Inglaterra²⁴ na avenida, o mago Robert-Houdin, o Jardim das plantas.

A minha alma tinha outras necessidades, cuja satisfação ela encontrou felizmente um pouco mais tarde.

RELAÇÕES

A minha infância não se passa toda no pensionato e na família. Há algumas relações exteriores, um princípio de vida social. Algumas destas relações deixaram-me muito boas recordações, para não as assinalar / (10^v) como um dom da Providência e um motivo de acção de graças.

Duas irmãs, duas dignas e devotas raparigas que viviam uma boa e sadia piedade, convidaram-me frequentemente a sua casa. As meninas D(ureaux) ocupavam-se do

²³ - NT. Cais: têm o nome de Quai (=cais) em Paris todas as ruas situadas ao longo do rio Sena, naturalmente, porque nos tempos antigos havia em todas elas lugares para os navios atracarem.

²⁴ - É a rainha Vitória (1819 - 1901) que subiu ao trono em 1837.

cuidado da Igreja, da biblioteca paroquial, da visita aos pobres, dos altares²⁵ nas ruas quando era a altura. Elas eram da raça dessas santas mulheres que se encontram sempre junto de Nosso Senhor na sua Igreja. Elas transmitiram-me o seu gosto pelas flores. Eu passava muitas vezes os feriados no seu jardim. Elas iniciaram-me um pouco à oração. Eu tinha um fervor imenso em trabalhar com elas nos altares exteriores da festa do Corpo de Deus.

A aldeia não era rica em famílias de escol. Algumas, vindas de fora, trouxeram-nos preciosos elementos de fé e de nobreza onde encontrei um grande encanto e um sério proveito. Três dessas famílias deixaram-me uma deliciosa recordação. O Sr. M(éret) tornou-se nosso juiz de paz: quanta / (11r^o) amabilidade, quanta bondade encontrava na Senhora M(éret). Com quanta delicadeza ia sendo educado o seu pequeno Edmundo. Fui acolhido muitas vezes nessa casa e recordação que guardo é absolutamente sem sombras. Lá encontrei inocentes distrações e parece-me que aproveitava dos muitos conselhos dados da maneira mais amável, enquanto eu enfiava algumas pérolas ou arranjava algumas flores artificiais.

As senhoras de V(aupré) dirigiam o posto do correio. Era uma família aristocrática sem fortuna. Também aí encontrei, no meio de divertimentos inocentes, muitas lições de delicada educação e mesmo de piedade.

Estas senhoras contribuíram com o Sr. R., perceptor, a fundar a obra de S. José, conferência de caridade das senhoras, da qual a minha mãe foi a pedra angular até à morte. Quanto bem fez a minha mãe através dessa obra! São José foi grato à minha mãe por ter durante tanto tempo feito a caridade em seu nome; levou-a para Deus no dia da sua própria festa, 19 de Março 1883. / (11v^o)

A propósito destas relações eu podia falar do conjunto da minha família. Nela encontrava particular edificação com as irmãs da minha mãe, que tinham recebido a mesma educação que ela.

Duas mortes e uma vocação dentro da minha família fizeram-me profunda impressão. O meu primo Aimé, de Paris, tinha 18 anos. Atacado pela febre tifóide, tinha vindo a La Capelle julgando-se convalescente, mas caminhava lentamente para a morte. Ele tinha fé, uma alma simples e recta e um grande carácter. As minhas notas escolares,

²⁵ - NT. "Reposoir" não tem verdadeira tradução em português; altar provisório elevado nas praças ou nas ruas onde passava a procissão do SS. Sacramento, e ser lugar para 'reposer = descansar' tanto o celebrante como os homens que levavam o pálido e as pesadas cruzes e lanternas da procissão.

os meus lugares (na classificação) impressionavam-no. Não compreendia que eu pudesse ser preguiçoso e dissipado. Eu temia as suas reflexões mais do que as dos meus pais. Apagou-se pouco a pouco. Era a primeira morte que me tocava de tão perto; fiquei muito sensibilizado. A morte de um outro estudante, Armando, de Vervins, irmão do meu tio, obrigou-me também a fazer sérias reflexões. A irmã de Armando, Luísa, devia pouco depois entregar-se ao Senhor na Congregação das Irmãs da Caridade. Todos estes acontecimentos / (12r^o) deixaram na minha alma profundas impressões.

MUDANÇA DE PENSIONATO. A ACÇÃO DA PROVIDÊNCIA.

Ia então deixar o pensionato de La Capelle. Quanto lamento que a necessidade me tenha conduzido a tal! E infelizmente lamentá-lo-ei eternamente. Porque foi preciso que minha boa mãe não tivesse o vagar para me educar ela mesma até poder-me colocar num ambiente verdadeiramente cristão? Quantas faltas irreparáveis teria eu podido evitar! Não estava eu lá exposto a todos os maus exemplos e a todas as dissipações! Quanto eu amaldiçoaria essa casa, se o Senhor não me tivesse dado, mais tarde, a graça de tudo reparar celebrando nela o sacrifício, pois essa casa foi transformada num hospício que tem uma capela.

Chegara o momento de ir para longe a fim de acabar os meus estudos. Meu pai pensava num liceu em Paris. Mas o Nosso Senhor teve piedade de mim e conduziu-me para uma casa que Lhe era querida. É a graça-mestra da minha vida. Por ela louvarei a Deus por toda a eternidade.

A Providência não desdenha os meios pequenos para chegar aos seus fins. / (12v^o) A criada da casa, aquela que me criou, era do Nord²⁶, de Wignehies. Ela pôs em relação os meus pais com o prior de Wignehies. O P. Route, sacerdote tão digno como distinto, foi pouco depois atacado por calúnias.

Pensaram sem dúvida, no arcebispo de Cambrai, que ele já não teria lá ascendência para fazer algum bem; enviaram-no para o colégio de Hazebrouck para ensinar na segunda²⁷. Precisando voltar à aldeia pelos seus interesses, hospedou-se em casa dos meus pais. As relações estreitaram-se. A Providência nunca falha no seu jogo.

²⁶ O 'Nord' = Norte, departamento francês cuja capital é Lille.

²⁷ Permitimo-nos dizer, para os leitores não franceses, que a 'segunda' é o penúltimo ano dos estudos secundários ou Humanidades

Meu pai, conquistado por estas boas relações, pelo que descobriu sobre a força dos estudos em Hazebrouck, pelo desejo de nos confiar a mãos conhecidas, pela modicidade do preço do internato e também pelos votos e pelas orações da minha mãe, meteu-nos, a mim e a meu irmão, no colégio de Hazebrouck.

Entreí a 1 de Outubro de 1855, dia para sempre bendito! Recebi ali tais graças que não posso pensar nisso sem ficar comovido de gratidão. Aí, Nosso Senhor devia realmente tomar-me em seu Coração e cumular-me das suas ternuras. / (13r^o)

HAZEBROUCK. O COLÉGIO, 1855

O colégio de Hazebrouck era de facto uma casa abençoada por Deus. Era dirigido por sacerdotes, sacerdotes desse clero do 'Nord', um clero cheio de fé e que ama as almas. Tinha à sua cabeça um homem da raça dos Santos, do qual falarei mais adiante. Aí o bem era feito à grande: o P. Dehaene recebia muitos meninos de quem esperava fazer sacerdotes, e que pagavam pouco ou nada de pensão. O colégio recrutava os seus alunos nessa boa terra da Flandres onde os costumes continuam realmente cristãos. Essas gerações ainda estão cheias de seiva cristã. A vida de fé reina nas famílias, nos costumes. Essas populações alimentam-se da Eucaristia. A graça lá está presente nos corações, nos lábios, nas acções.

A vida neste colégio era austera. Uma parte das construções estava em estado de pardieiro. Comia-se sempre o pão preto e diversos pratos habituais na campanha flamenga, mas pouco apetitosos para estômagos delicados. O regulamento era viril: levantar cedo, pouco aquecimento, muito trabalho e poucos feriados.

Os estudantes eram fortes. Os bons/ (13v^o) alunos de retórica, eram recebidos mesmo sem fazerem filosofia.

Passei aí quatro anos. Eu revia a família somente na Páscoa e nas férias grandes. A distância era longa, cinquenta léguas, e havia quinze léguas a fazer para chegar ao caminho-de-ferro em Valenciennes.

O SR. DEHAENE

O colégio era municipal e universitário; o seu director, P. Dehaene, tinha o título de Principal. Este homem de Deus exerceu no 'Nord' um vasto apostolado. A sua vida

merecia ser escrita. Era uma natureza de elite. Era ardente como um homem do sul, correcto e nobre como um homem do norte. O colégio não era suficiente para o seu zelo, ele evangelizava as Flandres. Ia pregando com verdadeira eloquência, em flamengo e em francês. No colégio fazia-nos leitura espiritual quotidiana, o catecismo ao domingo, conferências, confissões. Ele dava o curso de filosofia, presidia aos conselhos e dirigia a congregação. Sabia ser extremamente bom e reservado / (14r^o) ao mesmo tempo. Tive a felicidade de ser seu penitente durante quatro anos. Ele guardou-me uma afeição que eu não merecia.

O demónio encarniçou-se a persegui-lo e Deus permitiu que ele fosse amadurecido pela provação.

O governo imperial²⁸ imaginou um dia que a grande influência do P. Dehaene nas Flandres tinha alguma importância na eleição do candidato católico. Sr. Plichou. O ministro Duruy destituiu o P. Dehaene e nomeou outro Principal.

O demónio julgava ter com isso feito secar a fonte de tantas verdadeiras vocações e de tantas vidas seriamente cristãs.

Mas uma outra violência do mesmo ministro tinha involuntariamente preparado o remédio. Ele tinha expulsado os capuchinhos do seu convento de Hazebrouck. O P. Dehaene abriu nele um colégio livre e o colégio municipal só conseguiu vegetar.

Este querido mestre morreu a 15 de Julho 1882, aos 73 anos. Longos e cruéis sofrimentos nervosos tinham-no obrigado à reforma e tinham aperfeiçoado a sua alma na dor. / (14v^o)

Ficam-me dele algumas cartas. Elas descrevem-no inteiramente.

Escrevia-me a 26 de Abril 1866:

“Meu caríssimo padre e caríssimo filho, permiti-me dar-vos este duplo nome, que o meu coração ama especialmente. Eis-vos revestido de batina a caminho do sacerdócio; que grande consolação para mim, que amo tanto as vocações eclesiásticas! Considerais-vos meu filho e estou tão contente de me chamar vosso pai! Sim, a vossa cartinha tem sido como um perfume para a minha alma; sinto um grandíssimo interesse por vós. Conto tanto sobre vós para a glória e consolação da religião! Mil vezes obrigado por todas as vossas simpatias, por toda a parte que vós tomais na nossa obra. Eis o meu sonho

²⁸ Nt É o governo do imperador Napoleão III, que caiu em 1870.

realizado; Deus mimoseia-me até ao fim, e eis-me a dar um futuro à minha obra e a trabalhar para a minha sobrevivência numa associação de padres para a educação e a pregação! Os meus amigos não teriam podido ajudar-me melhor. O grande S. Francisco abençoa a nossa coragem, e já contamos / (15rº) com 200 alunos. Nós tínhamos aqui um local espaçoso e um oceano de luz e de bom ar. Os alunos e os pais têm-nos muita simpatia, e os professores estão unidos mais do que nunca. Estou mais feliz do que jamais estive no passado. Rezai muito a todos os Santos por nós; Vós estais tão perto deles! Dizeis uma palavra sobre a importância da educação na mesma linha do que eu. Que se multipliquem as boas casas de educação! Disponde tudo já antecipadamente para a vossa diocese; e triunfaremos sobre o mal. Queira recomendar-me muito a S. Pedro, um dos meus padroeiros a quem tanto rezei, beijando, em 42, antes de partir, o limiar da grande basílica...”

Nesta carta está o homem inteiro, a sua bondade, o seu ardor, o seu zelo, o seu amor por Roma, os seus projectos da associação sacerdotal, a sua alegria na provação, o seu apego à obra da educação cristã.

Ele foi sempre o mesmo até à morte. Escrevia-me uma vez ou duas por ano. Em 1872 escreveu-me várias vezes para me dar notícias / (15vº) do meu bom professor, o padre Boute, que estava a morrer. Falava-me também das suas tentativas infrutuosas junto da arquidiocese de Cambrai para fundar uma congregação da ordem terceira de São Francisco, para a pregação e o ensino.

A fundação do Instituto S. João redespertou os seus projectos; escreveu-me sobre o assunto; pensava ainda na fundação de uma congregação para o ensino. A 1 de Abril de 1878 dizia-me: “O vosso projecto de congregação agrada-me em todos os seus aspectos: há nele São Francisco e o Sagrado Coração, devoção do fim dos tempos, e o espírito de imolação e de expiação, é o que há de mais oportuno! Tendes a aprovação do vosso bispo; indicações providenciais e sobrenaturais vos guiam, dizeis vós. Muito bem, querido amigo, avançai com confiança; o vosso antigo professor será talvez um dos vossos primeiros discípulos. Queria sê-lo de todo o coração”. Depois copiava-me alguns versos que lhe tinham inspirado “o desejo de imolação e de sacrifício e o espírito de amor que transportou a “Águia de Patmos”²⁹.

²⁹ NT A “Águia de Patmos” é o apóstolo São João, exilado nessa ilha “por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”, como diz o mesmo apóstolo (Ap 1, 9). Nessa ilha teve a visão do apocalipse. Patmos é uma das ilhas Espóradas, frente à Ásia Menor (hoje Turquia), a 70 km de Éfeso

Vou copiá-los: / (16rº)

“Jesus crucificado, sejam tu a minha única riqueza;

Parecer-me contigo seja o meu único esforço!

Unir-me à Tua cruz, perder-me na tua ternura,

seja a sorte incomparável do meu coração ferido!

Deixai-me ser, já agora, desprezo das criaturas,

objecto, como um leproso, de desgosto e de horror,

pisado pelos que passam; como um lixo,

exibir o opróbrio e a dor de Jesus!

Deixai-me, para salvar um irmão que se perde,

galgar com Jesus o rochedo e o abismo,

arrancar intrépido uma alma ao negro tártaro,

para conduzi-la feliz, ao seu seio.

Deixai-me, devorado pelas divinas chamas,

saborear a grande lei de João o bem-amado,

derramar, se necessário, o meu sangue para pagamento das almas

e morrer de dor, consumido de amor!”

Tinha todo o prazer em retratar este pai da minha alma. Parece-me que ele obteve de Deus o dom de fazer passar um pouco da sua alma para a minha.

Escreveu-me ainda duas vezes em 1880. Deus preparava a sua alma antes de a tomar. Ele tinha-se reformado, sofrendo de nervos e submetido a um tratamento hidroterápico. Dizia-me: *“Peço a Deus, e queira / (16vº) também pedir esta graça comigo, uma paciência perfeita, e ousar acrescentar, a calma, a alegria no sofrimento”*

A alegria no sofrimento, é a perfeição. E acrescentava: *“Amemo-nos sempre a torto e a direito em Cristo”* e ainda: *“rezemos enormemente uns pelos outros”*. Que alma apaixonada e ardente. Parece-me estar orgulhoso dele. Já disse que voou para Deus em 1882.

O PADRE BOUTE

O Pe. Boute, como já disse antes, foi o instrumento da Providência para a graça capital da minha vida.

Foi por meio dele que eu fui para o colégio de Hazebrouck. O Pe. Dehaene foi para mim um pai, o Pe. Boute foi um mestre, mas um verdadeiro e bom mestre, em todo o sentido e bom mestre, em todo o sentido cristão da palavra. Devo a ele a minha formação literária e a educação da minha razão.

Durante quatro anos de 1855 a 1859, ele foi o meu mentor, o meu conselheiro, o meu protector. Durante dois anos, de 1857 a 1859, ele era também meu professor, e que professor! Como lhe estou reconhecido! Que bom humanista! Ele era ponderado, preciso, / (17rº) metódico e verdadeiramente erudito.

O Pe. Boute nascera em Armantières, em 1803. Tinha conservado lá uns bons amigos. Levou-me lá várias vezes nas pequenas férias. Eu passava lá alguns dias numa casa de costumes totalmente cristãos e patriarcais, na família Dassouville.

Depois da minha saída do colégio, o Pe. Boute escreveu-me uma ou duas vezes por ano, até à sua morte que aconteceu em 1872.

No fim de 1860 ele dava-me informações sobre a estadia em Londres e endereçava-me ao Padre Toursel, encarregado da capela francesa. Em 1861, felicitava-me com entusiasmo pelo meu sucesso na escola de direito. No mês de Maio 1862 escrevia-me para Edimburgo onde eu me encontrava. Sabia que a minha vocação se fortalecia, e tornava-se mais livre para comigo. *“Escrevo-vos, dizia-me ele, como um amigo a seu amigo”*. *“Sinto-me feliz, escrevia, por poderdes completar a vossa instrução por meio de viagens”*. Eu tinha-lhe falado em ir estudar para Roma. *“Aprovo todos os vossos planos para o futuro”* dizia-me ele: *“Eu também tinha pensado em Roma desde há muito. Felicito-vos pela vossa constância. / (17vº) Um carácter assim, anuncia já um homem maduro...”* Ele encorajava-me.

Restam-me três cartas dele, de 1863. A 13 de Janeiro ele aprovava o meu pequeno regulamento de estudante, que lhe tinha enviado: *“Eu só teria que dar a minha aprovação ao vosso plano de estudos, se ela fosse precisa. Sete horas de repouso são mais que suficientes, se acreditarmos, na escola de Salerno: sex horis dormire sat est*

*juvenique senique - septem pro pigris*³⁰. *Fazeis bem em ler cada dia um capítulo da Bíblia, com comentários. Se pudésseis acrescentar uma página de Bossuet, nada faltaria no campo do confortável para o vosso banquete espiritual. Esse grande pensador lia todas as noites, como bem sabeis, alguns versos de Homero. Fazeis muito bem em vos ocupar ainda do Grego que não vos será inútil no futuro*". Como é bom ser encorajado assim, nas nossas veleidades de agir bem!

A 16 de Outubro escrevia-me: *"Agradeço-vos a boa carta que me escrevestes do fundo da Noruega e que eu li com o mais vivo interesse. / (18rº) Vós, pelo menos, não viajais unicamente por prazer, mas com o fim de vos instruir e de completar a vossa educação"*. Ele acompanhava-me assim em todas as minhas etapas da vida de estudante para me encorajar. Ele acabava então de ver os meus pais. *"Falámos muitas vezes de vós, como bem o pensareis, dizia-me ele. O Senhor vosso pai está sempre firme nos seus projectos no que se refere ao vosso futuro. Falou-se mesmo na eventualidade de que vós perseverásseis nos vossos primeiros pensamentos; e esta perspectiva, no caso que viesse a realizar-se, parecia não ensombrar a imaginação do Sr. Dehon. Parecia mesmo que fosse encarada por ele com bastante calma."* Este venerável amigo tinha mostrado uma delicadeza extrema neste assunto da minha vocação. Uma vez, no colégio, quis falar-lhe no assunto; não me escutou. Agora que a idade tinha chegado, e que eu tinha manifestado formalmente a minha vontade, ele deixava ver as suas preferências, embora mostrando ainda uma grande prudência. Dizia-me: *"Tereis de vos recolher por algum tempo depois do doutoramento, na solidão e no silêncio. É estando longe do / (18vº) mundo, que devemos perguntar a Deus se será preciso renunciar ao mundo"*.

Depois fazia-me uma pergunta que manifestava inquietação. Dizia ele: *"As vossas viagens, não terão modificado um pouco as vossas ideias? Alguns pensam que sim, outros esperam que sim. Eu não sou nem do número dos últimos, nem do número dos primeiros. Eu espero, como vós, num assunto de tanta importância, a voz de Deus e a sua decisão..."*

Foi para Viena (Áustria) que ele me enviou esta carta. Estou antecipando os anos, na minha narração, mas gosto, a propósito da minha infância, lembrar-me do mestre que a formou.

³⁰ Esta citação é tirada do "Flos medicinae", uma selecta, em versos hexâmetros latinos, de bons conselhos para ter boa saúde. A citação exacta do segundo hexâmetro começa por: "Septem vix pigro..."

A 13 de Agosto escreveu-me uma carta austera. Ele soube da minha viagem ao Oriente, e não lhe agrada. É o eco dos alarmes maternos. A sua carta é picante, um pouco irónica. Fala-me nos perigos da viagem. Pergunta a si próprio o que se tornará a minha vocação, através dessas peregrinações. Não virei eu a ser um moço que nada faz? - Ele não tinha razão, nesse dia: nunca lamentei um só instante a minha viagem ao Oriente. / (19r^o) Sempre a considereei uma graça divina. Ela teve uma influência imensa e totalmente benéfica sobre a minha vida. Era uma transição esplêndida entre os meus estudos literários e os meus estudos eclesiásticos. Agradeço a Deus por me ter dado a graça de a fazer.

O Pe. Boute desfez-se rapidamente dessa impressão. Ficou encantado ao receber as minhas cartas datadas de Atenas, de Syra, de Jerusalém.

Sempre confidente das inquietações da minha mãe, ele esforçava-se por acalmá-las.

No mês de Maio escrevia-me para o Oriente sobre todas as dificuldades do querido colégio de Hazebrouck. Fiquei a conhecer o seu nobre e ilustre comportamento. Segui o padre Dehaene na sua reforma e levou para ela todos os seus colaboradores, apesar das solicitações e promessas do reitor. Era uma contestação digna e corajosa ao injusto despedimento do padre Dehaene pelo ministro (Duruy).

No mês de Agosto alegrava-se com o meu regresso. Ele tornava-se um dos principais instrumentos da fundação do novo colégio livre. Encarregava-se da administração, construía. Renovava-se s sua juventude / (19v^o), por assim dizer. Ia procurar operários a Lila, a Roubaik, a Armentières. Para o começo das aulas em Outubro, o colégio estava pronto.

Escrevia-me ainda em Novembro. A sua amizade para comigo parecia aumentar. Tinha sabido com imensa felicidade que eu vestira o hábito eclesiástico. Pedia-me para já não lhe chamar: “querido professor”, mas: “querido amigo”, coisa que me punha em embaraço e que me deixava confuso.

Durante mais cinco anos as suas cartas tornavam-se sempre mais confiantes, mais amigáveis, demasiado lisonjeiras às vezes.

Em Janeiro 1866 ele enviava, numa carta a meu irmão, este dístico:

Felix sorte nova, frater modo scripsit ab Urbe,

Corpore mente valet, vosque valere cupit³¹.

Ele veio ver-me em La Capelle nas férias de 1866. A sua visita foi proveitosa para meus pais, sempre ressentidos por causa da minha vocação.

Em Janeiro 1868 ele felicita-me pela minha ordenação ao Subdiaconado.

Durante as férias seguintes uma pneumonia e também novos trabalhos / (20rº) de construção, impedem-no de vir ver-me a La Capelle. Escreveu-me duas vezes a pedir-me para ir visitá-lo. Ele continua sempre bom, animador. Inspira-me grandes desejos de fazer o bem.

Que carta bela e afectuosa me escreveu ele em 21 de Janeiro 1869, alguns dias depois da minha ordenação! *“Eu partilho da vossa alegria e da alegria dos vossos bons pais pela vossa promoção ao sacerdócio, escrevia-me ele. Compreendo facilmente que o vosso coração tenha sido inundado por essas alegrias inefáveis que só Deus pode dar quando se dá a Si mesmo, por essa comunicação íntima que Ele estabelece entre Ele e o padre seu representante na terra. Oh! Como os vossos pais devem ter ficado comovidos ao ver-vos celebrar a vossa primeira missa e ao comungar pelas mãos do seu filho querido. Vede como Deus conduz todas as coisas aos seus fins! Quem diria, há 5 ou 6 anos, que a vossa família vos acompanharia a Roma, para assistir à vossa ordenação e para retemperar a sua fé na visão das grandes e santas coisas que lá se encontram a cada passo! Oh, como sou feliz ao saber que o vosso próprio pai/ (20vº) recebeu a comunhão das mãos do Santo Padre, depois de ter recebido essa felicidade, alguns dias antes, das próprias mãos de seu filho. Quanto deveis ser agradecido a Deus por tal resultado! Oh, sim, agradeçamos juntos a Deus no S. Sacrifício do altar por ter concedido a vós e aos vossos tão insigne favor. Como o bom Deus é bom e generoso e pródigo em todas as coisas para os seus. O Sr. vosso pai escreve-me, coisa que me tocou no coração, que vê a mão de Deus em cada passo da sua viagem...”*

A sua amizade crescia sempre mais. Teria querido ir ver-me a Roma. Tinha marcado para isso a data das festas do jubileu sacerdotal de Pio IX (11 de Abril 1869), mas envelhecia, e as dores vieram juntar-se às ocupações para o impedir.

O senhor ia prepará-lo para a morte com três anos de sofrimentos. Em Novembro ele recordava-me as *“multa senes ferunt incommoda”* de Horácio³². *“Sofri*

³¹ Nt Feliz da sua nova condição, o (vosso) irmão escreveu-me há pouco da Urbe; está bem de alma e de corpo, e deseja que vós o estejais também”.

consideravelmente, de há 5 meses para cá, de nevralgia e de reumatismos”, escrevia ele. Na maior parte do dia estou / (21rº) pregado na minha poltrona, e de noite não sei onde fazer descansar os meus membros.” E acrescentava: “Vou tendo paciência e peço cada dia a Deus a resignação nos meus sofrimentos. ”

A 20 de Janeiro 1870 escrevia-me: *“Sofro sempre de reumatismos agudos. O braço esquerdo já não me presta nenhum serviço. Vou-me resignando e sofro tudo pelo bom Deus, como se esses sofrimentos tivessem de durar todo o tempo que Deus quiser deixar-me neste mundo. ”*

Ele vai-se preparando e amadurecendo para o céu.

Ama sempre muito o seu antigo aluno. *“A vossa saúde, dizeis-me vós, restabeleceu-se bem; quero crer e estou feliz por isso, mas não esqueçais de vos poupar no meio dos novos trabalhos que vos oprimem e que vos honram ao mesmo tempo. (Eu era então o estenógrafo do concílio). Fazei-o por vós, pelo bem da Igreja, à qual estais chamado, sem dúvida alguma, a prestar grandes serviços, pela vossa família também que vos tem tanta afeição, e enfim por mim, pobre padre desconhecido que tanto vos ama e que de vós espera tão belas coisas que nunca chegarei a ver, sem dúvida. Sim, meu caro Leão, segui / (21vº) o vosso caminho, é o caminho de Deus. Segui-o sempre com essa simplicidade tão bela que tanto se gosta de ver na vossa pessoa. Oh! É uma coisa belíssima possuir a ciência e o talent, e ignorar diante dos homens que Deus no-las deu. Gostaria muito de vos ver e de vos dizer tudo de viva voz, mas vós estais em Roma na cidade de Deus, diante do vigário de Jesus Cristo e eu encontro-me confinado em Hazebrouck, bem longe de vós, bem longe de todas essas grandes coisas que vós ouvís e de que sois testemunha. “Haud equidem invideo, miror magis!”³³*

Ele ama sempre mais a Igreja e as sãs doutrinas: *“destes-nos uma grande alegria, diz-me ele, escrevendo-nos que a infalibilidade será brevemente definida. Nós a esperamos com todo o coração. É evidente que o assunto está maduro, e que é preciso acabar com esse pequeno número de recalcitrantes ainda infectados de doutrinas galicanas... eu daria com alegria o resto dos meus dias para chegar a esse feliz resultado. ”*

³² É uma citação aproximada dum verso da Arte poética (v. 169) “multa senem circumveniunt incommoda...” (muitos incómodos rodeiam o velho...

³³ Citação da 1ª Écloga das Bucólicas de Virgílio (v. 11): “na verdade não é a inveja que me move, mas a admiração!...”

Não se faz ilusão sobre a sua saúde. Escreve-me a 5 de Abril: *“Espero / (22rº) ver-vos uma última vez em La Capelle nas férias grandes, se a minha saúde o permitir”*.

No mês de Novembro comunica-me as suas tristezas patrióticas³⁴ e agradecia-me por aquilo que eu fazia para as Milícias Móveis do Norte. *“Ficamos contentes em saber, diz-me ele, que os nossos Flamengos eram a edificação de La Capelle, e os cuidados que vós lhes prestais com as vossas reuniões e pregações. Eles precisavam, na sua idade, de serem postos em guarda contra os maus exemplos que têm debaixo dos olhos. É um trabalho bem bonito”*.

A sua última carta é de Setembro 1871. Eu pensava então em consagrar-me ao trabalho do ensino superior e tinha-lho comunicado. Ele dava-me os parabéns.

Tornou-se agora em velhinho e já não sai. Faz-me lembrar a: *“multa senem circumverunt incommoda”*³⁵ de Horácio.

Iria apagar-se poucos meses depois, esgotado pelo sofrimento.

Fui assistir ao seu funeral com profunda emoção. A estampa que me foi entregue como lembrança resumia admiravelmente a sua vida nestas poucas / (22vº) palavras: *“os que ensinam a justiça a um grande número, brilharão como estrelas por toda a eternidade. Dan. 12, 3. - Feliz o homem que sustém rudes provações, porque depois de ter sido provado, receberá a coroa da vida. Jo 1, 12. - As dores e as doenças suportadas com paciência, completam a coroa que Deus prepara no céu. S. Alfonso.”*

Era exactamente o resumo da sua vida, toda gasta para o bem da juventude, vida terrivelmente provada em várias épocas e coroada pelo sofrimento.

Estendi-me bastante nesta biografia... O Pe. Boute foi o instrumento da Providência para a minha educação cristã e para a minha vocação. Ele teve com o padre Dehaene uma influência decisiva sobre a minha adolescência.

Ele está agora junto de Deus. Considero-o ainda como meu mestre, e sinto-me corar pensando, que ele lá no alto lamenta as minhas imperfeições.

³⁴ Nt Tratava-se da guerra da França contra a Prússia, de 1870, que foi uma tremenda catástrofe para a França.

³⁵ Arte poética, v. 169, já citado pouco atrás.

OS MEUS PROFESSORES

Gosto de testemunhar aqui mais uma vez a minha gratidão para com vários meus professores. O P. Lacroix meu assistente, o Sr. Vallé meu professor de “quarta”, o P. Evrard meu professor de “terceira”³⁶, o P. Dekeister, Vice-director / (23r^o) da casa. Todos eles foram para mim duma grande bondade e sempre me edificaram.

O P. Lacroix era o assistente geral, bom sacerdote coração excelente, carácter militar, uma das colunas da casa pela admirável disciplina que nela fazia reinar. Quantas pequenas atenções teve para comigo! Guardou-me uma grande afeição. Encarregou às vezes o P. Boute de mo dizer. Morreu somente em 1884, depois de ter sido também purificado pelo sofrimento.

Guardei do Sr. Vallé a mais excelente recordação. Homem do mundo, pai de família, ele tinha uma dignidade de porte que me edificava. Nunca o encontrei em falta. Morreu em Setembro 1870 oprimido de dor, pela morte da esposa e de angústias por causa do filho que estava na guerra.

O P. Evrard era um jovem sacerdote muito inteligente. As suas aulas eram interessantes. Também nele só encontrei simpatia e edificação. Ele é actualmente deão de Roubaix.

O P. Dekeister era o vice-director. Era o homem bom por excelência. Faltava-lhe autoridade, mas tinha para com / (23v^o) os alunos toda a espécie de pequenos cuidados. Estragava-nos com mimos e muitas vezes nos poupava as pequenas contrariedades da vida de internos. Tornou-se prior de Vieux Berquin e deve fazer aí muito bem.

O TRABALHO DA GRAÇA NO COLÉGIO: 1855-1859

Fui dominado pela graça desde o primeiro retiro³⁷. Durante os quatro anos de colégio, posso dizer que o Senhor me cumulou das suas graças e me tratou com uma ternura que me faz lembrar a sua ternura para com as crianças da Palestina.

³⁶ Sempre em atenção aos leitores não franceses, precisaremos que a numeração das classes de humanidades fazia-se em França contando às avessas, partindo da “sexta” (ou “sétima” preparatória), para acabar com a “primeira” (ou retórica). L. Dehon seguiu as aulas em Hazebrouck de 1855 a 1859). Tinha entrado portanto em “quarta”. Os seus estudos foram coroados com o “bacharelato em letras”, passado em Donai a 17 Agosto de 1859, com 16 anos de idade.

³⁷ Os retiros duravam três dias.

Fui muitas vezes ingrato e indócil, mas Ele não me abandonou. No primeiro ano, fui particularmente fiel e o Senhor tratou-me muito generosamente.

O primeiro retiro faz-me uma impressão realmente extraordinária. Era um padre jesuíta que pregava. Não recordo o seu nome. Mas dou-lhe graças por ter sido o instrumento fiel de Nosso Senhor.

Desde a primeira tarde do retiro eu andava profundamente comovido. Corri para o pregador que me recebeu com amizade e adiou a minha confissão para o dia seguinte. Recebi nesse retiro umas graças pouco comuns, e todo o meu primeiro ano foi livre de sombras. / (24r^o) O Senhor deu-me o gosto pelo espírito de oração, o espírito de pureza, pela união com Ele. Foi Ele que fez tudo. A Sua graça me levava e me impulsionava.

Comungava primeiro de 15 em 15 dias, depois de 8 em 8; finalmente duas vezes por semana.

OS LIVROS

Na capela tinha o meu lugar nos bancos dos alunos. Nos últimos anos, tive um lugar junto ao coro, como sacristão. Confessava-me sempre com o Pe. Dehaene.

A minha mãe dera-me o "*Manuel du S. Coeur*"³⁸ Este livro foi o meu guia ascético. Formou-me nas várias devoções, que se mantiveram as devoções de toda minha vida. Aprendi com ele a amar sobretudo o Coração de Jesus e a SS. Virgem. Seguiu as devoções de cada dia da semana. Lia as visitas ao SS. Sacramento, as orações aos santos anjos, a S. Luís de Gonzaga.

Nos anos seguintes acrescentei a "*Vie dévote*"³⁹ e a "*Imitation*"⁴⁰. Gostava da devoção doce e apaixonada da "*Vida devota*". Esses três livros foram os meus mestres de teologia ascética. A "Imitação" penetrava-me e comovia-me extremamente. / (24v^o) Diziam-me que era um livro muito elevado e de difícil compreensão; não achei que assim fosse. O Senhor ajudava-me claramente.

³⁸ É o "Manual de devoção para uso dos alunos do Sagrado Coração". Este livro é o que sua mãe usava no tempo em que era aluna das Damas do Sagrado Coração em Charleville. As "Dames du Sacré-Coeur" fundadas por Santa Madalena Sofia Barat chamam-se actualmente "Religieuses du Sacré-Coeur".

³⁹ A vida devota, isto é a Introdução à Vida devota de S. Francisco de Sales.

⁴⁰ A imitação de Cristo de Thomas Kempis

OS COMPANHEIROS

Neste primeiro ano só tive companheiros bons, simples e piedosos. Liguei-me especialmente a Vasseur Philémon, aluno da minha classe, sábio, pio, e de bom conselho. É agora padre da Congregação dos Redentoristas.

Que grande dom de Deus é um bom amigo. Só no céu o saberemos apreciar. Quantos bons pensamentos, pensamentos vivificantes e fortificantes se devem a uma boa companhia! E por conseguinte quantas vitórias sobre a natureza e sobre o demónio!

Outro aluno simples e pio, Leentrouder, hoje padre na diocese de Cambrai, fez-me igualmente muito bem; dou graças a Deus por isso.

AS ASSOCIAÇÕES

Não demorei em entrar na Congregação da SS. Virgem. Devo muito a esta pia associação. O Pe. Dehaene fazia regularmente as reuniões. Ele formava-nos à oração e ao zelo apostólico. Encorajava-nos à comunhão frequente. Foi nela que eu encontrei os meus melhores companheiros. Sente-se nessas reuniões / (25rº) uma acção evidente da SS. Virgem. Ela ama ternamente os seus associados, vela sobre eles e age sobre as suas almas.

Fui secretário e depois vice-presidente da associação.

Entre também na sociedade de S. Vicente de Paulo. Fui dela tesoureiro durante muito tempo. Devo também muito a essas boas reuniões. A conferência do colégio preparou-me à de Paris. Reconheço agora quanto as associações são uma ajuda poderosa para a perseverança e a oração!

O SEGUNDO ANO: 1856

Assinalo o meu segundo ano de colégio. O retiro, pregado por um padre capuchinho, impressionou-me também vivamente.

S. Inácio e S. Francisco foram portanto os meus mestres desde o princípio. Reconheço nisso tudo os desígnios de Nosso Senhor que me preparava pouco a pouco para a minha missão.

“Attingit a fine usque ad finem et disponit omnia suaviter”⁴¹.

Este segundo ano teve as suas graças especiais. Tornei-me acólito e tomei grande gosto pelas coisas do altar. / (25v^o) Mais tarde encontraria em Roma, nas mesmas funções de sacristão, um meio de estar muitas vezes ao pé do Senhor durante os recreios, e de ter ao meu cuidado tudo o que era da capela.

Como acólito, fui assistir à cerimónia da meia-noite na igreja dos capuchinhos. Recebi aí uma das mais fortes impressões da minha vida. O Senhor forçou-me muito a me entregar a Ele. A acção da graça foi tão forte que durante muito tempo fiquei com a impressão de que a minha conversão datava desse dia. Como poderei exprimir toda a minha gratidão ao amável Menino Jesus?!⁴²

Nesse ano também tive a ocasião de ir em excursão, em peregrinação, ao Monte Cats, ao mosteiro dos Trapistas. Para mim era a primeira revelação da grande vida monástica. Isso também me falou ao coração.

A graça agia no meu coração enquanto a idade crítica me preparava combates. Eu era fiel às minhas devoções.

Comecei a amar S. José e o apóstolo do Sagrado Coração, S. João, ao qual rezava todos os dias. / (26r^o)

CONFUSÃO - LUTA

A idade crítica começou na minha “terceira” classe. A luta foi terrível. Eu era tentado de orgulho, de vaidade e especialmente de sensualidade. Às vezes era guloso. Fui às vezes malcriado com o meu professor, e sinto-me humilhado por isso.

Dei ouvidos a maus companheiros e fui eu mesmo mau companheiro para vários.

Deixei-me cair nas amizades particulares, na moleza de coração. Mantinha, contudo, todas as minhas práticas religiosas. Era a luta. Travei-a às vezes com coragem. Dormia sobre uma tábua, impunha ao paladar mortificações bem duras, disciplinava-me até ao sangue. Outras vezes fraquejava vergonhosamente. Para me ajudar, fiz frequentemente um voto de castidade por algumas semanas.

⁴¹ Citação do livro da sabedoria: “Attingit ergo a fine usque ad finem fortiter, et disponit omnia suaviter” (Sab 8,1) (trad.: “Ela (a sabedoria) estende-se dum extremo ao outro do mundo com força, e dispõe todas as coisas com suavidade”).

Esta luta prolongou-se durante a “segunda” classe com alternâncias de calma. Tive um grande capricho no começo da “segunda”; queria simplesmente saltar essa classe. Era por pura vaidade. Dei então muitos desgostos ao Pe. Boute, mas o capricho passou.

RELAÇÕES

Durante esses quatro anos, fiz frequentes visitas e passei férias na casa de duas famílias da / (26v^o) região, os Vandewalle em Hazebrouck e os Dasonville em Armentières. Em ambas estas casas, encontrei costumes cristãos, patriarcais, e tudo isso foi para mim motivo de edificação. Tinha dois condiscípulos entre os Vandewalle: um, aluno de Saint-Cyr,⁴³ morreu oficial no México; o outro tornou-se advogado em Paris. Em casa dos Dasonville tinha um condiscípulo muito edificante que se tornou padre da diocese de Cambrai.

Em ambas elas eu apreciava a oração feita em família, as orações antes e depois da refeição, a bênção do chefe de família à noite, uma linguagem sempre cristã, respeito e afecto para com os ministros da Igreja. Admirava a ordem, os sábios costumes desses lares. Em Armentières uma velha criada era tratada como um membro da família. Havia lá três irmãos e duas irmãs: uma rapariga corcunda parecia-me que fosse uma bênção para a família, pela sua piedade e bondade.

O AMBIENTE

Não cheguei a conhecer a fundo os costumes dessa terra de Flandres onde passei quatro anos, todavia guardei dela preciosas recordações. Era gente francamente cristã. As famílias / (27r^o) eram numerosas, os costumes regulares, a prática da fé quase universal. A paróquia era viva, a igreja ornamentada, as obras numerosas. O trabalho era honrado, a agricultura admiravelmente desenvolvida e próspera. O operário das cidades trabalhava na fiação de tecidos. Havia pouca miséria, apesar do grande número de filhos. Uma fábrica de fiação tinha má fama: tinha contratado operários cosmopolitas e estragava os costumes com a mistura de operários dos dois sexos. O povo só falava flamengo, facto que os preservava das más leituras. Havia um clero numeroso, activo, dedicado e gozando de grade autoridade. A igreja tinha uma linda torre em pedra esculpida. O

hospital tinha uma preciosa fachada da renascença. A capela dos Capuchinhos tinha um esplêndido altar em madeira, de desenho talvez pouco clássico, mas acusando um longo trabalho. - Particularidades dos costumes locais: a meio da Quaresma havia uma grade cavalgada representando algumas recordações históricas da Flandres. Era uma espécie de feira ou de festa municipal. - As / (27v^o) procissões do Corpo de Deus ostentavam uma grande riqueza de bandeiras e de estátuas. Todas as casas eram embelezadas, os altares das ruas eram ricos.

A agricultura intensiva só permitia quintas pequenas, de três a cinco cavalos. O trigo era aí magnífico. Em toda a região comia-se pão quase negro.

Quanto eu abençoo a Providência por me ter transplantado nesse país de fé, de costumes viris e cristãos. Faltava-me esse terreno para fazer germinar a minha vocação. Quanto seria cego e ingrato, se ainda duvidasse das bondades da Providência! Quantos meios Ela tinha lá acumulado, para me formar: O colégio, o confessor, os retiros, os condiscípulos, os costumes da região, a simplicidade da vida, os fortes estudos. "*Quid retribuam Domino?*"⁴⁴ (SI 115, 12)

O MEU CRISMA: 1 DE JUNHO DE 1857

Não tinha recebido o sacramento da confirmação em La Capelle. Também não tinha facilidade de o receber em Hazebrouck, onde o arcebispo de Cambrai o ministrava em Setembro. Julgou-se portanto conveniente levar-me à diocese de Bruges, que não estava longe. / (28r^o) Monsenhor Malou, o ilustre Bispo de Bruges, iria dar o Crisma no Colégio de Poperinghe, na festa de Pentecostes.

Prepararam-me para lá me levar.

Recebi graças nesse sacramento e todavia esse dia deixou-me sempre alguma pena. A minha preparação tinha sido medíocre. Era um momento de crise, tinha companheiros defeituosos. Muitas vezes pedi perdão a Nosso Senhor por esta falta de preparação.

O Crisma, contudo, sobrevive no carácter sacramental, confio de que as graças de sacramento me tenham sido dadas mais tarde.

⁴³ Nt É a escola militar da França

⁴⁴ Nt. Que darei ao Senhor, em compensação?

A VOCAÇÃO

Sinto-me confuso de gratidão quando vejo como Nosso Senhor me preparou e conservou maravilhosamente a minha vocação.

Ele tinha-me colocado num meio favorável para fazê-la nascer. A casa de Hazebrouck era um colégio, mas na realidade uma boa parte dos alunos destinava-se ao Seminário. O Pe. Dehaene ajudava aqueles em que reconhecia esta vocação.

A primeira chamada divina não é clara.

Desde o primeiro ano tive de vez em quando a ideia do sacerdócio. No segundo retiro a minha decisão estava tomada. / (28v^o)

Ela tornou-se mais firme na noite de Natal.

O que é espantoso, é que desde então a minha decisão nunca foi seriamente abalada. A crise da “terceira” não teve nenhuma influência; as tentações, as fraquezas não me desanimaram. Foi o Senhor que me deu essa firmeza, ela não me era natural. A graça agia tão fortemente no meu coração!

As comunhões e boas leituras impressionavam-me vivamente!

O que me atraía na vocação, era ao mesmo tempo a união com Nosso Senhor, o zelo pela salvação das almas e a necessidade de graças abundantes para me salvar.

Com quanto interesse eu lia os relatos da Propagação da Fé e da Santa Infância! Desde o princípio eu pensava em dar-me sem reserva. Queria ser religioso ou missionário. As vidas dos santos comoviam-me também vivamente. A leitura da vida de S. Luis de Gonzaga feita num retiro, teve grandes consequências por toda a minha vida. Nos meus momentos de generosidade eu aspirava ao martírio. / (29r^o)

FÉRIAS - VIAGEM A COLÓNIA. 1856

As minhas férias eram bem variadas.

Eu amava a minha velha igreja, entrava nela com gosto. Minha mãe ajudava-me muito, encorajava-me, ensinava-me a rezar. Conversávamos juntos sobre a oração. Os companheiros da aldeia prejudicavam-me e faziam-me perder parte do que tinha adquirido durante o ano.

Nas primeiras férias de 1856 fiz uma linda viagem com o Sr. Demiselle. Fomos a Meuse em Wezières. Reparei na simetria das ruas em Charleville e na igreja de Wezières com uma bomba suspensa na abóbada. Fizemos uma paragem em Revin, na casa de um digno sacerdote, o Pe. Dunaime, mais tarde pároco de Sédan.

Tudo era novo para mim; fiquei admirado ao ver os rochedos que bordavam a Meuse e lhe davam um aspecto tão pitoresco. De lá fomos tomar o comboio em Vireux para irmos até Colónia. Eu passava de espanto a espanto, observava, tomava notas, treinava-me para a minha vida de viajante. Ia registando tudo no meu caderno, o Vale da Meuse, os seus rochedos, as suas colinas cobertas de arvoredo, as suas cidades pitorescas, as suas vinhas, / (29v^o) seguidamente, Liège e as suas igrejas, a enorme vista que se desfruta da cidadela, Aix e o túmulo de Carlos Magno, Colónia e a sua catedral inacabada⁴⁵, a velha torre com o seu guindaste, o rico túmulo dos Magos, a ponte de barcos, a igreja de S. Úrsula com suas maravilhosas relíquias. Estas lembranças não se apagaram de minha memória.

NOSSA SENHORA DE LIESSE E MARCHAIS

Nas férias seguintes fizemos uma peregrinação de família a Nossa Senhora de Liesse. Sentia-me feliz por ir rezar à Virgem popular da região de Laon. Hospedámo-nos no modesto hotel São Nicolau. Minha mãe, minha tia, meu irmão e eu fizemos a sagrada comunhão. Agradava-me o mistério desse piedoso santuário. Os ex-votos estimulavam a minha confiança. Rezava com todo o coração. Visitámos o castelo de Marchais e o seu mobiliário medieval.

CHIMAY E A TRAPA

No ano seguinte foi a vez de Chinay, dos seus castelos e do seu parque. Fiz-me aí algumas ideias sobre o velho feudalismo, mas o que me impressionou mais que a cidade de Chimay, foi a Trapa que visitámos minuciosamente com o meu pai. / (30r^o)

Pareceu-me tudo verdadeiramente grande e admirável. As construções ainda não estavam acabadas, mas as culturas e a quinta suscitavam a admiração do meu pai ao mesmo tempo que a afabilidade do bom padre hospedeiro. Tomámos uma modesta

⁴⁵ NT - "Inacabada", Pe. Dehon visitou Colónia em 1856, quando a Sé estava realmente por acabar

refeição e assistimos ao canto da tarde. Esta visita produziu em mim e também em meu pai uma impressão profunda. Nosso Senhor servia-se de todas estas circunstâncias para me ajudar.

FIM DO CURSO DE HUMANIDADES EM 1859 ⁴⁶

Fiz com sucesso a prova de bacharelato em Letras no dia 16 de Agosto de 1859, na Faculdade de Douai. Era uma etapa da minha vida que se concluía. Tinha 16 anos. Conservo uma fotografia minha tirada em Hazebrouck, nessa altura. Eu ia deixar essa terra de fé. Levava de lá os tesouros mais preciosos, o gosto e o hábito da oração, o zelo pelas obras, uma fé bastante esclarecida, amizades fiéis, recordações dulcíssimas, um conhecimento suficiente da minha vocação.

No mês de Julho tinha-me inscrito na Confraria do S. Coração. Nosso Senhor tinha conquistado o meu coração para sempre. / (30v^o)

PRIMEIRAS ABERTURAS COM O MEU PAI SOBRE A VOCAÇÃO

Meu pai estava contente, mesmo triunfante, depois do meu sucesso, mas em breve devia ser tomado por uma tristeza que não o deixaria até à morte. Meu pai que não era ambicioso para si mesmo, era-o para mim; ele queria ver-me chegar a alguma alta posição. Durante um ano, alimentou o sonho do politécnico; mais tarde o da magistratura e da diplomacia, e finalmente o das dignidades eclesiásticas.

Depois de alguns dias de férias declarei a minha vocação ao meu pai e à minha mãe. Eles deviam já suspeitar dalguma coisa, mas mesmo assim foi como raio. Meu pai entreviu todo o futuro. Daí em diante, houve nele uma luta entre a esperança e o receio. Ele queria convencer-se de que eu mudaria de ideia, mas não ousava esperar isso. Em suma adiou o meu projecto para muito longe. Eu pedi-lhe que me deixasse ir para S. Suplício; respondeu que nunca mo permitiria.

Desde esta primeira revelação fiz-lhe entender que acreditava firmemente numa vocação real, à qual continuaria fiel, mesmo que tivesse de esperar que a maioria me desse liberdade. / (31r^o)

⁴⁶ NT - O curso de humanidades corresponde ao 12º ano complementar português, depois do qual se entra na Universidade.

PARIS: OUTUBRO DE 1859

Foi então decidido que eu me prepararia ao politécnico. Meu pai colocou-me, no começo das aulas em Outubro, no Instituto Barbet, rua das Feuillantines, não longe do Panteão. Iria portanto passar cinco anos em Paris. Tinha receado muito que isso viesse a acontecer. Recebi lá muitas graças; encontrei lá um grande desenvolvimento intelectual. Aprendi lá a conhecer o mundo sem me sujar nele.

Iria tomar lá o gosto pelas leituras, pelas artes, pelas viagens. O direito iria desenvolver o meu raciocínio e preparar-me para a filosofia. Deveria ser para mim uma fonte de relações e conhecimentos úteis. Paris é um dos cumes da civilização. É bom conhecê-la, passar por ela, viver nela. Isso estava nos desígnios de Deus sobre mim, e eu estou-Lhe muito grato por isso. De resto, Nosso Senhor me ajudaria e me ampararia constantemente com a sua graça e por meio dos meus piedosos directores.

O INSTITUTO BARBET

O Sr. Barbet era um digno director de internato, correcto, sério e rico de virtudes naturais. Com os seus dois filhos, ele dirigia uma casa importante / (31v^o) para a preparação às escolas oficiais. A casa tinha pelo menos 300 alunos. Era situada nos jardins da antiga abadia das Feuillantines. No meu 1^o ano devia preparar-me ao bacharelato em ciências. Colocaram-me no Curso Elementar. Éramos uns 80 alunos. A casa tinha realmente professores de valor. Estávamos em lugar cimeiros entre as casas da mesma espécie. A maior parte dos alunos trabalhava no próprio Instituto. A disciplina era suficiente. Tudo o que diz respeito ao material era aí bem cuidado. Todos nós vestíamos, diariamente, uma bata às riscas e um boné. Era democrático, igual para todos, bastante cómodo.

Só fiquei lá dois meses como interno. Sofria demasiado. A atmosfera moral era totalmente diferente da de Hazebrouck. Os alunos pareciam não ter fé alguma. As blasfémias de muitos eram repugnantes. Muitos eram manifesta e grosseiramente imorais. Rezava-se, mas que oração! Tínhamos missa ao domingo de manhã: A capela situava-se no sótão; durante a semana tornava-se sala de desenho / (32r^o) o altar ficava tapado atrás de um tabique. Tentei seguir a missa no meu livro, mas caíam-me bonés sobre o missal e piadinhas aos ouvidos. Escrevi várias cartas muito firmes ao meu pai. Ele compreendeu-me e fez-me passar a externo. Meu irmão tinha começado o curso de

Direito, habitava na rua de Madame, 7. Fui viver com ele e continuei as aulas do Barbet como externo, até ao mês de Junho. Dessa casa, não me ficou nenhum nome de professor ou aluno que me deixasse recordações felizes. Não me encontrava no meu elemento, não me ligava a ninguém. Estiva lá como de passagem.

Achando-me fraco em certas matérias de exame e especialmente de Física, deixei completamente a casa Barbet no fim de Junho e fui seguir o curso de revisão no Instituto Momenheim, rua dos Correios. Em Julho fiquei aprovado no bacharelato em ciências.

AS COMPENSAÇÕES

A Providência quis que eu conhecesse esse ambiente das casas de educação parisienses, mas não me deixou sem compensações. Não me privou do alimento espiritual. / (32v^o) Passei a externo no dia 1 de Dezembro. Fui viver com meu irmão na rua Madame 7. Desde então retomei pouco a pouco todos os meus piedosos hábitos do colégio. Ia confessar-me todas as semanas em S. Sulpício e tive logo um confessor de categoria. Assistia quase diariamente à Santa Missa, a maior parte das vezes em S. Sulpício; às vezes em S. Tiago-du-Haut-Pas. Fazia frequentemente uma visita longa e comovedora a S. Genovieva ou a S. Estevão; ficavam-me no caminho. Entrei logo no Círculo Católico e associei-me a uma conferência de S. Vicente de Paulo. Tinha reencontrado todos os meios de perseverança e de progresso que me eram necessários. Como o Senhor foi sempre bom para comigo! Ele conduziu-me pela mão e em toda a parte cumulou-me das suas graças.

S. SULPÍCIO

Ia então habitualmente à missa de S. Sulpício. Durante cinco anos foi a minha paróquia, e eu liguei-me extremamente a ela. Não eram os belos frescos de Eugénio Delacroix ou de Signol, nem a luz tão misteriosa que / (33r^o) o arquitecto soube fazer descer sobre a bela estátua da SS. Virgem. É uma atmosfera de graça e de oração que lá reina, é a santidade do santuário, é a devoção dessa missa da manhã à qual assistem tantas almas simples e recolhidas. E depois Nosso Senhor dá a sua graça onde quer, e era aí que Ele a queria dar-me, à sombra do seminário, na igreja do Pe. Olier e da pia companhia em S. Sulpício, na igreja das ordenações, aí onde reina como que um sopro

sacerdotal e levítico. - Ao Domingo encontrava à porta de S. Sulpício a “*Semana religiosa*” que me informava da liturgia e mandava-me às vezes ouvir algum pregador famoso.

O PE. FÉLIX

Na Quaresma eu seguia as Conferências do Pe. Félix. Experimentava nelas um grande prazer e uma verdadeira graça. Esse grande auditório de homens atentos e visivelmente comovidos, essa demonstração ampla e elevada de uma forma à qual não faltavam belezas literárias, tudo isso me impressionava. A minha fé reforçava-se. Sentia-me feliz por pertencer / (33v^o) ao grande povo cristão. Aliás, havia lá como que um estremecimento de fé e de amor à Igreja, que se comunicava às almas.

O PADRE PRÉVEL

Eu devo muito, mesmo muito ao Pe. Prével. Era um dos vigários de S. Sulpício. Fui conduzido a ele pela Providência amorosa de Nosso Senhor. Vi-o primeiro no confessionário, depois na sacristia e logo depois no velho presbitério de S. Sulpício na Rua Servandoire⁴⁷ (Servandoni).

Ele compreendeu-me e ganhou a minha confiança. Fez-me retomar as minhas piedosas devoções de Hazebrouck. Falei-lhe da minha vocação. Falou-me muito de Roma. Já a tinha visitado. Conservava-se fiel às mais sãs doutrinas teológicas, e muito contribuiu para levar o meu espírito a desejar estudar em Roma, e a fazer-me desconfiar do liberalismo. Foi ele que me fez entrar nas obras de Paris, às quais devo tantas graças. Insistiu para que fosse para o Círculo Católico, como já me tinha recomendado também o Pe. Dehaene. Fez-me apresentar à Conferência de S. Vicente de Paulo. Ele teve a melhor influência sobre os primeiros três anos da minha vida de estudante. O seu conselho / (34r^o) parecia-me tão sábio. Era um verdadeiro padre. Um dia levou-me em passeio ao Seminário e à solidão de Yssy. Aí senti claramente o chamamento de Deus. Daí a pouco decidi entrar com ele na ordem terceira de S. Francisco nos padres Capuchinhos. Mas foi

⁴⁷ N. T. “Servandoire” é um erro. O nome é SERVANDONI, João Nicolau Servandoni, nascido em Florença em 1695, arquitecto e cenógrafo. O seu 1º trabalho foi na construção do teatro S. Carlos de Lisboa, mas já aos 30 anos foi chamado a Paris onde realizou as cenografias de muitas óperas e festas, que o tornaram famoso em toda a Europa. Em 1732 venceu o concurso para a fachada da igreja de S. Sulpício, sendo dado o nome à rua que segue o flanco direito da mesma igreja. Aos 50 anos foi chamado a Londres; depois foi a Viena, a Veneza e de novo a Paris onde realizou importantes trabalhos. E aí morreu, aos 71 anos, 1766.

só um ensaio. Começava um noviciado que as minhas viagens interromperam; devia retomá-lo mais tarde em Roma.

O Pe. Prevel tinha fundado em S. Sulpício uma obra interessantíssima que ele chamava a obra "da doutrina cristã". Era uma obra imitada de outra igual em Roma. Ele convocava a S. Sulpício, numa capela debaixo das torres⁴⁸, para reuniões bimensais, os pobres da zona que conseguisse juntar. Havia sempre uns duzentos ou trezentos. Então, alguns jovens estudantes, sob a sua direcção, expunham o catecismo e a história sagrada. As reuniões terminaram com uma lotaria. Tinha ele assim ocasião de ver essa boa gente, de lhes dizer uma boa palavra, e assim trazia muito deles à confissão nas grandes festas. Fui um dos seus catequistas. E aí fiz as minhas primeiras experiências de falar / (34v⁰) em público. Tinha eu mais boa vontade do que talento. A obra teve cedo um segundo centro na igreja de N^a Senhora des Champs. Também falei aí. Perdi esse excelente padre espiritual ao fim de três anos. Ele foi encarregado pelo Sr. Arcebispo de fundar e dirigir uma capela subsidiária na periferia. A sua saúde não era tão robusta como o seu zelo. Morreu lá alguns meses depois. Desde então guardei sempre ao pé da minha cama uma modesta estampa de S. Francisco que ele me tinha dado.

O CÍRCULO CATÓLICO

A minha admissão ao Círculo católico data de 26 de Dezembro de 1859. Foram meus padrinhos o Sr. Beluze e o Sr. Besson. Estou muito reconhecido a esta obra querida, que tanto bem me fez. A sua grande utilidade é a de iniciar os jovens à vida do mundo sem perigo para as suas almas. Foi para mim um grande meio de educação e de cultura intelectual. Ver os jornais e as revistas, seguir o movimento literário, ver agitarem-se esses jovens de todas as nossas províncias, filhos da aristocracia e da burguesia, / (35r⁰) tão diversos de espírito e de carácter, escol da mocidade francesa, tudo isso serve para engrandecer a alma e alargar os horizontes. Desde este primeiro ano eu tive com alguns deles relações bastante íntimas. Gosto de guardar a lembrança daqueles que me edificaram de maneira especial. Devo pôr em primeira lugar o presidente, o digno Sr. Beluze.

Que homem bom, doce e amável. Ele tem um pouco da graça de S. Francisco de Sales e da de S. Vicente de Paulo. Toma parte em muitas obras de Paris, mas é

especialmente no círculo que ele exerce um verdadeiro apostolado. Como ele sabe conquistar o coração dos novos e encorajá-los. Tenho muita gratidão para com ele.

O Sr. Besson era penitente do Pe. Prevel. Foi ele que me apresentou à Conferência de S. Vicente de Paulo. Apadrinhou-me no círculo e animou-me frequentemente. Mais tarde foi um deputado zeloso e influente. O Senhor provou-o na sua família como provou o Sr. Beluze com a morte do seu único filho.

Tive amizade afectuosa com Luís Perreau / (35v^o) de Chambéry,⁴⁹ jovem doce, modesto, piedoso. Encontrava-o no confessionário do Pe. Prevel. Iria reencontrá-lo ainda em Roma onde ele foi o meu mais íntimo amigo.

Conheci pouco mas amei muito, no círculo, um jovem que me pareceu deveras excelente. Era um bretão, chamado Surcouf, que acabava o curso de Direito e me confidenciou os seus piedosos ideais análogos aos meus e igualmente contrariados pelos seus pais.

CONFERÊNCIA DE S. VICENTE DE PAULO

Tinha sido sócio de S. Vicente de Paulo em Hazebrouck; O Sr. Prevel e o Sr. Besson propuseram-me de o ser em Paris. Aceitei com prazer, e encontrei aí tantos motivos de edificação.

Entre na Conferência de S. Nicolau-du-Chardonnet. As reuniões faziam-se no Seminário menor, terça-feira à noite. O presidente era o Sr. Cornudet, filho do conselheiro de Estado e que o viria a sê-lo ele próprio. Eu fui assíduo. Os nossos pobres encontravam-se no bairro Moufletard, hoje atravessado pela avenida St. Germain, zona então sobrepovoada, velha, doentia e cumulada de misérias morais / (36r^o) e físicas. A pobreza era aí realmente repugnante. Interessava-me em particular de dois velhotes que viviam num sótão, privados de tudo, num pardieiro em que eu nem podia conservar-me de pé. Consegui desenvolver neles alguns sentimentos cristãos e eles, por sua vez, edificaram-me. O ódio social reinava nesse bairro. Uma operária perseguiu-me uma vez longamente com insultos e ameaças, unicamente porque lhe parecia que eu pertencesse a uma classe social mais alta que a dela. - A sociedade de S. Vicente de Paulo pratica

⁴⁸ N. T A Fachada de S. Sulpício é dum estilo renascença impressionante, com duas torres laterais... que nunca foram acabadas.

⁴⁹ N. T. Chambéry, cidade nos Alpes da Saboia, campo de trabalho de S. Francisco de Sales que aí está sepultado.

realmente a verdadeira caridade cristã. Encontra-se nela o verdadeiro espírito do Evangelho, o cumprimento das obras de misericórdia. Esta organização caritativa é uma graça do nosso século.

2º ANO DE DIREITO, 1860-61

Tinha-me inscrito em Direito durante o meu ano de Ciências, mas tinha ido às aulas só de longe em longe, e o resultado foi de chegar unicamente a conhecer as ruas. Era preciso agora tornar-me um estudante de Direito a sério, e foi o que eu fiz. O trabalho / (36vº) não me faltou. Ia fazer os dois anos de estudos em seis meses, para me reservar o vagar de fazer alguma longa viagem no Verão. Tínhamos deixado o nosso pequeno apartamento da rua Madame, 7, para tomar outro na rua Bonaparte 68, onde ficaria dois anos. Era pertinho de S. Sulpício. Esta querida igreja e a Escola de Direito tornavam-se os dois pólos da minha vida.

A VIDA DE ESTUDANTE

A vida de estudante deixou-me uma recordação límpida e alegre. O meu caminho era do meu quartinho à Escola, passando por S. Sulpício. No quartinho as horas passavam-se na calma, entre os livros de Mourlon e de Ortolan, perto da lareira no Inverno e em modesto roupão do estudante. O caminho não tinha nada que me afastasse da oração e do estudo; pelo contrário, o que eu via ajudava-me a alargar a minha alma e a elevá-la para Deus. Não é aí que se encontra o Paris moderno, luxuoso, frívolo. O bairro de S. Sulpício é realmente cristão. Vêem-se aí tantas casas de actividades cristãs e de oração, todo um comércio / (37rº) de objectos religiosos, de livrarias e de arte católicas. A zona do Panteão é toda de escolas, conventos, livrarias e alfarrabistas. Se às vezes me surpreendia parado algures, era nas lojas de objectos religiosos de rua S. Sulpício ou nas prateleiras de livros da rua Soufflot ou da avenida S. Miguel. Quando o sol era convidativo, eu passava pelo jardim do Luxemburgo.

Gostava da praça de S. Sulpício com o seu fontanário de aspecto tão grave que sustenta as estátuas sentadas de Bossuet, Fenélon, Massillon e Fléchier; a fachada do Seminário cujas estreitas janelas fazem imaginar umas celas austeras, os grandes alpendres da igreja guardadas pelas estátuas de S. Pedro e S. Paulo, e as suas altas torres.

Encontrava no meu caminho o Luxemburgo⁵⁰ e passava, às vezes, diante do palácio, outras, pelo jardim. A vista do belo alarga o espírito. Esta residência de príncipes tem um aspecto nobre e belo. É a grande arte da Renascença no seu período mais alto e mais sóbrio. E o jardim! É realmente duma rainha, e duma rainha italiana⁵¹. / (37v^o) Que riquezas e que encanto são para os estudantes as suas alamedas, os seus terraços, os seus lilases, os seus laranjais, o seu viveiro. Que ar imponente têm as suas lagoas e as suas estátuas, especialmente as das rainhas e das mulheres famosas da França. Quantas vezes lá fui, nos intervalos das aulas, para estudar, fazer algum exercício de piedade ou preparar um exame, sentado no banco de pedra duma avenida, ou passeando nas solidões do viveiro.

Este palácio, aliás, carrega grandes recordações. Ele é quase sagrado desde que serviu de cadeia, no tempo da convenção, às vítimas da Revolução. Ele hospedou a Câmara dos Pares sob a Restauração, e o Senado nos dois Impérios. Foi residência do Primeiro Cônsul, sede do Directório e do Consulado. Nele ecoaram as nobres e cristãs palavras de Montalambert. - Fiz também algumas deliciosas visitas ao seu museu da Escola francesa, que tem telas bem bonitas. - No intervalo das aulas, ia muitas vezes à biblioteca S. Genevieva. Nas nossas grandes bibliotecas públicas, sente-se sempre um aperto / (38r^o) de coração, pensando que as suas principais riquezas são o fruto da pilhagem dos conventos. A biblioteca S. Genevieva tem 40.000 volumes de teologia.

Um dos meus recreios era passar alguns minutos no Panteão, o belo templo construído por Soufflot. É frio, há lá uma mistura de cristão e de profano que nos magoa. Temos de ver no frontão Fenélon ao lado de Voltaire, e as criptas que deviam conter só os túmulos dos santos abrigam os dos coriféus da filosofia ímpia e da Revolução. E todavia as relíquias de S. Genevieva lá estão, e exercem uma atracção irresistível; além disso, esses frescos que representam os grandes factos históricos da França cristã fazem uma profunda impressão. A França aí é lindíssima, ela mostra-nos o que ficará da sua história no céu, os seus heróis cristãos e a sua vida cristã.

Para a vida material, meu irmão e eu encontrávamos maneira de viver em condições absolutamente dignas embora modestas. Na rua Madame fazíamos-nos servir em casa por um / (38v^o) restaurante próximo. Quando vivemos na rua Bonaparte,

⁵⁰ N. T. **Luxemburgo** é um famoso palácio-museu de Paris; é assim chamado porque construído no sítio da casa do Duque Francisco de Luxemburgo. Foi residência da Rainha Maria de Médicis (viúva de Henrique IV), que o reconstruiu com o actual esplendor.

⁵¹ Trata-se da rainha Maria de Médici (1573-1642) que casou com Henrique IV em 1600.

tornámo-nos clientes do hotel S. José, na praça S. Sulpício, e mais tarde de uma mesa comum na rua Racine onde, à Sexta-feira, encontrávamos um serviço de peixe especial para nós dois.

A ESCOLA DE DIREITO: OS PROFESSORES

A Escola de Direito não me deixou más lembranças. Vejo-me ainda chegando lá com a pasta debaixo do braço e arrumando-me entre os alunos, às vezes no grande anfiteatro, outras vezes no pequeno, conforme a importância dos cursos. Há um certo nível e segundo todas as aparências ainda há bastantes almas de Deus entre esses jovens que serão em breve os magistrados, os advogados, os homens de leis da nossa França. O estudante cábula não vai às aulas.

O corpo professoral formava um conjunto digníssimo de respeito e de estima. Domina entre eles a nota religiosa. Alguns são bons paroquianos, e mesmo “fabricheiros” de S. Sulpício ou de S. Germain-des-Prés. Encontrava lá o Sr. Colmet d`Aage, o Sr. de Valroger, o Sr. Vuatrin. Mas não / (39rº) entrei em relações íntimas com nenhum deles. Sentia perfeitamente que o estudo do Direito era para mim só uma passagem, e as minhas preferências estavam noutra lado.

Segui o Sr. Duverger e o Sr. Oudot no Direito Civil, o Sr. Pellat e o Sr. Demengeat no Direito Romano; mais tarde fui ao curso do Sr. Batbie para o Direito Administrativo e do Sr. Valroger para a História do Direito. A minha tese de doutoramento pôs-me em relação com o Sr. Valette.

O Sr. Duverger era o tipo de professor correcto, metódico e mesmo assim interessante. Era muito seguido.

O Sr. Oudot era um filósofo, um moralista. Ele dava a teoria do Direito, mais que um ensino prático.

O Sr. Demengeat deixará um nome no Direito Romano. Era um trabalhador. Entusiasmava os alunos que todavia eram barulhentos nas suas aulas. O Sr. Valette fora deputado de Paris em 1848; era também um teórico.

O Sr. Batbie viria a ser mais tarde um político. Foi deputado, senador, ministro, prestando a sua / (39vº) ajuda à causa conservadora.

O DIREITO - EXAMES

Tinha passado o meu primeiro exame de Direito em Dezembro. Passei o segundo, o de Direito Romano, no mês de Março. Reservei o terceiro, o que dá o título de bacharel em Direito, para o mês de Julho. Fi-lo, de facto, a 26 de Julho, alguns dias depois de voltar de Londres.

Compreendo agora porque a Providência me fez passar por estes estudos de Direito. Para onde iria eu aos 16 anos? Era cedo demais para ir para Roma. De resto, eu teria aproveitado menos de Roma sendo tão novo e não estaria lá na grande altura do Concílio⁵². O Senhor queria-me primeiro em Paris, onde se encarregava de velar sobre a minha alma, e este período de cinco anos viria a ser-me extremamente precioso pelos próprios estudos, pelas relações, o conhecimento do Mundo, as viagens.

O estudo de Direito tem os seus "quês", mas no conjunto é muito favorável ao desenvolvimento do espírito.

O que é que em Paris faz lembrar melhor / (40rº) as grandes escolas de Atenas onde os filósofos ensinavam aos seus discípulos a procurar a verdade, a justiça e o bem?! É com certeza a Escola de Direito.

O Direito é um ramo da Moral, e apoia-se na Filosofia.

Por este estudo estamos constantemente em contacto com espíritos elevados. O método seguido desenvolve a razão, o discernimento, o poder de juízo. Deve-se procurar sobre cada questão o princípio-verdadeiro e o pensamento do legislador. Este estudo foi para mim uma preciosa preparação para os cursos de Roma. - E são de certo grandes problemas, os da personalidade e dos direitos civis, da família (casamento, paternidade, etc.), da propriedade (heranças e contratos).

O Direito_comercial oferece um interesse secundário, apesar dos assuntos da Bolsa e do Câmbio.

O Direito Penal enlaça-se muito com a Moral. Estuda os mesmos problemas: responsabilidade, cumplicidade, etc... Ele dá a medida do estado religioso dum povo. O nosso / (40vº) mutilou estranhamente o decálogo. Quebrou a primeira tábu da lei. Entregou Deus ao insulto e ao desprezo, sem Lhe defender a honra. O código penal devia

⁵² N. T. Trata-se do C. Vaticano I, do qual se falará muito no vol. III, pois o nosso Fundador foi um dos 4 estenógrafos. (Vol. III, pag. 219 sg.)

começar por castigar a blasfémia e a profanação do Domingo. Ele honra unicamente o Deus-Estado, e começa pela repressão dos crimes e atentados contra a nação ou o soberano.

O nome dos ministros dos cultos aparece logo, mas é para castigar os seus ataques contra o Deus-Estado. Quando uma sociedade tem uma legislação deste género, Deus toma a sua própria defesa e não protege essa sociedade.

O curso de direito administrativo interessava-me. Era dado por um cristão, o Sr. Batbie, mas um cristão liberal e parlamentar e ressentia-se disso.

A história do direito é cheia de interesse. O professor, Sr. Valroger (irmão do Oratoriano,⁵³), fez passar sob os nossos olhos as origens das nossas instituições e do nosso Direito, a organização religiosa, civil, judicial, administrativa, financeira, militar da França / (41r^o) nos diversos períodos da nossa história. Católico liberal e parlamentar, desenvolveu-nos a tese do liberalismo e do galicanismo⁵⁴. Mesmo os melhores espíritos não se elevavam mais do que isso nesse ambiente.

AINDA O CÍRCULO

Eu frequentava muito o Círculo católico neste 2^o ano, mais ainda do que no 1^o. Ele oferece tantos recursos! O que me atraía nele, eram os jornais e revistas, as conferências de literatura e de direito, os serões recreativos e algumas amáveis amizades.

Comecei a criar interesse pelo movimento político, literário e religioso. Gostei de Veuillot. A grande questão do liberalismo católico começou a tornar-se para mim um

⁵³ Jacinto de Valroger (1812-76) entrou no Oratório em 1852. Em filosofia defende o ecletismo. Aplicou-se também ao estudo das religiões da Índia.

⁵⁴ NT- Galicanismo: doutrina que, na França, contesta em certos pontos a autoridade suprema do Papa (a palavra vem de gallicus = gaulês; em latim a Igreja da França é de facto a ecclesia gallicana). Surgiu no tempo do rei-absoluto Luís XIV, condenado na Declaração de 1682:

- 1- O Papa tem autoridade unicamente espiritual, por isso não pode destituir reis e príncipes;
- 2- Mesmo no domínio espiritual o Papa pode ter os seus poderes limitados pelo concílio;
- 3- As leis da Igreja são limitadas pelas leis e costumes da França.

Luís XIV deu força de lei a esta "declaração"; mais tarde, achando-se em apuros com toda a Europa, aceitou que Alexandre VIII anulasse a declaração, sem declarar censura alguma contra o rei, nem contra a maioria dos bispos que estavam do lado dele. Finalmente, em 1693, em carta ao Papa, Luís XIV renunciou à declaração. Isso não impediu que príncipes e bispos continuassem "galicanos" de espírito até aos nossos dias, chamando "ultramontanos" (=além dos montes, os Alpes, para a França, Roma e o Papa ficam de facto "além dos montes"). Napoleão foi ultragalicano. Com o Vaticano I, que declarou a infalibilidade pontifícia, o "galicanismo" tornou-se heresia. Alguns padres não aceitaram a doutrina do Vaticano I e separaram-se da Igreja. O triste padre Loison queria fundar nada menos que uma "Igreja nacional francesa".

problema cuja solução não encontraria senão em Roma. Contudo, eu pendi para a verdade total, para o reconhecimento completo dos direitos de Deus.

Fazia às vezes a minha partida de Whist⁵⁵, à noite com alguns assíduos, entre os quais o Sr. Poisson que descreverei / (41v^o) mais adiante. Eu gostava de assistir aos pequenos serões do Domingo. Tomávamos o chá como em família e muitas vezes havia excelente música. O encanto e o proveito destas reuniões consistiam na troca de sentimentos cristãos, na comunicação de um entusiasmo fácil por todas as causas nobres e ideias generosas. Não creio que Paris tenha algo de mais encantador do que estas reuniões em que se encontram todas as elites, todas as esperanças e como que todas as flores, as da juventude, as da fé, as da nobreza, as da inteligência. Dou graças à Providência por me ter trazer até cá. Vejo aí o gérmen e a semente da França regeneradora, como o gérmen da ressurreição dos Judeus estava conservado nos Macabeus. - Há um bom número desses jovens cuja lembrança ainda me dá alegria e edificação. Sem falar de Luís Perreau e do Sr. Gilbert que seriam mais tarde meus companheiros de estudos em Roma e que ganhavam a sua vocação pelo seu zelo nas obras de Paris, guardei / (42r^o) a melhor recordação de Thellier de Poncheville, sempre tão alegre, tão espiritual, tão amável e ao mesmo tempo tão puro, ele que era tão cómico mas que nunca pisou o teatro; de Sabaatier, modelo de educação delicada, orador nobre e sedutor, hoje advogado célebre no Supremo Tribunal; de Pegat, também tão amável, tão bom músico, hoje magistrado em Montpollier; do barão de Vaux, grave, digno, mas extremamente bom. Thellier é deputado de Valenciennes. Omito os outros.

RELAÇÕES - SAÍDAS

O tempo passava-se entre a igreja, a escola, o círculo e o meu quartinho. Contudo saía à vezes com meu irmão. Devo aqui fazer justiça ao meu irmão; ele sempre me edificou, encorajou e protegeu. Sou-lhe extremamente grato. Em Paris como em Hazebrouck ele foi sempre para mim um "Mentor"⁵⁶ ou melhor um Rafael⁵⁷. Menos levado do que eu à oração e às obras caritativas e não tendo a mesma vocação, ele gostava /

⁵⁵ Jogo de cartas de origem inglesa introduzido em França no reinado de Luís XIV. O nome vem do facto de que se tem de jogar em silêncio (whist = sssstt!...).

⁵⁶ NT- Mentor, amigo de Ulisses, que ficou encarregado do filho deste, Telémico, enquanto Ulisses ia à guerra de Tróia. É o tipo de conselheiro e do preceptor perfeito. Tem actualmente valor de nome comum: mentor = guia, conselheiro.

⁵⁷ NT- Rafael é o arcanjo S. Rafael que aparece no livro de Tobias, do Ant. Testamento. Ele acompanha o filho do velho Tobias, ajuda-o a vencer todas as dificuldades e volta a trazê-lo ao pai, rico e bem casado.

(42v^o) de me ver piedoso, e deu-me muitos conselhos úteis para o trabalho e educação. Fiz algumas concessões aos seus gostos, mas sem perigos para a minha alma. Demos alguns passeios aos campos Elísios; fomos às corridas [de cavalos] e assistimos a algumas peças de teatro escolhidas. Víamos pouca gente, além do nosso tio que morava primeiro no cais des Orfèvres e mais tarde em Montmartre. O nosso tio era profundamente religioso, foi sempre praticante; dele não recebíamos senão bons conselhos.

ARTES DE LAZER

Eu recebia lições de piano e de desenho, mas nunca fui artista. Empreguei nisso bastante tempo sem grande proveito. O estudo da música, todavia ajudou-me a sair-me menos-mal no canto litúrgico. Tinha as aulas de desenho com Noël, um conhecido pintor de Marinas. Tive lá uma visão do mundo artístico sob uma luz bastante favorável. Essa oficina era bastante correcta. Havia alguns alunos que não eram maus / (43r^o) de todo. Compreendi aí os bastidores da arte ou do ofício de pintor: O artista precisa de um longo trato com os modelos que ele imita ou copia, uma oficina graciosa e ornada, dedos feitos ágeis pela natureza ou pelo trabalho, uma imaginação rica e sempre mantida acordada, sentimento, um trabalho moderado que deixe tempo à contemplação, uma vida interior, amável e alegre.

LONDRES: ABRIL - MAIO - JUNHO 1861

Chegado o mês de Abril, já não me encontrava tão preocupado com o direito. Rapidamente foi traçado um programa. Iria passar três meses em Londres para aprender inglês. Um priminho, Léonce Wateau de Guise, viria comigo, Ele iria juntar-se comigo em Calais. Eu tinha escrito ao venerável reitor da capela francesa de Londres, o P. Tournel; ele arranhou-nos um alojamento familiar na casa de duas senhoras, Mrs. Harley, n^o11 York Street, Baker Street.

Embarcámos em Calais. Era a minha primeira viagem por mar. Muitas mais iria eu fazer nos / (43v^o) cinco anos seguintes. O mar eleva a alma para Deus. O homem sente-se tão pequeno e tão dependente, face à imensidade do céu e das águas e face a perigos contra os quais a única defesa é a Providência.

O comboio levou-nos de Dover⁵⁸ a Londres através de ricas culturas e pradarias. Descidos na estação Victoria, tomamos um 'cab'⁵⁹, uma dessas viaturas originais em que o cocheiro está empoleirado sobre a capota. Os ingleses têm o sentido do útil, mas não o do bom gosto. Instalamo-nos no nosso modesto domicílio de York Street. Eis-me agora inglês e membro duma família inglesa durante três meses.

A Sr^a. Harley ocupa uma dessas 200.000 casas de tijolo, cinzentas e enegrecidas pelo fumo, que formam Londres.

Em Londres cada família ocupa uma casa inteira. As casas só têm um, dois ou três andares. Quase todas têm uma cave para as cozinhas, iluminada por uma vala de escoamento, ou por um fosso que corre ao / (44r^o) longo das ruas. Ao lado das ruas correm grelhas que protegem essas fossas. Desse modo os apartamentos do rés-do-chão são totalmente livres; é mais confortável. Os fornecedores só comunicam com a cave. As ruas são muito uniformes, ou antes, muito monótonas e bastante tristes.

Os interiores, porém, são limpos e bem cuidados.

A boa senhora Harley é uma venerável mãe de família. Boa cristã, ela tem autoridade e conduz a família duma maneira muito edificante. Tem em casa a sua irmã Sra. Murphy, piedosa velhota solteira; a filha casada, e vários netos. A jovem família vive, à parte, no primeiro andar. Habitualmente só teremos contactos com a Sra. Harley e com a Sra. Murphy, mas estaremos com elas como pessoas de família, partilharemos da sua mesa e faremos como elas as partidas de Whist. - Este ambiente sinceramente católico sempre me edificou, e louvo o Senhor por me ter conduzido a ele.

Eu apreciava muito os costumes. Gostava da seriedade de comportamento, / (44v^o) da simplicidade e regularidade da sua vida. Tudo, até o sistema político, me pareceu sério e marcado pelo bom senso. Este povo é realmente ajuizado, prático e sério. Esta nação aristocrática é mais igualitária do que nós. O fato é o mesmo para todos os ingleses, salvo ser mais velho ou mais novo. Os homens do povo usam o chapéu e o casaco tal como os lordes e os barões. As mulheres do povo levam igualmente chapéu.

⁵⁸ NT - No texto há Douvres que é a grafia francesa de Dover.

⁵⁹ NT- Cab é a abreviação de cabriolet, escrito em português "cabriolé", carro leve de duas rodas de capota móvel, para dois passageiros, e serve para percursos breves e rápidos. O cocheiro ficava por trás da capota, de pé, sobre um suporte especial, e guiava o cavalo manobrando as rédeas por cima da capota e dos passageiros.

A dieta alimentar tem a sua razão de ser, nesse clima. Os ingleses tomam chá de manhã e à tarde. Comem ao meio-dia carne assada, especialmente de vaca. A sua cerveja é forte. Alegram as refeições com vinhos generosos de Espanha, sobretudo o Jerés.

Gosto também de me lembrar do meu companheiro de estadia em Londres, o meu primo Wateau. Ele era bom, simples e religioso.

Que lembrança deliciosa guardo da pequena capela francesa, pertinho da nossa habitação! Dois veneráveis padres do Pas-de-Calais a serviam, os dois padres Toursel. / (45 rº) Essa capela era uma simples sala irregular, mas tudo aí se faz com muita devoção. Assistia nela aos ofícios de domingo, à missa durante a semana e às cerimónias do mês de Maria. Londres já tinha umas tantas igrejas católicas, mas nenhuma de grande valor artístico.

O tempo passou muito depressa em Londres. Eu estudava inglês e começava já a falá-lo. Tinha como professor um outro locatário da Sra. Harley, um bonito moço chamado Poix Tyrel, neto de emigrantes, empregado de comércio numa qualquer grande firma da City.

Não descuidava inteiramente o direito. Quando o tempo era bom, eu ia ler, pelas avenidas ou aos relvados de Regents Park, algumas páginas do comentário de Mourlon.

Algumas saídas, visitas e passeios davam-me também a ocasião de falar um pouco de inglês.

Londres visita-se depressa. Tem cem vezes menos coisas interessantes do que Paris. Tem poucos monumentos, / (45vº) além da igreja e do palácio de Westminster e da torre de Londres. O movimento comercial da City e das docas⁶⁰ do porto, a frescura dos parques e alguns traços salientes dos costumes ingleses, merecem também a atenção.

WESTMINSTER

O monumento mais interessante de Londres é a abadia de Westminster. Visitei-a bastantes vezes e sempre com emoção. Falta nela o culto católico; como é que o povo inglês não fica chocado com isso? Aí, tudo o acusa da sua apostasia, tudo apregoa a

⁶⁰ A City é o centro dos negócios de Londres. É também a parte mais antiga da cidade. As docas são a grande bacia das águas do rio rodeada pelos cais para a descarga dos navios, com os grandes entrepostos para o comércio marítimo.

Eucaristia, até a própria disposição da Igreja e dos altares; tudo prega o culto dos santos, as estátuas, os vitrais, o nome das capelas. A capela dita de Henrique VII, que é como uma segunda Igreja na abside da primeira, não presta porventura uma esplêndida homenagem à virgem? Eu invoco Maria por esse povo. Invoco também por ele os patronos das capelas da sua abadia real: S. Miguel, S. João, S. André, S. Paulo, S. João Baptista, S. Edmundo⁶¹, S. Nicolau, S. Erasmo.

O túmulo de S. Eduardo o Confessor / (46r^o) ainda lá está, como também as relíquias de S. Eduardo o Mártir.⁶² Mas essas relíquias não são veneradas. Como poderá o culto verdadeiro ser reintegrado nesta Igreja, agora que está cheia de túmulos profanos e heréticos que rodeiam o sepulcro do santo rei?

Este povo não teve uma revolução social; só teve uma revolução religiosa. Parece estar orgulhoso disso, mas acho que se deve ter mais pena dele do que de nós. Respeitou os palácios e as cinzas dos seus reis e as residências aristocratas, mas tirou às almas, o seu pão sobrenatural que é a verdade e lançou-os fora do seio da Igreja que é a sua mãe.

Os ingleses fizeram desta igreja de Westminster uma espécie de Panteão. Ao lado dos túmulos reais, são apresentados os grandes homens da nação, seja pelos seus sepulcros ou por simples monumentos comemorativos. O mais notável é o '*Cantinho dos poetas*', como eles dizem; é uma nave lateral onde se encontram os monumentos / (46v^o) de Shakespeare, de Milton, e de uma centena de outros. Não gosto nada destes paraísos híbridos onde estão misturados, sob a etiqueta comum da glória terrena, filhos de Deus e filhos do erro. Só Deus sabe fazer um paraíso, os homens não deveriam pretender isso.

O PARLAMENTO

Ao lado da Igreja abacial está o '*Parlamento*', edifício grande e imponente, estilo século XV, reconstruído por volta de 1850. Essa longa fachada gótica de 300 metros,

⁶¹ NT- S. Edmundo, rei, santo e mártir. Coroado rei aos 15 anos, bonito, corajoso, sábio e caridoso, passava semanas no silêncio de algum mosteiro a rezar e a pensar nos assuntos do reino. Numa invasão repentina dos Daneses que violaram o tratado de paz, o pequeno exército foi posto em debandada. O rei entregou-se ao inimigo, libertando os seus dos juramentos de fidelidade para que voltassem salvos a suas casas, evitando assim uma inútil perda de vidas dos seus amados súbditos, obrigado pelos invasores a assinar tratado contrário à justiça e à religião, recusou-se firmemente, sendo por isso decapitado. Ainda não tinha 30 anos. Durante muito tempo a sua festa foi dia santo para a Inglaterra.

⁶² Eduardo mártir, tio paterno de Eduardo o Confessor foi assassinado em 978 ou 979. As suas relíquias encontram-se em Shaftesbury onde foram descobertas nas escavações de 1931.

muito perfurada e muito ornamentada, ao longo do Tamisa, produz um efeito maravilhoso. Efeito realçado ainda mais pela grande torre Victoria⁶³ de 134 metros de altura. Os ingleses mostram-se realmente grandes nesta construção. Ela ultrapassa tudo o que eles construíram desde há três séculos. É que se tratava da sua grande instituição nacional, do '*Parlamento*', e encontraram a sua inspiração para lhe erguer um palácio. A grande sala abobadada em madeira, que serve hoje de vestíbulo ao parlamento, é um resto do antigo palácio.⁶⁴ / (47r^o) Ela guarda gloriosas recordações. Era aí que se reuniam as grandes assembleias dos parlamentos, que foram condenados Carlos I, Tomás Moro, etc...

A TORRE DE LONDRES

A Torre de Londres corresponde ao nosso velho Louvre. Já foi castelo real, fortaleza, prisão de Estado. É a antiga cidadela de Guilherme o Conquistador. Lembra, aliás, o castelo de Caen, sua capital normanda. Estava bem colocada, à entrada do Tamisa⁶⁵; a sua torre de menagem e as outras torres protegiam a cidade. Os guardas da porta e da ponte levadiça vestem ainda a antiga farda dos guardas de Henrique VIII. Só duas torres podem ser visitadas, a Torre branca e a das jóias. Esta encerra as jóias da coroa: diamantes, ceptros, coroas, baptistério, serviço real, frasco contendo o óleo da sagração (dos reis). Dizem que tudo isso vale 50 milhões. Os ingleses destruíram, ainda mais do que nós, o seu mobiliário religioso: cálices, ostensórios, casulas, relicários, etc. A Torre branca inclui os antigos aposentos / (47v^o) reais, a capela de S. João, belo exemplo de arquitectura normanda, armaduras reais. A Torre tem centenas de recordações políticas de todos os tempos, mas o que mais me impressionou foi a lembrança das perseguições religiosas, o encarceramento e a morte das vítimas de Henrique VIII, das quais se prepara agora a canonização, Tomás Moro e João Fisher em especial. Eles

⁶³ NT- Esta torre Vitória é a que se chama agora o Big Ben. Mas o Big Ben na origem era só a fama do relógio dessa torre. E o nome vem do arquitecto que montou o relógio; o verdadeiro Big Ben era o dito arquitecto que se chamava Benjamim e que era um gigantão (Big = grande).

⁶⁴ As "Halles" de Westminster (o vestíbulo) foram concluídas pelo rei Guilherme II, o Vermelho. Mais tarde Ricardo II, reconstruiu-as em 1397 com as abóbadas grandiosas feitas de madeira dos carvalhos pluriseculares do Sussex. É sem dúvida um dos arcaibóios de tecto mais arrojado jamais construído.

⁶⁵ Trata-se da entrada do Tamisa no grande porto comercial de Londres que começa em "Tower Bridge". A "Torre de Londres" encontra-se no extremo este da City.

repousam aí, diz-se, numa pequena capela que não se visita e que é dedicada a S. Pedro-in-Vinculis.⁶⁶

A CITY - AS DOCAS - O COMÉRCIO

Uma das coisas mais notáveis de Londres é o seu grande movimento comercial. Este povo pôs nele toda a sua actividade. Parece que tudo o resto lhe esteja subordinado, e que da própria religião só tenham guardado o que era necessário para o bom funcionamento do trabalho e dos negócios: o descanso dominical.

O verdadeiro centro de Londres e como que o coração da cidade, é a sua City, que é toda ela armazéns e repartições. Londres conservou as suas grandes corporações que têm a sua personalidade civil, os seus / (48r^o) recursos, os seus hotéis. Que pena que este povo com todas as suas forças sociais não preste obediência à Igreja! O porto e as docas completam a City. Londres factura negócios com o estrangeiro por três biliões por ano. O porto tem cerca de 3.000 navios. As docas contam sempre de 1.200 a 1.500 em carga ou descarga. O porto de Londres lembra-me um dos episódios mais impressionantes desta viagem, um imenso incêndio de navios carregados de algodão, de petróleo e de outras matérias inflamáveis, no Tamisa. Era de noite, e toda a imensa cidade estava a pé. Toda a população dirigia-se para as pontes e os cais. Que espectáculo estranho, grandioso e sinistro ao mesmo tempo. Os navios não atingidos empurravam os que ardiam para o meio do rio. Havia reflexos estranhos na água e uma luz baça sobre toda a cidade. Lembrava-me dos grandes incêndios da História.

Em suma, este povo é abençoado no / (48v^o) seu trabalho e no seu comércio, porque observa seriamente alguns preceitos do decálogo, particularmente o segundo e o terceiro. Todavia, a sua prosperidade está longe de ser completa; há muitos pobres; ele gasta anualmente meio bilião para manter em cada paróquia a partilha da caridade, o Workhouse, casa onde a miséria aparece em toda a sua fealdade.

⁶⁶ Na realidade o corpo de S. João Fisher foi enterrado no cemitério de Todos os Santos, de Barking. A sua cabeça foi exposta no alto duma haste na ponte de Londres durante 15 dias e depois lançada ao Tamisa. Foi posta no lugar dela a de S. Tomás Moro. Não há relíquias de João Fisher, a não ser um fragmento de osso conservado no Stonyhurst College. A cabeça de S. Tomás Moro devia também ser lançada ao rio, mas a filha predilecta do Santo (Margaret Roper) conseguiu subtraí-la com bom dinheiro. Encontra-se actualmente na igreja de S. Dunstan em Canterbury, provavelmente na cripta familiar dos Roper. Perdeuse o rasto do corpo do Santo. Supõe-se que deverá encontrar-se no túmulo que ele tinha construído para si na antiga Igreja de Chelsea (Chelsea Old Church).

As corporações têm, para os seus sócios caídos em miséria e para os órfãos, umas casas de caridade com bons rendimentos, muitas vezes luxuosas, que correspondem aos nossos hospícios.

O DOMINGO

Fiquei bem impressionado com a estrita observância do Domingo na Inglaterra. Toda a maravilhosa actividade deste povo pára do sábado à segunda. É o costume e é a lei, Não há excepções, o Estado guarda esse costume como os particulares. Tudo pára, até os próprios comboios, o correio, os jornais.

Toda a população participa nos serviços religiosos. As sociedades bíblicas espalharam mesmo o costuma de parar / (49rº) o trabalho no sábado ao meio dia ou às duas horas, para que o operário pudesse entregar-se aos cuidados de limpeza e de casa em preparação do Domingo. A lei ajuda ao costume. Toda a violação externa do Domingo pelo trabalho ou mesmo pelo divertimento barulhento seria punido com uma multa. O costume tem os seus exageros e as suas falhas. Se um habitante de Londres se descontraísse tocando piano ao Domingo, seria avisado pela polícia: isto é puritanismo.

Por outro lado muito dos ingleses fogem aos rigores do costume partindo para o campo, onde os lugares de diversão estão cheios de gente e onde a aguardente e a cerveja correm a rodos. Apesar disso o descanso Dominical é uma grande instituição e uma grande força do povo inglês. Um povo que toma regularmente o descanso necessários para a alma e para o corpo, um povo que se retempera nos serviços religiosos e nas tradições familiares, é bem mais valente que qualquer outro, para o conselho e para a acção. Quanto a mim, tirei / (49vº) uma grande força desta vida de poucos meses passados no meio deste povo religioso, ponderado, activo, observante das leis e costumes. Parece-me que para um jovem francês será sempre proveitoso passar alguns meses em casa de católicos ingleses ou alemães.

ALGUNS COSTUMES CARACTERÍSTICOS

Os ingleses têm uma espécie de culto pelos costumes e tradições. São conservadores como nós somos revolucionários, por natureza. Eles não adoram o ídolo francês chamado "*a Moda*". É uma vantagem imensa que eles têm sobre nós; com os costumes eles guardaram a observância bastante completa do decálogo na vida privada e

na vida social. Com o costume, eles têm o bom senso, sentido prático muito desenvolvido que lhes é precioso para os costumes como para o comércio e a indústria, e que os ajuda a fazer as coisas simplesmente e utilmente.

O amor dos velhos costumes manifesta-se em Londres por vários detalhes que são um índice do espírito de conservação.

Por exemplo, os magistrados vestem ainda nos tribunais a peruca / (50r^o) poeirenta do século XVII. Os alunos das universidades conservaram mesmo em Londres a capa ou batina da Idade Média e um curioso boné coberto por uma plataforma quadrada. Os lacaios das grandes casas são ainda suíços cobertos de pó de arroz.

É sempre o direito do costume que dita a lei em Inglaterra. As leis civis e penais não foram codificadas

As liberdades civis e municipais são muito amplas. O espírito da associação agrupou e fortaleceu todos os elementos activos da nação. A aristocracia e a burguesia têm os seus clubes; o comércio e a indústria, as suas corporações. Estas associações têm por sede verdadeiros palácios que atestam o seu poder. Os «clubes» encontram-se especialmente em West End;⁶⁷ (1) as «halls» das corporações estão na City.

Londres tem alguns teatros ricos, solenes e caros. Os ingleses vão menos ao teatro que os parisienses. - Em Londres não são conhecidos os cafés. Os poucos que existem estão especialmente no bairro francês, à volta do Leicester Square. Este bairro francês pouco nos / (50v^o) honra. Representa a França com os seus Modistas, cabeleireiros, cafés-concerto e com a sua corrupção. O inglês não sabe «matar o tempo». Ele vai sim à taberna para beber cerveja ou *gin*, mas não passa aí o tempo.

Os *parques* são uma especialidade de Londres. São simples prados, cortados por avenidas e embelezados por alguns bosquezinhos de árvores. Hyde-Park e Regents-Park são os principais lugares de passeio aos domingos. Os parques são públicos, as praças são geralmente reservadas aos habitantes das casas limítrofes. Uma especialidade do domingo no Parque⁶⁸, são os oradores ao ar livre. Isso parece ser ainda um costume da Idade Média. Homens, com certeza delegados de alguma associação, sobem a um banco e desenvolvem uma ideia moral ou religiosa; o povo junta-se e escuta. Há assuntos que se repetem frequentemente, a questão da embriaguez por exemplo, ou a propaganda

⁶⁷ É o quarteirão elegante de Londres

para as sociedades de “*temperança*”. Estas “*sociedades de temperança*” são uma das curiosidades dos costumes de Inglaterra, nas quais / (51r^o) se se compromete a não usar bebidas fermentadas ou espirituosas. São numerosas em Inglaterra. Têm hotéis em todas as cidades para os viajantes. Têm certamente neste país uma grande acção moral.

Uma outra particularidade de costumes que me impressionou é a grande abundância de reclames: os cartazes colossais, os homens-cartaz, os carros de propaganda, a propaganda dos jornais, etc. etc.; é uma marca da actividade comercial deste povo.

Os jornais têm uma enorme tiragem, visitei a tipografia do «*Times*». A composição do jornal é imediatamente estereotipada pela fusão numa liga metálica, sobre um cartão mole que recebeu a impressão profunda dos caracteres tipográficos e o jornal é em seguida multiplicado por vinte e cinco prensas a vapor. Os jornais são vastos, mas são sobretudo preenchidos com anúncios. O «*Times*», sobretudo, é por si só uma imensa agência comercial. Todos os jornais ingleses respeitam a religião e o direito monárquico. / (51v^o) Eles não têm aquela liberdade ilimitada que é em França um princípio de desordem social e religiosa.

Um dos prazeres mais queridos do povo inglês é o das corridas de cavalos. Têm por elas uma verdadeira paixão. Multidões acorrem às grandes corridas. Assisti àquela de Epsom no mês de Junho onde se corre o grande Derby. Há lá uma multidão agitada como o mar, um entusiasmo próximo do delírio. A rapidez dos seus cavalos é para eles uma glória nacional. Incidente estranho: a estação de Epsom estava apinhada à noite na hora do regresso. Numerosos comboios lá estavam. As carruagens estão fechadas à chave na Inglaterra. Ainda não deixavam entrar ninguém para os cais de embarque. Uma palavra circulou entre a multidão; e por um empurrão de ombros comum, as barreiras saltaram; todos se precipitaram de roldão e entraram para os comboios pelas janelas. Este povo não gosta das minúcias de regulamentos e de polícia; está habituado a procedimentos livres. / (52r^o)

⁶⁸ É especialmente no “Hyde Park”, no ângulo próximo de “Marble Arch” que esses pregoeiros se fazem ouvir principalmente aos fins-de-semana e nas tardes de verão.

ARTES-MONUMENTOS-RECORDAÇÕES

Quanto à arte, Londres comparada com Paris é como um deserto ao lado de uma terra fértil. Vejo duas causas principais desta pobreza de Londres em monumentos e obras de arte. A primeira é o grande incêndio de 1666 que talvez não tenha havido igual no mundo inteiro. Destruiu 30. 000 casas,⁶⁹ 89 igrejas e grande número de monumentos civis. Uma coluna dórica que os ingleses chamam «*Monument*» foi elevada na *city* em recordação deste incêndio. Ela tem 67 metros de altura, 20 metros mais que a coluna Vendôme. No topo tem uma urna cheia de chamas.

Uma segunda causa da pobreza de Londres em facto de arte e monumentos é evidentemente a Reforma. Ela fez secar a inspiração religiosa, suprimiu estátuas e retábulos, destruiu grande número de monumentos, e não soube construir nenhuma que seja verdadeiramente artística. Não há um só templo protestante que tenha alguma fama. / (52v^o)

Os ingleses gabam muito a sua catedral de S. Paulo, mas como ela nos faz lamentar a antiga catedral do séc. XIII que foi destruída pelo incêndio. É simplesmente uma fria caricatura de S. Pedro de Roma, e este estilo condiz tão pouco com os países do norte! Os ingleses tiveram sucesso só na arquitectura normanda e ogival. Desde que se agarraram ao Renascimento e que quiseram imitar Atenas e Roma, só fizeram coisas rígidas e mal desenhadas. Não há cidade que não tenha abundância de colunatas, pórticos e frontões. São esses os ornamentos correntes dos seus monumentos civis, dos seus palácios, das residências aristocráticas e dos clubes. É um fenómeno curioso este de um povo que durante séculos se dedica a uma arte que não corresponde ao seu génio próprio e produz unicamente obras sem gosto, sem grandeza e sem harmonia.

Dos museus de Londres guardei uma recordação bastante viva. No British Museum admirei a luxuosa e prática organização da biblioteca. Ela deixa muito para trás as bibliotecas de Paris. / (53r^o) Constatei a riqueza única deste museu em antiguidades orientais. Ele possui o que escapou ao naufrágio dos mármore do Parthénon⁷⁰ comprados por Lord Elpin; uma preciosa colecção de antiguidades egípcias e etruscas e

⁶⁹ É um número exagerado. Os 4/5 da City incendiada representavam apenas 13.000 casas.

⁷⁰ É muito a propósito que o padre Dehon fala do naufrágio dos mármore do Parthénon. Na época dos Turcos, foi o bombardeamento dos Venezianos que fez explodir o paiol que os Turcos aí tinham colocado. Esta explosão fez derrocar o centro do templo (1687). A retirada dos cavalos pelos venezianos continuou a destruição. Os Turcos autorizaram Lord Elgin a tirar numerosos frisos do Parthénon em 1801-1803 e que

finalmente os mármore e terracotas de Nínive trazidas por Sir Lagard. Estas colecções constituem uma das fontes de estudo mais abundantes para os orientalistas.

Há na National Gallery muitas telas notáveis. Parece-me ver ainda a Ressurreição de Lázaro, de Sebastião del Piombo, tão impressionante de colorido e de expressão, as admiráveis paisagens de Cláudio Lorrain e de Poussin, a adúltera de Rebrandet, vários Ticianos e Van Dyck.

A escola inglesa de pintura é pobre, uma das mais pobres da Europa. Como a arte religiosa lhes foi quase proibida pelos costumes protestantes, só ficaram o retrato, os interiores, as paisagens e as marinas. A National Gallery tem belos retratos de Lawrence / (53vº) que é o corifeu da Escola inglesa, e cenas graciosas de Hogarth, de Wilkie e de Reynolds. Os ingleses admiram muito a Turner que produziu muito; eu acho-o cru e espalhafatoso.

Londres cultiva bastante fielmente o culto das recordações. A maior parte dos homens ilustres que aí viveram têm o seu túmulo ou um monumento comemorativo na abadia de Westminster ou em S. Paulo. Para outros a lembrança é constituída pelo nome dado a uma rua, ou por uma inscrição. Londres foi o lugar de nascimento ou de residência dos poetas: Milton, Pope, Byron, Shakespeare; dos filósofos ou sábios: Bacon, Locke, Newton; dos oradores e estadistas: Robert Peel, William Pitt, Fox, Sheridaan, Chatam, Canning, O'Connel. Gosto mais dos seus Santos: Thomas Becket, Thomas Moro, John Fisher, são pouco numerosos: Londres teria tido vários, de há três séculos para cá, se não tivesse passado à heresia.

Há dois homens de que Londres é muito orgulhosa porque triunfaram da maior nação e do maior / (54rº) guerreiro do mundo; são Nelson e Wellington os vendedores de Trafalgar e de Waterloo. Eles têm o seu túmulo em S. Paulo e os seus nomes estão por toda a parte juntamente com os das suas vitórias. A estátua de Nelson ergue-se sobre uma coluna de granito na praça de Trafalgar. Wellington tem pelo menos duas: uma na City frente à Bolsa, a outra no ângulo de Hyde-Park⁷¹

acabaram no British Museum. Outros fragmentos estão também no Louvre ou em Copenhaga ou ainda noutros museus, sem contar naturalmente o que ficou em Atenas

⁷¹ Os monumentos a Wellington não são duas colunas como o texto poderia fazer pensar. Primeiro, há a estátua equestre frente à Apsley House, residência do duque de Wellington; depois o Wellington Arch, no Hyde Parck Corner.

Londres guardou a recordação de alguns estrangeiros ilustres que aí residiram. A embaixada de França relembra-nos os nomes de Talleyrand e de Chateaubriand, dois homens igualmente célebres, mas tão diversamente simpáticos.

Artistas e escritores estrangeiros residiram em Londres, ou por seu gosto, ou por necessidade política; cita-se: Van Dyck, Watteau, Weber, Voltaire, Mme de Staël, o Sr. Guizot. Mas o que mais me impressionou foi a recordação dos príncipes franceses de diversas dinastias que o exílio atirou frequentemente para Inglaterra, como Carlos X, Luís Filipe, os príncipes José e Luciano Bonaparte, o príncipe Luís Napoleão; que grande / (54v^o) lição sobre a instabilidade das coisas humanas!

EXCURSÕES - TWICKENAM

Pedi audiência a um desses príncipes exilados ao duque de Aumale⁷² Ele não representava o meu ideal político, mas era da família real; tinha sido um valente general francês na Argélia e, para mais, era quase o senhor da minha terra natal pelo seu domínio de Guize. Ele morava em Twickenam numa herdade encantadora, bastante perto de Londres. A casa tinha uma aparência modesta mas era confortável, o parque era rico em belas árvores. Fui recebido pelo príncipe e pela princesa. Os seus sobrinhos, o conde de Paris e o duque de Chartres também lá estavam. Conversámos sobre Londres, a Inglaterra e o direito. Não houve entre nós nenhuma troca de ideias políticas e não era o lugar para isso. Eu devia ser convidado pouco depois ao castelo, mas a princesa deu à luz uma criança que não sobreviveu e as recepções foram anuladas. O ambiente pareceu-me digno e bom. A princesa que era dos Burbões de Nápoles⁷³ / (55r^o) contribuía para dar a esse interior um cunho cristão. Mas não provei aí as impressões profundas que iria provar mais tarde em casa do conde de Chambord em Frohsdorf.⁷⁴

⁷² Henrique Eugénio Filipe de Orléans, duque de Aumale (1822-1897) era o quarto filho de Luís Filipe I (filho de Filipe-Igualdade). Apoiado pelos orleanistas opunha-se ás pretensões do conde de Chambord cujos partidários se chamavam «legitimistas». Seguidamente uns e outros uniram-se para favorecer o conde de Chambord que fez fechar a restauração monárquica em 1873 por ter recusado a bandeira tricolor, que era a bandeira da Revolução

⁷³ Carolina de Salermo casou com o duque de Aumale em 1844 e deu-lhe dois filhos: o príncipe de Condé e o duque de Guisa, ambos mortos sem descendentes

⁷⁴ Henrique de Bourbon, duque de Bordéus, conde de Chambord, filho póstumo do duque de Berry e último herdeiro dos Burbões de França. Após a morte de Carlos X (1836) foi o pretendente ao trono com o nome de Henrique V, apoiado pelos «legitimistas». Tinha nascido em Paris em 1820 e morreu no castelo de Frohsdorf na Áustria em 1883. Foi aí que Leão Dehon lhe fez uma visita a 4 de Novembro de 1863 com seu amigo Palustre, no fim da viagem de férias através da Europa do Norte (N. H. V., 59r-60r).

Fiz outras excursões nos arredores de Londres e há umas bem interessantes a fazer. Elas não têm um fim directamente religioso, mas tudo o que é grande e belo porventura não eleva a alma ao Criador?

WINDSOR

Primeiramente, Windsor é o castelo real fundado por Guilherme o Conquistador nas margens do Tamisa.⁷⁵ É, julgo eu, o mais admirável dos castelos feudais que tenham ficado de pé.

O Louvre desapareceu, Coucy é só ruínas. Pierrefonds é um brinquedo ao lado de Windsor. Estes castelos apregoam bem o carácter dos nossos reis da Idade Média, a grandeza, a riqueza, a elegância mesmo, da harmonia e da arte, a fé que se testemunha pela importância e pela beleza da capela, mas sobretudo a força, o orgulho e o carácter militar. Comparem-se estes conjuntos com as Tuileries (56vº) e com os palácios modernos das nossas capitais, e será fácil ver a diferença de tempos, de costumes, de espíritos e de caracteres. A visão de Windsor deixa-me uma impressão profunda; passei lá um dos melhores dias da minha estadia na Inglaterra.

O conjunto do castelo impressionou-me mais que todo o resto. Todavia gostei de admirar alguns dos apartamentos principais; a sala dos guardas com suas armaduras, a sala de Van Dyck contendo mais de trinta quadros desse mestre, a sala de Waterloo com seus retratos de reis e de estadistas pintados por Lawrence; a sala de baile com suas admiráveis tapeçarias dos Gobelins. - A capela de S. Jorge é uma bela e rica igreja do século XIV⁷⁶. O interior é realçado por ricos vitrais e pelas cadeiras do coro delicadamente esculpidas, cada uma das quais traz a bandeira e o escudo de um cavaleiro da Jarretière. É na cripta desta capela que está sepultado o demasiado famoso Henrique VIII. Quando será que a família real inglesa voltará / (56rº) à Igreja? Espero que seja brevemente. Dizem que a duquesa de Kent mãe da rainha morreu católica.⁷⁷ A rainha é pietista⁷⁸ e parece estar de boa fé. Deus salva a sua alma!

⁷⁵ Guilherme o Conquistador tinha construído simplesmente um terrapleno rodeado por uma paliçada em madeira (1070). Um século mais tarde Henrique II mandara construir em pedra a «Round Tower» (=Torre redonda). O castelo foi construído só por volta de 1344 por ordem de Eduardo III

⁷⁶ Historicamente a construção é dos sec. XV e XVI. Começada por volta de 1483, foi acabada em 1528

⁷⁷ É a princesa Maria Luísa de Saxe-Saafeld-Cobourg que, em 1818, casou com Eduardo-Augusto, duque de Kent, 4º filho de Jorge III de Inglaterra. Ela foi mãe da famosa rainha Vitória (1819-1901).

⁷⁸ NT Pietista: que segue a doutrina do pietismo, doutrina nascida no Luteranismo, que se cingia à pura letra do Evangelho manifestando um fanatismo desequilibrado, dando origem a horríveis guerras civis,

De que vista esplêndida se goza do terraço de Windsor! O horizonte estende-se até Londres, e o Tamisa corre ao longo das ricas herdades que formam quase um parque único e imenso semeado de castelos e solares. O parque do próprio castelo prolonga as suas alamedas seculares até aos sítios grandiosos da Virginia Water e de Eton.

KEW, RICHMOND, HAMPTON-COURT

A meio caminho entre Londres e Windsor, Kew, Richmond, Hampton-Court formam um trio encantador. Kew e Hampton-Court são duas propriedades reais. Kew tem as mais bonitas estufas do mundo. A das palmeiras, sobretudo, é maravilhosa. Hampton-Court tem o seu labirinto, a sua latada de vinha que não tem igual e sobretudo a sua colecção de cartões de Rafael, colecção única e sem preço. Richmond tem o seu terraço ao longo do Tamisa, / (56v^o) o seu observatório, a sua colecção zoológica, especialmente o seu parque com suas alamedas e árvores seculares.

Todo este vale do Tamisa a norte de Londres é semeado de propriedades senhoriais. São outros tantos pequenos Windsors. Os castelos da aristocracia rodeiam o castelo real como os seus solares de West-End rodeiam o palácio de Saint-James.

A Inglaterra guarda bem o seu cunho de sociedade aristocrática. Esses castelos são geralmente grandes, severos, rodeados de um vasto parque sem outros ornamentos que relvados e belas árvores. Já não são as vilas burguesas dos arredores de Paris que são geralmente graciosas, elegantes, lindas, mas que os lordes ingleses devem achar bem mesquinhas.

O PALÁCIO DE CRISTAL

A minha última excursão foi para o Palácio de Cristal, o colossal brinquedo da Inglaterra. É um imenso edifício em ferro de vidro. É o palácio da exposição de Hyde-Park de 1851, aumentado e transportado para o meio de um parque vasto e graciosos, a algumas léguas ao sul de Londres. Aí os ingleses ultrapassaram-se a si mesmos. / (57r^o)

No conjunto desse lugar de divertimento há um ar de bom gosto e de graça que eles nunca alcançam.

alucinações e extravagancias, o povo alemão por vezes escondia vícios vergonhosos sobre as aparências de uma devoção farisaica «(Chaponnière)».

O palácio é bem colocado. Domina o parque que está graciosamente distribuído em relvados e rochedos. O parque tem belas águas, um jacto com mais de sessenta metros. A ilha geológica é um museu e como uma grande lição das coisas, pelas suas estratificações e seus fósseis artificiais. O Palácio de Cristal tem também uma finalidade instrutiva; ele oferece uma distração útil. Contem vastas estufas bem classificadas, colecções zoológicas, uma serie de salas organizadas no estilo architectónico dos diversos povos e das diversas épocas. Julgaríamos ver-nos transportados sucessivamente ao Egipto, à Assíria, a Pompeia, a Alhambra.

Se fosse ao pé de Paris, Sydenham seria invadido ao Domingo. Na Inglaterra, ele fica fechado e vazio nesse dia. A lei e o costume prevalecem sobre o interesse dos accionistas e sobre a tentação dos cristãos indiferentes ou tíbios. / (57v^o)

O REGRESSO - O EXAME

A minha estadia em Londres terminara. Considero-a como uma grande graça da Providência para mim. Para a formação do meu carácter e o consolidar da minha fé, era útil que eu pudesse contemplar com vagar os costumes graves deste povo e a influência da religião na vida social.

O meu primeiro fim fora o de estudar inglês, agora já o sabia bastante bem e podia manter uma conversação sem marcar demasiado o meu sotaque estrangeiro.

Não tinha esquecido completamente o direito.

Fiz as minhas despedidas da devota capela francesa, dos excelentes padres Toursel, da senhora Harley e da sua família e retomei o caminho da França. Mas eu tinha tomado o gosto das viagens, pareceu-me demasiado prosaico voltar por Calais e fui tomar o barco a Southampton para Le Havre.

Perto de Southampton, visitei Winchester, a antiga capital da / (58r^o) Inglaterra que não cedeu esta honra a Londres apenas no séc. XI, e foi ainda por muito tempo uma residência real.

A catedral de Winchester, construída do séc. XI ao XIV é uma das mais belas e mais interessantes da Inglaterra. Contém grande número de túmulos reais, como o de Alfredo o Grande, e o de Guilherme II, filho de Guilherme o Conquistador. Aí se vê

também a famosa mesa redonda, mesa de mármore em que estão gravados os nomes dos heróis da lenda, Artur, Parsifal e seus companheiros.⁷⁹

Ela possui ainda o sepulcro do bispo Fox morto em 1528, mais famoso pelas circunstâncias estranhas da sua morte do que pelo seu talento político e pelas suas altas funções como secretario de Estado de Henrique III. Ele teve o fanatismo indiscreto de querer imitar o jejum absoluto de 40 dias, como nosso Senhor. Nem sequer se concedeu a refrigério da água e das tónicas de que se servem os que agora jejuam, e morreu no 26^a dia. / (58v^o)

Nela repousa também o bispo São Swithin. Quando será que a Igreja Católica poderá voltar à posse deste edifício que lhe pertence em razão de tantas recordações e de tantos túmulos de príncipes que a serviram?

De Santamphthon só me lembro da actividade do seu porto, um dos mais importantes de Inglaterra, e das suas muralhas feudais.

Saudámos de passagem a graciosa ilha de Wight, residência frequente da rainha.

Desembarquei em Le Havre sem incómodos. As suas velhas muralhas e as suas torres começavam a cair sob a picareta, para permitir o alargamento da cidade e do porto. Eu tinha pressa de chegar a Paris. Aí consagrei algumas semanas na preparação do meu exame e alcancei o diploma de Bacharel em direito no dia 26 de Julho de 1861. / (59r^o)

III Ano de Direito 1861-1862

Este ano não foi diferente do precedente. Segui normalmente as aulas de direito até ao mês de Abril; depois fui novamente passar o Verão à Inglaterra.

DIRECÇÃO - O SR. DE LA FOULHOUZE

Tinha perdido o meu director, o Padre Prevel. Ele deixara a paróquia de S: Sulpício para ir fundar uma capela sucursal na periferia. Ele morreria lá pouco depois, esgotado pelo seu zelo. Foi uma grande perda para mim. Era um santo sacerdote. Eu devia-lhe

⁷⁹ A famosa «Távola redonda» não se encontra na sé de Winchester, mas está fixada numa das paredes da grande sala: é tudo o que fica do castelo começado por Guilherme o Conquistador e acabado por Henrique III em 1325.

muito. Era piedoso. Tinha um espírito recto e uma doutrina segura. Ele tinha-me iniciado nas obras de Paris. Tinha-me afeição Eu precisava disso; terei para ele gratidão eterna.

Felizmente encontrei um director piedoso e dedicado no P. Foulhouze que em breve iria começar as Missas dos jovens em S. Sulpício. Ele pertencia à sociedade de S. Sulpício Encontrei-o frequentemente na sacristia ou na casa paroquial. Fiquei sempre / (59vº) edificado pela sua piedade e pelo seu espírito de desapego. Ele também ia morrer jovem e pouco depois de eu terminar os estudos de direito. Guardei religiosamente um crucifixo de bronze que ele me ofereceu.

As lutas interiores não me faltaram nesse ano, e os sentidos atacaram-me com duros assaltos. Como consegui resistir? Devo tudo à graça de Deus, à comunhão frequente, à influência cristã do Circulo e da Conferência. Alguns moços que eu conhecia entregaram-se inteiramente à corrupção e devassidão. O Senhor guardou-me e defendeu-me.

AMIZADES - MONS. DUPANLOUP - O PE. GRATRY

Não perdi de vista a minha vocação. Tinha mesmo algumas esperanças de obter de meu pai a liberdade de segui-la, depois da minha licenciatura. Tive a ideia de ir perguntar o parecer sobre o rumo dos meus estudos aos homens cujo nome tinha maior prestígio entre os jovens católicos. Dirigi-me ao bispo Dupanloup que se podia ver frequentemente em Paris, e ao P. Gratry.

Hoje não lamento ter feito essas aproximações um pouco ingénuas. Elas / (60rº) puseram-me em relação com homens que serão grandes na história apesar das suas ilusões liberais na época do Concílio. (Nt Vaticano I, 1870).

Fui mesmo uma vez a Orléans ver o bispo Dupanlop na sua sede. Recebi uma hospitalidade encantadora e fiquei muito edificado com esse ambiente tão religioso onde se fazia leitura durante uma parte das refeições e onde à noite se fazia a oração em comum com o pessoal da casa. - O P. Gratry tinha-me seduzido pela leitura das suas «*Nascentes*». Falei com ambos do meu projecto de estudar teologia em Roma. Ambos eram desconfiados em relação a Roma e aconselharam-me S. Sulpício. O bispo Doupanloup disse-me formalmente «*que ele devia tudo o que era aos catecismos de S. Sulpício*». Foi lá de facto que ele encontrou a sua primeira formação e as suas primeiras relações em Paris. O P. Gratry imaginava que havia em Roma uma escola de

ultramontanos tão exagerados que acreditavam na infalibilidade do Papa não só / (60v^o) no seu ensino público, mas também na sua vida privada. Não sei onde ele teria descoberto isso.

PRIMEIROS PROJECTOS PARA UMA OBRA DE ESTUDOS.

Data desta época, em mim, uma ideia, um projecto que iria preocupar-me durante mais de dez anos. Compreendi a necessidade para o clero de cultivar os altos estudos. O clero francês em particular deixou escapar a direcção intelectual da nação e deve reconquistá-la.

Eu seria perseguido por esta ideia até a época da fundação das universidades católicas. Confiei-me com o Pe. Gratry que concordava plenamente. Eu devia, em Roma, unir este pensamento com o meu desejo de vocação religiosa. Devia então dar corpo ao meu projecto pensando na fundação dum instituto religioso para o apostolado por meio da ciência. Nosso Senhor não queria isso de mim. As minhas piedosas e longas conversas, em Roma, com o Pe. D'Alzon, com o bispo de Mermillod, com Luís Veuillot e outros homens de acção, puderam ter a sua pequena influência para lançar em França / (61r^o) a ideia das universidades católicas e para levá-la a bom termo, mas nada mais. Depois da fundação dessas universidades, o meu projecto de obra de estudos já não tinha tanta razão de ser e Nosso Senhor devia inclinar-me então para uma outra obra, a da reparação ao Sagrado Coração.

O P. POISSON

O bom padre Poisson tem um certo lugar nas minhas recordações. Era de Chartres. Pertencia à família do grande matemático Poisson e ostentava o seu brasão. Tendo tido algumas dificuldades com o seu bispo, viera habitar em Paris onde morreria à volta de 1880. Tinha muitos bens. Era um homem de Letras e, creio eu, gabava-se um pouco disso. Em teologia era super-galiciano e liberal. Era um frequentador do Círculo. Foi um dos meus mestres no jogo do Whist. Amava os jovens. Todos os anos organizava serões em que se tomava chá, se jogava, se tocava música, se contavam anedotas à farta e às vezes à sua custa. Eu era sempre dos / (61v^o) primeiros convidados, ele gostava muito de mim.

No fundo este bom padre foi sempre correctíssimo e nunca escandalizou os seus jovens amigos. Foi por ele que eu iria conhecer Leão Palustre que teve uma grande influência sobre o rumo da minha vida durante vários anos, dando-me o gosto das viagens e o amor às belas-artes.

CONFERÊNCIAS

Nesse Inverno participei a várias conferências de estudantes. No Círculo eu assistia à conferência de Direito onde me exercitava por vezes a pleitear. Consegui bastante e o santo abade Perreau lembrava-me, em Roma, que uma vez eu tinha facilmente ganho a minha causa contra ele. Tomei parte também, mas por pouco tempo, nas aulas de Filosofia do Sr. Noirot. O seu método impressionou-me, ele levava-nos a fazer psicologia prática e experimental fazendo-nos estudar em nós mesmos as operações das nossas faculdades. - Assisti frequentemente e com muito gosto à conferência Ozanam, torneio literário presidido / (62r^o) por Francisco Beslay. Nunca tomei parte na luta, estava demasiado pressionado pelos meus exames de direito; lamento isso, pois precisava de tomar gosto pela literatura.

Finalmente formei, com 20 discípulos, uma conferência de direito que se realizava no palácio sob o nome da conferência Rossi. Aí também eu pleiteei às vezes. Era um pequeno parlamento bastante correcto. Elegemos para presidente de Vignancourt, moço ardente, liberal em teoria e muito autoritário na prática que se tornou agora deputado republicano dos Baixos Pirenéus

ESTUDANTES

Alguns dos estudantes que eu encontrava no Círculo e nas conferências ficaram mais presentes na minha memória. Eram como um resumo da sociedade francesa, na sua diversidade de caracteres e costumes.

Lagrolet e de Chamberet tinham o estro do parisiense; Lagrolet sobretudo encantava-nos com os seus jogos de palavras; como todos os que têm essa paixão, fazia-os muitas vezes à custa da caridade. / (62v^o)

Cadot, (de Péronne), Vignancourt, Tellier, Besson, deviam ter assento mais tarde na Câmara dos deputados, os dois primeiros como republicanos de diferentes matrizes,

os dois últimos como católicos verdadeiros e íntegros. Podia-se prever o caminho que seguiriam: Vignancourt tinha-se feito expulsar do Círculo.

Vaillant (do departamento da Somme) e Beck (do Nord) anunciavam com a sua gravidade, a sua vocação de magistrados. - De Grousson e Pegat seriam magistrados no Midi até ao famoso saneamento da magistratura. Eles eram demasiado cristãos e demasiado ardentes para escaparem à proscricção.

Gauthier, Johannet, Desgards eram falasores fecundos e eloquentes. Tinham nascido para serem advogados e ainda o são se não me engano, o primeiro em Nimes, o segundo em Orléans, o terceiro em Bourges.

Vanlaer fez o doutoramento comigo. Era trabalhador; não me espanta vê-lo professor na universidade católica de Lille.

D'Orgeval era um tipo curioso do aristocrata intransigente e do meridional / (63r^o) fogoso. Podia-se sempre prever o seu voto nas conferências, ele alinhava com todas as soluções de extrema-direita com ou sem boas razões.

Tive a graça de não me ligar com nenhum estudante de mau comportamento. Todavia houve alguns que foi preciso ver de vez em quando como B. que era da nossa aldeia, e P. um antigo condiscípulo de Hazebrouck. Este pobre B. arruinou-se ainda muito jovem, com a sua vida toda entregue às paixões. Morreu aos 25 anos. Não sei o que foi feito de P. ele estava inteiramente dominado pela sensualidade e já não acreditava que os jovens pudessem resistir-lhe.

Felizes os estudantes que se ligam ao Círculo Católico e que através do Círculo, entram nas obras de apostolado e frequentam os sacramentos!

SEGUNDA VIAGEM À INGLATERRA

No mês de Abril eu tinha passado o meu quarto exame de Direito e traçado o plano da minha tese e partia de novo para a Inglaterra. Desta vez hospedei-me em casa de um Sr. White que dirigia no / (63v^o) norte da cidade uma pensão para jovens que vinham como eu estudar a língua. Ocupei-me durante três semanas na minha tese, mas depois apresentou-se-se uma circunstância que teve grande influência sobre vários anos da minha vida: foi o encontro e conhecimento que fiz com Leão Palustre.

O bom padre Poisson viera juntar-se a mim em Londres. Tinha comigo também o meu primo Wateau. Foi visitando Westwinster que encontrámos Leão Palustre, um dos frequentadores do salão do P. Poisson. Falou-nos do seu projecto de percorrer a Inglaterra e realçava-nos as suas maravilhas com o ardor da linguagem que lhe é próprio. Ficámos logo conquistados, eu primeiro que todos. Iria ligar-me a ele, enamorar-me com ele de todas as belezas artísticas e começar uma serie de viagens que me dariam mil conhecimentos tão úteis como interessantes. Era no fundo um verdadeiro artista. Tinha uma fé / (64rº) profunda, senão devoção. Tinha aspirações de artista mais que uma vocação para a vida religiosa. Devia casar-se mais tarde em Tours e tornar-se-ia definitivamente um arqueólogo de valor, presidente da sociedade francesa de arqueologia e autor de várias obras e nomeadamente da «*Renascença em França*». Tinha o carácter difícil, uma vontade de ferro e uma natureza altiva, mas nós ligámo-nos um ao outro e simpatizámos sempre. Nosso Senhor permitiu esta amizade. Penso que ele a aprovava e que ela estava nos seus desígnios.

Devo muito a Palustre. Ele tinha o espírito admiravelmente aberto para as belas-artes, a história, a literatura. Parece-me que ele me foi extremamente útil e que devo agradecer à Província por tê-lo colocado no meu caminho.

Partimos então os quatro para percorrer a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. Eu sabia já bastante inglês para ser o Cicerone / (64vº) e o ecónomo da viagem.

Não nos faltaram recursos para a devoção durante a viagem. A maior parte das vezes eu ajudava à missa do bom padre Poisson e várias vezes me dirigi a confessores ingleses.

Um dos grandes interesses da viagem, para mim, era constatar cada dia o regresso da Inglaterra à fé Católica. Todos os padres com quem pudemos conversar disseram-nos que o movimento de conversões era constante e bastante rápido. Em todas as cidades, mesmo na Escócia, encontrámos paróquias Católicas. Algumas das cidades industriais, como Birmingham e Glasgow, contavam já, graças especialmente à imigração irlandesa, quase 100.000 católicos.

Que interesse imenso oferece esta viagem! Aqui são maravilhas da Natureza que elevam a alma ao Criador, como os lagos da Escócia e do Cumberland, a queda basáltica dos Gigantes e a gruta de Fingal. / (65rº)

Lá estão as cidades industriais que gritam a poderosa actividade deste povo, como Birmingham, Liverpool, Manchester, Glasgow.

As cidades antigas oferecem as suas recordações históricas e monumentos que testemunham o gosto, o génio e a fé dos séculos passados. Podemos citar a seguir Canturbery, York, Ely, Worcester, Perth, Chester.

As duas cidades universitárias de Oxford e Cambridge ultrapassam pela grandeza e pela riqueza das suas instituições de ensino tudo o que a Europa pode oferecer neste campo.

As grandes ruínas das abadias de Melrose, Jedburgh, Dryburg, testemunham a antiga devoção da Ilha dos Santos.

Os castelos não oferecem menos interesse, num povo que não teve como nós uma revolução social e que conservou uma aristocracia poderosa. Citamos Warwick, Taymouth, Inverary, Stirling, Perth, Abbotsford.

Não tomei notas quotidianas nesta viagem, que aliás foi bastante rápida. / (65v^o)
Mas as minhas lembranças são bastante vivas para me ser possível resumi-las aqui.

Inglaterra

AS UNIVERSIDADES: OXFORD - CAMBRIDGE

Nada me impressionou mais que Oxford. Porque será preciso que para ter a ideia mais exacta da nossa vida de oração e de estudo na Idade Media se deve procurar inspiração num centro protestante?! Que pena que Oxford esteja fora da verdadeira fé! Que foco de propaganda para o bem, seria Oxford!

Oxford é uma cidade única. Que apresentação imponente ela tem com os seus 24 “colleges”, quase todos de arquitectura gótica, vastos como grandes abadias possuindo, a maioria, grandes igrejas, parques e jardins espaçosos, salas monumentais e grandiosas pousadas para estudantes. Só falta a este conjunto maravilhoso o leme da verdadeira fé e as grandes ordens religiosas de ensino da Idade Media.

Quase toda a glória de Oxford é devida ao catolicismo. O primeiro núcleo deste centro de estudos remonta Alfredo o Grande, o Carlos Magno / (66^o) da Inglaterra. A sua fundação tornou-se a Universidade-college, depois do seu pleno desenvolvimento no século XIII.⁸⁰

Oxford possui também uma igreja contemporânea de Alfredo o Grande, a igreja de S. Pedro.⁸¹

Os “colleges” de Merton e Balliol são do século XIII. - A Hall ou a hospedaria de St^o. Edmund remonta a S. Edmundo de Canterbury. - Os “colleges” de Exeter e d’ Oréal, o New-College e o da Rainha, são do século XIV. Os de Sta. Madalena, das Almas e de Lincoln são, do séc. XV.

Os mais grandiosos, os de Christ-Chusch e de Corpus Christi, são do séc. XVI anteriores à Reforma, são fundações do Cardeal Wolsey e de Fox, bispo de Winchester.

As grandes bibliotecas Radeliff e Bodleyenne completam o conjunto das grandes instituições de Oxford. Elas são maravilhosamente ricas. A Bodleyenne possui os famosos mármore de Arundel, colecção de inscrições trazidas de Paros pelo duque de Norfolk⁸². A organização / (66^v) destas bibliotecas deixam muito para trás a das nossas.

Na Bodleyenne cada leitor pode gozar de um gabinete de trabalho absolutamente confortável.

A grande sala de leitura de Oxford é notável pela sua dimensão prodigiosa e pelas possibilidades que oferece. Recebe todas as principais revistas e jornais de toda a Europa.

⁸⁰ Diz a história que o primeiro núcleo universitário de Oxford remonta à chegada, em 1133, do teólogo Robert Pullen que vinha de Paris. Todavia só se pode falar de universidade com a inauguração de um “Studium Generale”, por volta de 1163. A chegada das ordens mendicantes (Dominicanos, Franciscanos e Carmelitas) seguidas pelos Beneditinos, deu-lhe um impulso decisivo. Bastará lembrar alguns nomes célebres como, R. Bacon, J. Duns Scot, J. Wycliffe para explicar o prestígio de Oxford na Idade Média. O mais antigo “college” foi o “university college” (1249). A sua fundação por Alfredo o Grande é uma lenda. Mais tarde foram fundados o “Balliol” (por volta de 1.263) o “Werton” (1.264), etc...

⁸¹ Oxford não existia como cidade antes do século IX. Ela aparece pela primeira vez num documento de 912. A igreja de S. Pedro é uma das mais famosas de Oxford. A parte mais antiga é de estilo normando, portanto muito posterior a Alfredo o Grande (+899).

⁸² Arundel, no Sussex, é um dos castelos pertencentes aos duques de Norfolk. O duque de que aqui se fala é Thomas Howard, morto em Pádua em 1646, sepultado em Arundel. Chamado Lord Arundel’s foi o primeiro grande colecionador de obras de arte clássicas. O seu neto fez doação à Universidade de Oxford, em 1667, de numerosos mármore e estátuas, chamados precisamente “mármore de Arundel”. Entre eles encontra-se a famosa crónica de Paros “Marmor chronicon” que narra os acontecimentos da história grega de 1582 até 354 a. C.

Os estudantes de Oxford vestem uma batina e usam um barrete bastante bizarro. Nota-se em Oxford uma observância do descanso dominical ainda mais farisaica do que no resto de Inglaterra.

Oxford, como várias outras cidades inglesas, tem a sua torre de menagem construída por Guilherme o Conquistador⁸³.

Ela tem ainda um monumento aos seus pretensos mártires, Mortimer, Ridley e Latimer, pobres mártires que foram simplesmente uns revoltados contra a Igreja, contra o Papa, e contra os seus próprios juramentos, apóstatas cúmplices de Henrique VIII, justamente / (67r^o) condenados pela rainha Maria⁸⁴.

Oxford passa a baluarte da Igreja anglicana. Todavia tornou-se o foco de Puseísmo⁸⁵ e por meio dele, ajuda indirecta e involuntariamente o movimento de conversões na Inglaterra. Foi de Oxford que saíram os cardeais Manning e Newman.

Cambridge tem menos categoria que Oxford apesar dos seus 70 “colleges” ou hospedarias, porque estes estabelecimentos estão mais associados a bairros de cidade modernos.

Estes “colleges” datam também, na maior parte, dos séculos católicos e vários foram fundados pelos bispos. - O “college do Rei, tem por capela uma das mais graciosas igrejas que o século XV tenha construído. - Milton, Shakespeare, Newton, Clarke e o navegador Cook estudaram em Cambridge.

CASTELOS-WARWICK

Visitámos poucas grandes residências senhoriais na Inglaterra propriamente dita; contámos / (67v^o) visitar mas na Escócia.

⁸³ A grande torre de Oxford é anterior às conquistas normandas. É uma fortaleza da antiga Mércia, da heptarquia anglo-saxónica. Foi construída por volta de 900. O governador normando Roberto d'Orly incorporou-a nas outras construções tão habilmente que a torre se tornou no campanário da Igreja de São Jorge. O conjunto forma a cidadela de Oxford. Poderá ser que o P. Dehon se refira à torre de S. Miguel que serviu também de prisão e é anterior à conquista normanda.

⁸⁴ “The Martyr’s Memorial” em estilo gótico, data de 1841. Na fachada Norte lê-se a inscrição afirmando que “o edifício foi construído para glória de Deus e em memória de seus servidores, Thomas Cranmer, Nicholas Ridley, Hugh Latimer, prelados da Igreja de Roma, felizes não somente por acreditar em Cristo mas por sofrer pelo Seu amor”. Entre os mortos não está o nome de Mortimer. Provavelmente o P. Dehon faz confusão com Th. Cranmer.

⁸⁵ Pusey (1800-1882), descendente duma antiga família de huguenotes estabelecida na Inglaterra que usava o nome de Eduardo Bouverie, era o amigo de Newman e de Keble. Tomou parte activa no “movimento de Oxford” (chamado também puseísmo), sem todavia voltar à Igreja Católica.

Os castelos de Chester, de Lancaster⁸⁶ e de Carlisle conservam ainda as suas torres de menagem, os seus torreões o seu aspecto feudal; mas tornaram-se monumentos municipais e já não tem o seu antigo destino. Os fortes e as vilas do Cumberland são graciosas mas não são nem grandiosas nem artísticas.

Warwick é, ou era, porque um incêndio terrível o destruiu, a habitação feudal por excelência⁸⁷. Warwick estava perfeitamente conservado com a sua decoração interior e mesmo o seu mobiliário. Via-se aí também o célebre vaso de Warwick, vaso grego encontrado em Tivoli⁸⁸. Fiquei encantado com a visita de Warwick que me ajudou a fazer reviver na imaginação a antiga cavalaria tão altiva, tão valente e muitas vezes tão cristã. - Na Igreja de Nossa Senhora, ao pé do castelo, vê-se um dos mais ricos túmulos do século XIV, o de Ricardo de Beauchamp conde de Warwick que presidiu, em Rouen, ao processo contra Joana d' Arc⁸⁹. Para nós era o túmulo do perseguidor / (68r^o) de uma mártir. - Provámos em Warwick um sentimento que se renovou muitas vezes: o tempo pressionava-nos; tínhamos de renunciar visitar duas outras grandes residências desta região: Kenilworth, a grande ruína feudal que foi objecto de um romance de Walter Scott⁹⁰, e Blenheim, o grande solar construído pela nação no tempo da rainha Ana, por João Churchill duque de Marlborough, o vencedor dos franceses.

CIDADES INDUSTRIAIS: BIRMINGHAM - LEEDS – WOLVERHAMPTON - MANCHESTER - LIVERPOOL.

As grandes cidades industriais de que a Inglaterra é tão orgulhosa, não me seduziram. São escuras, sujas, cobertas de nevoeiro e fumo, sem céu e sem luz. Têm riqueza mas não elegância, grandes fortunas mas também grandes misérias. Se essas massas populares já não tivessem religião tradicional dos protestantes ingleses, e a fé profunda dos católicos irlandeses, estas cidades tornar-se-iam rapidamente como uns infernos. - Todas elas têm belos bairros, praças, grandes edifícios modernos, ornamentados com alpendres muito desfasados deste / (68v^o) clima.

⁸⁶ Lancaster é um antigo condado da Inglaterra, à frente do qual estiveram os condes, depois duques de Lancastre. O P. Dehon refere-se aqui mais à cidade de Lancaster onde há um castelo do Século XVI.

⁸⁷ O incêndio foi em 1694.

⁸⁸ É um vaso do século IV a. C. Que vem da "villa Adriana" de Tivoli. (Tivoli é uma cidade a Este de Roma, a uns 60 km.)

⁸⁹ O conde de Warwick morreu na Normandia em 1439. Foi enterrado na Igreja de S. Maria em Warwick. O famoso sepulcro é do século XV.

⁹⁰ É o romance cujo título é mesmo "Kenilworth"

Manchester conta umas 500.000 almas. Ela orgulha-se da sua praça de Portland, de sua rua Mosley⁹¹, dos seus paços de conselho, da sua bolsa e de algumas estátuas bastante rígidas que ornamentam as suas praças.

Gosto mais de apontar as suas paróquias católicas já numerosas e o belo colégio dos Jesuítas de Stonyhursh, um dos mais belos estabelecimentos de ensino do reino.

Leeds e Wolwerhampton são agora aglomerados de 300.000 almas. Têm mais pórticos e frontões do que Atenas jamais contou. Gosto mais das suas velhas igrejinhas de S. Pedro, S. João, S^a. Maria. Estes nomes que se encontram em todas as cidades da Inglaterra deveriam lembrar aos ingleses protestantes que eles mudaram as correntes da devoção cristã.

Birmingham é a orgulhosa das suas 400.000 almas, dos seus paços de conselho, da sua bolsa, do seu teatro. Tem também, o que vale mais, um clero católico, um bispo e comunidades religiosas. / (69r^o) Os padres católicos ingleses têm as qualidades sua raça: são graves, positivos, práticos. Parecem-me que governam bem os seus rebanhos. Têm a seu cargo igrejas, escolas e diversos estabelecimentos católicos. Os fiéis não regateiam a sua ajuda. O pago dos lugares na igreja, que varia entre um penny e um shilling, é uma fonte de receita importante.

Liverpool é sem contestação possível, a mais interessante das grandes cidades industriais da Inglaterra.

Ela tem o seu belo rio, o Mersey, e as suas grandes docas cheias de navios que lhe trazem as mercadorias da Índia, da América, da Austrália. Tem também os seus monumentos neo-gregos, a bolsa, a alfândega, o instituto, etc...

Tem inumeráveis igrejas de todas as confissões, mas o que me deu grande alegria foi ver que uma das mais belas dessas igrejas é uma igreja católica em estilo gótico do sec. XIV. / (69v^o)

As colinas que rodeiam Liverpool são cobertas de solares e “villas”.

⁹¹ É sem dúvida a Mosley-street.

O DISTRITO DOS LAGOS: O CUMBERLAND.

O distrito dos lagos do Cumberland é uma pequena Suíça. Os ingleses estão orgulhosos dele e com razão. Todavia não se encontra aí nada que iguale as montanhas gigantescas de neves eternas e os imensos glaciares dos Alpes.

É uma zona risonha, pitoresca, romântica mesmo, que oferece um ror de paisagens frequentemente graciosas, por vezes agrestes e onde não faltam nem os ricos castelos nem as ruínas imponentes.

O lago Windermere é o rei dos lagos da Inglaterra. Tem 10 milhas inglesas de comprimento⁹². Tem 14 ilhas, uma das quais, a Belle-Isle, tem uma magnífica casa de entretenimento. Windermere tem uma natureza graciososa. As suas margens são bordadas de outeiros boscosos salpicados de “villas”. Todavia ao Norte um grupo de montanhas majestosas apresentam um panorama imponente.

Ambleside é um centro de excursões extremamente favorável. Indo de lá para Clifton pudemos admirar / (70r^o) a garganta romântica de Rydal, o gracioso lago chamado Grasmere, um outro lago mais selvagem chamado Thirlmere⁹³ dominado pelos rochedos de Eagle Crag, finalmente o lago grandioso de Ulleswater⁹⁴ aos pés da montanha Dunmallet. Ao longo de todo o percurso encontram-se ricas residências senhoriais

Clifton preparava-nos uma surpresa: o imponente solar de Brougam que é como um segundo Warwick do qual os guias não nos tinham deixado suspeitar a importância.

Este distrito dos lagos viu passar todas as civilizações. Encontram-se aí vestígios de épocas romanas e dinamarquesas, círculos de pedras druídicas e ruínas de grandes abadias cistercienses. Foi cantado pelo poeta Wordsworth, como os lagos da Escócia foram descritos pelo romancista Walter Scott.

CIDADES ANTIGAS: CANTORBERY - ELY - YORK - CHESTER - WORCESTER.

Cantorbery e York são as cidades das grandes recordações. Cantorbery é a metrópole religiosa, York é oficialmente a segunda cidade / (70v^o) de Inglaterra.

⁹² O lago Windermere encontra-se no condado de Westmoreland, como também os outros lagos excepto o do Thirlmere que está no Cumberland. A milha inglesa = 1609, 3 m.

⁹³ Exactamente Thirlmere.

⁹⁴ Ulls Water.

Cantorbery pretende ter sido evangelizada desde o 2º século. A sua velha igreja de S. Martinho tem de facto uns lanços de muros romanos que parece serem dessa época. O seu título de metrópole remonta a S. Agostinho, o apóstolo da Inglaterra enviado no século VI por S. Gregório Magno. A sua sede episcopal foi ilustrada por S. Tomás Becket, o mártir, e por S. Anselmo no século XII.

Cantorbery, vista da colina de Dunge, tem um panorama soberbo. A sua bela catedral do XII séc e do XIII tem 170m de comprimento. É trabalho de um, arquitecto francês Guilherme de Sens⁹⁵. O coro é vastíssimo; a sé é rica de recordações e de monumentos de épocas diferentes. Venera-se aí o lugar onde S. Tomás Becket foi ferido e assassinado, perto do altar da SS. Virgem. Quanta pena nos faz ver tais santuários nas mãos da heresia! O arcebispo de Cantorbery, primaz da Igreja anglicana habita em Londres no palácio de Lambeth e goza dos 500.000 francos de renda / (71rº) de que os antigos reis católicos tinham dotado a sua igreja.

Ely tem uma sé imponente. Como as nossas igrejas da Normandia, ela tem uma grande lanterna central e a torre que domina a igreja é românica na base e gótica no alto.

A época da guerra dos Cem Anos que na França só deixou ruínas, excepto na Normandia, na Inglaterra pelo contrário elevou numerosos monumentos. A igreja de Ely foi acabada nessa altura.

York durante muito tempo foi a capital das províncias do norte. É o Eboracum dos romanos. Ela mostra ainda aos pés das suas muralhas o túmulo de Séptimo Severo⁹⁶. Aí Constance Chlore morreu, Constantino nasceu⁹⁷ e foi aclamado imperador: é uma piedosa recordação. - A lenda, se não a história, faz reinar em York o maravilhoso rei Artur, o fundador dos cavaleiros da Mesa Redonda aos quais os velhos romances atribuíram tantas façanhas. York teria possuído o santo Graal, se ele existiu. / (71vº) A catedral de York é a mais bonita de Inglaterra e uma entre as mais bonitas levantadas no século XIII. Tem esplêndidos vitrais e uma multidão de monumentos sepulcrais. O seu inter-coro contém as estátuas dos reis de Inglaterra desde Guilherme I até Henrique VI.

⁹⁵ A catedral de Cantorbery foi começada pelo 1º arcebispo Normando Lanfranco (1070-1089) sobre as ruínas da igreja erecta por S. Agostinho no século VII. A construção durou até 1503 e foi sujeita a muitas peripécias. Entre os arquitectos é preciso citar Guilherme de Sens (1175-1178), depois Guilherme o inglês que trabalhou até 1180.

⁹⁶ Séptimo Severo morreu em Eboracum (York), mas foi enterrado em Roma.

⁹⁷ Constantino nasceu em Naïssso em Illyrie e foi em Eboracum que foi aclamado imperador pelas tropas de Constance Chlore, seu pai.

York tem ainda as suas muralhas ameaçadas, e como todas as cidades importantes da Inglaterra tem uma torre de menagem construída por Guilherme, o Conquistador, esse prodigioso construtor de fortalezas.

Chester tem também a sua torre de menagem normanda, a sua velha sé com claustro e sala de capítulo do século XIV, mas o que a caracteriza são as suas velhas ruas com alpendres aos lados⁹⁸, e as suas casas de empenas em madeira esculpida. Chester dá-nos perfeitamente a ideia do que eram as cidades da Inglaterra no século XV. A catedral tem pinturas que nos contam as lendas de vários santos bispos e abades da Idade Média.

Que estranha e triste coisa as paixões anti-religiosa. Todos esses homens, que tinham feito da Inglaterra / (72r^o) a ilha dos santos viram as suas cinzas lançadas ao vento pelos pretensos reformadores do século XVI. Será possível não ver nisso uma vingança do Inferno!?

Carlisle tem uma graciosa e esbelta catedral do século XIV. Tem também a sua torre de menagem construída pelo grande Conquistador⁹⁹. Ela guardou prisioneira no seu castelo Maria Stuart.

Escócia

AS GRANDES ABADIAS: JEDBURG, DRYBURG, MELROSE.

A Escócia fala à imaginação muito mais do que a Inglaterra; é realmente a terra clássica da poesia. Walter Scott só precisou de pôr em cena as recordações, as ruínas, os castelos e os lagos da Escócia para interessar toda a Europa e tornar-se imortal.

Duas coisas, em especial, neste país falam de Deus e elevam a alma para Deus: as abadias arruinadas que nos recordam os santos dos tempos antigos, e as belezas naturais que tanto glorificam o Criador.

⁹⁸ São as famosas “rows” que correm ao longo das quatro ruas principais intersectadas em ângulo recto e correspondente ao traçado da cidade romana; são armazéns sobrepostos, uma série dos quais se encontra no rés-do-chão a outra no 1º andar, ao qual se chega por escadas que a intervalos partem do nível da rua. São estes “rows” que dão a Chester a sua característica especial.

Primeiro Escócia está realmente coberta de abadias. Encontram-se os seus restos a cada passo; mas há um grupo / (72v⁰) de ruínas particularmente interessantes: são as das três grandes abadias do vale do Tweed: Jedburg, Dryburg e Melrose.

Foi ao pé destas ruínas imponentes que Walter Scott quis criar uma grande propriedade, construir o seu castelo de sonhos de Abbotsford, e passar a maior parte da sua vida. Realmente ele tinha escolhido um dos pontos da terra mais favoráveis à fantasia e aos sonhos, e os mais capazes de suscitar o sentimento do belo. Foi lá também que ele quis repousar e o seu tumulo protegido pelas grandes abóbadas de Dryburg atesta o seu fiel apego às suas queridas ruínas. Deus tenha na Sua paz esta alma que muito sofreu durante a sua vida mortal, e que a sua boa fé pode sem dúvida desculpar!¹⁰⁰

Jedburg era uma grande abadia beneditina. As suas ruínas são colossais. A sua vasta igreja está quase inteira, excepto as coberturas. Domina-a uma vasta torre central. Ela está bem situada nas margens do rio / (73r⁰) Jed, no meio de pomares. Estas belas ruínas abrigam uma igreja anglicana.

A abadia de Dryburg esconde-se no meio de espessos bosques, não longe do Tweed. Data do século XIII¹⁰¹. Pertencia à ordem dos Premonstratenses; acolhe o túmulo de Walter Scott e os da sua família.

A abadia de Melrose é ainda superior a essas duas. É uma das pérolas da Grã-Bretanha, construída no estilo florido do século XV. Fundada por David I, reconstruída por Robert Bruce, doada por Maria Stuart ao conde de Bothwell, ela pertence agora à família de Walter Scott. A esplêndida igreja de Melrose reunia todas as riquezas das nossas mais magníficas catedrais. Deve-se ler a sua descrição no “*Mosteiro*” de Walter Scott. As suas grandes janelas com travessas, os seus portais, os seus pináculos, a sua grande torre central, a abóbada toda trabalhada do coro, as esculturas ora graciosas ora / (73v⁰) grotescas dos capitéis e das cornijas, prendem sucessivamente a atenção.

⁹⁹ É Guilherme I, o conquistador (+ 1087). Foi Guilherme II (+ 1100) que conquistou Carlisle e aí construiu o famoso castelo em que ficou encarcerada Maria Stuart. Foi também Guilherme II que começou a catedral a qual foi concluída só no século XV, depois de muitas peripécias.

¹⁰⁰ O Pe. Dehon alude aqui ao desastre financeiro que desgraçou W. Scott, por motivo da sua confiança excessiva em certos tipógrafos seus associados. Deve dizer-se, em honra de W. Scott, que ele quis com os seus esforços pessoais extinguir a dívida enorme de 117.000 libras. A morte da mulher foi para ele um desastre. Lançou-se numa actividade febril que o esgotou e o abateu de apoplexia. Ao morrer, em 1832, já tinha pago metade da sua dívida.

¹⁰¹ A abadia foi fundada em 1141 por Hugo de Morville, condestável da Escócia.

Ela teve de sofrer várias destruições por parte das tropas inglesas. As suas ruínas testemunham ainda o esplendor do velho gótico inglês, cujo material de construção são aqui pedras de um vermelho vivo.

Estas ruínas são conservadas com piedoso cuidado. A vista de conjunto é realmente empolgante, especialmente quando um belo sol de Verão faz ressaltar os dentilhões e acentua as sombras.

Toda esta região era povoada de abadias, e essas abadias hospedaram muitos santos. Em particular, Melrose teve vários dos seus abades venerados nos altares como S. Cuthbert, S. Cate¹⁰² e S. Wilfredo. A Reforma lançou ao vento todas as relíquias da Inglaterra. - Estas recordações fazem provar ao turista cristão um sentimento de amargura que dolorosamente se mistura ao encanto destas grandes ruínas.

ABBOTSFORD.

O nome de Walter Scott sobrepõe-se hoje ao dos grandes monges que construíram e habitaram estas abadias. Walter Scott escolheu este local poético para aí construir o seu solar de Abbotsford. Este castelo é uma fantasia mais que uma obra de arte. / (74r^o) O ilustre escritor tinha razão de lhe chamar o seu brinquedo. Ele procurou mais o efeito do que a correcção do estilo, multiplicando pequenas torres, balcões, gárgulas, escudos de armas, e relevos, com uma profusão absolutamente fantasiosa. O interior está cheio de móveis curiosos, de recordações e de presentes oferecidos ao escritor.

Walter Scott foi um escritor simpático. Ele não desafiou os costumes do seu tempo, e muito sofreu. Arruinado pelo seu editor, mostrou uma coragem viril fechando-se lá dentro durante muitos anos para indemnizar os seus credores com os ganhos do seu trabalho.

Gosto do mote do seu neto Lord Hops, que habita actualmente em Abbotsford. Ele apresenta no seu brasão estas palavras: "*The Lord ist my Hope*" - "*O Senhor é minha esperança*".

EDIMBURGO

Edimburgo é uma das capitais mais pitorescas, mais originais, mais empolgantes do mundo. Ela foi feita para encantar o viajante, o turista que ama os contrastes, o efeito, o imprevisto, os grandes panoramas. / (74v^o) Ele lembra-me as nossas grandes exposições que pretendem reunir tudo o que de maravilhoso o mundo tem. Quereis ver a

cidade gótica, o castelo da Idade Média, ide a Edimburgo; quereis ver uma cidade grega, uma acrópole com parthénon, a sua lanterna de Demóstenes¹⁰³ o seu templo dos Ventos¹⁰⁴, ide a Edimburgo; quereis ver o mar, um vasto golfo, um grande rio, montanhas, rochas basálticas, ide a Edimburgo. A natureza, a arte, o tempo, a Providência, os caprichos dos homens, reuniram lá tudo. Todavia não se deve olhar de muito perto as imitações da arte ateniense.

Edimburgo é bonita de se ver desde as suas três colinas dispostas como três miradouros que nos revelam todos os aspectos da encantadora cidade.

Calton Hill tem um grupo bem curioso de monumentos não-gregos. Nesse tempo eu não tinha ainda visto Atenas; sentia-me feliz por me fazer uma ideia sumária dela com essas imitações.

A cidade antiga é toda gótica. E continuam a ser no mesmo estilo as / (75r^o) casas modernas que se vão construindo. Muito bem! Este povo mostra-se inteligente guardando na sua capital este cunho único que lhe vale a admiração do mundo inteiro.

É do alto das Salisbury Crags¹⁰⁵ e de Arthur's Seat que temos a larga vista do mar e das montanhas por cima da cidade e dos seus monumentos.

Edimburgo tem razão em ser orgulhosa dos seus grandes homens. Ela produziu um grande número de poetas, filósofos, escritores, como Hume, Dugalt-Stewart, Thomson, Burns e Walter Scott. Ela elevou-lhes monumentos que testemunham a sua inteligência e a sua gratidão. O de Walter Scott é de uma riqueza ímpar. Tem a forma duma flecha gótica de 60 metros de altura. Ela guarda a estátua do poeta e nas suas frontarias as dos principais heróis dos romances de Walter Scott e as dos poetas da Escócia.

Finalmente um dos principais pontos de atracção de Edimburgo é Holyrood, o palácio dos reis da Escócia com as grandes ruínas / (75v^o) da abadia do mesmo nome.

Holyrood está admiravelmente situada à entrada da cidade entre as colinas de Carlton e Salisbury, e em frente da cidade velha e do castelo. É um lugar carregado de

¹⁰² St Cate deve ser provavelmente St Cathan, monge irlandês que passou a maior parte da sua vida na Escócia e morreu bispo em, 560

¹⁰³ É o nome dum pequeno edifício de Atenas construído em 334 a. C., e onde se preparavam os espectáculos. A lenda diz que Demóstenes gostava de se retirar nele.

¹⁰⁴ É a torre dos Ventos. A de Atenas construída por Andronico, arquitecto grego do século I A.C. servia de relógio hidráulico. O edifício octogonal trazia em cada frontaria as figuras aladas dos oito ventos.

¹⁰⁵ "crag" significa rochedo, rocha da Escócia.

recordações. S. David I edificara aí um mosteiro depois de uma aparição milagrosa da santa cruz. Holyrood é um monumento que leva à melancolia. Foi aí que se retiraram os nossos reis exilados em 1793 e em 1830¹⁰⁶. Aí Maria Stuart passou uma parte da sua vida. Esta figura histórica de Maria Stuart ficou sendo muito simpática especialmente para católicos e para os franceses. Mignet que não a poupa termina assim a narração da sua vida: *“O patíbulo foi então o termo desta vida começada com o exílio, semeada de reveses, carregada de faltas, quase sempre dolorosa, e culpada por um só momento, mas ornada de tantos encantos, comovente por tantas desventuras, purificada por tão longas expiações, acabada com tanta grandeza. Maria Stuart, vitima da antiga feudalidade escocesa e da nova / (76rº) revolução religiosa, levou com ela as esperanças do absolutismo e do catolicismo”*. Um escritor de nome Wiesener em 1863 escreveu um volume para provar a sua inocência.

Os seus acusadores são muito suspeitos, pois eram também os seus inimigos políticos e religiosos. Se ela teve faltas e fraquezas, largamente as expiou com os seus 18 anos de prisão; e a sua morte heróica valeu-lhe sem dúvida no céu a palma dos mártires.

O palácio é sempre guardado por um regimento de Highlanders ou montanhesees, com suas graciosas fardas. Que pena para a arte, o gosto e a variedade, é a tendência universal em seguir a moda francesa moderna que é tão sem graça e tão fracamente feia!

Os Highlanders têm fardas de cores variadas, segundo os clãs a que pertencem, e a Escócia conta mais de trinta clãs diferentes. Todos usam o Kilt ou saia aos quadrados, o plaid ou tartan¹⁰⁷ sobre os ombros, o philibeg, ou saco de pele de cabra / (76vº) e um boné ornado de plumas. Eles servem-se de uma gaita-de-foles chamada “bag-pipe” para acompanhar os cantos nacionais.

OS LAGOS

Era a minha primeira viagem em país montanhoso, salvo o distrito do Cumberland que só tem colinas. Eu, aliás, aconselharia aos que gostam de viajar, que visitem a Escócia antes dos Pirenéus e dos Alpes. O Ben Lamond pareceria enfezado depois do monte Branco.

¹⁰⁶ P. Dehon refere-se a Carlos X, o qual, na altura da Revolução Francesa, viveu, exilado no castelo de Holy-Rood sob o nome de conde de Artois, e para aí voltou depois da Revolução de 1830.

¹⁰⁷ O “plaid” é o chaile aos quadrados dos escoceses. O “tartã” é o tecido que com razão é chamado “tecido escocês”, o tecido de largos quadrados de diversas cores.

A região dos Highlands é deliciosa nos belos dias do mês de Junho. Os lagos nas suas variadas formas são rodeados por frescos relvados adornados de flores, e as diferentes zonas da vegetação formam outras tantas coroas que rodeiam as montanhas, e entre as quais se sucedem as matizes mais variadas das bétulas, das larices, dos carvalhos, dos abetos e das das urzes, até aos rochedos áridos dos cumes.

O lago Lomond é o rei dos lagos da Escócia. Tem 30 milhas inglesas de comprimento¹⁰⁸. Umhas trinta ilhas verdejantes dão-lhe variadíssimas aparências. / (77r^o)

Domina-o o Ben Lomond. Subi-lhe ao cimo, foi a minha primeira ascensão de montanha, e deixou-me uma grande impressão. É, aliás, uma das mais interessantes que se possam fazer na Europa, e embora o Lomond só tenha cerca de mil metros de altura oferece um panorama esplêndido.

Do seu cume, o olhar abarca a maior parte da Escócia e estende-se até ao mar do Norte a leste, e até ao oceano Atlântico ao poente.

A vista pode seguir toda a cadeia dos Grampians. Os lagos de que a região é semeada reflectem o céu azul. As urzes avermelhadas dos cimos contrastam com o verde-escuro dos vales. As ilhas Hébridas são separadas por braços de mar prateados. Adivinham-se no horizonte as costas da Irlanda.

Edimburgo é apenas um pontinho ao longe. Glasgow deixa ver os seus vastos bairros sob uma capa acinzentada de vapores e de fumo. Vilas espalhadas animam as margens dos lagos, o castelo de Stirling, aparece a / (77v^o) leste alcandorado sobre o seu rochedo.

Não procurei outros horizontes nos outros cumes dos Grampians; creio que o espectáculo teria tido pouca variedade.

Atravessámos o lago Long que se estende aos pés do Ben Arthur; depois o lago Fyne, propriedade dos duques de Argyle que construíram nas suas margens a residência senhorial de Inverary, vasto castelo gótico do século passado, flanqueado de torres, regamente mobilado e valorizado por um dos mais belos parques do mundo.

O lago Katrine inspira mais do que todos a poesia e a imaginação. Não me admira nada que Walter Scott tenha procurado e descrito as suas lendas. Há rochedos a pique, que mergulham nas águas, recantos sombrios, cavernas e ravinas nas suas margens; e

¹⁰⁸ O Lomond tem 24 milhas inglesas de comprimento, ou seja cerca de 38 km.

os dois cumes que dominam o Ben-an e o Ben Venui, um árido e nu, o outro de encostas cobertas por espessos matagais, têm os seus cimos dentados, de tal maneira que apresentam à imaginação como que cidades / (78rº) e castelos, torres, muralhas ameaçadas e flechas agudas.

Do lago Katrine fomos a Callander e ao lago Earn, pelos Trossachs¹⁰⁹, vale escuro onde facilmente, no meio dos inextrincáveis bosques e no caos das rochas esfaceladas, fazemos reviver facilmente as lutas e as surpresas dos clãs dos montanhesees descritas por Walter Scott¹¹⁰

Finalmente o lago Tay tem o solar das Breadalleane que pode rivalizar com o dos duques de Argyle.

O castelo de Taymonth tem proporções régias. A sua maravilhosa escadaria central tem a amplidão duma vasta nave. Milhares de veados povoam o seu parque, que é extenso como uma província.

ALGUMAS CIDADES: STIRLING - PERTH - ST. ANDREWS - ABERDEEN

As Abadias, Edimburgo, e os lagos, são toda a Escócia. Todavia vimos no nosso percurso algumas cidades que têm algum interesse.

Stirling tem o seu velho castelo meio arruinado, alcantilado sobre um rochedo. Era uma das quatro grandes / (78vº) fortalezas nacionais da Idade Média. Stirling foi a residência habitual dos Stuarts. Em Dannockburn, perto de Stirling, Robert Bruce em 1314 venceu Eduardo II de Inglaterra e reconquistou a independência da Escócia; glorioso combate em que 30.000 Escoceses desafiaram 100.000 Ingleses, graças ao heroísmo de Robert Bruce e do seu exército, e graças também ao curioso estratagema pelo qual Robert Bruce tinha escavado durante a noite, no lugar onde a cavalaria inglesa devia atacar, buracos atulhados depois de silvados e cobertos de relvado. Esta batalha foi chamada com razão a Maratona do Norte¹¹¹.

¹⁰⁹ Trossachs" deriva duma palavra gaélica que significa: região selvagem cheia de asperezas.

¹¹⁰ São os romances: A Senhora do Lago e Rob Roy.

¹¹¹ O facto deste ardil é histórico, mas deverá ser reduzido às suas dimensões históricas. Parece que os ingleses tenham sido 23.000 e os escoceses 5.000, segundo alguns, 10.000.

Perth sobre o Tay foi durante muitos séculos a capital da Escócia, depois de Scone que dista dela só duas milhas. Perth tem de interessante apenas a velha ponte de dez arcos¹¹².

Scone tem um castelo moderno no condado de Mansfield no local em que se encontrava o antigo palácio dos reis da Escócia.

St. Andrews é a antiga metrópole religiosa da Escócia. A sua Arquidiocese acaba de ser reconstituída e unida à de Edimburgo¹¹³. / (79rº)

Aberdeen está a tornar-se uma grande cidade industrial. Conta 80.000 almas. Aberdeen antiga tem ruínas importantes da sua velha catedral. Aberdeen já tinha uma paróquia católica na altura da minha passagem. Confessei-me nela em inglês e comunguei.

O CANAL DA CALEDÓNIA

Para irmos de Inverness a Oban seguimos num barco a vapor o canal da Caledónia. Este canal preludiou os de Suez e do Panamá. Une o Mar do Norte ao Oceano Atlântico. É o primeiro dos grandes canais de comunicação abertos neste século. Custou uns trinta milhões. O seu ponto mais elevado é só a 30 metros sobre o mar. Tem 28 comportas. Segue essa imensa depressão que divide em duas a região dos Highlands, e que é chamada o vale de Glen More¹¹⁴.

Inverness é rico em recordações; era a capital dos Highlands, situada na embocadura do Ness. O seu castelo é lembrado só pelo / (79vº) terraplano que o suportava¹¹⁵. É aí, ou pouco longe daí, que as crónicas colocam no século XI o assassinio do rei Duncan por Macbeth, que por sua vez morreria depois pela mão de Malcolm, filho de Duncan. Os arredores de Inverness são ricos de monumentos druídicos. Vários círculos de pedra (cromeleques) são bem conservados. A colina das fadas liga-se às superstições da Idade Média.

¹¹² A ponte de Perth foi construída com nove arcos em 1766-1771 por John Smeaton

¹¹³ St. Andrews era já diocese no tempo dos Normandos (século XII). Em 1472, o Papa Sisto IV fez de St. Andrews uma Arquidiocese com doze sufragâneas.

¹¹⁴ O canal da Caledónia foi construído por Thomas Telford e aberto ao tráfico em 1822. Vai de Inverness sobre o mar do Norte até perto de Fort William. Tem mais de 96 km, 35 dos quais tiveram de ser escavados. Continua depois por cerca de 77 km, de Fort William até alcançar Oban.

¹¹⁵ O Pe. Dehon parece referir-se à antiga fortaleza destruída pelos partidários do Rei Jaime em 1746. Neste lugar desde 1835 elevava-se o novo castelo de Inverness.

A 5 milhas de Inverness está o campo de batalha de Culloden onde um obelisco relembra a derrota definitiva dos Stuarts em 1742¹¹⁶.

A nossa travessia do canal começada à noite acabou só na manhã seguinte. Quanto são bonitas estas noites na época do Solstício! Era o dia 21 de Junho. O sol mal desapareceu abaixo do horizonte. À meia-noite podíamos ler, sobre o barco, sem luz.

Quanto esta viagem nocturna se presta à imaginação e aos devaneios! O batel passa de lago em lago. Não há ponta de colinas ou de promontórios que não tenha algumas ruínas dum castelo outrora habitado por / (80rº) um chefe de clã. O lago Ness é imponente, embora as suas margens sejam pouco altas. A torrente Foyers desce para ele formando uma queda de 18 metros.

Invergarry era o castelo do chefe dos MacDonald; Achnacorry, a residência do chefe dos Cameron; Tor Castle, a do chefe dos Chattan; Inverlochy era um dos castelos do Rei Pictos. Todos estes castelos eram sem arte. Compunham-se de torres quadradas e maciças. Fort William é o centro do canal¹¹⁷. É uma simples vilazinha.

Aproximando-nos de Oban, eis a Ilha de Lismore e as ruínas do palácio do Bispo de Lismore e das Ilhas; depois na margem, as grandes torres de Dunstaffnage, a velha capital dos Gaëls e dos Scotts. A pedra do seu trono real, levada mais tarde a Scone é ainda agora a pedra do sacre real na abadia de Westminster¹¹⁸. Dunstaffnage depois do século XIV foi a residência do Lord das Ilhas.

OBAN E AS HÉBRIDAS: JONA - STAFFA - GRUTA DE FINGAL

Oban é uma graciosa cidadezinha rodeando a sua baía semicircular. É bastante abrigada, de maneira que serve / (80vº) para os banhos de mar no Verão. Daí faz-se a excursão às Hébridas. Nós fizemo-la como turistas e um pouco como moços imprudentes.

¹¹⁶ A importante batalha de Culloden marcou não somente o fim dos Stuarts, mas também o da hegemonia dos “clãs” na Escócia. Teve lugar a 16 de Abril de 1746.

¹¹⁷ Na realidade o canal da Caledónia termina em Fort William desembocando no Firth of Lorne (fiorde ou estuário do Lorne).

¹¹⁸ Debaixo do trono da coroação encontra-se a “Pedra de Scone” chamada também “pedra do destino”. Ela foi levada de Scone, antiga capital da Escócia, para Westminster em 1296 por Eduardo I. Segundo a lenda, é a pedra sobre a qual Jacob descansou a cabeça durante o seu sono. Era conservada no castelo de Dunstaffnage. Daí passou a Scone, depois a Londres, porque a lenda queria que a posse da pedra assegurasse a realeza a quem a possuía. Foi sobre esta pedra que durante muito tempo se fez a coroação dos reis da Escócia e depois da Inglaterra.

O vapor levou-nos a Torosai, frente ao velho castelo dos reis de Morven, ao castelo de Fingal, de Ossian e de Óscar¹¹⁹. Percebem-se melhor as poesias ingénuas e entusiastas do bardo quando se viu este país onde a natureza tem tantos encantos apesar das geadas e onde as almas são tão ardentes.

De Torosai chegámos facilmente em carroça à outra margem da ilha, Laggan-Ulva, passando por Salen e pelo castelo de Aros. O Ben-More no centro da ilha tem quase 1.000 metros de altitude. Toda a ilha é pobre, fria, húmida, coberta de matagal misturado com musgo e líquenes. Cultiva-se apenas um pouco de cevada, de aveia, de batatas. Em Salin um dos principais camponeses da ilha, um Campbell, antigo oficial na Crimeia, deu-nos graciosa hospitalidade. / (81r^o)

Uma barca de Laggan conduziu-nos a Ulva, a Staffa, a Jona; tudo correu bem até à volta apesar do vento um pouco intenso.

Staffa não seria o ideal para positivistas¹²⁰. É um planalto quase nu colocado sobre as falésias basálticas. Mas quantas maravilhas se encerram nos flancos desta ilha! É a gruta de Clam cujos flancos formados por prismas basálticos têm a curvatura de um navio, e cujo cimo faz lembrar os alvéolos de um favo de mel. - É o ilhéu do pastor, feixe de colinas apoiado sobre uma base de outros prismas recurvados. - É a grande colunata, reunião de inumeráveis colunas de uma beleza negra e de uma altura de cerca de 40 metros. - É a grande calçada que permite, dum lado, subir até ao topo da ilha sobre colunas partidas e, do outro, penetrar na gruta misteriosa. - Finalmente, é a gruta de Fingal, a gruta que inspira os bardos, a gruta melodiosa, alta e profunda como uma basílica, / (81v^o) atapetada de prismas enegrecidos, abobadada como as mesquitas árabes em forma de favo de mel, com o mar a banhar continuamente o seu lajeado negro. A natureza aqui nada tem para invejar à arte. Tais maravilhas falam melhor à alma do que os monumentos feitos pela mão do homem, porque elas são mais directamente a obra do Criador.

¹¹⁹ Segundo as antigas cantilenas Gaélicas, Ossian é um herói e um bardo escocês do século III. Durante uma expedição à Irlanda, Ossian, companheiro e talvez filho de Fingal, rei de Morven, tinha casado com Evir-Allin, da qual teve um filho, Óscar, que perece na idade adulta por causa de uma traição que deixou no desespero a sua namorada Malvina e o seu pai. O velho bardo, já cego, para acalmar o seu espírito, celebrava os acontecimentos dolorosos que caíram sobre a sua família e o seu povo. Esses cantos foram publicados com pouca fidelidade por J. Macpherson em 1760. O texto autêntico apareceu em 1807. São os cantos épicos de diversos bardos desconhecidos, e reunidos sob o nome lendário de Ossian.

¹²⁰ Com o nome de "positivistas" o Pe. Dehon refere-se aqui aos homens que se apegam ao concreto, ao prático da vida; mas aqui ele encontra-se numa ilha que favorece as fantasias poéticas

O vento levou-nos rapidamente a Jona. É a antiga ilha dos druidas, hoje ilha da Célula de Colomba, “*Ey Kolum Kill*”, a ilha de S. Colomba, o apóstolo da Escócia¹²¹.

Como poderá esta ilha árida e deserta ter uma fama universal? Tem apenas casas construídas de terra e cobertas de colmo, mas outrora ela brilhava em toda a Europa pela sua ciência, dava bispos à Escócia e à Irlanda e os reis ambicionavam ter nela a sua sepultura. Tal é a força da santidade. Ela explode na história deste ilhéu. O mosteiro de S. Colomba tinha-o tornado tão / (82r^o) fecundo em frutos de graça, quanto era pobre dos dons da natureza.

A catedral em ruínas tem uma abside do sec. VII. A igreja do mosteiro das religiosas¹²² ficou de pé no meio dos túmulos. Uma grande cruz monolítica faz lembrar as tantas que a Escócia possuía outrora.

Estávamos no fim da nossa excursão. Era preciso voltar a Oban; íamos descobrir que não estávamos longe das regiões boreais. O vento atrasou a nossa viagem, e a chuva começou a cair. Foi preciso abrigar-nos algum tempo em Ulva numa barraca cheia de fumo, onde vivia misturado com as galinhas e os porquinhos, uma pobre família em farrapos. Apesar de tudo conseguimos alcançar Laggan. A carroça já lá não estava; fomos a pé até Torosai. Aí, nenhum barco para Oban; continuamos a nossa caminhada e chegamos, quase noite, extenuados, a Auhnacraig. De lá uma barca nos conduzirá a Oban. O vento é favorável; os barqueiros contam fazer a travessia em duas horas. São sete horas da tarde. Temos dois remadores. / (82v^o) Mas o vento é caprichoso, num instante torna-se-nos contrário. É preciso recolher a vela e agarrar os remos. Eu seguro no leme. A chuva incomoda-nos, e que chuva! É verdade que temos o guarda-chuva do Sr. Poisson... para os quatro! O guarda-chuva vira-se e parte-se. Os meus três companheiros enjoam. O vento sopra tempestuoso, o perigo torna-se sério. Um barco a vapor passa à nossa vista, nós gritamos para ele, mas inutilmente. Alternamo-nos entre os remos e o leme, os dois remadores e eu. É uma noite horrenda. Finalmente, às 4 horas da manhã, desembarcávamos sobre os rochedos, a uma milha de Oban. Às 6 H chegávamos ao Hotel, devorávamos uma perna de carneiro frio, tomando chã, depois

¹²¹ S. Colomba ou Columba, monge irlandês (521 (?) -597) foi um pouco contemporâneo do ilustre S. Columbano (540-615). Príncipe da família real de Tirconail, fez-se monge e recebeu de seu parente o rei de Dalriada, a ilha de Iona (563) onde ele fundou um mosteiro que se tornou centro de difusão missionária e cultural para a Igreja da Irlanda. O nome gaélico de Iona é “I-Chaluim-Chille”, que significa “Ilha de Colomba da Célula”)

¹²² É o mosteiro das Beneditinas de St^a. Maria, fundado no começo do séc. XIII

deitávamo-nos para nos levantar à noite sem a mínima bronquite ou catarro. A Providência quisera somente ensinar-nos a ser prudentes no futuro.

No Inverno seguinte, o bom Sr. Poisson quis cantar as nossas aventuras nas ilhas Hébridas, num breve poema um pouco pesado / (83r^o) que ele me dedicou e de que vou transcrever uma estrofe para completar, com esta citação, o quadro dessa viagem.

Os vossos dezanove anos, puros, belos, cheios de encantos

Eram amados, afastavam o aborrecimento,

À tempestade elevavam os seus temores;

Neles o coração encontrava o seu amparo.

Vós desfazíeis as tristezas da alma.

Em vós havia um encantador humor,

Onde a alegria, como uma doce chama

Tudo reavivava e dava ao remador

Mais coragem com força nova

Neste mar onde a onda agitada

Encharcava os nossos ossos com a sua lama rebelde.

GLASGOW

De Oban partimos para Glasgow. Esta grande cidade de 500.000 almas tem pouco cunho particular. Estende-se ao longo do rio Clyde. A sua velha catedral do séc. XIII foi poupada pela Reforma, mas falta-lhe a elegância. É dedicada a S. Mungo, o fundador da cidade. Como todas as grandes cidades inglesas, Glasgow tem alguns edifícios neogregos, nomeadamente a Bolsa e o Banco Real. Dois pontos da cidade oferecem uma bonita vista: / (83v^o) o relvado (o Green), ao longo do Clyde, com uma bonita vista sobre o rio, as pontes e as docas; e a Praça Jorge, praça moderna ornada com as estátuas de Walter Scott e James Watt, o inventor da máquina a vapor.

Visitei, não longe de Glasgow, as cascatas do Clyde, bela queda de água de 80 pés de altura¹²³. Estas cascatas encontram-se em Lanark, pátria do herói Wallace¹²⁴ e do reformador Owen, que edificou lá uma curiosa cidade operária regulada como um falanstério¹²⁵, e onde reinava o bem-estar. Todavia, um ar de tristeza que se manifesta nesta população revela aí uma lacuna. Há uma servidão suportada pacientemente porque proveitosa, mas não é o sacrifício alegre da alma cristã que se entrega livremente a Deus.

Voltando a Glasgow, íamos agora abandonar a Escócia. Este povo é admiravelmente dotado pela sua inteligência e pelo seu carácter. É de facto a raça de Ossian e dos heróis de que fala Tácito, dos quais um, / (84r^o) chamado Gálgacus, dirigia aos seus guerreiros este valente discurso: *“Colocados no extremo da terra e da liberdade, até agora a nossa solidão e os seus esconderijos nos defenderam. Neste universo da velha escravidão não poderíamos esperar senão a morte, pois nós não temos nem minas nem, portos onde possamos usar os nossos braços... Coragem portanto, vós que acarinhais a vida e a glória. Os Romanos olham tremendo as nossas florestas. Cercados e já vencidos, os deuses entregam-nos nas nossas mãos. Correi ao combate, pensai nos vossos antepassados e na vossa posteridade*¹²⁶.

Não me admira que esta geração tenha dado à Igreja legiões de santos. Os seus homens de elite hoje são filósofos e industriais; mas se voltar à Igreja católica, Deus dar-lhe-á santos.

¹²³ Talvez o P. Dehon quisesse falar de metros. As cascatas do Clyde têm de altura, cerca de 76 metros (ou seja 250 pés)

¹²⁴ Wallace (William), herói da independência da Escócia (1720-1305). Revoltou-se contra Eduardo I da Inglaterra e derrotou os Ingleses em Stirling, em 1297, mas foi vencido por sua vez em Falkirk, em 1298, e executado em Londres em 1305.

¹²⁵ NT- Falanstério, palavra traduzida literalmente do Francês, significa “comunidade regida pelo sistema económico-social de Fourier (1792-1837), sociólogo e filósofo franceses”(LISA-Grande Dic. Encicl. Da Língua Portuguesa, Vol. II, p. 1168)

¹²⁶ De vita et moribus Julii Agricolae, cap. XXX-XXXII: “ Nos, terrarum ac libertatis extremos, recessus ipse ac sinus famae in hunc diem defendit (cap. XXX)... sic, in hoc orbis terrarum vetere famulatu, novi nos et viles in excidium petimur. Neque enim arva nobis, aut metalla, aut portus sunt, quibus exercendis reservemur... tandem sumite animum, tam quibus salus, quam quibus gloria carissima est (cap. XXI)... Trepidus ignorantia... silvas... circumspectantes, clausos quammodo ac vinctos dii nobis tradiderunt... Proinde ituri in aciem et maiores vestros e posteros cogitate (cap. XXXII)”.

Irlanda

CALÇADA DOS GIGANTES

Embarcados em Glasgow, desembarcámos na Irlanda, em Portrush. Queríamos ver a Calçada dos Gigantes. É o pendente de Staffa, com mais / (84v⁰) extensão e menos simetria.

É um amontoado de polígonos basálticos que forma, numa extensão de várias milhas na ponta setentrional da Irlanda, dunas recortadas em portos e promontórios. A natureza divertiu-se com estas lavas cristalizadas e, ajudada pelas ondas, aí formou como que monumentos fantásticos em que a imaginação julga reconhecer um teatro, órgãos e chaminés.

É um espectáculo realmente grandioso mas que fica a perder, quando se vê depois de Staffa.

DUBLIN

Vamos num pulo da Calçada dos Gigantes a Dublin.

Não foi sem emoção que eu pisei o solo da Irlanda, da pobre Irlanda, da Irlanda católica, fiel à sua fé, nação verdadeiramente mártir, esmagada, oprimida, humilhada pela herética Inglaterra, que conservou até aos nossos dias em relação a esta pretendida irmã, todo o ódio sectário de Henrique VIII e de Isabel.

Dublin é deveras uma bela capital. É preciso vê-la duma das suas seis pontes sobre o Liffey, em especial da ponte de Carlisle. / (85r⁰) De lá a vista abraça as mais belas ruas e os principais monumentos neo-gregos, como o Banco, a Alfândega e o Tribunal da Justiça, os quais são de melhor bom gosto do que os análogos monumentos de Londres e das cidades inglesas.

As duas velhas catedrais de Dublin, S. Patrício e Christ-Church pertencem agora à heresia. São construções bastante pesadas do século XII¹²⁷. O túmulo de S. Patrício foi violado pela Reforma. Será uma dor-de-alma perpétua para os Irlandeses tão apegados ao seu padroeiro.

A igreja de S. Michan tem uma particularidade curiosa: a sua cripta conserva os corpos dos defuntos e vêem-se aí os corpos ressequidos, alinhados e intactos, como em S. Miguel de Bordeaux.

A catedral católica dedicada à Imaculada Conceição é um edifício moderno com um pórtico grego.

Uma das coisas mais notáveis de Dublin é o seu mercado de roupas velhas que rodeia a igreja / (85vº) de S. Patrício. Nenhuma cidade do mundo oferece espectáculo igual. É uma das mil consequências do estado de opressão e de pobreza da Irlanda. O Irlandês oprimido, arruinado e amesquinhado mesmo na sua vida social, contenta-se com vestir farrapos e andrajos que já foram usados por duas gerações de ingleses, porque essas roupas usadas em primeiro lugar pelos ricos ingleses já foram revendidas pelos judeus aos operários de Londres e vieram então oferecer os seus derradeiros serviços aos pobres párias da Irlanda. A Irlanda compra, cada ano, roupas velhas da Inglaterra por uns seis milhões de francos, em troca de bois, carneiros, galinhas e manteiga que lhe envia.

Bem perto de Dublin, não longe do mar e num recanto agradável, eleva-se o seminário católico de Maynooth. É comum às dioceses irlandesas e é provido pela Inglaterra.

LIMERICK - A MISÉRIA IRLANDESA

O comboio levou-nos rapidamente a Limerick. Esta cidade / (86rº) está situada no fundo do golfo formado pela foz de Shannon. Como as outras cidades da Irlanda Limerick é em parte inglesa e protestante. De resto tem uma bonita apresentação, sobretudo na zona nova. As suas diferentes partes são ligadas por várias pontes sobre o Shannon.

A algumas milhas para cima de Limerick, o Shannon forma uma bela catarata de 500 metros de largura. Perto dela uma cidadezinha chamada Castleconnell é dominada pelas ruínas dum castelo que era a residência dos O'brien, reis de Munster.

Embora atravessássemos a Irlanda rapidamente, pudemos todavia ver a miséria da população.

¹²⁷ A catedral Christ-Church é do século XI.

Uma miséria que é extrema. Nas cidades há um certo bem-estar, e mesmo riqueza; nas províncias, há castelos, mas não é essa a Irlanda, são os ingleses conquistadores e opressores. Os Irlandeses são esses pedintes, nus ou andrajosos, / (86v^o) macilentos, esfomeados, vagabundos, que vagueiam pedindo esmola nas cidades ou junto das estações. São essas pobres famílias que em toda a Irlanda vivem ainda em tugúrios construídos com lama e cobertos de ramos e de relva, com um único quarto, nenhuma mobília, uma enxerga feita de ervas e palha, comum para todos, pais, filhos e velhinhos; e por alimento, algumas batatas recolhidas no pequeno campo que cultivam, e que são partilhadas, quando a miséria é menor, com o porco que habita o mesmo tugúrio.

Oh! sem dúvida esta miséria é repugnante. Este povo parece pouco interessante, estagna-se na ignorância, aviltado pela miséria e embrutecido pela servidão. Mas como foi odioso esse dia em que os ingleses vieram desprezar esse povo que o seu ódio sectário reduziu a um estado próximo do idiotismo e que eles muitas vezes forçaram ao crime pelos excessos da perseguição. Que seriam eles, / (87r^o) os ingleses, se tivessem sofrido igual opressão?

Há três séculos que a Irlanda é esmagada pelo seu carrasco¹²⁸. A perseguição começou a fazer inumeráveis vítimas sob os reinados de Henrique VIII e de Isabel. Houve uma reacção com Carlos I que provoca o extermínio metódico organizado por Cromwell e continuado pela perseguição legal mais atroz. Os três-quartos da ilha foram dados aos soldados vencedores ou aos comerciantes ingleses que tinham fornecido fundos para a guerra. A população irlandesa foi encerrada na província de Connaught.

Os Irlandeses tentaram levantar-se apoiando Jaime II, mas depois da batalha de La Boyne, vencida por Guilherme de Orange, foram definitivamente esmagados.

Todas as suas propriedades foram confiscadas. Foi-lhes proibido adquirir e mesmo alugar a longo prazo. Já não podiam ter escolas, e nas famílias o direito de sucessão era / (87v^o) reservado aos que fossem protestantes; era a ignorância e a miséria obrigatória.

Alguma mitigação foi trazida a estas leis na época da independência dos Estados Unidos. A Inglaterra receou então que a Irlanda se revoltasse. A Irlanda teve mesmo um Parlamento próprio de 1782 a 1800, parlamento aberto só aos protestantes, verdade se diga. De 1809 a 1829 O'Connell foi o ilustre chefe da resistência. Ele obteve para os católicos a entrada no Parlamento Inglês. Depois dele, o partido da jovem Irlanda, com

O'Brien por chefe, abandonou infelizmente, o sistema da resistência e da acção moral para tentar a acção revolucionária.

A questão irlandesa continua a ser a grave preocupação da Inglaterra, e será bem necessário que a Irlanda obtenha justiça. Os seus direitos são defendidos com energia pelos seus deputados que têm como chefe o Sr. Parnell, e pelo partido liberal inglês, dirigido pelo Sr. Gladstone. / (88rº)

Na sua condição de derrota e de esgotamento, a Irlanda manteve-se ligada à sua fé católica com a tenacidade dos Celtas e a força dos mártires. Ela tem a glória de ter dado à Igreja quase toda a população católica dos Estados Unidos e da Austrália.

Este pobre povo, meio esgotado pela fome de 1847, a fome mais espantosa dos tempos modernos, que roubou a esta ilha quase 2 milhões de habitantes, viu ainda diminuir a sua população, apesar da fecundidade das famílias, de quase 3 milhões de habitantes desde há trinta anos.

Este crime dum povo opressor não é uma crueldade das mais imensas da história das nações? Será de admirar que ele faça revoltar o mundo inteiro, e que esteja para abater o ódio sectário da herética Inglaterra?

OS LAGOS DE KILLARNEY

A Irlanda tem contudo os seus lugares de prazer, como tem os seus castelos / (88vº) para uso da Inglaterra. Ela tem a sua pequena Suíça, a região dos lagos de Killarney, a sudeste de Limerick. Nós fomos lá e esta excursão encantou-nos, mesmo depois da viagem à Escócia. Este distrito pertence em grande parte a Lord Kenmare.

Que conjunto maravilhoso de lagos, de montanhas, de gargantas, cascatas, ruínas, castelos e abadias, de lugares, ora graciosos como os da Itália, ora severos como os dos Alpes.

A recordação desta excursão, embora rápida, ficou-me muito viva. Há um feliz crescendo nos lugares a visitar.

O lago inferior é vasto, gracioso, semeado de ilhas, ladeado a Norte pelas pradarias e florestas do parque de Kenmare, ao Sul por colinas donde cai a linda cascata

¹²⁸ Em 1921, a Irlanda obteve a independência, excepto o Ulster, que continuou a fazer parte da Grã-Bretanha.

de O'Sullivan. A ilha de Innisfallen com a sua casa de campo moderna contrasta com a ilha de Roos, que conserva as ruínas majestosas dum castelo / (89r^o) feudal¹²⁹.

O lago do meio, lago de Muckross, é mais pequeno mas muito mais surpreendente. A torrente de Geerhamen corre para por uma garganta apertada entre dois altos rochosos, o ninho de águia e o monte Turc. Entra no lago por debaixo de uma velha ponte em arco, da Idade Média. O monte Turc tem também a sua cascata e a abadia de Muckross mostra ainda a sua grande igreja do século XIV meio arruinada¹³⁰

O lago inferior e o vale do Dunloe, que com ele confina, pertencem à natureza mais áspera e mais selvagem. O vale de Dunloe é sombrio e sem vegetação. É formado por rochas basálticas. Desce da Montanha empurpurada e termina no Vale Negro.

Todas as lendas relativas a estes lugares aumentam-lhes os atractivos; é preciso lê-las aí mesmo. Naturalmente S. Patrício tem nelas o seu lugar. O nome de «lago da Serpente» dado a um pequeno lago da garganta de Dunloe viria duma serpente monstruosa / (89v^o) que A. patrício teria aí milagrosamente matado.

VOLTA A LONDRES

Voltamos a Londres rapidamente. Embarcados em Waterford, desembarcámos em Swansea, depois de tocar Milford. Estas cidades têm uma importância secundária. Waterford conservou claros sinais da antiga dominação dinamarquesa, uma torre de menagem levantada no cais pelos dinamarqueses e uma igreja dedicada a Sto. Oláf, o santo dinamarquês. Ela tem duas catedrais, uma anglicana e outra católica, ambas neogregas.

Milford e Swansea pertencem ao país de Gales. Milford tem uma bela enseada junto às dunas do extremo ocidente. Swansea está tornando-se uma cidade de banhos à moda. Como Waterford tem uma torre de menagem da Idade Média à beira-mar.

¹²⁹ Os lagos de Killarney são três: o lago inferior (Lough Leane) com numerosas ilhas, sendo a maior a de Ross, com o castelo de O'Donoghues. Na ilha de Innisfallen encontram-se as ruínas da abadia do século VI fundada por S. Finian. Entre o lago inferior e o lago do meio (Muckross Lake) encontra-se a abadia de Muckross. Por um caminho arborizado chega-se ao lago superior. Entre Innisfallen e Muckross encontram-se ruínas importantes, como também uma catedral do século XII.

¹³⁰ A abadia de Muckross foi construída pelos franciscanos por volta de 1440

EXPOSIÇÃO

Era a Exposição universal. Todos os hotéis estavam completos e com preços elevadíssimos. Londres era inabitável. Todavia ainda passei aí alguns dias. Visitei várias vezes a Exposição no / (90r^o) no parque de Kensington. Os ingleses não são artistas. Sobressaem nas máquinas, nas armas, cutelaria, carroçarias. Os móveis são pesados, os tecidos espalhafatosos e de mau gosto. Toda a sua arte consiste em fazer produtos confortáveis baratos. Pode-se todavia elogiar as suas faianças e os Wedgwood¹³¹ que imitam os vasos antigos. Havia uma exposição retrospectiva que era interessante. Os ingleses são colecionadores; amontoaram uma multidão infinita de objectos de arte da Idade Média. Gostava também de rever as telas dos seus grandes mestres: Wilkie, Lauwrence, Reynolds, Hogarth, deixaram realmente bons retratos, paisagens marinas e interiores valiosos.

O CARDEAL WISEMAN

Alguns dias antes da saída de Londres, tive a boa sorte de passar uma tarde com o Cardeal Wiseman, o ilustre arcebispo de Westminster, o autor de Fabíola. Pedi-lhe uma audiência com Palustre; respondeu-nos dizendo qual era o dia em que recebia. E / (90v^o) lá fomos. Fez-nos um amável acolhimento e convidou-nos a tomar chá. Tinha voltado há pouco de Roma. Falou-nos com afeição de Pio IX e mostrou-nos uma medalha de bom tamanho que o Papa lhe dera. Encontrámo-lo vestido à inglesa, meio à civil. O seu rosto corado representava bem o tipo nacional. Falava facilmente francês. Como Mons. Pie, que eu conheci mais tarde, não tinha de fino senão o olhar. Alguns padres e leigos tomaram parte nesta reunião simples e familiar.

DE VOLTA A PARIS

Estávamos a meados de Julho, era preciso voltar a Paris, acabar a tese de licenciatura, fazê-la imprimir e defendê-la.

Passei por Dover, Folkestone, e Boulogne. Dover oferece um bonito panorama que se estende até à costa francesa, do alto do seu velho castelo ou das suas dunas calcárias. É rodeada por sólidas muralhas e fortificações. A colina próxima, dita Rochedo

de Shakespeare, / (91r^o) merece uma visita. É um amontoado de fósseis infinitamente variados da era secundária¹³². Eu trouxe comigo alguns bem bonitos.

Dover está ligado a Folkestone por um caminho-de-ferro pitoresco com numerosos túneis. Folkestone tem uma linda praia com muitos banhistas.

Embarcámos. O mar foi mau, mexido. As ondas abatiam-se-se sobre o navio. O pessoal do barco emprestou caridosamente aos passageiros uns sacos de borracha. Vi toda a gente enjoar, mas não enjoei eu!

Em Boulogne quis ver a coluna da Grande-armada e a igreja de Nossa Senhora. A coluna relembra as glórias militares do primeiro império, glórias bem estéreis¹³³. A igreja de Nossa Senhora testemunha com as suas riquezas a fé dos povos dessa região. Ela não é em estilo clássico, é uma fantasia e quase um rococó. Todavia, é um edifício imponente. A sua alta cúpula suporta a estátua de Nossa Senhora. O interior tem verdadeira profusão de mármore, pinturas e estátuas. / (91v^o) As abóbadas da nave são perfuradas e deixam ver uma abóbada superior decorada com pinturas que representam cenas do Apocalipse.

A antiga estátua milagrosa foi destruída pela Revolução¹³⁴. Pobre França que a embriaguez revolucionária reduzira à abjecção de ilhotas e que se lançava ela própria sobre tudo o que tinha de sagrado, de venerável ou de belo!

A nova estátua é como que consagrada por um pedacinho da antiga salvo ao incêndio. – Reza-se muito neste santuário. Sente-se lá o que dizia Lacordaire: *“Os lugares santos são no mundo o que os astros são no firmamento, uma fonte de luz de calor e de vida”*.

Voltei a Paris a meados de Julho.

Tal foi esta viagem, viagem de turista, viagem de moço, viagem muito rápida e muito pouco preparada. Ficaram-me dela, todavia, muitos conhecimentos úteis, avaliações aproveitáveis; dou graças à Providência por me ter permitido fazê-la. / (92r^o)

¹³¹ “Wedgwood” é uma espécie de cerâmica com decorações em relevo parcialmente vitrificada, assim chamada do nome do inventor.

¹³² Era secundária ou mesozóica.

¹³³ É a coluna comemorativa da «Grande-Armada»: 150 000 homens e 700 navios, com a qual Napoleão I queria invadir a Inglaterra. Foi levantada em 1841 nos arredores de Boulogne-sur-Mer.

¹³⁴ A actual igreja de Nossa Senhora é do século XIX. Na Idade Média era um dos santuários mais célebres pela sua estátua milagrosa da Santíssima Virgem, venerada desde o século VII.

TESE DE DIREITO

Acabei rapidamente a minha tese de licenciatura. Tomara como assunto “*A tutela*”. Pus nela algumas flores de retórica e copiei muito, como toda a gente. Defendi a tese com sucesso no dia 18 de Agosto. Tinha apenas 19 anos. Fui muito louvado e cumprimentado, naturalmente com alguns rasgões na humildade.

FÉRIAS - PESQUISAS GENEOLÓGICAS

Uma visita de família a Derengt, no cantão de Nouvion, desperta em mim a ideia de fazer algumas pesquisas sobre a origem da minha família.

A igreja de Dorengt contém belas pedras tumulares que mostram a devoção e a caridade dos meus avós dos séculos XVII e XVIII. Examinei os registos do estado civil de Dorengt. Eles remontam até ao século XVII. Estão cheios de informações sobre a minha família

Ela pertencia evidentemente ao terceiro-estado, embora o nome fosse escrito normalmente «de Hon» e às vezes d’Ehon antes da Revolução. Era uma família de proprietários rurais e de agricultores. Em Dorengt os «de Hon» habitavam na herdade / (92vº) senhorial de Ribeaufontaine. Eram os administradores ou cobradores.

A origem da família seria então a terra ou o senhorio de Hon perto de S. Amand (Nord)? Não tive tempo para fazer pesquisas nesse ramo.

No séc XVIII formaram-se vários ramos. O ramo mais velho fica em Dorengt, os outros estacelecem-se em Marle, em La Capelle, em Dunkerque.

Que aconteceu com o ramo formado por Nicolau de Hon, mercador em Dunkerque? Não sei. Ele foi talvez, a raiz dos Dehon que se encontram agora no Norte e em Bruxelas. Um padre da diocese de Cambrai tem esse apelido.

O ramo de Marle, o do século XVIII (porque há outro ramo do século XIX saído de La Capelle e que está a extinguir-se) extinguiu-se por aliança com a família Perin de Vervins, que tem hoje como herdeiro o barão Quinette.

O ramo de Dorengt extinguiu-se também por várias alianças nomeadamente com os Fouant de La Tombelle / (93rº) representados hoje pelo barão de la Tombelle em Paris e com os Viéville de Malzy, representados hoje pelos Viéville des Essarts, o barão des

Essarts, a baronesa de Chatelet no castelo de Inacourt, os de Nanteuil em Paris (ramo ao qual pertence sem dúvida a escritora Mme de Nanteuil).

A menina Maria de Viéville, filha do Mestre João de Viéville e de Maria de Hon deixou em Malzy grandes recordações da sua caridade e devoção. Ela viveu de 1768 a 1854 e permaneceu solteira. O povo de Malzy lembra-se da «*Menina*», a benfeitora dos pobres.

Sente-se uma legítima satisfação ao encontrar nos nossos antepassados uma vida honrada e cristã. / (93v^o)

IV ano de Direito: 1862/63

SOCIEDADE FRANCESA DE ARQUEOLOGIA

Sob a influência de Leão Palustre, tinha-me tornado um amante de arqueologia. Ele já era membro da Sociedade francesa de arqueologia fundada por M. de Caumont. Mais tarde seria o seu director. Apresentou-me e eu tornei-me membro desde Setembro de 1862. Iria conservar um posto muito acentuado pela arqueologia e pelas belas-artes, até à época em que estaria demasiado absorvido pelas minhas obras.

Devo lamentar isto? Creio que não. As artes elevam a alma, alargam-na e conduzem-na para Deus. / (1r^o) A arqueologia presta uma ajuda enorme ao estudo da história e muitas vezes também à ciência da religião. A Providência serviu-se de Leão Palustre para me conduzir à Palestina e a Roma; são essas duas grandes graças da minha vida.

LEÃO PALUSTRE

Leão Palustre teve demasiada influência na minha vida para não me demorar um pouco em considerações sobre ele, enquanto procuro o que na minha vida deve ser para mim um motivo de gratidão para com Deus, ou de arrependimento.

Ele descendia de uma família aristocrata de Poitou. Seu pai era da guarda real de Carlos X. Os Palustres participaram nas cruzadas. Pela mãe ele julgava até descender de Guilherme-o-Trovador, duque da Aquitânia circunstância que o levou mais tarde a

escrever-lhe a vida. Tinha fortuna mediana. Órfão, tinha sido criado em Saumur por uma tia. Fora interno dos jesuítas em Poitiers, depois em Bordéus. Tinha conservado um afecto realmente filial para com o padre Xavier Pouplart, / (1vº) seu antigo professor de retórica. Ia visitá-lo e escrevia-lhe. Fez-me conhecer e fiquei em comunicação com esse bom padre. Leão Palustre tinha os gostos e as maneiras dum grande senhor. Amava as letras e as belas-artes. Julgou por um momento ter vocação de dominicano e foi passar algum tempo com eles em Oullins. Era uma vocação de fantasia. Ele guardou sempre uma certa piedade, amava a Santíssima Virgem e não teria deixado, por nada no mundo, o escapulário ou o terço.

A NOSSA VIDA EM COMUM

Tornou-se meu companheiro de quarto na rua Bonaparte 68, mas em breve ele desejou alguma coisa de mais central, de mais elegante, de mais distinto e fomos morar no nº 18 da mesma rua perto da Escola das belas-artes. O nosso apartamento tornou-se um apartamento de artista. Palustre mobilou o escritório em carvalho esculpido. As curiosidades e recordações da viagem encheram / (2rº) as estantes. Velhas pinturas e esmaltes embelezaram as paredes. Tudo se harmonizava. A biblioteca enriquecia-se de livros e de gravuras.

Gostávamos ambos do trabalho. Levantávamo-nos às 5 horas; começávamos o dia com meia hora de leitura da Sagrada Escritura nos comentários do Pe. Calmet. Na verdade, até então eu não tinha lido quase nada de literatura e filosofia. Palustre fez-me tomar gosto a isso e eu comecei a ler os clássicos e os contemporâneos. O Direito absorvia-me muito, mas Palustre lia mais do que eu e as suas conversas à hora das refeições ou de recreio eram de enorme proveito para mim.

VISITA DE PARIS

Em cada domingo e festa nós visitávamos alguma coisa de Paris histórico e artístico. A leitura de Viollet-Leduc (Viollet-le-Duc), de Viardot e de escritores desse género preparava-nos para esse estudo arqueológico. Era toda a história que assim se me revelava, com a ajuda da dedução e da fantasia. Procurávamos nos / (2vº) monumentos o sinal e as características das diferentes épocas. Vou resumir aqui o que foram os nossos recreios desse ano, antes de falar nas nossas ocupações correntes.

A CIDADE GAULESA E GALO-ROMANA

Nada ficou da cidade dos Celtas se não este mesmo nome de Cité, aplicado pelos romanos à ilha onde se encontrava o burgo primitivo¹³⁵. Há 2.000 anos haveria lá sem dúvida só cabanas de terra e colmo. As margens do Sena eram cobertas de bosques e pântanos. As duas colinas sagradas de Sta. Genoveva e de Montmartre tinham certamente, nesse tempo, monumentos druídicos. Deus gosta de manifestar a glória de Cristo nos próprios lugares onde antes reinaram as superstições.

A época romana, que durou 500 anos, deixou mais vestígios. Estudei as termas de Julião e fui ver o aqueduto de Arcueil. As ruas de S. Jacques e S Martin marcam a antiga estrada romana de Orléans a Beauvais. O palácio da Justiça / (3rº) substituiu a antiga residência imperial e Notre-Dâme tomou o lugar do Altar de Júpiter. As pontes de madeira cederam o lugar às pontes magníficas de pedra. O arco do triunfo de Máximo tem os seus destroços soterrados debaixo da praça Notre-Dâme. Foram encontrados os restos dos circos. Os banhos e os teatros, a sensualidade e o prazer, era isso que dominava em todas as cidades romanas.

PARIS SOB OS CAROLÍNGIOS

A época carolíngia subsiste nas suas fundações religiosas embora tenham sido renovadas e modernizadas.

Deve-se aos carolíngios a catedral, a igreja de S. Pedro, que se tornou de Santa Genoveva e que recebeu a sepultura de Clóvis e de Santa Clotilde, a igreja de S. Marcelo, o priorato de São Martinho, a igreja de S. Vicente que se tornou S. Germain-des-Prés, a igreja de S. Julião, a abadia de S. Dinis. A escola de Alcuíno preludiava a universidade.

Faz-nos bem rezar nestes velhos santuários, mesmo que tenha ficado deles apenas o lugar! São lugares espiritualmente enriquecidos e fecundados por tantos séculos de orações e pelo / (3vº) fervor heróico dos primeiros cristãos.

Com estes pontos de apoio, pode-se imaginar a velha Paris.

¹³⁵ O nome de "Lutetia Parisiorum" deriva do facto de que a ilha do Sena que forma hoje a "Cité" se chamava Lutèce e era habitada por uma tribo celta, os "Parisii"

OS GRANDES SÉCULOS CRISTÃOS, DO XII AO XV, EM PARIS

Paris, mesmo que só tivesse Notre-Dâme e a Santa Capela, ultrapassaria todas as capitais da Europa. Esta época é o apogeu da arte cristã e por conseguinte de toda a arte.

Eu estudava esta época com V (iollet Le-Duc), Montalembert, ainda não tínhamos Leão Gautier, nem Lecoy de la Marche.

Que grande carácter devia ter Paris no fim do século XIII!

Notre-Dâme e o palácio da Cité, com a Santa Capela achavam-se em todo o seu esplendor. As grandes abadias, S. Victor, S. Martinho, S. Tiago estavam tão magnificamente estabelecidas como santamente habitadas.

A Universidade hospedava nos seus colégios 15.000 estudantes que faziam os seus recreios no Pré-aux.Clercs. O Louvre mostrava altivamente a sua torre e as suas muralhas. / (4rº)

A cerca tinha sido alargada no reino de Filipe Augusto e as ruas tinham sido calçadas.

Os organismos de Estado tinham as suas casas de corporações. No verão o rei vivia no seu castelo de Vincennes. As festas religiosas multiplicavam-se em Notre-Dame. Os peregrinos afluíam a Sta. Genoveva e à abadia de S. Dinis. A devoção e as práticas religiosas reinavam em toda a população. Os dias de grandes emoções eram os da partida para as cruzadas, ou da chegada dos mensageiros do Oriente. A Santa Capela oferecia nas suas grandes relíquias como que um resumo da Terra Santa.

Foi durante este ano que eu aprendi a gostar desta época. Ela ficará o objecto dum dos mais ardentes entusiasmos da minha vida.

Os séculos XIV e XV foram para a Igreja e para a França, séculos de sofrimento. Era o tempo do grande cisma do Ocidente e da guerra dos Cem Anos. Eles foram todavia muito fecundos. Já não era a arte simples, majestosa, soberanamente / (4vº) nobre e pura do século XIII. Visava-se mais à riqueza, à beleza, á utilidade; às vezes descia-se ao trivial. Que interesses oferecem ainda as igrejas de S. Leu, S. Gervásio, S. Lourenço, S. Nicolau-dos-Campos, S. Severino, S. Germano de Auxerre. Nós visitámo-las todas, uma a uma, estudando-as. Elas revelam ainda, apesar das destruições da Revolução, toda a vida religiosa da Idade Média, as várias devoções, as corporações e toda a fé da velha Paris.

O claustro das Billettes relembra o grande milagre do Ss. Sacramento¹³⁶.

O maravilhoso hotel de Cluny com os restos do hotel de Sens e a torre de João-sem-Medo, nos recordam a riqueza da arquitectura civil desse tempo. A torre de S. Tiago faz-nos sentir saudades da igreja que marcava em Paris o fim do período gótico.

O RENASCIMENTO EM PARIS

O Renascimento faz-me o efeito duma arte pagã baptizada, mas / (5r^o) conservando fortemente a marca do pecado original. Ele não soube libertar dos detalhes mitológicos e das formas sensuais. Encontrava-as em toda a parte nos seus modelos. O meu amigo Palustre faria mais tarde um estudo aprofundado sobre esta época, procurando as origens e mostrando numa obra magistral que o Renascimento francês não tinha copiado servilmente a Itália; que tinha a sua originalidade, o seu carácter próprio e um valor que não ficava a dever a nenhuma escola estrangeira. Nós antecipamos estes trabalhos com os nossos passeios artísticos

Os monumentos do Renascimento tinham-se multiplicado em Paris sob Francisco I, Henrique II, Henrique III e Henrique IV.

O castelo de Madrid e o hotel de Soissons desapareceram com o antigo Colégio de França, os Agostinhos, os Capuchinhos, os Frades Bernardos e mais recentemente as Tuileries e os Paços do Conselho. Mas continua o Louvre, as igrejas de S. Eustáquio e St Etienne, o hotel Carnavalet, a praça de / (5v^o) Vosges, a fonte dos Inocentes, os destroços de Gaillon e de Anet na Escola das belas artes e a casa dita de Francisco I.

Não posso deixar de admirar as obras delicadas e graciosas de Philibert Delorme, de Pierre Lescot, de Jean Goujon e de Germain Pilon, mas elas não falam tanto ao meu espírito como as obras-primas da arte cristã. Aquelas são mais da terra e estas mais do céu.

O Louvre, Fontainebleau, Anet falam muito de Diane de Poitiers, de Gabrielle d'Estrées e de recordações semelhantes¹³⁷. Pobre França! Os teus governantes, eles próprios, enfraqueciam e te levavam para o sensualismo.

¹³⁶ Trata-se de um milagre que aconteceu, segundo a tradição, em 1290. Uma hóstia consagrada teria sido profanada por um judeu chamado Jónatas e dela teria saído sangue.

¹³⁷ Diane de Poitiers (+1566) foi a amante de Henrique II. Gabrielle d'Estrées, amante de Henrique II, inspirou igualmente uma viva paixão em Henrique IV, que desejava desposá-la quando ela morreu de parto, em 1599.

O SÉCULO XVII - LUÍS XIII - EM PARIS

O Século XVII acrescentara vários conventos aos que já existiam: os Mínimos, as Anunciadas, as Ursulinas, as Freiras bernardas, os Carmelitas. Só ficam poucos sinais deles.

Construíram-se então muitas igrejas, / (6rº) de importância secundária, mas geralmente harmoniosas, graciosas, com ordens clássicas, os frontões solenes e quase sempre com cúpulas.

São desse tempo o Val-de-Grâce, S. Roch, S. Gervais, Nossa Senhora das Victórias, a Sorbona, S. Louis-en-l'Île, a Igreja dos Carmelitas, S. Paulo, S. Luís. - São sempre imitações do tipo romano desse tempo. Nessas igrejas encontra-se, em ponto pequeno S. Pedro de Roma, S. André della Valle, etc. Na arte gótica tínhamos tido o 1º lugar e dado modelos à Europa.

Decididamente, os Francos deixaram o lugar aos Galo-Romanos. É uma nova invasão Greco-Romana. Como explicar isso? Eu vislumbro as suas origens, que me parecem múltiplas. Já se assinalaram os artistas e escritores gregos expulsos de Constantinopla pelos Turcos e que se refugiaram no Ocidente. Parece-me que o excesso da riqueza, a diminuição da fé, as provações da Igreja pelo cisma do Ocidente, provocaram um despertar das inclinações sensuais que tinham dominado no tempo / (6vº) do paganismo. A grande arte, sóbria, austera e pura do século XIII tinha-se abaixado durante dois séculos para se pôr ao nível dos costumes, como uma monarquia que vai de concessão em concessão; depois, fora preciso abdicar e entregar o poder.

A invasão romana devia, infelizmente, levar-nos longe porque não se pode negar a influência da arte e da literatura romana sobre a Revolução.

As alianças da família real tinham contribuído muito para nos desmoralizar. Valentina de Milão, Luísa de Sabóia, Maria de Médicis, Catarina de Médicis traziam para a França o fanatismo das coisas italianas e matavam moralmente a França para refazer a Gália romana.

Eu não consigo apreciar em França, especialmente, essa arte meio-pagã que a Renascença introduziu. A Itália não teve verdadeiramente uma grande arte cristã senão na pintura. Na arquitectura e na escultura, ela ficou muito escrava das formas pagãs. / (7rº)

Citei as nossas igrejas parisienses do século XVII. Paris, na mesma época, enriqueceu-se de palácios esplêndidos e de hotéis sumptuosos. O palácio do Luxemburgo e o Palácio-Cardinal (hoje Real)¹³⁸) conservaram quase intacta a sua fisionomia primitiva. Eles são dignos da Itália. Conservam-se ainda bonitas partes dos hotéis Lambert, Luynes, Réthune, Bretonvillers e Lamoignon. O hotel de Rambouillet deixou o lugar ao novo Louvre; ele seria o mais rico em recordações. Ele recordar-nos-ia um mundo afectado e muito afastado dos costumes do Evangelho, mundo de pequenas intrigas e amores insípidos. A marquesa de Rambouillet, a sua filha Júlia D'Augines, os seus cortesãos e amigos Rocan (Rohan), Malherbe, Voiture, Chapelain, Menina de Scudéri e as Preciosas têm um nome na história das letras. Duvido que tenham muita fama no céu!

Pela mesma altura é fundado o Jardim das Plantas¹³⁹, que deviam enobrecer Bupfon, Lacépède e Cuvier. Estes homens / (7vº) não prejudicaram a fé mostrando as belezas da natureza.

As glórias mais verdadeiras deste reino são as obras do P. Olier, do P. de Bérulle, de S. Vicente de Paulo, de Mlle Legras, de Mme Acarie. A Companhia de S. Sulpício, o Oratório, as Irmãs da Caridade, o Carmelo, é a piedade, a ciência, a caridade, a vida contemplativa, que irradia de Paris sobre a França e sobre o mundo.

Estou feliz por ter tido algumas relações com estas obras por meio da querida paróquia de S. Sulpício, pelos meus relacionamentos com o P. Gratry e com as Conferências de S. Vicente de Paulo. Eu sentia então esta graça; compreendo-a melhor ainda mais hoje

LUÍS XIV - EM PARIS

Eu percebi bem, em Paris, a grandeza e a magnificência do reinado de Luís XIV. Todas as obras deste tempo têm uma vastidão e uma nobreza toda especial.

Versalhes foi construído à medida do grande rei. Não creio que algum príncipe tenha jamais tido uma corte mais nobre, mais escolhida, mais animada e / (8rº) mais sumptuosa. Que belos anais nesse palácio em que se viram Bossuet, Fénelon, Bourdaloue e Massillon pregar diante do rei e da corte; Condé, Turenne, Vauban, Luxenbourg, Villars, Catinat, Duquesne e Duguay-Trouin receber planos de batalha e

¹³⁸Construído por Richelieu e deixado em herança a Luís XIII, tomou o nome de «Palácio-Real» quando Ana de Áustria e Luís XIV, ainda menor, nele moraram.

voltar vitoriosos; Corneille, Racine, Molière, La Fontaine e Boileau instruir e divertir tanto em pessoa como pelos seus escritos; Lebrun, Lesueur, Girardon, Puget, Perrault e Mansart apresentar os seus projectos e expandir o seu talento.

Nem Sésostris, nem Sémiramis, nem Péricles, nem Augusto me parece que tenham alcançado tal altura... e, todavia, este grande século parece-me pequeno ainda ao pé do século de S. Luís. Tudo era nesse tempo tão religioso, tão puro e tão grande! A catedral tinha o primeiro lugar, não aparece entre as obras de Luís XIV. No palácio de S. Luís, era a capela e a sala da justiça que tinham maior grandeza e brilho; para Luís XIV eram os salões, os jardins, o teatro. Com Luís IX tudo anunciava / (8v^o) a oração, o trabalho e o cuidado dos pobres: as igrejas e abadias multiplicavam-se, as corporações floresciam, construía-se o hospital.

Luís IX não tinha os grandes escritores que rivalizaram com os gregos e os latinos no reinado de Luís XIV, mas os seus artistas traçavam a epopeia cristã nas esculturas e nos vitrais das catedrais, e os trovadores repetiam a todos os lares nobres a Canção de Rolando e as outras ingénuas epopeias desse tempo. As Cruzadas valiam bem a aliança com a Alemanha protestante. - Em conclusão, gosto de Luís XIX, mas Luís IX é mais francês e mais cristão.

Paris deve muito a Luís XIV: a colunata do Louvre, o jardim das Tulherias, as grandes avenidas, os cais, as praças do Caroussel, das Vitórias e de Vendôme, a Ponte-Real, o Observatório, os Gobelins, o Instituto, as portas S. Denis e S. Martinho, o hotel dos Inválidos, o Val-de-Grâce. S. Sulpício foi também começado / (9r^o) nesse tempo. Seria preciso citar ainda os solares particulares, como o solar Lambert na ilha de S. Luís, decorado por Lebrun e Lesueur, os solares de Luynes e de S. Aignan construídos por Lemuet (Le Muet).

Eu gostava de reencontrar e de estudar as obras de cada um dos grandes artistas desse tempo. Para a arquitectura, era o Louvre e o Observatório de CL. Perrault, os Invalides de Mansart, o Val-de-Grâce de Lemercier e Lemuet (Le Muet); para os jardins, as Tulherias de Le Notre; para a escultura, as obras de Coustou, Coysevox e Girardon no Louvre e nas igrejas de S. Roque, de S. Nicolau-do-Chardonnet e da Sorbona; para a pintura, as obras de Simão Vouet em St. Merri e St. Eustache, as de Lebrun em S. Nicolau-du-Chardonnet, as de Lesueur no Louvre e em St. Jacques-du-Haut-Pas, as de

¹³⁹ O Jardim do museu Nacional de História Natural.

Claude Lorrain e de Poussin no museu do Louvre, as de Jouvenet no Louvre e em Notre-Dâme, as de Filipe de Champaigne no Louvre, na Sorbona e em S. Paulo-S. Luís, / (9vº) as de Largillère em St Etienne, de Coytel em St. Merri, de Mignard no Val-de-Grâce e em St. Louis-en-l'Île.

Como toda esta escola é pouco religiosa em comparação com as escolas primitivas da Itália, da Flandres e da Alemanha!

Gostava também de reencontrar as memórias dessa época grande, nos monumentos fúnebres dos seus grandes homens. Richelieu repousa na Sorbona, Colbert em St. Eustache, Turenne e Vauban nos Invalides, Pascal e Racine em St-Etienne-du-Mont, Descartes e Mabillon em St-Germain-des-Prés.

Mas a mais genuína grandeza deste tempo está nas suas recordações religiosas.

Bossuet e Fénelon vinham pregar à corte e ocupar-se da educação dos príncipes. O Oratório tinha Massillon. A Companhia de Jesus tinha Bourdaloue, Petau, Jouvenot, La Rue, Porée, Bouhours.

As grandes ordens antigas reformavam-se seguindo o impulso dado pelo Concílio de Trento. Rancé renovava / (10rº) a Trapa; Le Faure renovava os Genovefanos; os Benedictinos, especialmente os de S. Germain-des-Prés e de S. Denys adoptavam a reforma de S. Maur que virá a ser tão fecunda. As Irmãs da Caridade e as Visitandinas multiplicavam-se. Luís XIV acrescentava os hospitais da Salpêtrière, de Bicêtre e dos Quinze-Vingts aos da piedade e dos incuráveis construídos por Luís XIII. Duas outras obras eminentemente fecundas e sempre vivas e activas datam ainda desse tempo, o Seminário das Missões estrangeiras e o Seminário de S. Sulpício. Quantos santos sacerdotes, santos bispos, mártires e apóstolos deram desde então essas duas casas! Se o século XVII não nos tivesse dado senão essas duas obras, ele mereceria a nossa admiração e teria direito à nossa gratidão.

LUÍS XV EM PARIS

O reino de Luís XV não deixou grandes obras em Paris; Luís XV não vivia na sua capital. Ele escondia as vergonhas da sua vida em Versalhes e em Trianon. O grande architecto desta / (10vº) época, Gabriel, construiu a Escola Militar e o Guarda-Móvel, e

desenhou a Praça da Concórdia. Foram começadas então S. Geneveva¹⁴⁰ e a Madalena, mas para serem acabadas no século XIX. O voluptuoso Boucher reinava na pintura, Pigalle na escultura, Beaumarchais e Marivaux no teatro. Voltaire, Rousseau, d'Alambert, Helvétius, Diderot, colocavam as suas doutrinas insensatas em lugar dos grandes ensinamentos de Bossuet e Fénelon. A nobreza vivia em Paris e em Versalhes, e imitava a corte. O próprio clero tornava-se insípido. O Jansenismo fora ferido em Port-Royal por Luís XIV, mas tinha sobrevivido e tinha gelado os corações e ensoberbecido os espíritos.

O Regente¹⁴¹ tinha a sua corte no Palácio-Real. Senti sempre por esta época uma repulsa violenta. Todas as suas memórias me são penosas. A pobre França sofrerá ainda por muito tempo as consequências da corrupção que então a invadiu. / (11r^o)

Todavia, as fundações do L'Abbé de L'Epée, e a de S. João B. De la Salle testemunhavam ainda nesta época a fecundidade da Igreja.

Eu fazia estas visitas ou este estudo de Paris com menos método do que ponho neste resumo, mas as impressões que experimentava então, são, bem as mesmas que exponho hoje.

A REVOLUÇÃO EM PARIS

A Revolução só podia deixar ruínas e lembranças sinistras. A casa dos Carmelitas conservou alguns sinais da jornada sangrenta de 2 de Setembro de 1792. A cadeia da abadia desapareceu. Todavia uma parte da abadia de S. Germain-des-Prés está ainda de pé. Vários artistas contemporâneos têm lá os seus estúdios. Aí recebia eu lições de desenho com Noel, o pintor das marinas. Foi a Praça da Concórdia a testemunha do horrível assassinio de Luís XVI, a 21 de Janeiro de 1793. A Capela expiatória está situada a alguns passos daí, na Avenida Hausman (Hausmann).

Os amigos da Revolução enaltecem a glória da Convenção por ter restabelecido / (11v^o) ou fundado algumas casas de estudo ou de ensino depois de todas as destruições revolucionárias. Ela na verdade criou o museu do Louvre nos apartamentos reais, o Conservatório das artes e ofícios nas construções do priorado de St-Martin-des-Champs,

¹⁴⁰ Mais conhecida pelo nome de Panteão, construída para substituir a igreja da antiga abadia de S. Geneveva. Luís XV colocou a primeira pedra em 1764. A Assembleia Constituinte, em 1791, transformou a igreja em Panteão destinado a receber o corpo das personagens mais ilustres. Este destino, após várias mudanças, tornou-se definitivo em 1885. No interior, numerosas pinturas relatam cenas da vida S. Geneveva. A apoteose da Santa forma a decoração da cúpula.

¹⁴¹ É o título dado a Filipe de Orléans de 1715 a 1723.

a Escola politécnica no antigo colégio de Navarra, e a Escola normal num mosteiro da rua de Ulm. O período revolucionário não deixou em Paris um único edifício de algum valor, e a cada passo na capital é preciso deplorar o que ele destruiu ou profanou.

O IMPÉRIO EM PARIS

O Império reabriu as igrejas, mas não construiu nenhuma. Vê-se ainda no Tesouro de Notre-Dâme algumas recordações da Sagração e da presença de Pio VII a 2 de Dezembro de 1804. O Imperador era o ídolo de si próprio. Todos os monumentos do seu reino tiveram por finalidade a sua própria glorificação. Tais são: a coluna Vendôme, os arcos de triunfo do Caroussel, de l'Etoile, a rua da Rivoli, as / (12^{to}) pontes de Austerlitz e de Iena. O gosto desta época era a imitação da Roma Imperial.

A RESTAURAÇÃO EM PARIS

A Restauração também não deixou muitos monumentos. Ela, todavia, levantou as duas igrejas de Nossa Senhora do Loreto e de S. Vicente de Paulo no estilo das basílicas romanas. O teatro S. Martinho lembra as grandes lutas literárias dessa época, a querela dos Românticos e dos Clássicos. Aí foram representados Hernâni e Marion Delorme¹⁴² que levantaram em concorrência tantos aplausos e tantos assobios. Apesar de tudo, essa época foi bem bonita. A França renascia; com a fé, reanimavam-se o entusiasmo e o espírito nacional. A literatura deu-nos obras-primas; Lamartine, V(ictor) Hugo e Chateaubriand colocaram o seu século entre os maiores. A arte verdadeiramente nacional, a arte gótica ia renascer também. V(ictor)Hugo Viollet-Leduc (Viollet-le-Duc) iam restituir à França a inteligência dessa arte, e se a Restauração tivesse atingido / (12^{vo}) o seu desenvolvimento completo teríamos visto um segundo século XIII, talvez mais brilhante que o primeiro. Mas estamos em tempos de ecletismo. Já não temos o arrebatamento dum povo jovem. As influências cruzam-se e chocam-se. Somos também agora uma raça bem misturada. Toda a arte da Europa divide-se em dois grandes campos: a arte greco-romana que domina no Sul e no Leste, a arte fanco-germânica que domina a Oeste e a Norte. A França está na fronteira destas divisões. A influência exclusiva dos Francos na Idade Média deu-nos a mais pura arte gótica nascida inteirinha

¹⁴² Dois dramas em verso de V. Hugo.

da fé, mas nós sem dúvida estamos agora condenados para sempre a uma mistura que quebra as forças e diminui os resultados.

O despertar da arte nacional apenas se manifesta em Paris no período da Restauração, mas devia / (13rº) produzir nos reinados seguintes o rejuvenescimento de Notre-Dâme e da Santa Capela e a construção das igrejas de Sta. Clotilde, de S. Bernardo e de S. João Baptista e a sacristia de Notre-Dâme.

Voltar-se-ia em breve ao estilo românico-bizantino para as igrejas de S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Pedro-de-Montrouge e ao estilo do Renascimento para a Trindade e S. Francisco Xavier.

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA EM PARIS

Os grandes trabalhos do governo de Julho e do Império em Paris podem-se chamar trabalhos de embelezamento, mais que trabalhos de arte. Pode-se citar a praça do Trono, várias pontes, a rua de Rivoli, as avenidas de Sébastopol, de S. Miguel e de Estrasburgo, as estações e seus acessos, os Buttes Chaumont, o parque Monceau, o bosque de Vincennes.

É costume dizer-se que o século XIX não tem estilo próprio em arquitectura. Não sou dessa opinião. O futuro nos / (13vº) atribuirá um estilo bem característico: é uma renascença ampla e rica caracterizada pelo emprego frequente de mármore e granito, de estuques, de mosaicos, de faianças, de frescos e de ouro. Para a decoração interior em especial, eu creio que nenhuma época tenha igualado a nossa pelo gosto, a riqueza, a harmonia e a variedade.

Chega-se, por isso mesmo, no nosso tempo, a pensar em dar um palácio ao museu das Artes decorativas.

Pertencem mais ao menos completamente a essa renascença do século XIX: a grande ópera, os teatros da Praça do Chatelet, o Tribunal do Comércio, a Escola das Belas Artes, o palácio da Indústria e o Trocadero, o Fontanário de S. Miguel, bom número de hotéis, de ricas casas, de armazéns como os da Primavera, as estações do Norte e do Leste, as próprias Halles, e a igreja da Santíssima Trindade. Este estilo conquista a província onde os mais belos exemplares são talvez o / (14rº) Museu de Marselha e a igreja de Fourvières.

Para a pintura e a escultura, as igrejas de Paris povoaram-se verdadeiramente de obras notáveis, algumas das quais são de primeira ordem. Pode-se estudar Rude e Pradier na Madalena; David d'Angers, Gros, Cabanel e Jean Paul Laurens no Panteão; Ary Scheffer em S. João e S. Francisco; Flandrin em S. Vicente de Paulo, S. Germain-des-Prés e também S. Severino; Gérôme igualmente em S. Severino; Guillaume, Lenepveu, Laugée e Bouguereau em Sta. Clotilde; Orsel; Hesse, Schnety, em Nossa Senhora de Lorette; Eugénio Delacrois, Lafon, Glaize, Signol, em S. Sulpício!

O meu amigo Palustre fez-me estimar tudo isto. Gosto de pensar ainda nisso, e revejo com prazer os momentos e as obras de arte de Paris quando a Providência lá me conduz. Parece-me que a vista do belo coloca a alma na ordem, na harmonia e na paz, / (14v^o) e a conduz para Deus.

OS MUSEUS DE PARIS

Fiz uma espécie de estudo dos museus com o meu amigo Palustre. O belo eleva a alma e a arte revela os costumes e os sentimentos das épocas passadas. Foi um preâmbulo para a minha viagem ao Oriente; excitava-se em mim o desejo dela percorrendo o museu egípcio fundado por Champollion; o museu assírio, rico de restos dos palácios de Khorsabad e de Nínive enviados por Botta e Layard; o museu fenício com a sua famosa estela de Mésa que narra as guerras de Moab contra Israel 900 anos a. C. - O museu grego tem algumas maravilhas que nos mostram quanto a arte pode aproximar-se do ideal, só com os recursos da natureza humana: a Venus de Milo, a Psyque, a Diana de Gabies, o Gladiador, o Aquiles Borghèse, as métopas e os outros fragmentos do Parthénon.

Nas salas romanas os bustos dos imperadores parecem mostrar-nos poucas almas realmente nobres e virtuosas; os bustos das imperatrizes revelam / (15r^o) artifícios de penteados que são reproduzidos hoje. Nas salas da Renascença, João Goujon e Germain Pilon ultrapassam Roma sem igualar a Grécia. - A galeria de Apolo é uma das mais belas salas de festas que os palácios da terra oferecem. Foi pintada em parte por Lebrun (Le Brun). Que jóias maravilhosas ele contém, joalheria, cristais e pedrarias, esmaltes de toda a espécie, sobretudo os do serviço de Henrique II. - Mas do que eu mais gostei no Louvre foi das pinturas. Eu estudava as escolas, os vários géneros. Aprendi a conhecer o que era preciso apreciar e louvar em cada quadro: a disposição - o desenho, a perspectiva, a

expressão - o claro-escuro com os efeitos de sombras, de claros, de meias tintas - a cor e o toque. As diversas escolas revelavam-me os costumes das diversas nações e dos diversos tempos.

Roma e a Úmbria manifestam a sua fé, nas telas de Ghirlandaio, Sarto, Perugino, e Rafael, cujas maiores composições mostram a sua ciência / (15vº) teológica. Milão e Bolonha são as cidades sábias e avançadas. Milão tem o 1º lugar no desenho e na disposição com Leonardo da Vinci e Corégio¹⁴³. Bolonha mostra devoção com Fancia; vastidão e facilidade com os Carrache e Guarcino. Veneza é a cidade-rainha. A sua riqueza e o seu gosto pela grandeza explodem até na arquitectura, nos costumes e móveis pintados nos seus quadros religiosos. Ela tem o culto dos seus doges. Na Espanha, é a fé, a devoção ardente e sombria. A Holanda mostra-nos os ricos interiores dos seus comerciantes e dos seus burgueses um pouco cépticos com os costumes grotescos e divertidos das tabernas e quermesses. Todas essas escolas, todos esses mestres têm as suas obras-primas reunidas no admirável Salão Quadrado.

A escola francesa é muito interessante, no Louvre, aliás, é só aí que é possível estudá-la. Ela só começa com Clouet e seus retratos do tempo de Francisco I. / (16rº)

O espírito do reino de Luís XIV é bem caracterizado pelas grandes cenas religiosas de Lebrun (Le Brun), de Lesueur e de Jouvenet em que reinam a grandeza, mesmo a magnificência e uma certa severidade; os quadros de batalhas de J(acques) Courtois, de Wouermans e Van der Meulen que glorificam o rei conquistador; as paisagens de Poussin e de Cl(aude) Lorrain em que se sente a arte dos jardins do grande século; e os retratos solenes e empoados de Rigaud e de Mignard.

Luís XV revive em Boucher, Wateau (Watteau) e Fragonard, nos seus Amores, seus pastores de teatro e suas cenas de diversão. Greuze, contemporâneo de Luís XVI só tem figuras doces e graciosas. David, o pintor da Revolução, estudou bem a história da república romana. Géricault, Gros e Prudhon (Prud'hon) andam todos embriagados pelas vitórias do Império.

Para a escola contemporânea, é no museu do Luxemburgo que se deve estudá-la. É eclética. A pintura religiosa inspirou-se / (16vº) um pouco nos mestres cristãos primitivos com Ary Scheffer, Flandrin, Laugie, Curzon. - As paisagens e cenas rurais estão maravilhosamente representadas por Tragon, J(ules) Breton, Rosa Bonheur, Corot,

Benouville, Glaize, Fromentin, e pelo realista Courbet. - Bonnot brilha no retrato. - Meissonnier nos interiores não fica atrás de nenhum mestre e de nenhuma escola. - Mas o género que domina é a cena histórica, imitada da grande renascença romana, com Delacroix, Ingres, Delaroche, Heim, H(orace) Vernet, Cabanel, Robert Fleury, Couture, François, Bellanger, Bouguereau, J(ean)- P(aul) Laurens, etc.

A escultura já tinha umas belas obras no Luxemburgo, mas ela progrediria mais que a pintura e alcançaria a perfeição do melhor período da Renascença.

Para registar nestas notas todo o meu estudo dos museus de Paris, é preciso que diga também tudo o que o museu de Cluny fez reviver / (17r^o) da Idade-Média: móveis, tapeçarias, tecidos, armas, faianças, marfins, esmaltes, vidrarias, vasos sagrados, caixas e retábulos. A fantasia encontra aí dados interessantíssimos para reanimar e rejuvenescer todo o interior dos nossos castelos e das nossas igrejas da época gótica.

JURAMENTO E ESTÁGIO

Reuni todos os resultados dos meus estudos arqueológicos e artísticos feitos nos momentos de vagar, nos recreios, nas tardes de quase cada semana. Rever isso tudo desperta as minhas recordações e instrui-me ainda. Quanto interesse oferece esta Paris! Porque será preciso que os governantes a deixem perverter-se quase à sua vontade? Como será difícil refazer a devota cidade que foi em certas épocas!

Apesar destas distrações, fiz um ano de Direito bem sério. Inscrevi-me também na ordem dos advogados e trabalhava algumas horas por dia num escritório de procurador judicial. / (17v^o)

Prestei o juramento de advogado a 22 de Novembro 1862 diante da primeira câmara do Tribunal de Apelo. É uma cerimónia imponente e que me impressionou bastante vivamente. O juramento é mesmo bonito, é a expressão da lealdade e da dignidade que convêm a uma das mais nobres carreiras. Fui inscrito no rol do quadro dos advogados cujos presidentes eram o Sr. Gaudry e M. Léon Duval, membros do conselho.

Levei o meu diploma a estes senhores mas não procurei vê-los. Agora deveria ir regularmente ao Palácio vestir a toga e pôr a minha assinatura para marcar a minha presença nas conferências; nunca faltei durante dois anos.

¹⁴³ Não existem provas para afirmar que o Corégio tenha trabalhado em Milão. Supõe-se que ele possa ter

AS AULAS - O DIREITO

O direito, em si, não me desgostava. Só no 5º ano ficaria farto dele, quando me vi perto de alcançar o fim tão longamente desejado.

O doutoramento obrigou-me a rever todo o conjunto do direito francês / (18rº) e a aprofundá-lo. Trata-se de grandes problemas morais, de questões complexas quase sempre interessantes, como as do estado civil das pessoas e das famílias, da propriedade e dos meios de adquiri-la. O nosso código, no seu conjunto, é uma grande obra, análoga à de Justiniano. Eu gostava de estudá-lo nas suas origens, nos debates legislativos no meio dos quais foi redigido. Quantas vezes a lucidez e o bom senso do Primeiro Cônsul brilham nessas discussões. Apesar das imperfeições que ainda há nele, este código foi adoptado por várias nações da Europa.

Quantos membros do Concílio em 1870 não manifestaram a sua pena por o Direito canónico não estar codificado de maneira análoga!

Seria tempo, também, que o nosso código recebesse uma revisão geral. Ele tem mil pontos controversos, fonte infinita de processos que um novo texto poderia evitar. Eu estava dominado por esta ideia durante o meu quarto ano de direito e lamentava de / (18vº) não estar em grau de realizar essa ideia e de lhe dar crédito.

Já compreendia e devia compreender ainda melhor em Roma os erros deste código, particularmente sobre a legislação matrimonial, os impedimentos, o divórcio que ele adoptara primeiro e que viria a ser restabelecido no nosso tempo.

Para o direito romano, eu estava admirado do estudo profundo que alguns dos mais jovens professores e especialmente o Sr. Demangeat conseguiam fazer imitando a crítica histórica dos Alemães.

As aulas de direito consuetudinário e de história do direito eram bastante fracas. Todavia o Sr. de Valroger dava-nos, sobre as origens do nosso direito nacional, noções interessantes análogas aos estudos de Ozanann sobre os Germanos.

ido lá para admirar as obras de Leonardo.

O ESCRITÓRIO DE PROCURADOR (TABELIÃO)

la passar todos os dias algumas horas com o Mestre Maza, procurador, na rua S. Ana. Tinha-o escolhido eu mesmo: o segundo e o terceiro praticante eram / (19rº) meus amigos do Círculo Católico.

O mestre, ainda jovem, parecia ocupar-se mediocrementemente dos processos. O chefe dos ajudantes era um escriturário de profissão, suficientemente inteligente e bastante grosseiro. O moço dos recados era o bode expiatório do escritório. Dois ou três outros moços escrevinhavam papel timbrado e para fornecer material a taxar, escreviam umas conclusões chamadas "*públicas formas*" espécie de defesas escritas em que constatei muitas vezes que eles copiavam a canção de Malborough (Malbrough) ou os contos de Perrault.

É bastante insípida e monótona a vida dos praticantes de tabelião. Todavia o dia tem um momento de alívio em que se se pode divertir e mostrar a aptidão que cada um tem, é a hora do pequeno almoço onde cada um, conversando, come o que teve fantasia de mandar comprar pelo moço, com o pão e o vinho fornecido pelo patrão.

Um praticante amador pode pôr-se ao corrente de muitos pormenores práticos / (19vº) sobre os processos se o mestre se presta a deixar-lhe seguir os principais casos que passam pelo estúdio.

O PALÁCIO - CONFERÊNCIAS - CONSULTAS

Depois do meu juramento, eu era advogado de facto, mas nunca exerci a profissão. la ao Palácio para assinar o registo da presença. Assisti raramente às conferências regulamentares dos jovens advogados, nunca tomei parte em discursos de defesa; não me elogio disso, era falta de iniciativa e de coragem. - Na conferência Rossi que tínhamos organizado entre estudantes, nós brincávamos muito seriamente ao advogado e ao magistrado. A conferência fazia-se numa das salas do Supremo Tribunal, aí discurssei algumas vezes.

Várias causas foram-me oferecidas; recusei-as. O meu doutoramento absorvia-me e teria sido preciso, antes de advogar, seguir por algum tempo as audiências e observar os usos e costumes. Os meus gostos não me levavam a isso. Eu acabava o meu direito para satisfazer meu pai e esperar a sua autorização de ir para Roma. / (20rº)

AMIZADES

A minha amizade com Palustre fez-me travar novas relações. Os seus amigos tornaram-se meus amigos. Eram os seus antigos condiscípulos de Poitiers e de Bordeaux. Todos tinham sentimentos cristãos. Desgardes trabalhava comigo em casa do M(estre) Maza. Voltei a vê-lo mais tarde, advogado e pai de família em Bourges. De Monplanet era o patriarca do grupo. Era piedoso, sério e exercia uma feliz ascendência sobre os outros. Tornou-se inspector de finanças e mora em Montmorillon, sua terra natal. Rose, filho dum grande produtor de sedas, de Tours, era também piedoso e sério. Revi-o com prazer em Tours, em casa da família. Deve ser actualmente chefe de família. Jouslin tinha muitos bens. Recebia às vezes o grupinho de amigos no seu apartamento da praça St-Germain-de-Prés. Casou em Bourges como Desgardes, e aí o revi eu generosamente instalado numa rica residência atrás da Catedral. Lenail era artista, um pouco boémio, todavia bom e correcto. Desenhava / (20v⁰) admiravelmente. Continuou artista e dissipou, creio, o património que lhe deixara o pai, procurador judicial em Angers. Estes moços deixaram-me boas recordações. Se toda a nossa sociedade francesa tivesse o valor deles!

EXAMES

Consegui passar os meus dois exames de doutoramento no mesmo ano. Isso acontece raramente. Prolonguei o meu trabalho até ao fim de Julho; foi o ano em que dei mais tempo ao estudo do direito. Tinha preparado uma nova viagem com Palustre. Queríamos visitar a Alemanha. Meu pai consentiu, vendo os meus sucessos. Os preparativos foram feitos em pouco tempo.

Meu irmão devia alcançar-nos mais tarde para estudar a indústria da cervejaria na Baviera e na Áustria.

Eu parti a 12 de Agosto para me reunir a Palustre em Estrasburgo. Eu não previa, nesse momento, que o nosso temperamento vagabundo nos levaria até à Noruega. Não voltaríamos senão no último dia das férias, para retomarmos as aulas de Direito em Novembro. / (20r⁰)

ALEMANHA

Iria portanto consagrar três meses a visitar o centro e o norte da Europa, os países alemães e escandinavos.

A Providência mimava-me. Quantos frutos iria eu colher desta viagem! Quantas observações iria juntar! Que vasto conjunto de conhecimentos estéticos, históricos, geográficos e mesmo morais! Ia poder comparar a fé e a honestidade profunda das populações católicas do Reno e da Baviera; a religião demasiado oficial e toda misturada de cesarismo na Áustria; a corrupção e o roubo na Prússia e nos Ducados; as virtudes naturais ainda impregnadas de Evangelho na Noruega; os costumes rudes e os abusos do alcoolismo na Suécia.

Iria visitar e comparar importantes capitais: Viena, Berlim, Munique, Dresda, Copenhaga, Estocolmo, Cristiânia, e com elas uma multidão de cidades interessantes sob cem pontos de vista diferentes.

A natureza ia oferecer-me alguns dos seus maiores e mais empolgantes espectáculos nas regiões montanhosas / (21v^o) da Suíça saxónica, do Taunus, do Salzkammergut, do Harz, do Erzgebirge; nos cursos dos grandes rios, do Reno, do Elba, do Weser, do Danúbio, do Oder; nas florestas, fiordes, lagos, cascatas, vales e cimos nevados da Escandinávia; nos mares do Norte e suas ilhas: Rügen, Wisby e Seeland; nas cidades termais: Ems, Teplitz, Hombourg, Wiesbaden e seus lugares curiosas e impressionantes; nas grandes minas da Suécia e da Áustria.

Encontraria recordações comovedoras em Austerlitz, em Wagram, em Schoenbrunn, em Spielberg.

Os castelos de Stolzenfelz, de Lahneck, de Postdam, de Carlsburg (Karlsburg), de Laxembourg, de Carlstein (Karlstejn) fariam reviver na minha imaginação toda a aristocracia feudal e moderna.

Os museus de Munique, Dresda, Berlim, Viena e Copenhaga revelar-me-iam toda a arte antiga e contemporânea.

Fiz esta viagem como turista sério, / (22r^o) mesmo como estudante zeloso; porque não pus eu nela mais fé, mais vistas sobrenaturais! Adquiri um certo conhecimento da língua alemã, conhecimento muito imperfeito, mesmo miserável, mas que havia de me prestar grandes serviços na confissão das nossas pias irmãs alsacianas.

Tomei notas todos os dias com o meu companheiro. São notas puramente descritivas e arqueológicas. Não anotei nelas as minhas impressões; ser-me-á útil reavivá-las aqui segundo a ordem cronológica da viagem¹⁴⁴.

TREVES - A MOSELA

Trêves deixou-me profundas recordações. Esta cidade despertava algumas das mais vivas impressões da minha infância. Eleva-se tão alto, nos nossos estudos liceais, a glória de Roma e dos Romanos, que eu me sentia totalmente feliz por ver aí uma pequena Roma, com a sua porta Triunfal, a sua basílica, os seus banhos, a sua ponte romana, o seu anfiteatro. Poderei já agora (pensava eu então) imaginar-me a / (22v^o) grande Roma. E além disso, Trêves possuía a túnica sem costuras de Nosso Senhor, que se venera, é bem verdade, sem a ver. Já tinha ouvido falar nela, na minha infância, por piedosos peregrinos que tinham estado presentes na sua exposição periódica; eu sentia-me feliz e devotamente comovido por rezar junto duma relíquia tão preciosa. Também não esqueci a igreja de Nossa Senhora, antigo baptistério da catedral, amostra tão graciosa e tão pura da arte gótica da melhor época.

Descemos o vale da Moselle até Coblença. As vinhas sobrepostas em encostas pedregosas dão-lhe um aspecto preciosíssimo. Não me admira que os Romanos tenham povoado este vale com as suas “vilas” e que Ausónio a tenha cantado com entusiasmo¹⁴⁵.

O RENO - DE COLÓNIA DE MAGÚNCIA

Visitámos o Reno como turistas conscienciosos, descendo primeiro de Coblença a Colónia, subindo depois de Colónia a Maiença. Gostei muito, no seu conjunto, desta excursão. / (23r^o)

É bom ver Reno na meia-luz da bruma. É então fácil representarmo-nos a vida social da Idade Média; as cidades rodeadas por muralhas e torres, os morros guarnecidos de fortalezas feudais, aqui e ali alguns mosteiros e, nessa sociedade ainda nova e cheia

¹⁴⁴ Conservam-se nos arquivos Dehonianos dois grossos cadernos, respectivamente de 204 e 259 páginas. São notas de viagem recopiadas, e corrigidas aqui e além, sobre a viagem da Alemanha e Norte da Europa, em 1863. O título preliminar, (Alemanha – 1863 - Notas escritas em grande parte por Leão Palustre), o índice, algumas notas marginais, foram escritos por Leão Dehon. O texto de NHV é somente uma cópia, que se distingue todavia do original por certas reflexões especialmente religiosas. Graças a estas notas de L. Palustre é possível reconstruir com muita exactidão esta longa viagem de três meses.

¹⁴⁵ É o poema com o título “Mosella”.

vigor das raças francas, uma mistura de fé, de poesia, de arte, de valentia com abusos de força, de guerras frequentes e de alguma recrudescência de barbárie.

Recordo a posição maravilhosa de Coblença na confluência do Mosela e do Reno, a sua fortaleza imponente de Ehrenbreiten (Ehrenbreitstein), a sua grande igreja românica de S. Castor com suas quatro torres, a sua pirâmide construída em memória de Marceau. Não longe de Coblença, os dois castelos de Stolzenfelz e de Lahneck estão face a face. O de Stolzenfelz, restaurado para o rei Frederico Guilherme IV é dum gosto muito duvidoso. Ambos oferecem uma vista admirável e das mais / (23v^o) extensas.

Entre Coblença e Colónia encontra-se: Weissenthurm onde um monumento lembra a passagem do rio por Hoche em 1797 e onde deve ter havido também a passagem de Júlio César.

Andernache, cidade pitoresca com muralhas ameiadas e campanários bizantinos.

Deslocando-nos para Oeste, temos a abadia românica de Laach, o seu claustro, o seu lago e os campos de lava de Niedermendig (Nieder-Mendig) Rheineck, o castelo românico. Remagen e a sua igreja gótica moderna do Apollinarisberg. Os Siebengebirge (Sieben-Gebirge), ou grupo de cimos a que não falta grandeza. O Rolandseck, castelo arruinado sobre rochedos a pique.

Mas a pérola de Reno é Colónia, com a sua catedral tão bonita no seu conjunto embora não iguale nos pormenores nem Reims, nem Amiens, nem Beauvais, nem Paris. Com as suas numerosas igrejas românicas, S. Pedro, os Santos. Apóstolos, Santa-Maria-do-Capitólio, S. Martinho, / (24r^o) S. Cuniberto, S. Gereon.

Estas Igrejas construídas desde o VII até ao XIII século não têm a elegância, nem a graça, nem a poesia das nossas igrejas góticas, mas todavia têm grandeza e nobreza. Quase todas têm duas absides coroadas por um trifório exterior e uma alta cúpula ou lanterna hexagonal.

A visita de Colónia é uma verdadeira peregrinação. As relíquias dos Reis Magos são tão comovedoras! E sobretudo o admirável conjunto das relíquias de S. Úrsula e de suas companheiras. Não conheço nada de mais impressionante do que o pequeno santuário que alberga milhares de crânios encobertos debaixo de bordados. Eu julguei realmente sentir aí, se a minha imaginação não me enganou, uma profunda impressão sobrenatural.

Subindo de Colónia a Mgúncia, visitámos Bonn, a cidade universitária, cidade graciosa semeada de jardins. A sua grande catedral românica é uma das mais ricas do Reno. / (24vº)

O palácio da Universidade é amplo e grandioso, é um pequeno Versalhes, com esplêndidos jardins. A sala grande, a “*Aula máxima*” tem frescos modernos, eruditos, correctos mas um pouco rígidos e sem colorido que representam as quatro faculdades. A literatura alemã é aí largamente glorificada: Schiller, Goethe, Wolf, Leibnitz e Kant lá estão. Este eclectismo não mostra sinal de muita fé. A Universidade de Bonn era liberal antes dela cair na heresia dos Velhos Católicos.

De Coblença a Magúncia, os meandros do Reno dão-lhe muitas vezes o aspecto de um lago. Os lugares pitorescos multiplicam-se. Notei as torres de menagem de Marxburg e de Rheinfels; os rochedos nus de Lurlei (Lorelei) que caem a pique sobre o rio; as cidades de Poppart (Boppard), de Oberwesel, de Bacharach rodeadas por suas cintas ameiadas, o castelo de Pfalz sobre um ilhéu rochoso, o de Johannisberg em estilo moderno; Ingelheim, onde residiu Carlos Magno. / (25rº) Magúncia tem também a sua grande catedral românica com duas absides.

Uma das minhas recordações mais firmes é a da fé destes povos do Reno. Como eles rezam bem! Como são modestos nas igrejas! Como parecem respeitadores para com os seus padres! Fiquei profundamente edificado com a fé desta região, e foi uma graça para mim lá viver alguns dias.

EMS - WIESBADEN - HOMBOURG

Visitámos, em várias excursões, as grandes cidades termais da Alemanha: Ems, Wiesbaden, Hombourg. Elas têm características comuns: cada uma delas situa-se num vale pitoresco; ricos bairros novos acrescentaram-se às cidades antigas; os hotéis rivalizam de luxo; um Kursaal oferece aos estrangeiros divertimentos sedutores. Mas o que caracteriza estas cidades termais é o jogo, o jogo do azar, a roleta. É um espectáculo bem curioso o destas salas de jogo, e a impressão que aí senti ainda me está presente. / (25vº) Numa palavra, isso é constrangedor e revoltante ao mesmo tempo. Uns judeus do tipo mais ávido e mais ladrão têm o banco do jogo. Há muito tempo que eles estão embotados em questões de consciência; eles recolhem as apostas dos jogadores ingénuos com uma frieza impudente. As pessoas que rodeiam essas mesas estão

ansiosas e excitadas. Só se ouve o ruído das moedas de ouro que rolam para a gaveta do banqueiro. Há lá bastantes jovens senhores russos. Mulheres de vida duvidosa jogam muito com o ouro daqueles a quem seduziram. Quantos dramas espantosos, quantos mistérios se passarão nessas almas! Quantos saem daí com projectos suicidas!

É um espectáculo imoral e aflitivo. Não foi assim que Deus disse ao homem para ganhar o seu pão!

FRANCOFORTE - MARBURGO - A PRÚSSIA

Em Francoforte celebrava-se um dia de festa federal. Todos os soberanos da Alemanha estavam lá. O imperador da Áustria era aclamado com um entusiasmo delirante. Quantas são volúveis as opiniões dos homens. / (26rº)

Francoforte tem novos bairros elegantes e belos jardins no lugar onde estavam as muralhas, mas as suas zonas velhas têm mais marca com as suas ruas estreitas e suas casas de empenas agudas.

A rua dos Judeus tem um aspecto todo especial; com os seus balcões cobertos e os seus andares sobrepostos. Daí saíram os Rothschild. - A estátua de Carlos Magno domina a ponte sobre o Reno. Vê-se ainda a capela românica do palácio de Luís o Bondoso (Débonnaire). A estátua de Goeth ornamenta uma das praças. O museu tem lindas pinturas da Escola alemã moderna.

Travava eu aí o primeiro conhecimento com esta Escola de pintura e aprendia a gostar dela. O colorido muitas vezes é pálido e desbotado, mas o desenho é correcto e acabado, e a exactidão histórica e arqueológica é profunda.

Uma grande pintura de Owerbeck "*O triunfo da religião nas artes*" faz lembrar a "*Disputa do SS. Sacramento*" de Rafael. Na parte alta desta pintura, / (26vº) à volta da SS. Virgem que aparece num nimbo de ouro trazendo o menino Jesus nos braços, umas personagens do Antigo e do Novo Testamento representam as artes: Salomão figura a escultura; David a música; S. Lucas, a pintura; S. João, a arquitectura.

Na parte inferior são representados muitos artistas cristãos entre o papa e o imperador, seus mecenas.

Lembro-me ainda de outras pinturas de Schnorr, de Schadow, de Lessing e em especial o "*Triunfo da religião*" de Veit. No centro aparece a religião, com uma folha de

palmeira na mão direita e a mão esquerda sobre o Evangelho sustentado por um anjo. À direita dela vê-se a poesia, a música, a cavalaria e a ciência monástica; à sua esquerda monges arquitectos, um bispo ensinando, um velho druida cuja harpa está quebrada, um profeta que se vai afastando; tudo isso entre a Itália e a Alemanha, aquela de pé ao lado do “fórum”, esta ao lado da catedral de Colónia. / (27r^o)

É uma pena que esta escola poderosa não seja toda católica como o seu mestre principal Owerbeck.

Francoforte conta agora 45.000 católicos, e o número cresce sempre. Aditem-se para eles os cantos em língua vulgar mesmo durante as cerimónias do Domingo¹⁴⁶.

Marburgo, a cidade de S. Isabel é uma cidadezinha medieval¹⁴⁷. O velho castelo coroa o outeiro. Infelizmente, a bela igreja de S. Isabel pertence hoje aos protestantes. Ela está bem conservada: é uma grande e graciosa igreja gótica do século XV. Restam-lhe alguns vitrais, altares e estátuas. A bonita caixa funerária da santa está vazia. Está um pouco mutilada, mas conserva bastantes relevos e pedrarias para se poder julgar da sua riqueza primitiva. Os protestantes dos arredores têm ainda um certo culto por S. Isabel. Esta querida santa os converterá e os trará / (27v^o) à verdadeira fé. Marburgo tem uma pobre igreja católica.

BERLIM-POSTDAM

Berlim seduz alguns visitantes, mas não certamente os artistas e os homens de gosto. Esta cidade não tem história nem verdadeiros monumentos. E por molduras só tem charnecas imensas onde crescem unicamente mirrados pinheiros. As suas águas são as dum torrente lamacenta. Os seus palácios são feitos de tijolos mal rebocados. Deixo aos viajantes de comércio o cuidado de gabarem as suas ruas largas e direitas e os grandes edifícios da sua avenida das Tílias. Quando eu a visitei, ela contava umas 500.000 almas; de lá para cá duplicou. Então só tinha 20.000 católicos e quase outros tantos judeus! Os católicos lá têm uma igreja principal que está bem à vista, na grande rotunda de S. Edviges, perto do palácio do rei.

O Palácio real tem algumas salas mais ricas do que belas. A sala branca onde se faz a abertura das Câmaras tem verdadeira / (28r^o) grandeza. A capela é uma rotunda

¹⁴⁶ Nas notas de Palustre, Leão Dehon escreve a propósito dos católicos de Francoforte: “Eles cantam salmos e cânticos em língua vulgar durante a missa paroquial. A Santa Sé permite isso” (p. 90 - B 13, 1^a).

com cúpula. Na sua ornamentação mistura os santos e grandes homens. Frederico, o grande, e Gustavo Adolfo recebem as mesmas honras de S. Bonifácio. - Vi pintadas em certas peças da loiça real retratos de João Huss e de Lutero; pergunto se as peças ornadas de tais santos servirão nas refeições dos convidados católicos.

Entre os grandes edifícios, aliás numerosos e bastante imponentes do Linden, o palácio do Kronprinz é o único dum estilo bastante puro, no gosto da Renascença.

A estátua do grande Frederico pareceu-me ser o único monumento em Berlim digno desse nome. É obra do escultor Rauch. Nos ângulos do monumento estão as estátuas equestres de quatro dos generais de Frederico; nas fachadas há retratos em bronze de oficiais, de filósofos, de homens de Estado. A estátua de Frederico, belíssima, / (28vº) coroa todo o conjunto.

São também de Rauch as belas estátuas da rainha Luísa e de Frederico - Guilherme III, no mausoléu de Charlottenburg.

O próprio museu de Berlim não tem obras-primas. Ele tem valor unicamente pelo estudo das várias escolas que aí são largamente representadas. Sua obra-prima, são os painéis do tríptico de Gand.

Esta obra-prima de Van Eyck, dividida entre Gand e Berlim desde a Revolução, apresenta um verdadeiro interesse histórico ao mesmo tempo que artístico. Ela é deliciosa como acabamento, como ingenuidade, como pureza de linhas e de expressão e como colorido, mas ela é também a expressão da fé do tempo no reino social da Eucaristia. O exterior dos taipais representa os precursores da redenção, os profetas, as sibilas e a Anunciação. Vêm-se também os doadores. Mas o interior e o centro representam o reino de Cristo. / (29rº)

No alto Deus, vestido de paramentos pontificais esplêndidos, abençoa a assembleia. À sua direita a Virgem Maria vestida de azul e coroada com um diadema sobre a sua cabeleira loura; à esquerda, S. João Baptista. Dos dois lados, os anjos e S. Cecília cantam as alegrias do céu. Em baixo, o sacrifício do Cordeiro: o Cordeiro derramando o seu sangue sobre o altar e, por baixo, a fonte da vida. À volta do altar os anjos, os santos e os mártires, depois os papas, os bispos, os príncipes, os juizes, os guerreiros, os eremitas, os cruzados, os heróis, todos avançam para a fonte mística e

¹⁴⁷ Leão Palustre escreve: "... Marburgo, uma cidadezinha com aspecto da Idade Média" (p. 96 - B 13, 1ª).

para o Cordeiro divino. - Este quadro prega continuamente ao povo protestante que o possui, o mistério da santa Eucaristia.

Poderia ainda louvar como arte as pinturas murais históricas da grande escadaria do museu. As galerias particulares contêm também belas obras modernas de Cornelius, de Kaulbach, de Hasenclever, da escola / (28vº) de Owerbeck.

Berlim é uma cidade de empregados e militares. Os costumes estão aí terrivelmente corrompidos. As letras e as artes não me parecem ter aí grande impulso. O socialismo das massas e a falsa filosofia dos letrados oporão aí uma longa resistência à fé católica.

Postdam, a algumas léguas de Berlim, é um pequeno Versalhes. Os lugares são graciosos, o Havel corre e forma lagos sucessivos ao pé de colinas arborizadas. Postdam tem o seu grande e o seu pequeno castelo como Versalhes. Aí se encontra o moinho histórico. O castelo e a cidade são de estilo Pompadour. O grande Frederico encontrar-se-ia ainda aí, pois respeitaram os seus apartamentos e os seus jardins¹⁴⁸. Ele repousa aí na igreja do aquartelamento.

A glória do grande Frederico nada tem que me possa seduzir; ele foi o inimigo dos católicos e o Mecenas de Voltaire, Diderot e D'Alembert. / (30rº)

AS COSTAS DA ALEMANHA DO NORTE: STETTIN – RÜGE – STRALSUND – ROSTOCK – SCHWERIN – HAMBURGO – LUBEQUE.

De Berlim nós fomos visitar as costas do Báltico e do Mar do Norte. Há lá poucos alimentos para a alma. A natureza é fresca e bastante risonha. O Oder e o Elba são belos rios com largos estuários. Toda esta costa tem lagos rodeados por verdes florestas de pinheiros, de faias e de arbustos. Como jovens e ardentes humanistas fomos procurar na ilha de Rügen as recordações de Tácito¹⁴⁹, o lago sagrado da deusa Hertha. Esta ilha mereceria uma excursão. As suas montanhas arborizadas, os seus velhos castelos, o seu lago misterioso, as suas altas falésias de Stubben-Kammer donde se domina tão

¹⁴⁸ Postdam, com os seus castelos e jardins reais é a expressão mais pura da arte prussiana. A decoração do quarto de Frederico o Grande constitui o melhor exemplo de estilo rococó ou pompadour prussiano.

¹⁴⁹ Cf. De Germania Cap. XL. XLIII. Herta era a deusa da fertilidade e o seu santuário encontrava-se numa ilha (identificada por alguns com Rügen), donde partia uma procissão anual que percorria as aldeias alemãs.

claramente o mar Báltico, ultrapassam tudo o que a natureza oferece de mais impressionante em toda esta região da Alemanha do Norte.

Stettin, Rostock, Lubeque recordam os bons tempos da Hanse. Estas cidades conservaram em parte as suas casas de empenas agudas do século XIV e algumas belas igrejas da mesma época, por exemplo a catedral de / (30vº) Lubeque. Mas, infelizmente, todas estas igrejas construídas pelos católicos para o sacrifício eucarístico pertencem agora à heresia. É que o protestantismo reina totalmente em toda esta costa. Hamburgo, a grande cidade de 300.000 almas, tem só 2.000 católicos. Tem todavia 10000 judeus! Stettin conta 1.000 católicos e Lubeque 200. Lubeque é a pátria de Owerbeck. Ele deu-lhe duas das suas obras-primas: a Entrada de Cristo em Jerusalém, e o Enterro de Cristo. Podem ser vistas na Catedral.

Hamburgo na época da nossa visita estava muito atrás de Marselha, e o seu porto pareceu-nos pouco animado. Agora é o primeiro porto do continente.

O castelo de Schwerin pareceu-me um segundo Chambord. É uma maravilha da arte da Renascença, mas é de construção recente.

A recordação de Klopstock em Altona / (31rº) não me deixa completamente indiferente¹⁵⁰.

COPENHAGA - A DINAMARCA- O SUND

De Lubeque chegámos logo a Copenhaga¹⁵¹.

Em poucos dias pudemos visitar o que a Dinamarca oferece de mais interessante: Copenhaga, sua capital; Roskilde, a cidade dos túmulos reais, a S. Dinis-do-Norte; o estreito do Sund e as suas margens. Aí, o protestantismo reina em exclusivo. Contavam-se então só 600 católicos em Copenhaga. Tinham todavia uma igreja bem situada, não longe do palácio real. Desde então, a Dinamarca acolhe com prazer os missionários, a hora dela voltar ao seio da igreja parece estar a chegar. Que aperto de coração se prova nestes países protestantes, especialmente ao visitar os seus antigos santuários. A catedral de Copenhaga foi reconstruída neste século, mas Roskilde possui ainda a sua antiga metrópole católica do século XII.

¹⁵⁰ O túmulo de Klopstock está em Ottensen, perto de Altona (Palustre p. 147-B 13, 1ª)

¹⁵¹ A viagem de Alemanha dura de 12 de Agosto a 5 de Setembro; a da Dinamarca de 5 a 10 de Setembro (Diário de Palustre - p. 1. 159. 189. B13, 1ª).

Não faltam interesses em Copenhaga. / (31v⁰) Pode andar orgulhosa do seu museu de Antiguidades do Norte, a mais rica colecção de objectos provenientes das civilizações primitivas, das idades da pedra, do bronze, do ferro e do ouro.

O seu museu etnográfico também não é menos curioso. A obra do grande escultor Thorwaldsen, o Canova do Norte, forma por si só um museu interessantíssimo.

Thorwaldsen é um clássico. Muitas vezes imitou a antiguidade pagã. Contudo, algumas vezes, encontrou com sucesso a nota cristã como no seu túmulo de Pio VII e nalgumas das suas estátuas de Apóstolos.

A arquitectura na Dinamarca teve a sua hora de inspiração. O século XVII deixou edificios graciosos que constituem um ramo original da Renascença. Tais são o palácio da Bolsa em Copenhaga, e o castelo de Roserborg onde o tijolo é agradavelmente realçado por cordões de pedra cinzenta. É em estilo Luís XIII com um cunho particular. / (32r⁰)

Roskilde era a antiga capital. A sua basílica católica do século XIII honra a antiga Igreja católica da Dinamarca. Ela contém túmulos reais, alguns dos quais são notáveis. Esta cidade possuiu até trinta igrejas e mosteiros católicos. Ela devia o seu esplendor a S. Canuto o Grande. Possa este grande santo obter para breve o regresso da Dinamarca à verdadeira fé! Lamento hoje não ter ido rezar então ao lugar do seu martírio e do seu túmulo na catedral de Odense, na ilha de Fiónia.

O Sund é um estreito onde o mar é raramente pacífico. Os Dinamarqueses são briosos marinheiros, parece não recearem a tempestade. São verdadeiros descendentes dos antigos Normandos. As costas do Sund são verdes e frescas. São pouco altas, e têm algumas cidades. É um pequeno Bósforo. O castelo de Frederiksberg e a cidade de Elseneur¹⁵² do lado da Dinamarca, as cidades de Kplskrina (Landskrona) e de Hülisingborg / (32v⁰) realçam-lhes a variedade. A torre de Ilven (Ven), não longe de Elseneur, serviu de observatório a Tycho-Brahé.

¹⁵² Em dinamarquês Helsingør, onde Shakespeare coloca o seu drama "Hamlet" (no castelo de Kronborg).

A GÓTIA-GÖTEBORG-TROLLHATTAN-O GLOMMEN.

Não tínhamos formado tão vastos projectos, à partida; mas o apetite vem comendo, e eis-nos a caminho da Noruega e da Suécia¹⁵³.

Antes de chegarmos à Noruega, devíamos ladear uma província sueca, a Gótia; visitamos a sua grande cidade de Göteborg e os seus lugares principais.

O mar fora agitado, e tinha-nos sacudido rudemente. Os Dinamarqueses parecem habituados a isso. Chegámos a Göteborg no meio da noite.

Göteborg é uma grande cidade toda moderna e regular. É enquadrada por rochedos de granito semeados de pinheiros. As encostas vizinhas têm casas de madeira pintadas de vermelho, quintas e “vilas” como iríamos ver em toda a Escandinávia. Göteborg tem uma pequena paróquia de católicos. Alguns alemães formam a base dela, mas é um centro de apostolado que cresce. Göteborg está na entrada do canal da Gótia. / (33r^o) Retomámos o mar até Uddevalla. Iriamos depois de Uddevalla¹⁵⁴ a Moss, na entrada do fiorde de Christiania, em carroça sueca, visitando os lugares maravilhosos de Trollhättan e de Sarpsborg.

De Göteborg a Uddevalla passámos em frente de duas graciosas estações balneares matítimas, bem abrigadas em frescos vales enquadrados por rochedos de granito ao pé de colinas arborizadas. Estamos desejosos, até no extremo norte, destes descansos da bela estação

A NORUEGA

Em Uddervalla nós começávamos uma série de corridas em carriolas que iria durar seis semanas, através de toda a Escandinávia. Parece-me que encontrei nisso um real proveito, tanto por um exercício físico excelente, como por um verdadeiro consolo moral. A grande natureza desta terra da Noruega fala intensamente à alma: esses altos pinheiros prodigiosamente altos, esses lagos multiplicados, essas cascatas torrenciais, esses vales intermináveis, esses granitos amontoados, essas montanhas nevosas, / (33v^o) tudo isso louva grandemente o Criador. E depois, essas populações simples, que vivem numa fé ingénua e sincera em Cristo, são tão honestas, tão sábias, tão hospitaleiras! A corrupção

¹⁵³ De 10 de Setembro a 15 de Outubro tem lugar a viagem na Suécia (Gothie ocidental), na Noruega s de novo na Suécia (Norrlund e Sveland) (Palustre, pp. 189-204; B 13, 1a e pp. 1-118; B 13, 1b

¹⁵⁴ L. Dehon escreve, excepto a primeira vez, “Udevalla”. A grafia exacta é “Uddevalla”.

dos costumes modernos não as atingiu. A sua vida é toda patriarcal. O trabalho é duro, mas a miséria é desconhecida. Reina a boa fé, os tribunais não têm ocupação, a instrução primária que inclui o conhecimento sumário do Evangelho é absolutamente universal; a longevidade é espantosa.

Estes povos enganados e violentados pelos seus princípios tornaram-se protestantes. Eles receberam nestes anos os missionários católicos com uma grande desconfiança, que começa a dar lugar à simpatia. Tenho confiança num próximo regresso deles à verdadeira fé.

Esta viagem é original. As carriolas ligeiras, que muitas vezes só podem levar um passageiro sem bagagem, correm sobre a areia das florestas por falta de / (34rº) estradas sólidas. As casas são de madeira. Os troncos de pinheiros são deitados uns sobre os outros e amarrados nas extremidades para formar as muralhas e seus ângulos. Os interstícios são enchidos por musgo e algodão. É simples, grande, bastante cómodo e muito em harmonia com esta camada de rebentos de abetos que perfuma a atmosfera. A mesa é frugal: só admite pão de centeio e aveia, leite, batatas, e trutas nos grandes dias. Mais a norte encontra-se presunto de rena, que exigiria dentes de aço para ser bem aproveitado.

O viajante passa de quinta em quinta: encontra facilmente hospitalidade, uma boa cama, a mesa guarnecida de utensílios de madeira e de comidas elementares, depois uma carriola para chegar à quinta sucessiva.

A Noruega tem mais belas águas e florestas que a / (34vº) Suíça, mais solidão, horizontes mais largos e, além de tudo isso, o mar que banha as suas grandes dunas ou penetra profundamente as suas costas formando fiordes ou golfos variados e pitorescos como os lagos da Escócia e muitas vezes mais grandiosos. Os Alpes escandinavos não têm a altitude dos Alpes da Suíça, mas graças à sua latitude eles não são menos ricos em belos efeitos de neve e em vastos glaciares.

Nas nossas primeiras jornadas, de Uddevalla a Moss encontrámos duas cascatas célebres e que estão acima da sua reputação: a de Trollhätan e a de Sarpsborg. Aqui é o Glomma, lá é a ribeira de Göta que, caindo de um vasto lago, precipita-se de abismo em abismo e de rochedo em rochedo, sob uma ponte rústica de madeira, para uma profundidade prodigiosa, para retomar depois o seu curso pacífico através de um vale verde; um conjunto espantoso e cheio de encanto, que nos cativou / (35rº) longamente.

CRISTÂNIA - LAES - VALES E MONTES

Em Moss retomávamos o batel para ir a Cristânia. Navegávamos num longo fiorde (*fjord*) de águas azuis ladeado de rochas cinzentas e abetos sombrios. Aproximando-se da cidade, o fiorde aperta-se e torna-se como um belo lago.

Cristânia tem 40 000 almas. É a antiga Oslo da qual o rei Cristiano IV mudou o nome. A cidade compõe-se por um núcleo principal, depois por grupos de casas separadas e misturadas com verde. Cristânia por muito tempo construída em madeira e muitas vezes incendiada não tem monumentos. A velha catedral de S. Holvard desapareceu. O castelo de Akershus, à entrada do porto, conserva as suas torres do século XIV. A cidade moderna é em tijolos. Os católicos nesse tempo só tinham por igreja uma pobre sala; eram só uma centena. Começavam todavia a afirmar-se; respondiam às calúnias que os atacavam nos jornais que lhes / (35vº) cediam as suas colunas. Era o grão de mostarda. Rapidamente ele se desenvolverá.

Um caminho-de-ferro leva da capital ao lago Mjosa. Mais tarde foi prolongado. Este caminho-de-ferro tinha todo o cunho norueguês: estações em madeira, pontes de madeira, aquecimento a lenha. As encostas são íngremes às vezes e o aquecimento pouco quente. Também, uma vez ficámos em avaria; foi preciso conduzir o comboio até à estação seguinte em duas partes, para podermos seguir. Era primitivo.

Que esplêndida floresta! Os pinheiros lançam-se a alturas prodigiosas, à procura de ar e de sol.

Alcançamos o lago Mjosa que se prolonga indefinidamente. É preciso depois adoptar o sistema de transporte norueguês, a carriola, ou carroça de fole, para chegar a Trondheim numa semana.

O imenso vale de Grundbands dal é mesmo famoso. Sempre imponente, ele é realmente variado / (36rº) e admiravelmente pitoresco. A torrente ressoa no fundo da garganta e desce em cascatas pelos rochedos. Nas encostas do vale, o choupo mistura o seu tenro verde ao verde mais escuro dos pinheiros. Às vezes, a torrente descansa num lago calmo e transparente. Em todas as partes onde a habilidade humana conseguiu formar campos cultiváveis entre encostas e rochedos, um chalé também aí tomou lugar.

A última parte do vale é ainda mais majestosa. É mais apertada, mais profunda e realçada pelos cumes nevosos que aparecem no horizonte.

A 18 de Setembro chegávamos ao planalto de Dovre Fjell, às quintas de Hjerkin, espécie de refúgio como o de S. Bernardo, sobre um planalto desnudo, frio e húmido.

Daí, nós íamos fazer uma das nossas excursões mais arrojadas, a subida do Snöhetta.

Era o dia 18 de Setembro. / (36vº)

A colina do Dovre fjell era o nosso ponto de partida. Dois guias nos acompanhavam. Tínhamos três horas de caminhada a cavalo no planalto e nas primeiras subidas. A vegetação oferecia-nos os seus últimos espécimes antes das neves; era o ranúnculo dos gelos, os musgos, os líquenes, as giestas.

A subida verdadeira requer três horas a pé, através da neve, sobre pedras soltas que não poupam as pernas. A nossa recompensa era um horizonte de neves e de glaciares verdadeiramente majestoso. A vista estende-se sem limites; dizem que alcança sessenta léguas. E tem a sua diversidade. A Leste, os seis cones de Rondane, a Oeste os fiordes que descem até ao mar realçam o quadro deste mar de neves. Um dos nossos guias foi apanhado lá no alto por uma hemorragia que nos inquietou. Foi preciso descer rapidamente para cuidar dele. Mas não lamento ter enfrentado algumas preocupações para gozar desse / (37rº) grande espectáculo que me deixou uma impressão profunda.

Íamos descer pelo outro versante dos Alpes escandinavos, em direcção a Trondheim. Encontrámos algumas renas esbeltas e graciosas que pastavam nos planaltos. Uma garganta profunda, depois um desfiladeiro sombrio e árido, ao fundo do qual mugia uma torrente descendo de cascata em cascata, levou-nos ao vale de Gaul (Gaul dal).

A aldeia de Soknas foi uma das nossas mais pitorescas paragens. Mais tarde, encontrei outros lugares parecidos nos altos vales dos Pirenéus. Aí, como nos dias precedentes, uma quinta nos deu hospedagem, mas esta quinta tinha um cunho bem patriarcal; ela albergava quatro ou cinco gerações. Os mais veneráveis estavam bem perto de ser centenários. O vestir em todos estes lugarejos rurais é o fato à francesa, os velhotes vestem os calções curtos. No Sul, na cabeça trazem uma carapuça vermelha / (37vº) no Noroeste, é o nosso chapéu francês, tudo isso bem pouco elegante. Toda esta gente raramente come carne, mas é, todavia, robusta. Vive de leite, de ovos, de pão grosseiro. O peixe, especialmente as trutas, é o que se encontra de mais substancioso. Nós seguimos este regime durante seis semanas sem prejuízo de saúde, porque o ar

puro e o exercício mantinham o nosso vigor. Eu gostaria que, para a saúde da alma e do corpo das nossas populações, elas pudessem voltar a esse regime frugal.

O vale pitoresco do Gaul (Gaul dal), com suas cento e tantas cascatas, nos levou até a Trondheim.

TRONDHEIM - O CÍRCULO POLAR - A FLORESTA VIRGEM

Trondheim é a antiga capital. Tem uma grande vista. Está situada no estuário do Nid. É dominada por rochedos. O seu porto é abrigado pela ilha de Munkolm, a antiga ilha dos monges. Trondheim era uma cidade santa. Milagres sem conta verificaram-se / (38r^o) no túmulo do santo rei Olaf, na catedral. A cidade e a ilha de Munkolm estavam cheias de mosteiros. Resta agora, somente, uma pequena missão católica, mas a fé está em progresso. Rezei com todo o coração a S. Olaf pela conversão deste povo norueguês.

A catedral faz lembrar a grande fé deste povo antes da Reforma. A sua vasta nave meio arruinada data do século XIII, os transeptos são românicos. O coro é do século XV. De forma octogonal, é como que um diadema sobre o túmulo de S. Olaf. A biblioteca pública de Trondheim tem belas obras sobre esta catedral; é preciso vê-las para ter uma ideia dela em todo o seu esplendor.

De Trondheim chegámos a Levanger por mar, para subir depois pelo vale do Verdal para o alto dos Alpes escandinavos. Estávamos mais ou menos na latitude do Círculo Polar Ártico¹⁵⁵. Os Lapões / (38v^o) no Verão chegam até lá com os seus rebanhos.

SUÉCIA UMA FLORESTA VIRGEM - DALECARLIE - ELFDAL – FALÛN

Um vasto planalto nú, sem vegetação, onde se sucedem lagos gelados, separa a Noruega da Suécia. Nós descemos o vale do Are (Indals älv). A torrente lança-se de um lago para outro lago, por cascatas majestosas. As encostas têm pinheiros gigantes; os picos das montanhas são nus ou carregados de neve. A estrada conduzir-nos-ia ao mar Báltico por Oestersund (Ostersund). Nós deixámo-la em Uppland¹⁵⁶ para descer directamente para Elfded (Älvdalen?); era bastante aventureiro. Durante oito dias, de 26 de Setembro a 4 de Outubro, vamos atravessando uma imensa floresta virgem. Alguns

¹⁵⁵ Na realidade, o Círculo Polar Ártico estava ainda a 300Km.

campos muito distantes e ligados por maus caminhos servem-nos como pontos de referência. Esta natureza virgem é bem imponente!

Toda a Europa devia ser assim quando as invasões asiáticas vieram povoá-la. Os pinheiros tomam proporções colossais. Os que caem apodrecem no solo e erguem ao ar as suas enormes raízes arrancadas. « *Benedicite universa germinantia in terra Domino*» (Dn. 3, 76) - «*Benedicite omnes cedri Domino*»¹⁵⁷. Quanto estas florestas proclamam dignamente os louvores do Senhor!

Tivemos aí uma aventura. Um explorador quis fazer-nos pagar caro demais a nossa carriola. Descobrimos cem vezes que a honestidade dos suecos é bem inferior à dos noruegueses. Nós demos só o que nos pareceu justo. Foi procurado o *landman* ou polícia da região; foram precisas horas. Ele registou as queixas do condutor e os nossos protestos expressos tanto por gestos como por palavras, no Dag-bog, livro oficial dos postos do Correio. Descontentes com os nossos hóspedes que tinham alinhado com o condutor, não quisermos dar-lhes a honra de nos alojar em sua casa. E eis-nos então a caminho, de saco às costas com o enorme espanto de todos, às 10 horas da noite, ao luar. Era um atrevimento / (39v^o) de gente nova. Esperávamos encontrar logo alguma quinta. A Providência castigou-nos. Tivemos de caminhar toda a noite. O tempo gelava, as nossas forças esgotavam-se. Descansámos um pouco na floresta, mas o sono não vinha e o frio forçou-nos a retomar a marcha. O caminho tinha bifurcações. Devíamos tomar a direita ou a esquerda? Nós escolhíamos pela melhor, depois de consultar o nosso bom Anjo da Guarda. O único guia era a nossa pequena bússola, esses caminhos não estavam marcados nos nossos mapas. Encontramos uma quinta só às oito horas da manhã. Tínhamos feito oito léguas¹⁵⁸ a pé! A nossa saúde não ficou abalada, graças a Deus. Retomámos depois as nossas corridas em carriola. Por longo tempo ladeámos o lago Storns (Star sjö). Está semeado de ilhas que lhe dão uma grande variedade. Depois caminhámos ao longo dos Alpes escandinavos para alcançar o vale do Dal. Aí só se encontram pinheiros e / (40r^o) abetos plantados na areia, e rochedos de granito empurpurados de líquenes e todavia não nos cansávamos desta natureza quase selvagem onde se pode admirar a obra directa do Criador.

¹⁵⁶ A Uppland não é uma cidade mas uma região da Suécia meridional, onde se Uppsala se encontra. Palustre escreve mais claramente: «Resolvemos subitamente abandonar a estrada de Ostersund para descer directamente para Falhun» (pp. 34 B 13 1b)

¹⁵⁷ Cf. Sal. 148, 7-9: «Laudate Dominum... omnes cedri»

Chegávamos a Dalécarlie (Dalanran). É a província mais interessante da Suécia tanto pelos seus costumes, como pelos seus lugares, as suas riquezas naturais e a sua indústria.

O tipo sueco é bonito. Difere claramente do tipo norueguês. Os homens são louros. São altos, esbeltos e vigorosos. Dalécardie (Dalaran) conservou os seus graciosos costumes. Os homens usam calções curtos, meias cinzentas, colete azul, casaco branco, e sobretudo azul. As mulheres têm meias vermelhas, saias pretas, bustos vermelhos, uma peliça e barrete branco. As crianças levam umas graciosas calças vermelhas. Infelizmente esta gente abusa do álcool e do tabaco.

O vale do Dal é realmente / (40vº) bonito: a torrente é abundante e frequentemente quebrada pelos rochedos. Os choupos amarelados pelo Outono misturam harmoniosamente os seus tons ao verde-escuro dos pinheiros e ao verde claro dos abetos e dos lárices.

Elfdal (Älvdalen) é uma cidadezinha próspera. As suas casas de madeira têm graciosos alpendres e jardins. Não longe da cidade está a oficina nacional para o corte do pórfiro. Realmente não se fazem aí somente peças muito notáveis. Algumas taças e objectos miúdos e alguns troncos de coluna estavam em polimento. O pórfiro é uma pedra bem bonita mas a sua dureza torna o trabalho difícil. Ele tem cores variadas, encontra-se muito vermelho, verde, amarelo e cinzento.

Falun é outra cidade conhecida pelas suas minas de cobre. Ao redor das minas os vapores dos sais de cobre destruíram toda a vegetação. O cobre é trabalhado em vastas fundições, laminadores e vigas.

Quisemos descer ás minas / (41rº) e realmente isso é interessantíssimo. As galerias penetram até mais de 300 m de profundidade. Vestiram-nos com blusas negras para descermos escadas intermináveis. Uma sala subterrânea já recebeu visitas de diversas personalidades e de alguns príncipes. Os seus nomes estão aí conservados. Aqui e ali estalactites verdes de uma pureza e transparência maravilhosas quebram a monotonia destes túneis negros, húmidos e bastante sinistros. Quanta pena tenho das pessoas que passam a sua vida nestes antros de Vulcano, privados do alegre sol que anima a terra!

¹⁵⁸ NT - Medida temerária de valor diferente no tempo e no espaço. Costuma-se calcular 1 légua 5 km. Mas há léguas de 3km; a légua brasileira é de 6km. A légua de sesmaria é de 6.600m; a légua marítima 5.555m e meio! Calculando à légua de 5km são 40km

Um ramal do caminho-de-ferro conduziu-nos de Falün (Falun) a Gefle (Gävle) sobre o mar Báltico. Era o dia 4 de Outubro

UPSALA - ESTOCOLMO - VISBY- CALMAR

De Gefle (Gävle) chega-se logo a Upsala. É a antiga capital da Suécia, a capital das eras pagãs e também dos grandes séculos cristãos.

Na Upsala antiga fomos visitar / (41v^o) os túmulos onde repousam os restos de Odino, de Thor e de Freya os fundadores da antiga dinastia sueca, que se tornaram semi-deuses para todos os povos nórdicos da antiguidade. A velha catedral de Upsala interessa-me e comove-me muito mais. É dedicada a Sto. Olavo da Suécia, possui os sagrados ossos de Santo Erico¹⁵⁹. É um grande edifício dos séculos XIII e XIV. É atribuído a um arquitecto francês. Tem as arcadas das suas portas ornadas de estátuas, uma grande rosácea a raios, capelas laterais dedicadas a vários santos. Conservam-se ainda casulas bordadas do século XIV; uma delas representa a Assunção de Maria. Houve portanto uma Suécia profundamente católica antes que o Protestantismo fizesse secar a devoção. Lá se oferecia a Eucaristia que era muito venerada. Possamos nós ver ao menos a aurora do regresso desta bela nação à / (42r^o) Igreja romana! A catedral de Upsala guarda o túmulo de Lineu¹⁶⁰. Perto da catedral, no outeiro que domina a cidade, encontra-se a biblioteca. Quisemos ver um dos manuscritos mais célebres da Bíblia, o *codex argenteus* (=códice de prata). Os seus belos caracteres góticos em prata dão-lhe um ar tão grave como rico e revelam a fé do seu autor.

Vai-se de Upsala a Estocolmo num barco a vapor pelo lago Moelar (Malar). Estou vendo ainda este grande lago salgado, as suas ilhas, o burgo de Sigtund (Sigtuna) (antiga cidade religiosa do paganismo), o castelo dos Brahé em Skokloster, as margens cobertas de pinheiros, de choupos e de carvalhos e, finalmente, Estocolmo, a Veneza do norte, construída graciosamente sobre as suas ilhas e ligado ao continente pelo lado norte, dominada pelas maciças construções do Palácio real e pela cúpula de Sta. Catarina.

Estocolmo tem realmente alguma coisa / (42v^o) de Veneza. A mais, ela é escalonada e pitoresca como Edimburgo. É uma das cidades que apresentam o aspecto

¹⁵⁹ NT - rei santo da Suécia de 1150 a 1160. É o IX de 14 reis com este nome. É o patrono da Suécia

¹⁶⁰ NT - Carlos Lineu 1707-1778, médico naturalista e botânico sueco. Foi o fundador da zoologia e da botânica moderna, criando o método de classificação ainda usado, introduzindo a nomenclatura científica.

mais gracioso. Navios a vapor sulcam os canais. Eles levam-nos sucessivamente à ilha do Castelo dominada por uma cidadela ameada, parecida com a cadeia de Edimburgo; à cidade de Bystrom sobre a costa em que encontramos possantes carvalhos que nos mostram que nos aproximamos da zona temperada, à igreja de Riddarholm que contém os túmulos reais de Gustavo-Adolfo, de Carlos XII, de Carlos XIV; e finalmente ao palácio real. A família real é na verdade muito condescendente e sem desconfianças, deixam-nos visitar todo o palácio até à porta do gabinete onde se encontrava o próprio rei. Só me lembro duma sala maravilhosamente ornamentada com porcelanas de Saxe.

Estocolmo não é rica em museus. Possui contudo / (43r^o) uma bela coleção de pequenos quadros holandeses e algumas estátuas notáveis de Byström e da sua escola. Byström é o Thornwaldsen da Suécia. Estocolmo só tinha então uma pequena missão católica. A intolerância luterana reinava ainda com todo o seu rigor. Os convertidos perdiam qualquer direito aos cargos do Estado.

Encontrei em Estocolmo algumas cartas que me afligiram. A minha família começava a preocupar-se com o meu humor viandante. Ela tinha consentido na viagem da Alemanha, mas nunca se tinha falado em Noruega e Suécia. Eu não pensava nisto quando parti. Minha mãe receava algum acidente nesses países longínquos. Ela tinha do seu lado o Pe. Boute, meu antigo mestre. Ele também me escrevia uma severa descompostura, exprimindo o temor de eu perder a minha vocação ligando-me a um amigo / (43v^o) cuja influência parecia muito aventureira. Graças a Deus eram temores vãos. Eu fora obrigado, é bem verdade, a descuidar nesta longa excursão certas práticas importantes e a faltar mesmo várias vezes à missa ao domingo, mas eu não ofendia a Deus gravemente e guardava fielmente os meus piedosos desejos.

A 9 de Outubro embarcávamos para a ilha de Gottland (Gotland) Desejávamos visitar lá os grandes vestígios deixados pela Idade Média. Wisby (Visby), a capital de Gottland (Gotland) conservou os seus belos baluartes ameados e as suas torres do século XIV mas a sua maior atracção são as 14 igrejas meio arruinadas que ergam aqui e ali os seus arcos e as suas empenas. Estas ruínas datam do século XII ao século XIV. Portanto Wisby (Visby) era então uma cidade profundamente católica. A decadência da Hansa arruinou-a e o protestantismo deixou cair as suas igrejas. O nome dos / (44r^o) padroeiros dessas igrejas indica a corrente da devoção desse tempo: Eis os principais:

Descobriu que também as plantas têm órgãos masculinos e femininos; todas as suas obras foram escritas em latim.

Sta. Maria, S. Miguel, S. Pedro, S. João, Santo Espírito, S. Clemente, S. Lourenço, Sta Catarina, S. Nicolau, Sta. Gertrudes, Sta. Doroteia, S. Goar, Sto. Olavo.

Daí fomos a Calmar (Kalmar) para esperar o navio que nos levaria a Stettin. Tivemos de ficar aí dois dias.

Calmar (Kalmar) tem pouco interesse. Construída numa ilha goza duma bela vista sobre a ilha de Oeland e sobre o mar. O seu castelo isolado sobre um ilhéu hospedou em 1804 Luís XVIII e Carlos X. O continente já não lhes oferecia segurança.

Passámos o nosso tempo livre em Calmar (Kalmar) lendo e analisando uma peça de Scribe¹⁶¹: O «copo de água». Para nós era uma distração literária, um estudo de história artística e de literatura. É de facto uma comédia histórica, construída sobre uma luta política entre Bolingbroke e o / (44v^o) duque de Malborough (Marlborough), na Inglaterra no tempo do Tratado de Utreque¹⁶² Os caracteres são delineados com mão de mestre e a intriga oferece um interesse contínuo. A frivolidade e a ligeireza das comédias de hoje mostram quanto baixou a cultura pública, de Scribe para cá.

O serviço de mesa na Suécia é o dos russos: petiscos e licor antes da refeição, tomados de pé numa mesa lateral; depois molho açucarado, sopa e assado com fruta cozida.

Nós dávamos alguma importância a isto tudo. Viajávamos como turistas e como curiosos.

DRESDA - SAXE. A SUIÇA SAXÓICA

De Saxe só visitámos a capital Dresda e essa parte pitoresca do vale do Elba que é chamada Suiça saxónica¹⁶³. Reina em Saxe uma educação delicada e uma avançada civilização. Os seus soberanos souberam transformar esta população primitivamente rude e bárbara como os Médicis fizeram na Toscana. / (45r^o)

¹⁶¹ NT - Augusto Eugénio Scribe 1791 - 1861, dramaturgo, escreveu mais de 380 obras, algumas em colaboração. O «copo de água» não está entre as mais famosas. Escreveu também livretes para ópera: Ali Babá de Cherubin, a favorita de Donizetti I. Verpri Síciliani de Verbi.

¹⁶² NT - Tr. De Utreque- Utrecht, Holanda - pôs fim à guerra de Sucessão de da Espanha.

¹⁶³ De 16 a 19 de Outubro eles visitam a Alemanha Oriental; de 20 a 22 de Outubro a Checoslováquia; de 23 a 27 de Outubro a Alemanha do sul

Dresden¹⁶⁴ é um dos centros artísticos da Europa. Os seus museus são riquíssimos. Possui uma das principais obras-primas de Rafael e por conseguinte uma das mais belas telas do mundo: a célebre «Madonna de São Sixto». Já não é o Rafael no seu período mais puro e mais ascético, mas é o artista na plenitude dos seus recursos com a correcção das perspectivas e a variedade das cores. A célebre Madonna de Holbein não é menos impressionante. Que devoção e que dignidade nesta família do burgomestre de Basíleia representado aos pés da Virgem Maria. A «Noite» do Corégio, isto é, a Adoração dos pastores é graciosíssima mas um pouco realista. O Cristo da moeda ou o Cristo e o Fariseu, de Ticiano, é um grupo bem situado, muito sentido.

Dresden tem também um pequeno museu de pequenos objectos de arte e de valores, a mais admirável colecção de «vaidades» que existe no mundo: pedrarias / (45vº) trabalhadas, marfins, esmaltes, bronzes, tudo o que de mais gracioso produziram nos sécs. XVI, XVII e XVIII está lá representado. Lembro-me dum crucifixo de bronze de João de Bolonha, muito expressivo; dum amplo maravilhoso marfim representando a queda dos anjos em 92 figuras; uma bandeja em prata encrostada de ouro e de esmaltes que representa a corte do rei Mogol. Este último objecto, dizem que custou 8 anos de trabalho. Esse tempo bem podia ter sido mais bem empregado para o Bom Deus.

É a capela real que serve de igreja católica. A família real é católica. O catolicismo ganha terreno em Dresden. Os protestantes explicam estas conversões pelos favores da corte. Por um lado, talvez se lhes possa conceder isso. Esta igreja é um dos mais belos edifícios do século XVII. Ela ultrapassa a capela de Versalhes; as suas duas ábsides dão-lhe uma forma oval. Uma galeria de / (46rº) estátuas ornamenta o ático. A igreja tem três naves, separadas por duas naves mais pequenas que servem de corredores. O altar-mor tem uma bela Ascensão, de Rafael Mengs. Os grupos corais da capela têm uma justa fama; eles executam ao domingo cantos realmente harmoniosos e religiosos

A Suíça saxónica é na verdade uma das maravilhas naturais da Europa. Ela começa perto de Dresden e vai até à Boémia. O seu ponto culminante é o Bastei, um cone de mil pés de altura, de onde a vista domina toda a região. O planalto que se estende ao longo do Elba está todo cortado e rachado em cubos ou colunas quadradas. Ravinas selvagens, estreitas e frias separam as massas rochosas em que o grés se mistura com o verde dos bosques. De longe, os outeiros escarpados parecem-se a

¹⁶⁴ NT Dresden, na Saxónia, Alemanha Oriental, 500 000 habitantes, centro cultural e industrial; residência dos duques da Saxónia desde o século XV ao XX.

gigantescos castelos. A «Villa» real de Pillnitz e o castelo ameiado de / (46v^o) Königstein aumentam o encanto desta excursão.

No dia 19 íamos dormir em Boddenbach (Bodenbach). Continua a ser o pitoresco vale de Elba, mas é já a Boémia.

A BOÉMIA - PRAGA - KARLSTEJN

Passámos por Teplitz (Teplice), é uma graciosa cidade termal, com parques, villas e hospícios. Nada aí fala à alma.

Praga está cheia de recordações. A fé encontra aí a sua parte. Os santos abundaram e sobrevivem nas suas relíquias. Não me admira que esta cidade tenha servido de fortaleza da fé católica da Alemanha meridional. Praga apresenta-se majestosa. Ela estende-se nas duas margens da Moldávia, torrente rápida e poderosa; é enquadrada por montanhas. Torres, torreões e campanários dão-lhe grande variedade. O seu velho palácio real, o Hradschin (Hradcany), erguido sobre o seu rochedo é como que o seu capitólio. O Carlsbrücke (Karlův Most), uma ponte do século XV, ornado com estátuas, liga as duas partes da cidade / (47r^o) numa maneira pitoresca. A antiga nobreza da Boémia tem os seus palácios à volta do Hradschin (Hradcany). Aí temos o hotel de Wallenstein, o herói da guerra dos 30 anos. A catedral dedicada a S. Vit (Guy) data do século XIV. Que riqueza as relíquias que ela tem! Gostaria de ter mais uma oportunidade para rezar nela. Além do corpo do seu padroeiro, tem os de S. Vanceslau, de S. João Nepomuceno, de St^o Adalberto, de St^a Ludvilla, a primeira duquesa da Boémia!

Não longe daí, no mosteiro dos religiosos Premonstratenses, pode-se venerar o túmulo de S. Norberto. Praga é uma cidade privilegiada. Continuou a ser muito religiosa. S. João Nepomuceno é extraordinariamente popular. Foi lançado ao rio Moldava da ponte de Carlsbrücke (Karlův Most). Um monumento guarda a recordação disto. Essa ponte é um verdadeiro lugar de peregrinação, Muitos ex-votos manifestam a gratidão da cidade para com S. Francisco e para com as almas do Purgatório, pela / (47v^o) libertação do imperador Francisco José em 1853 e a preservação da peste em 1786.

O bairro judeu não é das menores curiosidades de Praga. É um verdadeiro “ghetto”, numa sujice repugnante. A sinagoga do século VIII passa por ser uma das mais antigas da Europa. No cemitério os túmulos são amontoados uns sobre os outros. Todos

têm símbolos que indicam a tribo a que cada família judia pertence, sinal espantoso do espírito de tradição desse povo.

Os museus e galerias de Praga são ricos em obras da escola primitiva. Holbein, Cranach e Franck estão aí bem representados. A galeria Steinberg tem uma bela Virgem de Teodorico de Praga; a galeria Nostitz tem um Cristo importante de Dürer. Estas pinturas têm um desenho rígido e um colorido sombrio, mas não falta o sentimento religioso.

Desejávamos ver algum antigo castelo dos países checos; foi / (48r^o) Carlstein (Karlstsejn), antiga residência do rei Carlos IV, que escolhemos. É um castelo completo com muro de cinta, torre de menagem, palácio e capelas, bem implantado sobre um contraforte da montanha, num estreito vale. A arquitectura é corrente e a construção é grosseira, mas as suas capelas têm pinturas do mais alto interesse. A da torre de menagem foi decorada inteiramente por Teodorico de Praga. Vêm-se procissões de santos, sobre fundo de ouro que são deliciosas. Na primeira galeria são os abades, os bispos e os reis; na segunda as virgens, os mártires e os apóstolos. O pintor ultrapassou o seu tempo pela perfeição do desenho e a vivacidade do colorido. Outra capela dedicada a St^a Catarina tem pinturas de Wurmser que nela mostra ser o Beato Angélico da Alemanha.

Carlstein (Karlstsejn) consegue dar uma grande ideia da fé e da vida cristã da antiga cavalaria alemã. / (48v^o)

A BAVIERA - RATISBONA - A WALHALLA - MUNIQUE

Alguns dias passados na Baviera impressionaram-me vivamente. Fiquei impressionado pelo impulso que um rei inteligente e activo foi capaz de dar às artes, às letras, ao patriotismo e à religião. O rei Luís I que reinou de 1825 a 1848, foi sem dúvida o rei mais artista desse século. O movimento artístico que ele desencadeou na Baviera ainda é visível. Ele podia ter feito mais pela religião. Sejamos-lhe gratos pelo menos por tantas belas igrejas construídas em Munique e pela restauração das igrejas antigas das principais cidades da Baviera.

Achei a população da Baviera muito cristã e profundamente serviçal e honesta. Qualquer pessoa que visitar sem prevenções a Alemanha do norte e a do sul, descobrirá

um verdadeiro contraste nos costumes dos dois povos e esse contraste é todo a favor da Alemanha católica.

Entre na Baviera por Ratisbonne (Regensburg). / (49rº) É mesmo a grande cidade alemã da Idade Média. Estende-se ao longo do Danúbio, frente a Renger. Uma ponte do século XII une-a ao seu subúrbio. As torres e campanários relembram o seu antigo esplendor. S. Bonifácio, o apóstolo da Alemanha, tinha nela a sua sede episcopal; gostasse de lhe rezar nela. Uma capela românica junto da catedral poderia ser mais ou menos do seu tempo. A recordação de Carlos Magno também lá é viva. Ele enriqueceu e alargou o mosteiro beneditino de Stº Emmeran. A Catedral data dos séculos XIV e XV. Tem um rico portal. As suas flechas foram refeitas pelo rei Luís e os altares receberam uma profusa ornamentação. Todos eles estão protegidos por baldaquins muito ornamentados.

Muitas casas de Ratisbona conservam as suas torres de defesa e de cavalaria. Os Paços do Concelho são grandiosos. A arte gótica e a Renascença lá estão igualmente representadas. A Dieta alemã reuniu-se lá / (49vº) durante todo o século XVIII.

Mas o que nos atrai em Ratisbona, mais do que a própria Ratisbona, é o Walhalla, distando dela só alguns quilómetros.

É o templo da honra, o panteão alemão. É uma obra-prima de imitação e de arte eclética, como as sabia fazer o rei Luís. É o Parthénon de Atenas reproduzido nas margens do Danúbio. O rei Luís foi bem servido pelo seu arquitecto Klenze. Diz-se que ele gastou aí 5 milhões, de 1830 a 1842. Eu não posso censurar a obra de arte, embora não ame a promiscuidade de todas as glórias nacionais, das mais puras com as menos louváveis, numa espécie de templo civil.

Três colinas lá se elevam à borda do grande rio; a do meio comporta esse belo templo de mármore branco ao qual se chega por uma escadaria monumental. / (50rº)

Os dois frontões do templo representam as duas maiores etapas da nação alemã. Ao sul, é a etapa de Leipsick (Leipzig), o ponto final às vitórias napoleónicas. A escultura é de Rauch. Ao norte é a derrota e a morte de Varus. Hermann (Arminius) lá está, direito, com um pé sobre o molho de romanos: à sua direita guerreiros alemães; perto dele um menestrel que canta a vitória da pátria. À esquerda, os Romanos e Varus entregam-se à morte. A escultura é de Schwanthaler.

O interior é policromo. Os frisos representam as migrações das raças germânicas, a vida privada e pública dos Germanos; noventa e seis bustos de homens famosos estão

alinhados ao pé das vitórias de Rauch e das Valquírias de Schwanthaler. Este Éden eclético não teve pejo em juntar nomes desparatados como os de Armínio, S. Bonifácio, Carlos Magno, Dürer, Cranach, Leibnitz, Mozart, Kant, Lessing, Schiller, Goethe, Lutero, / (50vº) Gutemberg, Wallenstein, Frederico II, Blücher, Schwartzenberg. É pelo menos lamentável que a Baviera católica julgasse ter de alinhar Lutero entre as glórias nacionais.

Chegávamos a Munique no dia 24 de Outubro¹⁶⁵.

Munique é realmente como que a escola das belas artes de toda a Europa. O rei Luís reuniu nela tantas obras de arte e tão bem coordenadas! E tão perfeitamente reproduziu nela os monumentos de todas as épocas!

Quanto às igrejas, a velha Munique tinha já a sua antiga catedral do século XV, a Frauenkirche, que foi restaurada. Mas o rei Luís deu-lhe quatro igrejas monumentais: uma basílica românica, uma igreja bizantina, uma igreja gótica, uma igreja italiana com cúpula.

Vem primeiro a basílica de S. Bonifácio com as suas 64 colunas de mármore cinzento do Tirol e os seus frescos de Henri Hess.

É a igreja bizantina de todos os Santos (capela da família real) construída pelo arquitecto / (51rº) Klenze com uma grande perfusão de riquezas e com belos frescos de Henri Hess, pinturas realmente devotas, suaves e ricas de colorido.

É Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Mariahilf), a igreja gótica com os seus altares em madeira esculpida e seus harmoniosos vitrais.

E finalmente é S. Luís, a igreja da Renascença cujo principal ornamento é o belo e sábio *Juízo universal* de Cornélius, que lhe decora a ábside.

Estas quatro igrejas glorificam maravilhosamente a estética cristã.

O rei Luís conservou o antigo palácio real, chamado Residenz, mas fez-lhe acrescentar duas alas: uma, Königsbau, no estilo do Palácio Pitti, a outra, Festsaalbau, no estilo dos palácios de Veneza.

A sua Residenz contém as mais ricas colecções de antiguidades egípcias, indianas e pompeianas. Aí também se vê a sala do tesouro. É lá que é conservada a antiga coroa da Boémia e a de Henrique o Santo e de Cunegonda sua esposa. / (51vº)

¹⁶⁵ A crónica de Leão Dheon sobre a visita a Munique é estranhamente mais desenvolvida que o texto de Leão Palustre. Aqui portanto não se podem comparar os dois textos.

O rei Luís decorou o seu palácio com uma profusão mais que real. No Königsbau estão os frescos dos Nibelungen de Schnorr. No Festsaalbau estão os assuntos tirados da Odisseia de Schwanthaler e Hiltenspetrger (?); depois as salas das batalhas, de Carlos Magno, dos Asburgos e do trono, decoradas com estátuas de Schevanthaler e com frescos de Hes, Schnorr e sua escola.

Eu gostava de ver isso tudo. Não o lamento. O belo eleva a alma e não a afasta de Deus.

Foi uma cidade inteira que o rei Luís construiu. A rua que tem o seu nome, só tem palácios e edifícios importantes. O estilo românico é dominante. Distingue-se aí o palácio do duque Max, o do duque de Leuchtenberg, o Odeon, o Siegesthor, porta triunfal imitada da de Constantino em Roma.

Seria preciso citar ainda, em Munique, o palácio da exposição das artes, em estilo coríntio, os Profiléus, o / (52r^o) Correio decorado com frescos imitados de Herculano.

Posso dizer que foi em Munique que eu fiz ou, pelo menos, completei o meu noviciado de arqueólogo e de apreciador de belas artes.

Os museus, sobretudo, prestam-se a um verdadeiro estudo das escolas e dos mestres pela sua riqueza e pela sua admirável organização.

A pinacoteca antiga é realmente única pelos velhos mestres alemães. É preciso ver aí a escola de Colónia: o encantador colorido das suas figuras sobre um fundo de ouro; uma Virgem graciosa de Martin Schön (Schongauer?); as cenas da vida de Cristo de Hobein o Velho; a Trindade de Amberger; retratos de Holbein o Jovem; a um Mulher adúltera de Cranach; o Cristo do Jardim das oliveiras de Wolgemuth (Wolgemut); os Apóstolos de Dürer; e finalmente as figuras cheias de sentimento e de graça de Rafael Mengs e de Angelina Kaufman (Kauffmann). - Para as outras escolas, as obras presentes são numerosas mas muitas vezes / (52v^o) secundárias. Só me lembro dos pequenos mendigos de Murillo e dos retratos de Van Dyck.

Na pinacoteca nova notei sobretudo as obras de Kaulbach: o retrato do rei Luís - a Destruição de Jerusalém e uma vasta cena representando o zelo do rei Luís pelas belas artes - depois o Dilúvio; grande cena inacabada de Schorn - as paisagens da Grécia de Rottmann - os quadros religiosos de Hess e de Schadow - estudos de paisagens da campanha romana por Owerbeck. O carácter geral dessas obras é o cuidado, o

acabamento, a correcção do desenho, o estudo dos costumes e da arqueologia. São de facto obras de arte, de arte sábia e correcta, mas não são obras de génio.

A biblioteca tem obras modernas de Canova e de Thornwaldsen; mas é rica especialmente em obras da antiguidade grega. Deve-se ver lá os frontões do templo de Egina, o Apolo tocando harpa, as Niobéidas. / (53rº) As salas dos deuses e heróis estão maravilhosamente decoradas por Cornélius.

A biblioteca é também um museu no seu género. Quantas raridades e curiosidades ele possui! Como o Codex purpureus do IX século em letras de ouro e prata sobre tecido de púrpura; as “*tabula cerata*”, tabuinhas romanas cobertas de cera e escritas; o Breviário de Alarico do século VI; um manuscrito de Parcival, de Wolfram de Eschembach (Wolfram von Eschenbach); o missal de Henrique II decorado com marfim; o livro de orações de Maximiliano (1515) com desenhos de Dürer; um códice de Carlos o Calvo, 870, com esmaltes, pedrarias e relevos em ouro martelado; miniaturas de Cranach.

Pode-se fazer aí um estudo completo como nos museus.

Munique ficou a cidade da arte cristã contemporânea; ela deve-o certamente ao seu grande rei que foi para ela o que foram os Médicis em Florença.

Contudo, o rei Luís não protegeu somente as belas artes. Foi também / (53vº) o amigo das letras e a sua administração desenvolveu a civilização da Baviera em todos os aspectos. Ele contribuiu em grande parte a fazer deste século XIX o grande século clássico da Alemanha.

A AUSTRIA-VIENA-SCHÖNBRUNN

A viagem de Munique a Viena é como a travessia de um gracioso parque. No vale do Danúbio vêem-se, o mais frequentemente, belas pradarias, realçadas por frescos bosques de árvores.

Chegávamos a Viena no dia 28 de Outubro, desembarcando na sua bela estação de estilo renascença. Meu irmão Henrique viera juntar-se-nos em Munique. Ele faria connosco o resto da viagem. Ele tinha como fim prático, o projecto de estudar na Baviera e na Áustria a indústria da cervejaria.

Viena é uma segunda Paris. A capital da Áustria parece-se mais com a nossa, do que qualquer outra cidade da Europa. A cidade antiga, o burgo, é separada dos bairros novos pelos taludes (das antigas muralhas) transformados em passeios.

A grande casa de Deus em Viena / (54r^o) é S. Estêvão; a casa do príncipe é a Hofburg.

A sé de S. Estêvão é digna da sua categoria. É de facto a grande igreja das idades cristãs. Foi construída nos séculos XIII a XVI. Tem três naves quase iguais, pórticos ricamente ornamentados, e a sua grande flecha alta 138 metros pode rivalizar com as mais belas. É bom subi-la, para ver o conjunto da grande cidade e dominar de longe os campos de batalha de Lobau, de Essling e de Wagram. No interior, o século XVI sobretudo deixou belos monumentos, especialmente as pias baptismais, as cadeiras do coro e o sarcófago de Frederico III esculpido por Lerch (Lersch) de Estrasburgo¹⁶⁶.

Quanto bem nos faz rezarmos nestes velhos santuários! A simples recordação da fé, do entusiasmo, das festas, da oração dos grandes séculos cristãos, provoca uma impressão indefinível! Que fortes testemunhas de Cristo, são estes grandes edifícios sagrados. / (54v^o)

O imperador Francisco José dotou a igreja de S. Estêvão duma renda de 50.000 florins para a sua conservação e restauração. Quando seremos nós igualmente inteligentes?

A igreja dos Capuchinhos é do século XVII. Nos seus subterrâneos ela possui os túmulos dos soberanos e dos príncipes austríacos desde o imperador Matias. É aí que repousa o duque de Reichstadt cuja sepultura suscita para os católicos franceses unicamente recordações tristes.

A igreja dos Agostinhos e a de Nossa Senhora do Areal (Maria Stiegen) são duas igrejas do século XIV¹⁶⁷. A primeira possui o rico monumento da arquiduquesa Maria Cristina, de Canova. Canova é sempre o mesmo. Ele reencontrou o acabamento, a graça, a correcção do século de Péricles, e também todo o seu espírito pagão. Nossa Senhora do Areal tem belos vitrais desenhados por Schnorr.

¹⁶⁶ O famoso sarcófago em mármore vermelho é obra de Nicolau de Leyde

¹⁶⁷ A igreja de Maria Stiegen, mais conhecida com o nome de Maria am Gestade (Nossa Senhora da Prais,) foi construída no século XII sobre uma plataforma que dominava então o braço principal do Danúbio

A igreja votiva do Salvador e a do subúrbio de Altlerchenfeld são belas igrejas modernas. / (55r^o) A igreja votiva, como a Auerkirche de Munique, é uma bela imitação do século XIV. A de Alterchenfeld é decorada pelos principais mestres da escola moderna. O friso de Fühlich faz lembrar os nossos belos frisos de Flandrin.

Após as casas de Deus, a casa do rei. A *Hofburg* tem um grande aspecto em Viena. É velha como a dinastia que nela mora. Data em parte do século XIII. É a grande fortaleza feudal, como a Torre de Londres, como o Hradschin (Hradcany) de Praga, como seria o nosso antigo Louvre, como é ainda o nosso Palácio da Justiça de Paris, antiga residência de S. Luís.

Os apartamentos da Hofburg são relativamente modestos, mas as suas colecções apresentam grande interesse. O *Tesouro da coroa* é maravilhoso; cada século do Império marcou a sua característica. Lembro-me das *Regalia* de Carlos Magno, ornamentos reais tirados do seu sepulcro: / (55v^o) a sua dalmática de seda com um colchete de pérolas, a sua coroa ornada de esmaltes enquadados - depois as grandes relíquias da Paixão: a cruz, a lança e os cravos, que são expostos no dia da coroação – as perrucas da coroação de Rodolfo II, as de Napoleão - as pedrarias do Tesouro de Carlos o Temerário, especialmente o diamante de 133 carates (27 gramas) - as casulas da ordem do Tosão de ouro e os bordados do tempo de Felipe o Bom.

Além do tesouro, devem-se ver em Hofburg, as Antiguidades, os Minerais e a Biblioteca.

Nas Antiguidades, apreciei especialmente o famoso camaféu de Augusto, apoteose do imperador sobre uma pedra de ónix com 8 polegadas de diâmetro¹⁶⁸, depois as lindas cinzeladuras de Benvenuto Cellini, o saleiro em ouro de Francisco I e o guarda-mão da espada de Carlos-Quinto. São peças de arte de primeira ordem.

Nos Minerais fiquei impressionado com o número dos aerólitos; há mais / (56r^o) de cem, e alguns são maiores que uma cabeça. O planeta que nos carrega, não ficará um dia reduzido a esse estado de poeira?

A Biblioteca é de uma riqueza sem igual. Tem 12.000 incunábulos. Todos os séculos estão nela representados com belos manuscritos. Os mais notáveis são os manuscritos sobre tecido roxo dos séculos IV, V, VI; o saltério de Isabel, esposa de Carlos

¹⁶⁸ A polegada francesa vale 2,7cm.

Magno¹⁶⁹, sobre pergaminho púrpura; miniaturas do século XIV com desenhos hieráticos sobre fundo de ouro; miniaturas finas e graciosas dos séculos XV e XVI no género de Van Eyck.

Eu tinha a paixão dos quadros. Era uma curiosidade honesta, nobre mesmo, mas muito pouco sobrenatural.

Visitei com cuidado o Belvédère, que é o grande museu de Viena, e as galerias particulares: galerias Esterhazy, Lichtenstein, Harrach e Arthaber. O Belvédère é um grande palácio, género Luís XV, bem situado no alto de jardins em terraços. Todas as escolas estão nele dignamente representadas. Eis / (56v^o) o nome de algumas telas que nos ficam na lembrança: a Madonna del Verde¹⁷⁰ de Rafael; é uma doce Madonna no meio duma graciosa pradaria - a Virgem com vários santos, de Perugino - a Pietá, de André del Sarto - o S. Francisco de Caracci - a Judite de Allori - a Morte de S. José, de Carlos Maratta. - O Tintoretto e Ticiano têm lá belos retratos. Há não menos de doze telas de Rubens, nomeadamente: S. Francisco Xavier que ressuscita um indiano, S. Inácio que liberta os possessos, S. Ambrósio que nega ao imperador a entrada na igreja¹⁷¹ - Van Dyck tem várias telas: a Virgem com o bem-aventurado Hermano-José, e retratos. - Entre os Holandeses há a assinalar: uma floresta de Ruysdael, uma vista de Amesterdão de Bachhuysen, um velho judeu de Hoogstraeten. - Entre os Alemães, os retratos tão acabados e tão naturais de Denner.

O Belvédère, não tem somente quadros, tem também a sua galeria de Antiguidades, e a sua colecção / (57r^o) histórica chamada Colecção de Ambras.

Nas *Antiguidades*, deve-se ver a estátua em bronze de Germânico, erguida na Carintia por Tibério. Frente a esta estátua, devem-se reler as páginas de Tácito sobre a política de Tibério. Um esplêndido sarcófago grego encontrado em Éfeso representa o combate das Amazonas. Que pena que a arte grega não tenha sido animada pelo sopro da fé. Uma estátua negra de Isis com a cara, as mãos e os pés em mármore branco pôde dar a ideia da estátua tão conhecida de Estanislau Kostka.

¹⁶⁹ Entre as cinco, esposas de Carlos Magno, não há nenhuma Isabel!

¹⁷⁰ É a "Madonna del Prato" ou "Nossa Senhora no Verde".

¹⁷¹ Teodósio o Grande (Nt último imperador único do imenso império romano, que deixou aos dois filhos Honório e Arcádio, e nunca mais voltou a unificar-se. Em Corinto, durante os jogos, alguns guardas do imperador foram mortos; irritado, Teodósio mandou massacrar 15.000 habitantes da cidade. Por esse massacre S. Ambrósio proibiu-lhe a entrada no templo de Milão, antes de fazer longa e pública penitência)

Na *Colecção de Ambras*, há vários troféus do sacro Império: o guante do sultão Solimão, a aljava do grão-vizir Kara Mustafá, a acha de armas em pórfiro se montezuma (o príncipe dos Incas)

Na *galeria Lichenstein*, o menino Jesus sobre a cruz, de Guido (Reni) e o Cupido de Corégio, indicam as duas tendências da Renascença. Rubens tem lá seis belas telas / (57v^o) históricas, a história de Décio.

Na *galeria Harrach* algumas telas fizeram-me parar: A Madonna com Santos, de Alonzo Coello, grande obra dum artista pouco conhecido; S. Pedro e a criada, de Schalken; algumas marinas, de Vernet; um pôr-do-sol de Claúdio Lorrain.

A *galeria Esterhazy* vale um museu de grande cidade¹⁷², tem um esplêndido “Ecce Homo” de Rembrandt notável pelo claro-escuro: um raio celeste ilumina a face de Cristo. É uma obra de fé. Murillo tem lá uma bonita Virgem: o Menino Jesus que Ela segura, distribui pão a três missionários. Deve-se ver também o Martírio de S. André, de Ribera, o Calvário de Alberto Dürer, os retratos de Leonardo e do Corégio feitos pelos próprios, o retrato de Rafael feito pelo Perugino.

A *galeria Arthaber* tem obras modernas. Lessing e Gauerman (Gauermann) têm lá cenas e paisagens que igualam as melhores obras deste século. / (58r^o)

O estudo das diversas escolas artísticas confirma os dados da religião e da história. A Itália e a Espanha guardaram com a sua fé uma grande arte cristã que enfraqueceu com a decadência dos costumes no século XVIII. A Holanda caiu cedo no positivismo. A arte alemã foi interrompida pelo vandalismo iconoclasta dos protestantes; ela retomou vida só no nosso tempo. Na França a arte cristã tornou-se solene e clássica com Luís XIV.

O século XVIII conheceu somente a arte ligeira, feminina e sensual.

ARREDORES DE VIENA

Os arredores de Viena, como os de Paris, têm os seus castelos principescos. A mais, eles têm as suas grandes abadias sempre vivas e frequentadas.

¹⁷² L. Palustre escreve pelo contrário: “A galeria Esterhazy, no seu conjunto, não me parece nem tão completa nem tão rica como a galeria de Lichenstein” (p. 221-B13, 1b)

Schoenbrunn e Laxenburg substituem, sem igualá-los, Versailles, St. Cloud, Fontainebleau e Compiègne. Laxenburg tem o seu castelo medieval de fantasia chamado Franzenburg, como Compiègne tem Pierrefonds. Schoenbrunn faz lembrar as vicissitudes / (58v^o) das coisas humanas. O Rei de Roma aí morreu no apartamento que o pai tinha ocupado no tempo das suas vitórias.

Os Beneditinos ficaram ricos e um pouco relaxados na Áustria. As grandes abadias de Melk e de Gottweih (Göttweig) recordam as nossas majestosas abadias despovoadas e arruinadas pela Revolução. Os Agostinhos de Klosterneuburg conservam um belo claustro do século XII. Os monumentos dos grandes séculos cristãos são raríssimos na Áustria. A prosperidade e o mau gosto do século XVIII fizeram-lhes uma guerra sem tréguas para substituí-los com os edifícios mais espalmados e menos artísticos.

FROHSDORF

Era o dia 4 de Novembro 1863. Desejávamos ver o conde de Chambord; tínhamos-lhe escrito pedindo uma audiência. Palustre era o filho de um antigo guarda do corpo; isso facilitava a nossa admissão. O príncipe enviara-nos a Viena o sr. de Monti / (59r^o) para convidar-nos ao almoço. Ele tinha habitualmente consigo o sr. de Monti, o sr. de Foresta e o sr. du Bourg. Chegámos na manhã do dia 4. A carroça do Príncipe esperava-nos na estação. O castelo pareceu-me modesto. Não tinha nada de real. Era uma simples residência senhorial de campo, numa região de florestas e pastagens. O príncipe recebeu-nos afectuosamente e apresentou-nos a Condessa. Palustre lembrou os serviços do pai que tinha acompanhado fielmente Carlos X até à fronteira no momento da partida. Ao almoço estávamos frente ao príncipe e à Condessa. Falámos especialmente sobre viagens. O Príncipe tinha estado há pouco no Oriente; nós estávamos voltando da Noruega. O tom religioso da casa, a bonomia do Príncipe, encantaram-nos. A Condessa era solene. Depois do almoço, conversa no salão. No momento da despedida, o príncipe deu-nos o seu / (59v^o) retrato e disse-nos com lágrimas nos olhos: “*Até à vista, em França!*” Sinto-me feliz agora por ter conhecido este verdadeiro francês, tão bom, tão nobre, tão cristão, e tão cheio de santas intenções para a reconstrução da nossa pátria.

WAGRAM-AUSTERHITZ-BRÜNN-O SPIELBERG

Os arredores de Viena contam vários campos de batalha clássicos. Às portas da cidade, a ilha de Lobau divide em dois braços o Danúbio. Mais ao Norte uma imensa planície foi testemunha das batalhas de Aspen, de Esling e de Wagram. Nós simplesmente atravessámos este planalto para irmos a Brünn na Morávia, e de lá visitar Austerlitz e Spielberg. Austerlitz tem verdadeiro interesse histórico. A batalha que aí se travou é uma das mais belas jogadas de xadrez que o grande Conquistador tenha vencido. É preciso ler a narração dela em M. Thiers. Lembra-se esse planalto que domina como uma fortaleza / (60rº) as aldeias de Telnitz e de Pratzen, e sobre a qual os Russos tinham colocado tão vantajosamente a sua artilharia. Napoleão soube atraí-los a Telnitz, enfraquecendo propositadamente a sua direita. O nosso centro conseguiu então subir ao outeiro de Prazen, cortar ao meio o exército russo, arremessá-lo em parte para Austerlitz e em parte para os pântanos gelados sobre os quais Napoleão dirigiu a artilharia para engolir os Russos sob o gelo. - Este sucesso despertou a fé de Napoleão. Mandou celebrar solenes acções de graças depois de Austerlitz, e fez inclinar as bandeiras diante do altar. Esta homenagem à Eucaristia foi recompensada por vários anos de vitórias.

Brünn já não é uma fortaleza, os seus baluartes tornaram-se jardins. Uma colina que domina a cidade tem o Spielberg, cidadela ou fortaleza que serviu de prisão de estado. Prilico e Andryane descreveram-nos as angústias do “*cárcere duro*”. Graças / (60vº) a eles esta prisão vulgaríssima reveste um carácter poético e sentimental. O Spielberg e os Piombi de Silvio Pellico prepararam a opinião pública europeia para a libertação da Lombardia e do Véneto¹⁷³

REGRESSO: PASSAU-NUREMBERGA-WURSTSBURG

Voltámos bastante rapidamente, visitando algumas cidades para quebrar a distância. Em Passau, peregrinação a Mariahilf, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sobre a colina que domina a cidade. De lá, esplêndida vista sobre a cidade, a fortaleza e os dois belos vales do Inn do Danúbio. É um dos belos panoramas da Alemanha.

Em Nuremberga a velha arte alemã deixou muitas obras interessantes. É aí que se pode ter o melhor contacto com os escultores Adam Kraft (Krafft), e Schonhover (?) e com os pintores Wohlgemuth (Wohlgemut), Cranach e Vischer.

O tabernáculo ou sacrário de Adam Krafft na igreja de S. Lourenço, o belo fontenário de Schonhover¹⁷⁴ frente à igreja de Nossa Senhora e o sepulcro de S. Sebaldo, / (61r^o) de Pedro Vischer na igreja do mesmo Santo, são três monumentos clássicos, bem conhecidos e frequentemente reproduzidos em gravuras. São as obras-primas da arte paciente, rica, séria e profundamente religiosa da grande escola de Nuremberga. Que bela homenagem feita à Eucaristia, este sacrário de Adam Krafft.

Würzburg (Wurtzburg) tem, como Passau, a sua colina santa, a Mariensberg, a montanha de Maria, frente à cidade do outro lado do Main. O grande palácio episcopal é um pequeno Versalhes que mostra de quanto poder gozavam noutros tempos os príncipes-bispos da Alemanha.

Nós voltamos dessa grande viagem no dia 11 de Novembro¹⁷⁵. Ela teve para mim uma utilidade verdadeira, embora eu a vivesse demasiado como turista. Voltava com mil conhecimentos variadíssimos de história e de arqueologia. Falava um pouco de alemão, e ficara bem edificado pela fé simples e firme dos católicos de algumas terras. / (61v^o)

V Ano de Direito: 1863-1864

O DIREITO

O Senhor por Sua pura misericórdia tinha-me conservado a vocação.

Já não tinha posto pelo Direito. Tinha pressa de acabar. O ano lectivo, aliás, devia ser bem curto para mim. Ele começava no dia 15 de Dezembro para acabar com a Defesa da tese a 2 de Abril. Fui ainda a algumas aulas. Segui o curso de advocacia por algumas semanas. Depois a preparação da tese absorveu-me. Escolhi um assunto muito prosaico: a fiança. Queria coisa fácil para fazer depressa.

¹⁷³ A viagem em Áustria durou de 28 de Outubro até 7 de Novembro.

¹⁷⁴ O "Belo Fontenário" é de Henrique Perler (fim do século XIV). O nome de Schonhover deriva talvez do famoso fontenário, em alemão "Schöner Brunden".

¹⁷⁵ Após uma breve visita a Saarbruck, Leão Dehon separou-se dos seus amigos em Metz (cf. Palustre, pp. 258-259, b13, 1b)

Creio ter metido ordem e clareza no meu trabalho e de ter apontado umas tantas incoerências do Sr. Duranton. Em conclusão, não fiz um trabalho de valor. Os meus gostos estavam noutra parte e eu esperava com impaciência o fim do curso de Direito.

OS ARREDORES DE PARIS

Eu tinha visitado Paris com cuidado no Inverno precedente; neste ano fiz várias excursões nos arredores. Visitei as antigas residências reais, alguns castelos, antigas abadias e algumas cidades.

A abadia de S. Dinis é um santuário nacional por excelência. Uma nação não devia ter nada mais querido do que o túmulo do seu primeiro Apóstolo e os sepulcros dos seus reis. Mas ai! Todos estes túmulos estão vazios! Roma tem a sua basílica de S. Pedro com os monumentos dos seus pontífices; Londres tem a sua abadia de Westminster, Viena a sua catedral de St^o. Estêvão e a sua necrópole dos Capuchinhos, Turim tem a Superga. Nós, nós só temos o Panteão profanado e os túmulos vazios de S. Dinis. Pobre nação, que se assanhou a destruir com raiva ímpia / (62v^o) que ela tem de mais sagrado! A visita a S. Dinis ainda é emocionante. As recordações falam à alma, embora menos vivamente do que as realidades. Lá estava o sepulcro do grande Mártir e doutor areopagita, o Apóstolo da França. Lá se perpetuou durante doze séculos a grande e sábia abadia fundada pelo pio rei Dagoberto. A igreja actual ainda é em parte a obra do grande abade e ministro Suger. Foi também aí que Henrique IV abjurou a heresia protestante.

Os vândalos de 1793 não respeitaram nada. Assanharam-se sobre os seus túmulos. Eles levaram três meses a remexê-los um por um, para ter a certeza que não ficava nenhum osso na necrópole real. A glória nacional não alcançou favor deles mais do que o prestígio da realeza. Os corpos de Suger, Dugueschin, Turenne tiveram a mesma sorte da dos reis. Deve-se ler a narração repulsiva destas *altas-façanhas* nas notas do *Génio do / (63r^o) Cristianismo* de Châteaubriand.

Quando visitei S. Dinis efectuava-se o esforço de restituir à basílica o seu antigo aspecto, recolocando na ordem primitiva os restos restaurados dos antigos túmulos. Como arte, dois grupos de túmulos atraem particularmente a admiração. São os monumentos ogivais elevados por S. Luís a Dagobert e aos velhos reis; depois, os túmulos delicados da Renascença: o de Francisco I, obra de Filiberto Delorme; o de Luís XII e o de Henrique II, atribuído a Germano Pilon.

AS RESIDÊNCIAS REAIS

Visitando os nossos palácios reais, faz-se uma revisão da história da França e da história da Igreja. Gosto especialmente das recordações da grande época cristã. Gosto de reencontrar o castelo feudal em Vincennes, em Rambouillet. Também Maintenon tem ainda a sua velha torre. Fontainebleau conservou o traçado do seu plano primitivo no / (63vº) seu pátio oval. Aí se encontra ainda o pavilhão de S. Luís. Mesmo Compiègne, falo do seu palácio, está construído sobre o plano do castelo medieval.

Nestas velhas residências tudo denunciava o soldado de Cristo, o bravo cavaleiro, o justiceiro protector dos fracos. A capela, a torre de menagem e a sala de justiça constituíam quase todo o castelo. Já não é a mesma coisa em Versalhes, em S. Cloud, em Fontainebleau e Compiègne modernos. Aqui, são o salão, a sala de festas, o teatro, os toucadores e as alcovas que atraem a atenção. Os jardins estão providos de divindades pagãs. A arte enfraquece. O Franco desapareceu, e o Galo-Românico retomou o domínio.

As nossas alianças com os Médicis prejudicaram-nos. Elas implantaram na França o carácter, os costumes, a literatura e / (64rº) a arte da Itália. Sem esta influência nefasta, a Renascença francesa teria sido mais sóbria e mais casta, a nossa política ficaria mais cristã, os nossos costumes mais severos. Teríamos escapado sem dúvida nenhuma à impiedade e à imoralidade do século XVIII e à Revolução.

Encontra-se todavia, com satisfação, consoladoras recordações em todas as épocas da nossa história política. Luís VII e S. Luís tiveram reinados gloriosos.

Filipe-Augusto e Carlos V tiveram bons momentos. Luís XII e Luís XIII são crentes. Luís XIV resgata na sua velhice as fraquezas do seu passado. Ao lado de Luís XV encontra-se Maria Leczinska, Luísa de França e o Delfim. Luís XVI e Maria Antonieta só pecam por excessiva bondade.

ALGUNS CASTELOS

Das nossas residências feudais só restam ruínas / (64v^o) e recordações. A Revolução acabou de destruir o que as guerras de religião e Richelieu tinham poupado. Coucy, Pierrefonds, Monthiléry, Etampes, Chevreuse, por toda a parte ruínas que visitei com interesse, estudando com Viollet-le-Duc a arquitectura e os costumes da Idade Média.

Ecouen e Chantilly estão ainda de pé e permitem-nos fazer reviver em espírito as duas maiores famílias de França, os Montmorency e os Condé.

Dampierre lembra cortesãos felizes; os Luynes e os Vaux-Praslin mostram-nos as vicissitudes da fortuna na desgraça do intendente Fouquet.

Ecouen é uma obra graciosa do architecto Bullant. Vaux-Praslin é de Levau com um jardim de Le Nôtre e pinturas de Le Brun e de Mignard. Dampierre é de Mansart. Eu daria isso tudo em troca / (65r^o) da pequena capela de Vincennes, desenhada por Pedro de Montereau.

De Dampierre a Port-Royal há simplesmente um passo. Fui visitar o lugar da célebre abadia. Lá viveram Pascal, Arnauld, Nicole, de Sacy, Lancelot. Eles possuíam muita ciência e muito mais orgulho. Pouco faltou que lançassem a França na heresia. Usavam-se então remédios heróicos que nos faltam hoje. Um édito do Parlamento de 1709 fez arrasar a abadia.

Castigo bem merecido!

A MINHA TESE

Entretanto eu trabalhava na minha tese. Ela estava pronta nos princípios de Março. Defendi-a, revestido da toga e do arminho de doutor. Eu tinha zurzido as

opiniões do Sr. Duranton na minha tese; o filho dele era examinador; ficou ressentido. E eu fui reprovado. Precisava da maioria das bolas brancas (nota: «muito bom»). Deram-me / (65v⁰) duas brancas e três vermelhas, após uma hora de deliberação.

Este revés não me emocionou demasiado. Foi o único que a boa Providência me infligiu nos dez anos em que fui fazendo exames. A minha família nem soube disso. Fui falar com o vice-reitor; ele permitiu que me apresentasse de novo um mês mais tarde e no dia 2 de Abril tudo se concluiu. Eu era doutor.

Era uma etapa importante da minha vida. Eu tinha prometido a meu pai de chegar até aí. Podia esperar agora que ele me deixasse seguir a minha vocação.

A VOCAÇÃO

A minha vocação mantinha-se firme. Meu Deus, mais uma vez eu vos manifesto aqui toda a minha gratidão. Eu não tinha hesitações. Queria ser de Deus. Queria ser padre.

Perguntava a mim mesmo onde deveria fazer os meus estudos. O bom padre Fouilhouze, meu confessor, recomendava S. Sulpício. Voltei a falar com o P. Gratry e com o bispo Dupanloup./ (66r⁰) Falei-lhes em Roma, mas vi que eles estavam prevenidos contra a teologia romana. Apesar de tudo, eu mantive Roma. A lógica do meu espírito dizia-me que a água é mais pura na nascente do que no regato, e que a doutrina e a devoção mais facilmente e mais plenamente se alcançam no centro do que em qualquer outra parte.

BÉLGICA E HOLANDA

Palustre veio passar algum tempo comigo, em La Capelle. Meu pai estava contente com os meus sucessos. Deu-me licença para fazer uma viagem pela Bélgica e Holanda.

Eu iria rever muitas vezes a Bélgica e a Holanda, mas sobretudo a Bélgica interessou-me vivamente desde esta primeira viagem. Na Bélgica, desta vez, só vi Bruxelas, Bruges e Anversa. São as cidades mais interessantes.

BRUXELAS

Bruxelas tem os seus Paços do Concelho com a sua velha praça, depois a igreja de Sta. Gudula e o museu. Os grandes Paços do Concelho / (66v^o) das cidades belgas, dos quais o de Bruxelas é o rei, marcam a importância da vida comunal nestas províncias democráticas. O feudalismo não resistiu muito tempo na Bélgica. A Igreja e a comuna tiveram toda a influência social.

A comuna era socialmente cristã embora tivesse por vezes atritos com a Igreja. A estátua de S. Miguel domina os Paços do Concelho: é o marco do reino do social de Cristo. A Casa comuna é rodeada pelas casas das corporações. As corporações foram a força e a prosperidade das cidades belgas.

O que me interessa na igreja de Sta. Gudula de Bruxelas, todas as vezes que a visito, é a sua grande capela do SS. Sacramento, construída no século XVI com a cooperação de todos os príncipes da Europa, como o atestam os seus ricos vitrais, em recordação dum grande milagre eucarístico e em reparação do sacrilégio da sinagoga. Há lá um grande / (67r^o) acto de fé que há-de trazer felicidade a uma cidade, a um reino.

Eu era um grande apreciador de pinturas; vi com alegria os museus da Bélgica e da Holanda. Aprendi a conhecer, para nunca mais as esquecer, as grandes escolas da pintura flamenga e holandesa.

O museu de Bruxelas não vale os de Anversa e de Haia. Ele tem contudo a sua bela colecção de Rubens e de Van Dyck e o seu maravilhoso retrato de Thomas Moro, de Holbein.

Prefiro a escola flamenga à escola holandesa. A escola flamenga é religiosa; a holandesa é naturalista. A escola flamenga tem dois períodos: o primeiro de que Van Eyck é o corifeu; a segunda que é dominada por Rubens. A primeira é muito

devota e por vezes mística e santa com Van Eyck, Memling, Poubus, Holbein e Franck. A segunda ainda é religiosa como se era religioso no século XVII, religião da Renascença, / (67v^o) larga, fácil, mergulhada no naturalismo. As suas glórias são, com Rubens, Van Dyck, Massys (Matsys), Crayer, Filipe de Champagne, Miguel Coxie.

BRUGES

Gosto mais de *Bruges* que de Bruxelas. Gosto das suas ricas igrejas que atestam a fé dos seus habitantes, da sua capela do Santo-Sangue que é um grande relicário de pedra, dos seus magníficos túmulos dos duques de Borgonha, da sua rija torre da atalaia, do seu velho palácio dos condes de Flandres com suas monumentais chaminés, do seu pequeno museu cheio de verdadeiras pérolas do Memling. Gosto de Van Eyck e de Pourbus, mas sobretudo gosto das pinturas de Memling no hospital de S. João, o túmulo de S. Úrsula e o famoso tríptico. É esse talvez o mais precioso tesouro artístico de toda a Bélgica¹⁷⁶.

Anversa é uma cidade simpática. É a verdadeira capital da Bélgica. Tem uma grande população, um esplêndido porto, a mais bela igreja da Bélgica e uma das mais belas / (68r^o) do mundo. Tem um grande comércio, belas obras católicas, riquezas artísticas de primeira ordem.

A sua grande catedral tem sete naves e 125 pilares. A sua flecha elegante e ligeira tem 122 metros de altura. Os seus cadeirais são tão ricos como delicados. A catedral é um verdadeiro museu pelo número e valor dos seus quadros. Possui as duas obras-primas de Rubens: a Deposição da Cruz e a Crucifixão. Este artista devia ter uma fé profunda para dar aos Santos do Calvário, a Maria, a Madalena, a S. João uma atitude tão verdadeira, tão dolorosa, e tão amante.

É preciso ver no museu de Anversa as cenas religiosas históricas de Rubens, os Cristos e os retratos de Van Dyck. Deve-se também contemplar aí a Deposição da Cruz de Quintino Massys (Matsys).

¹⁷⁶ O célebre relicário de S. Úrsula (1499) é uma caixa rectangular em forma de edícula, nas faces da qual está pintada a história da peregrinação da Santa a Roma e do seu regresso a Colónia.

Desse tempo para cá Anversa construiu a sua pequena basílica do S. Coração. Espero que o Senhor nos abra um dia um asilo nesta cidade tão católica. / (68vº)

Os Holandeses são curiosos, trocistas, e mediocrementemente hospitaleiros. A sua nação é bastante pobre em monumentos. Gosto dos seus museus; eles têm pinturas encantadoras, mas não se deve procurar neles nem a grande arte nem a arte religiosa. Os seus pintores tiveram o único ideal de ornamentar os salões dos seus ricos comerciantes.

A HAIA

A principal atracção de *La Haye* é o museu. Rembrandt tem lá a sua famosa lição de anatomia e alguns retratos. Ele é o corifeu da escola holandesa. Wouermans é o pintor das batalhas; Schalken o pintor dos efeitos nocturnos. Os outros podem dividir-se em três grupos. Uns pintaram a natureza, como Paulo Potter com os seus animais, Breughel com suas flores, Ruysdael e Backhuysen com suas marinas. Os outros pintaram cenas e interiores grotescos, como Téniers e Van Ostade. Os outros finalmente reproduziram os interiores burgueses pondo nisso toda espécie de cuidados delicados. Gérard Dou, / (69rº) Terburg, Miéris, Metz, são excelentes neste género. Eles ultrapassaram o nosso Meissonnier.

A Haia, além do museu, tem também o seu belo porto de Scheveningue e o seu Castelo-de-pau, que contém uma maravilhosa colecção de pequenos objectos da China.

Tive a curiosidade de visitar os jardins de *Harlem* e as suas túlipas, As belas flores cantam a glória do Criador.

O tríptico da "Desposição" pintado por Adriano Reyns é de 1480.

AMESTERDÃO

Amesterdão não me atraiu. Visitei os museus, uma oficina de preparação dos diamantes e a sua grande sinagoga. Os judeus são todo-poderosos em Amesterdão.

A alguns quilómetros, no canal do Norte, a pequena cidade de Brock é um fenómeno de limpeza. Até se pode dizer que aí a limpeza é levada até à extravagância. Os currais são salões. As ruas são calçadas em terracota e proibidas às carruagens. As folhas caídas são recolhidas e as poeiras são levadas / (69v^o) para fora da cidade debaixo do vento. Gostaria mais de ver todo esse cuidado em conservar a limpeza das suas almas.

ZEIST - OS IRMÃOS MORAVOS

Visitámos finalmente perto da Utreque na aldeia de *Zeist*, uma particularidade da Holanda. É uma colónia de *Irmãos Moravos*, espécie de falanstério onde reina uma certa comunidade de bens. É uma pequena república, bastante parecida com os nossos grandes mosteiros, salvo que aí se vive em família. Aí o fanatismo sectário substitui a fé que une os monges cristãos.

Esse pequeno mundo pareceu-me triste. Não existe aí o sacrifício generoso e alegre do verdadeiro crente. Todavia há ordem, correcção, disciplina, trabalho nesse grupo de famílias. Possa a sua boa-fé levar estas almas à salvação!

FÉRIAS - AMIZADES

Ao voltar a La Capelle eu tinha de tratar o grande problema da minha vocação com a minha família. Era difícil. Meu pai bem me tinha prometido outrora que me deixaria / (70r^o) livre quando eu fosse doutor, mas agora que o tempo tinha chegado ainda não queria render-se. A Providência divina serviu-se destas disposições do meu pai para me conduzir aos lugares Santos onde a minha fé e a minha vocação encontrariam tanta força.

Palustre propôs-me esta viagem. Falei nisso a meu pai. Para ganhar um ano e na esperança de que uma grande diversão mudaria as minhas ideias, deixou-me fazer.

Eu tinha bons amigos, verdadeiros mentores, o Sr. Vitet e o Conde Cafarelli que às vezes me convidavam durante as férias. Eles aprovaram esta viagem. A sua opinião acabou por convencer os meus pais. Comecei os meus preparativos para essa bela viagem que eu considero uma das grandes graças da minha vida.

Mas antes disso, eu fiz ainda uma graciosa viagem a Lião, Genebra, Monte Branco e Lucerna, com meu irmão e minha cunhada, após o seu casamento que se realizou no dia 30 de Maio. / (70v^o)

Índice

Apresentação à edição portuguesa. _____	IV
Apresentação _____	1
Introdução _____	3
Roma, 14 março 1975 _____	17
O nosso método de edição crítica _____	17
Cronologia da vida do Pe. Dehon _____	19
Abreviaturas _____	20
Nascimento: 14 de Março de 1843 _____	29
Batismo: 24 de Março 1843 _____	29
Nomes - Padroeiros _____	30
A mãe _____	31
O Pai _____	32
A criada _____	33
Primeiras lembranças - Na família. _____	34
Na igreja _____	35
No pensionato _____	36
Algumas provas _____	36
Primeira comunhão: 4 Junho, 1854 _____	37
A primeira crise _____	37
Viagem a paris: Agosto de 1855 _____	38
Relações _____	38
Mudança de pensionato. A acção da providência. _____	40
Hazebrouck. O colégio, 1855 _____	41
O Sr. Dehaene _____	41
O Padre Boute _____	45
Os meus professores _____	51
O trabalho da graça no colégio: 1855-1859 _____	51
Os livros _____	52
Os companheiros _____	53
As associações _____	53
O segundo ano: 1856 _____	53
Confusão - Luta _____	54

Relações	55
O ambiente	55
O meu crisma: 1 de Junho de 1857	56
A Vocação	57
Férias - viagem a Colónia. 1856	57
Nossa Senhora de Liesse e Marchais	58
Chimay e a Trapa	58
Fim do curso de Humanidades em 1859	59
Primeiras aberturas com o meu pai sobre a vocação	59
Paris: Outubro de 1859	60
O instituto Barbet	60
As compensações	61
S. Sulpício	61
O Pe. Félix	62
O Padre Prével	62
O Círculo católico	63
Conferência de S. Vicente de Paulo	64
2º Ano de Direito, 1860-61	65
A vida de estudante	65
A escola de Direito: Os professores	67
O direito - exames	68
Ainda o Círculo	69
Relações - saídas	70
Artes de lazer	71
Londres: Abril - Maio - Junho 1861	71
Westminster	73
O parlamento	74
A Torre de Londres	75
A City - as docas - o comércio	76
O Domingo	77
Alguns Costumes característicos	77
Artes-Monumentos-Recordações	80
Excurções-Twickemam	82
Windsor	83
Kew, Richmond, Hampton-Court	84

<i>O Palácio de Cristal</i> _____	84
<i>O regresso - O exame</i> _____	85
III Ano de Direito 1861-1862 _____	86
<i>Direcção - O Sr. de la Foulhouze</i> _____	86
<i>Amizades - Mons. Dupanloup - o Pe. Gratry</i> _____	87
<i>Primeiros Projectos para uma obra de estudos.</i> _____	88
<i>O P. Poisson</i> _____	88
<i>Conferências</i> _____	89
<i>Estudantes</i> _____	89
<i>Segunda Viagem à Inglaterra</i> _____	90
Inglaterra _____	92
<i>As universidades: Oxford - Cambridge</i> _____	92
<i>Castelos-Warwick</i> _____	94
<i>Cidades industriais: Birmingham - Leeds – Wolverhampton - Manchester - Liverpool.</i> ____	95
<i>O Distrito dos Lagos: o Cumberland.</i> _____	97
<i>Cidades antigas: Cantorbery - Ely - York - Chester - Worcester.</i> _____	97
Escócia _____	99
<i>As grandes abadias: Jedburg, Dryburg, Melrose.</i> _____	99
<i>Abbotsford.</i> _____	101
<i>Edimburgo</i> _____	101
<i>Os lagos</i> _____	103
<i>Algumas Cidades: Stirling - Perth - St. Andrews - Aberdeen</i> _____	105
<i>O canal da Caledónia</i> _____	106
<i>Oban e as Hébridas: Jona - Staffa - Gruta de Fingal</i> _____	107
<i>Glasgow</i> _____	110
Irlanda _____	112
<i>Calçada dos Gigantes</i> _____	112
<i>Dublin</i> _____	112
<i>Limerick - A miséria irlandesa</i> _____	113
<i>Os lagos de Killarney</i> _____	115
<i>Volta a Londres</i> _____	116
<i>Exposição</i> _____	117
<i>O Cardeal Wiseman</i> _____	117
<i>De volta a Paris</i> _____	117
<i>Tese de Direito</i> _____	119

Férias - Pesquisas geneológicas _____	119
IV ano de Direito: 1862/63 _____	120
<i>Sociedade Francesa de Arqueologia</i> _____	120
<i>Leão Palustre</i> _____	120
A nossa vida em comum _____	121
<i>Visita de Paris</i> _____	121
<i>A cidade gaulesa e galo-romana</i> _____	122
<i>Paris sob os Carolíngios</i> _____	122
<i>Os grandes séculos cristãos, do XII ao XV, em Paris</i> _____	123
<i>O Renascimento em Paris</i> _____	124
<i>O Século XVII - Luís XIII - em Paris</i> _____	125
<i>Luís XIV - em Paris</i> _____	126
<i>Luís XV em Paris</i> _____	128
<i>A Revolução em Paris</i> _____	129
<i>O Império em Paris</i> _____	130
<i>A Restauração em Paris</i> _____	130
<i>Época Contemporânea em Paris</i> _____	131
<i>Os Museus de Paris</i> _____	132
<i>Juramento e Estágio</i> _____	134
<i>As aulas - O Direito</i> _____	135
<i>O escritório de procurador (tabelião)</i> _____	136
<i>O Palácio - Conferências - Consultas</i> _____	136
<i>Amizades</i> _____	137
<i>Exames</i> _____	137
<i>Alemanha</i> _____	138
<i>Treves - A Mosela</i> _____	139
<i>O Reno - de Colónia de Magúncia</i> _____	139
<i>Ems - Wiesbaden - Hombourg</i> _____	141
<i>Francoforte - Marburgo - A Prússia</i> _____	142
<i>Berlim-Postdam</i> _____	143
<i>As costas da Alemanha do norte: Stettin – Rüge – Stralsund – Rostock – Schwerin – Hamburgo – Lubeque.</i> _____	145
<i>Copenhaga - A Dinamarca- O Sund</i> _____	146
<i>A Gótia-Göteborg-Trollhattan-o Glommen.</i> _____	148
<i>A Noruega</i> _____	148

<i>Cristânia - Laes - Vales e Montes</i>	150
<i>Trondheim - O círculo polar - A Floresta virgem</i>	152
<i>Suécia uma floresta virgem - Dalecarlie - Elfdal – Falün</i>	152
<i>Upsala - Estocolmo - Visby- Calmar</i>	155
<i>Dresda - Saxe. A Suíça saxóica</i>	157
<i>A Boémia - Praga - Karlstejn</i>	159
<i>A Baviera - Ratisbona - A Walhalla - Munique</i>	160
<i>A Austria-Viena-Schönbrunn</i>	164
<i>Arredores de Viena</i>	168
<i>Frohsdorf</i>	169
<i>Wagram-Austerhitz-Brünn-o Spielberg</i>	170
<i>Regresso: Passau-Nuremberga-Wurzburg</i>	170
<i>V Ano de Direito: 1863-1864</i>	171
<i>O Direito</i>	171
<i>Os Arredores De Paris</i>	172
<i>As Residências Reais</i>	173
<i>Alguns Castelos</i>	174
<i>A minha Tese</i>	174
<i>A vocação</i>	175
<i>Bélgica e Holanda</i>	175
<i>Bruxelas</i>	176
<i>Bruges</i>	177
<i>A Haia</i>	178
<i>Amesterdão</i>	179
<i>Zeist - Os irmãos Moravos</i>	179
<i>Férias - Amizades</i>	179
<i>Índice</i>	181